



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

BRUNA CAROLINA MARINO RODRIGUES

**NAVEGANDO PELO PASSADO:
AS REDES SOCIAIS E OS PROBLEMAS DA HISTORIOGRAFIA
NA ERA DIGITAL**

Londrina
2019

BRUNA CAROLINA MARINO RODRIGUES

NAVEGANDO PELO PASSADO:
AS REDES SOCIAIS E OS PROBLEMAS DA HISTORIOGRAFIA
NA ERA DIGITAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de mestre em História Social.

Orientadora: Maria Renata da Cruz Duran

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Rodrigues, Bruna Carolina Marino .

NAVEGANDO PELO PASSADO : REDES SOCIAIS E OS PROBLEMAS DA HISTORIOGRAFIA NA ERA DIGITAL / Bruna Carolina Marino Rodrigues. - Londrina, 2019.

244 f. : il.

Orientador: Maria Renata da Cruz Duran.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, , 2019.

Inclui bibliografia.

1. História - Tese. 2. Redes Sociais - Tese. 3. História Digital - Tese. 4. Historiografia - Tese. I. Duran, Maria Renata da Cruz . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. . III. Título.

BRUNA CAROLINA MARINO RODRIGUES

NAVEGANDO PELO PASSADO:
AS REDES SOCIAIS E OS PROBLEMAS DA HISTORIOGRAFIA NA ERA
DIGITAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de mestre em História Social.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Maria Renata da Cruz Duran
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dra. Márcia Elisa Teté Ramos Universidade
Estadual de Maringá – UEM

Profa. Dra. Sérgio Amadeu da Silveira
Universidade Federal do ABC – UFABC

Londrina, 9 de agosto de 2019.

Dedico esta dissertação a Fábio Tuani, Marta Lúcia,
José Luiz e Rafael.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Maria Renata da Cruz Duran pelo incentivo, pelas trocas de ideias e pela confiança que depositou no meu trabalho. Por isso, meu muito obrigado por estar comigo nesses anos enriquecendo meus conhecimentos com sua experiência e pela dedicação que sempre teve comigo. Agradeço também a Bruno Leal Pastor de Carvalho pelas trocas de ideias que foram inspiradoras e contribuíram muito para realização dessa pesquisa. À Marcia Teté Ramos e Francisco Ferraz pelas sugestões que contribuíram para o amadurecimento e enriquecimento do trabalho. E a Sérgio Amadeu da Silveira pelas discussões e sugestões inspiradoras para essa dissertação que certamente contribuirão para a sua continuação. Agradeço também a cada um dos docentes(a) do curso de História da Universidade Estadual de Londrina que me acompanharam na graduação e no mestrado, sem vocês eu não seria a pesquisadora que sou hoje. Muito Obrigada.

A minha família meu pai José e minha mãe Marta por terem acreditado no meu sonho de cursar a graduação e o mestrado em História em uma universidade pública e por terem investido nesse sonho. - Eu sei que não foi fácil para vocês, mas mesmo com dificuldades acreditaram no meu potencial me apoiando em todos os momentos. Agradeço especialmente minha mãe Marta Lúcia que me ensinou que o conhecimento nos liberta das amarras que a vida nos impõe e me ensinou que na vida vamos travar muitas batalhas, sobretudo porque ser mulher nesse mundo é lutar duas vezes mais. Ao meu irmão Rafael Marino que com sua curiosidade de criança me motiva todos os dias e claro que estudar tecnologia sem ele não teria a mesma graça e motivação, é muito inspirador aprender com ele, pois a vida é uma aprendizagem constante!

A minha vó Chica (in memorian) e o vô Lando (in memorian) por terem cativado em mim desde criança o gosto pela leitura . E por fim, agradeço a meu amor Fábio Tuani por ter estado ao meu lado nessa caminhada de angústias e de anseios do universo acadêmico e por acreditar nos meus ideais. E também a todos que desacreditaram de mim, vocês também foram importantes nessa jornada !

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues (Donna Haraway, 1985).

RODRIGUES, Bruna Carolina Marino. **Navegando pelo passado:** as Redes Sociais e os problemas da Historiografia na Era Digital. 2019. 244 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar as transformações que estão se processando no campo da História com o impacto da “virada digital” na primeira metade do século XXI. Contudo, o relacionamento entre História e tecnologia não nos remete apenas ao tempo presente e às transformações da cultura digital no ofício dos historiadores, mas também está articulada as mudanças de paradigma que estão se processando na cultura ocidental. Por isso, apresentamos um debate teórico sobre o conceito de tecnologia como um problema histórico no campo das ciências humanas. Assim, guiados pelas reflexões desses teóricos, veremos como questões relacionadas as práticas sociais no trabalho, nas sociabilidades, na cultura de massas ao entretenimento e na transmissão e recepção do conhecimento na sociedade foram ressignificadas a partir das tecnologias digitais e do advento da internet. Por sua vez, como constatamos, a História foi impactada pela “virada digital” e a tecnologia não será vista somente como ferramenta de pesquisa, mas como categoria analítica que modifica o conhecimento e produz a cultura digital transformando a História e a sociedade. Dessa forma, discorreremos sobre as modificações que as mídias e redes sociais estão provocando na cultura contemporânea, a fim de compreender como essas transformações se projetam nos modos de emissão e recepção da História através da internet na *web* e na configuração de novas práticas sociais. Com isso, analisaremos como o ofício dos historiadores foi impactado a partir do caso da rede social criada no âmbito da internet brasileira intitulada *Café História (2008-2017)*, que atualmente transformou-se em um Portal de divulgação da História e não se encontra mais online, estando disponível apenas através de um arquivo da *web*, intitulado *The Internet Archive (1996)*. De todo modo, essa pesquisa só foi possível pelo arquivo da *web*, *The Internet Archive (1996)*, que recuperou e preservou o passado digital da rede social pela interferência de agentes não humanos na produção da evidência histórica. Consoante, foi necessário empreender uma discussão que demonstrasse como a tecnologia ou *social machines* têm interferido nas relações dos historiadores digitais e de suas fontes digitais. Sendo assim, investigaremos as novas práticas sociais que surgiram da cultura digital e que foram materializadas na rede social *Café História (2008-2017)* por historiadores e pelo público não especialista. Nesta análise buscamos compreender como essas novas práticas transformaram a produção e divulgação do conhecimento histórico na cultura contemporânea, criando novas sociabilidades e práticas de pesquisa digitais no contexto brasileiro.

Palavras-chave: História. Historiografia. Redes sociais. Redes sociais on-line. História e tecnologia.

RODRIGUES, Bruna Carolina Marino. **Surfing through the past: Social Networks and the issues of Historiography in the Digital Era.**2019. 244 p. Thesis (Master's degree in Social History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ABSTRACT

This research aims at investigating the changes that are being processed in the field of History given the impact of the “digital turn” in the first half of the 21st century. However, the relationship between history and technology not only brings us back to the present time and the transformations of digital culture in the craft of historians, but also articulates the paradigm shifts that are taking place in Western culture. Therefore, we present a theoretical debate on the concept of technology as a historical problem in the field of human sciences. Thus, guided by the reflections of these theorists, we will see how issues related to social practices at work, sociability, mass culture to entertainment and the transmission and reception of knowledge in society have been resignified from digital technologies and the advent of the internet. In turn, as we have seen, history has been impacted by the “digital turn” and technology will not only be seen as a research tool, but as an analytical category that modifies knowledge and produces digital culture transforming history and society. Accordingly, we shall address the changes that social media and networks are causing in contemporary culture in order to understand how these transformations are projected in the means for conveying and receiving History through the Internet on the Web, as well as in the molding of new social practices. From there, we shall analyze how the work of historians was impacted from the perspective of the social networking website, created in the scope of the Brazilian Web, named *Café História [History Coffeehouse] (2008-2017)*, which is currently a Web Portal for disseminating History and is no longer online, and it is only available through a Web archive, named *The Internet Archive (1997)*. Anyway, this research was only possible due to the Web archive *The Internet Archive (1996)*, which retrieved and maintained the digital records of the social networking website through interference of non-human agents in the production of historical evidence. Accordingly, it was necessary to promote a discussion that would demonstrate how technology or social machines have been interfering in the relationships of digital historians and their digital sources. Hence, we investigated the new social practices that emerged from the digital culture and that were materialized on the social networking *Café História (2008-2017)* by historians and by the non-specialist general public. Through this analysis we seek to understand how these new practices have transformed the production and dissemination of historical knowledge in contemporary culture, creating new sociabilities and digital research practices within the Brazilian context.

Key-words: History. Historiography. Social networks. Online social networks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Página inicial The Internet Archive	158
Figura 2 -	Sede do The Internet Archive. Biblioteca Alexandrina. São Francisco, Califórnia	159
Figura 3 -	Hardware do <i>The Internet Archive</i> exposto na sede	161
Figura 4 -	Espaço onde se guarda o Hardware com 35 petabytes de dados	162
Figura 5 -	Wabac Machine	163
Figura 6 -	Pesquisa preliminar rede social <i>Café História</i>	164
Figura 7 -	Calendário de Snapshots <i>Café História</i>	165
Figura 8 -	Arquivo da <i>web</i> e perfil da autora Brunacmr.....	167
Figura 9 -	Site buscador Cadê?	176
Figura 10 -	Canal mIRC #RioPreto	178
Figura 11 -	Primeiro Design da rede social <i>Café História</i>	185
Figura 12 -	Página da rede social <i>Café História</i> , The Internet Archive.	186
Figura 13 -	Página da rede social <i>Café História</i>	189
Figura 14 -	Página principal do <i>Café História</i>	191
Figura 15 -	Página do <i>Café História</i> em 2010	192
Figura 16 -	Página inicial <i>Café História</i> , 2013	193
Figura 17 -	Página inicial, 2013.....	195
Figura 18 -	Registrando seu perfil na rede.....	199
Figura 19 -	Perfil usuário - blog	200
Figura 20 -	Página 1 Fórum “Como era construído a imagem da mulher no Brasil Colônia.....	203
Figura 21 -	Página 2 Fórum “Como era construído a imagem da mulher no Brasil Colônia”	203
Figura 22 -	Perfil do historiador Jurandir Malerba	207
Figura 23 -	Perfil de José D’ Assunção Barros.....	208
Figura 24 -	Portal <i>Café História</i> , 2017.....	217
Figura 25 -	Representação de um grafo de relações da rede social <i>Café História</i> , onde os nós (esfera azul) são as pessoas e as arestas significam os laços sociais que as unem	220

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Crítica hermenêutica da fonte digital	151
Quadro 2 -	Procedimentos para a análise de um documento da <i>web</i>	154
Quadro 3 -	Tipo de laços e interações no <i>Café História</i>	205

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Crescimento dos usuários da rede (2008-2017)	201
Gráfico 2 -	Crescimento das Páginas arquivadas pela <i>Wayback Machine</i>	214

LISTA SIGLAS E ABREVIATURAS

Bit Net	Because It's Time Network
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CETIC	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EaD	Educação à Distância
Embratel	Empresas Brasileiras de Telecomunicações
FAPESP	Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública
LNCC	Laboratório de Ciência e Computação
Rea	Recursos Educacionais Abertos
ONU	Organização das Nações Unidas
OCDE	Organizações para Cooperação do Desenvolvimento Econômico
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
USP	Universidade de São Paulo
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1: TECNOLOGIA: UM PROBLEMA HISTÓRICO?	23
1.1 HISTÓRIA E TECNOLOGIA: MODOS DE PRODUÇÃO, TRABALHO E CIÊNCIA	25
1.1.2. TECNOLOGIA E INDÚSTRIA CULTURAL: A MISTIFICAÇÃO DAS MASSAS.....	31
1.1.3. MUDANÇA TECNOLÓGICA E CIENTÍFICA: CAPITALISMO E TRABALHO NO SÉCULO XX	41
1.1.4. MODERNIDADE/ MODERNISMO E PÓS-MODERNIDADE/ PÓS-MODERNISMOS	53
1.1.5 DA SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL À SOCIEDADE EM REDE.....	66
1.2 TECNOLOGIA, HISTÓRIA E CULTURA	75
1.2.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO, TECNOLOGIA E HISTÓRIA.....	77
1.2.2 TECNOLOGIA E CIBERCULTURA: A REALIDADE CONSTRUÍDA EM AMBIENTES DIGITAIS	89
1.2.3 DAS PRÁTICAS ESCRITAS ÀS DIGITAIS: A TEXTUALIDADE ELETRÔNICA E A HISTÓRIA.....	103
CAPÍTULO 2: Redes Sociais: uma nova historiografia ?	124
2.1 AS MÍDIAS SOCIAIS NA CULTURA CONTEMPORÂNEA	127
2.1.2 REDES SOCIAIS ONLINE E A CULTURA DE MASSAS.....	132
2.1.3 O PÚBLICO/ PRIVADO NAS REDES SOCIAIS.....	135
2.1.4 SOCIABILIDADES DIGITAIS: A EMERGÊNCIA DE NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS ONLINE	138
2.1.5 A MEMÓRIA ONLINE NAS REDES SOCIAIS	141
2.1.6 REDES SOCIAIS: ESPAÇOS DE DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO E DA CIÊNCIA ONLINE	144
2.2 RUMO A UM NOVO HISTORICISMO DIGITAL?	149

CAPÍTULO 3: MEMÓRIA DA REDE X MEMÓRIA NA REDE: DO THE INTERNET ARCHIVE AO CAFÉ HISTÓRIA	157
3.1 THE INTERNET ARCHIVE COMO FERRAMENTA DE PESQUISA HISTÓRICA: RECUPERANDO E RECRIANDO O PASSADO DIGITAL.....	157
3.2 A REDE SOCIAL CAFÉ HISTÓRIA: DO ONLINE PARA O PASSADO DIGITAL	168
3.2.1 CULTURA DIGITAL NO BRASIL	171
3.2.2 AS INTERFACES DA REDE SOCIAL CAFÉ HISTÓRIA	184
3.2.3 OS USUÁRIOS E AS DINÂMICAS NA REDE SOCIAL CAFÉ HISTÓRIA	198
3.2.4 A ESFERA PÚBLICA NA REDE SOCIAL CAFÉ HISTÓRIA	209
3.2.5 A DESATIVAÇÃO DA REDE SOCIAL CAFÉ HISTÓRIA: DE REDE SOCIAL PARA PORTAL DE DIVULGAÇÃO DA HISTÓRIA	213
3.2.6 A REDE SOCIAL CAFÉ HISTÓRIA: REDES DE SOCIABILIDADE E PRÁTICAS DIGITAIS ENTRE OS HISTORIADORES BRASILEIROS ONLINE.....	218
 CONCLUSÃO	225
 REFERÊNCIAS	231
 FONTES	242

INTRODUÇÃO

Marc Bloch no livro *Apologia da História: ou ofício do historiador* (1949) buscou definir o trabalho do historiador como um ofício, mas também investigar suas práticas e seus objetivos científicos para além da ciência, preocupando-se em questionar o fazer histórico e quanto ao método, aos objetos e a documentação histórica, refutando à ideia de história objetiva construída no século XIX pelos historiadores¹.

Bloch demonstrou que os objetos históricos só têm movimento nas sociedades humanas pelas significações que os homens lhes atribuem, isto é, para Bloch são as questões que condicionam os objetos e não o oposto. Com isso, “a história é busca, portanto escolha. Seu objeto não é o passado: a própria noção segundo a qual o passado enquanto tal possa ser objeto de ciência é absurda. Seu objeto é o homem, ou melhor, os homens, e mais precisamente homens no tempo” (BLOCH, 1949, p.54). Para o autor, que renovou a historiografia com seus trabalhos, a busca por novos objetos a partir de questões contemporâneas seria essencial para a atualização, se não para a legitimação, da História como campo de saber. Não por acaso, o tempo de Bloch não era tão diferente do nosso e a busca por uma historiografia reflexiva, bem como a crítica aos métodos e às práticas do seu ofício se encontram tão vivas no presente como em sua época.

Mediante movimentos sucessivos, mas nem sempre lineares, a historiografia contemporânea tem se renovado constantemente ampliando seus objetos de estudos e trazendo para seu campo de pesquisa métodos e abordagens interdisciplinares aliadas a outras ciências humanas, a saber: sociologia, antropologia, filosofia, linguística, comunicação etc. (LE GOFF, 1990). Todavia, na medida em que a historiografia adquiria uma “consciência” histórica de sua historicidade e relatividade, a descrença nas utopias criadas pela modernidade, que acompanhadas das catástrofes políticas e sociais geradas por duas grandes guerras no século XX instauraram uma crise da razão, e das certezas que se afirmavam na produção da História durante as décadas de 1970 a 1980. Crise está que incidiu na descrença dos modelos explicativos teleológicos, das

¹ Não é raro classificar esses historiadores como positivistas. Nesse sentido, há duas distinções correntes para o uso do conceito História. Primeiramente o termo *história* significa a experiência da passagem do tempo de homens e mulheres no mundo e que se relaciona com a sociedade e a natureza criando modos de viver. Já a segunda remete a História enquanto campo do conhecimento e de pesquisa e de interpretação desenvolvida pelo historiador (MALADIAN, 2018). De todo modo, queremos explicitar que, neste texto, quando utilizamos o termo História nos referimos a um campo do conhecimento científico que compreende métodos e práticas de pesquisa.

metanarrativas, da perda de historicidade, fragmentação do tempo e da história e do modelo de análise serial e quantitativo dos Annales. Por sua vez, a crise também esteve associada a uma crise mais geral e que para além das ciências humanas esteve relacionada a uma crise do conhecimento científico na sociedade, onde as utopias científicas não davam conta de estabelecer a harmonia e o progresso dela esperados em um mundo em colapso (BARROS, 2010).

De todo modo, a crise que se vislumbrava no mundo no final do século XX também desenhava o começo de um novo mundo social, cultural e econômico, que devido aos avanços científicos e tecnológicos engendrava a formação de redes informacionais de comunicação, reconfigurando as estruturas sociais a partir de um novo modo de produção, de relações de trabalho, comunicação e sociabilidades. A tecnologia e seus avanços através da internet e das tecnologias digitais possibilitaram, portanto, o surgimento da cultura digital² no tempo presente empreendendo uma transformação na cultura ocidental.

Nesses termos, a tecnologia se tornou uma dimensão essencial no mundo contemporâneo estendendo suas influências em todas as esferas da vida social, de tal forma que o *modus operandi* desse novo mundo que surge é orquestrado pelas tecnologias digitais e pela virtualização da realidade. Essa mudança tecnológica gerou um novo universo de significados e uma nova ordem do real que desestabilizou as antigas formas de comunicação, de trabalho e de relações sociais. Essas modificações se tornaram mais evidentes quando se trata da circulação da informação e produção do conhecimento, que a partir da ruptura com os antigos formatos de transmissão do conhecimento, dos suportes de escrita, das práticas de leitura estão produzindo uma “revolução cultural” na cultura escrita e nas práticas de leitura, bem como no modo de recepção desse conhecimento na sociedade contemporânea (CHARTIER, 2010).

Por conseguinte, como assinalado por José D’Assunção Barros (2010) no artigo *As crises recentes na historiografia (2010)* se a crise da História nos anos de 1980 decorria das rupturas que advinham do final do século, com a constatação do surgimento de um novo mundo social, a História também foi impactada, na medida em que a natureza do conjunto de suas práticas e representações estava sendo transformado

² Não há consenso na literatura sobre a definição do conceito de cultura digital, porém, compartilhamos da visão de Manuel Castells (2008) no qual demonstra que a cultura digital é caracterizada pela globalização e digitalização das informações e do conhecimento por meio da microeletrônica digitalizada, bases de dados e redes informática criando um universo interconectado por redes de comunicação e interações virtuais.

por esse novo mundo social e cultural, que ao mesmo tempo em que provocava uma crise no sistema de pensamento ocidental, também modificava as condições de produção do conhecimento com o advento da internet e das tecnologias digitais.

Neste contexto, a fonte que é a base material de produção do conhecimento histórico tem se transformando de modo decisivo na era digital. Com os novos suportes de armazenamento da informação as fontes foram alienadas de sua materialidade e transfiguradas para o ambiente da *web*. A fonte digitalizada no arquivo digital rompeu com a materialidade do documento impactando as práticas de pesquisa dos historiadores, tais como: autenticidade, manipulação dos dados e crítica da fonte na era digital. Para Elizabeth Roudinesco (2001), os arquivos onde se guardam as fontes são a essência da escrita da História e das práticas de pesquisa, pois nesses espaços se encontram materializadas as tensões vividas na escrita da história e a fantasia do arquivo total, que transformado em saber absoluto anularia a história como criação ou do arquivo vazio que por sua vez não forneceria as fontes primárias para o historiador, o que não garantiria uma história confiável sendo pura projeção do historiador. Portanto, nos termos de Roudinesco o arquivo é a condição da História e tendo essa condição se transformando, a História também o teria.

Para o historiador Andreas Fickers (2010) a “virada digital” tem impactado a produção do conhecimento de tal forma que estamos nos aproximando de uma nova forma de crítica de fonte em um novo historicismo, o digital. O “desejo arquivístico” do historicismo do século XIX foi caracterizado pela ambivalente missão de criar coleções de fontes editadas cientificamente, como evidência visível de uma abordagem profissional do historiador às fontes históricas, que seriam utilizadas para a escrita da história e matéria prima para a prática da História profissional e científica. Por sua vez, para Fickers, um silêncio entre os historiadores em relação à digitalização das fontes, sua transmissão e crítica se tornou problemático. Para o autor, estamos em uma crise da prática histórica. Por isso, Fickers evidencia que um novo historicismo digital poderá auxiliar os historiadores na hermenêutica da crítica das fontes online e digital, o que engendraria, portanto, uma nova prática histórica que deverá lidar com o problema da abundância e a falta de informação contextual no futuro.

Segundo Aleida Assmann (2013) o arquivo não é somente repositório para documentos do passado, mas também um lugar onde o passado é construído e produzido. Essa construção não depende apenas dos interesses sociais, políticos e culturais, mas é essencialmente co-determinada pelos meios de comunicação e pelas

tecnologias de registro. Para Roudinesco (2001) estamos em um momento que o sujeito desprovido de sentido histórico tende a “arquivar tudo”, a fim de preservar sua história em um passado sem futuro. Nessa cultura obcecada pela memória e pelo esquecimento, o arquivo tem se transformando e já não se restringe aos lugares de armazenamento do passado, mas ampliando-se como espaços de criação e de redescoberta do passado, bem como uma forma de se representar o relacionamento entre indivíduo, sociedade e o passado (SILVEIRA, 2016).

Se o modo como pesquisamos está se transformando a partir de novos suportes de armazenamento a escrita da História também se adaptou a esse universo digital. Segundo Serge Noiret (2015), quase todas as problemáticas tradicionais do ofício dos historiadores, tais como a delimitação das hipóteses de pesquisa, o acesso e a gestão das fontes históricas, a construção da narrativa e a comunicação dos resultados da pesquisa passam em grande parte pela tela do computador. Além disso, a internet configurou um novo espaço de divulgação do conhecimento histórico, que mais acessível a população têm reconfigurado não apenas os modos de se acessar a História, mas a relação entre público e a comunidade de historiadores. Por outro lado, se a acessibilidade torna a História mais acessível ao público, a questão dos repositórios e arquivos digitais fechados suscitam ainda questionamentos acerca do monopólio da informação, do conhecimento e da própria História na sociedade.

Isto posto, nossa intenção é compreender como a tecnologia têm transformado o conhecimento histórico manifesto nas práticas e representações do ofício dos historiadores brasileiros no tempo presente através da rede social *Café História (2008-2017)*. Pretende-se assim investigar os modos como a cultura digital modificou a operação historiográfica a partir de um novo universo de significados que, engendrados pela cibercultura, reconfiguraram as práticas de pesquisa impactando no modo como, pesquisamos, ensinamos e divulgamos a História.

Essas mutações se inserem em um período de curta duração no tempo presente, o que coloca o problema de se saber como o presente é construído no tempo investigando o passado incorporado no presente (FERREIRA, 2000). Assim, a história do tempo presente não seria apenas mais um período da história contemporânea, mas uma nova forma de se compreender a operação historiográfica no presente (DOSSE, 2012).

Segundo Philippe Tétart (2000) a midiatização do século XX trouxe consequências que complicaram a trama histórica para os pesquisadores do tempo

presente, haja vista que eles devem refletir sobre o seu papel na escrita de uma história ainda recente. O historiador deve reconhecer a subjetividade que o acompanha e o lugar de sua fala, bem como o momento em que está inserida sua prática de pesquisa (CERTEAU apud DOSSE, 2012). Assim, como foi evidenciado por François Dosse, a história do tempo presente “deve ser guiada por uma pesquisa no sentido de não ser mais um *Telos*, mas um *Kairos*, não mais um sentido preestabelecido, mas um sentido que emerge do fato que lhe dá origem” (DOSSE, 2012, p.20).

De acordo com Hartog (2015), a história recente marcada pela queda do muro de Berlim em 1989 e a expansão dos meios de comunicação estremeceram nossas relações com o tempo configurando um novo regime de historicidade. Esse novo regime de historicidade é caracterizado pelo presentismo de uma mobilidade valorizada da permanência do transitório em desaceleração, reconfigurando nosso espaço de experiência e horizonte de expectativas (KOSELLECK, 1979). Portanto, investigar as práticas e representações que surgiram com a cultura digital no ofício dos historiadores nos permitiu também tecer questionamentos sobre as condições de nossa prática de pesquisa possibilitando a realização de uma crítica historiográfica sobre a utilização do digital no percurso de nossa análise.

No primeiro capítulo trataremos da tecnologia enquanto geradora de problemáticas para o campo das Ciências Humanas e, especialmente da História investigando como alguns autores buscaram historicizar a tecnologia circunscrevendo-a em seus campos de pesquisa. Desse modo, ao analisar como a tecnologia foi pensada pelo mundo intelectual, no contexto da cultura ocidental identificaremos os enunciados que constituíram as representações sobre a tecnologia e as concepções de cultura digital e internet no tempo presente. Neste sentido, ao tratar da tecnologia na cultura ocidental estaremos também fundamentando nosso objeto de pesquisa nos domínios teóricos em que a relação entre tecnologia e conhecimento histórico deu corpo ao movimento da História Digital e História Pública no Brasil recentemente.

No segundo capítulo trataremos da análise das mídias sociais e das redes sociais no contexto da cibercultura e cultura digital visando compreender o modo como essas novas mídias têm configurado novos espaços de memória, sociabilidades e práticas sociais impactando nas formas de emissão e recepção do conhecimento histórico na sociedade e transformando o ofício dos historiadores com o que foi denominado “virada digital”. As redes sociais na *web* tem se configurado como espaços de formação da opinião pública e de novas práticas sociais tornando-se uma importante fonte para

pesquisa histórica e social . Com isso, é de suma relevância para os historiadores compreenderem como o passado digital na *web* está sendo recuperado e armazenado por agentes automatizados através dos arquivos da internet, de modo que na última década a produção da História que nasce/renasce digital se cruza com os sistemas e processos sociotécnicos próprios da cultura digital . Portanto, a *web* tem história!

No terceiro capítulo analisaremos especificamente o caso da rede social criada no âmbito da internet brasileira intitulada *Café História (2008-2017)*. Para efetivar essa análise foi necessário recorrer a um arquivo da *web* conhecido como *The Internet Archive (1996)*, isso porque a rede social já não se encontrava mais online quando iniciamos nosso estudo. Desse modo investigaremos as novas práticas sociais que surgiram da cultura digital e que foram materializadas na rede social *Café História (2008-2017)* por historiadores e não historiadores. Nesta análise buscaremos compreender como essas práticas digitais transformaram a produção e divulgação do conhecimento histórico na cultura contemporânea³ e o ofício dos historiadores brasileiros pelas memórias registradas na *web* .

³ Pesquisar as transformações no ofício dos historiadores na cultura digital por um viés cultural nos leva a percorrer um caminho que concebe uma prática cultural não apenas no seu momento de produção, mas busca compreender os mecanismos de produção e recepção desses produtos culturais gerados por essas práticas nas sociedades (CHARTIER, 2010).

CAPÍTULO 1: TECNOLOGIA: UM PROBLEMA HISTÓRICO?

Na cultura ocidental contemporânea a tecnologia⁴ e a ciência se tornaram formas de conhecimento inter-relacionadas e que sofrem influências mútuas, uma vez que o discurso tecnológico foi legitimado na sociedade através da ciência. A definição de tecnologia, portanto, aparece na literatura acadêmica e na sociedade representada pela aplicação do conhecimento científico materializada em objetos ou em práticas científicas que repercutem de maneira positiva ou não na sociedade.

A etimologia da palavra tecnologia remonta ao mundo antigo, especificamente ao sistema de pensamento da cultura grega em que a palavra *techné* significava “artes” ou “ofício” e *logia*, que remontava a *logos* como conhecimento pela razão⁵. Ofício ou arte do conhecimento pela razão, a tecnologia renasce como prática de saber no início da época moderna, quando o amálgama entre o antigo e o coetâneo gerou a modernidade (BURKE, 2012). Na modernidade, a sistematização metodológica do saber propiciou o cálculo da novidade e aplicabilidade das ideias, situando nesses gradientes, inovação e aplicação prática, a indexação da qualidade da ciência (RODRIGUES, 2001).

No entanto, como demonstrou Simon Schwartzman (1980) empregar esses conceitos de maneira que os torne sinônimos é problemático porque as suas fronteiras variam de uma cultura para outra e de um período histórico para outro. Não há etapas que determinem a relação entre desenvolvimento tecnológico e científico, pois, ao mesmo tempo em que o conhecimento prático (tecnológico) pode se desenvolver a partir do conhecimento científico ele também pode ser constituído sem a ciência. Como no caso da máquina a vapor de James Watt que foi desenvolvida em 1769, mas explicada pelas leis da termodinâmica somente com Rudolph Clausius e Maxwell depois de 1850.

A partir do que foi explicitado definiremos o conceito de tecnologia como forma de conhecimento que gera práticas e objetos que possibilitam que os seres humanos

⁴ Para Simon Schwartzman (1980) o que é ciência e o que é tecnologia e como esses saberes se influenciam são problemas conceituais, já que a maioria dos cientistas não se importam em utilizar estes termos de maneira ampla para cobrir o campo do conhecimento técnico e suas aplicações imediatas, por exemplo, para os economistas a ciência é uma dimensão preliminar da tecnologia. Dessa forma, estas significações demonstram a complexidade do emprego desses conceitos, como também nos revelam muitos aspectos da realidade da ciência e tecnologia na contemporaneidade.

⁵ A palavra referida foi mencionada a partir do Dicionário online Aurélio (<https://dicionariodoaurelio.com>) e do *Oxford Dictionaries* (<https://www.oxforddictionaries.com/>). Acesso em 2 /4/ 2018.

intervenham no seu mundo material e simbólico (KRANZBERG; DAVENPORT, 1975). Para Melvin Kranzberg e Willian Davenport (1975) a tecnologia não seria somente a história dos objetos técnicos e de processos tecnológicos, isto porque, ela está relacionada aos elementos da cultura e da sociedade, pois, ela é em si uma das capacidades mais distintas e significativas produzidas pelos seres humanos para transformar a si mesmos e seu mundo.

Nas últimas décadas podemos constatar que a tecnologia foi sendo cada vez mais incorporada ao discurso das ciências humanas fazendo com que as novas aplicações tecnológicas reconfigurassem as práticas disciplinares nesses campos⁶. Essas transformações proporcionaram o surgimento de campos como o das humanidades digitais que buscam na interdisciplinaridade dos saberes humanísticos as ferramentas heurísticas/hermenêuticas para se compreender as transformações do conhecimento através da cultura digital.

A História também tem se apropriado da tecnologia produzindo novas formas de discurso e de transmissão do conhecimento histórico para a sociedade, a partir da conformação de áreas dos estudos como a História Digital e História Pública. No entanto, o relacionamento entre História e tecnologia não nos remete apenas ao tempo presente e às transformações da cultura digital no ofício dos historiadores, mas está também articulada as mudanças de paradigma⁷ que estão se processando na cultura ocidental⁸.

⁶ Assim, quando mencionamos a história do conhecimento científico e dos sistemas de pensamento nos embasaremos nos estudos de Michel Foucault (1971) partindo de sua noção de episteme para identificar as singularidades nos enunciados discursivos que definem a cientificidade da ciência histórica na contemporaneidade. Para Foucault “a episteme é um dispositivo estratégico que permite escolher entre todos os enunciados possíveis, aqueles que poderão ser aceitáveis no interior, não digo de uma teoria científica, mas de um campo de cientificidade” (FOUCAULT, 1979, p.247). Segundo Eduardo Bento (2016) a episteme abrange muito mais do que uma estrutura do campo científico de uma única teoria, pois ela configura a rede em que a totalidade do saber se fundamenta, a qual é determinada e qualificada pela epistemologia e pela cultura em certo período.

⁷ Desse modo, quando falamos de paradigma estamos tratando do conceito formulado por Thomas Kuhn no livro “A estrutura das revoluções científicas” (1975) e que compreende as mudanças de paradigma como conseqüências de uma série de decisões promovidas pela comunidade científica a partir das anomalias presentes em um paradigma vigente, a fim de resolver outra série de questões no momento em que há uma espécie de crise na ciência (BENTO, 2016). Neste contexto, a noção de paradigma de Thomas Kuhn pode ser definida como “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modulares para a comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1975, p.13). Queremos ressaltar que sabemos que as análises de Thomas Kuhn acerca da noção de paradigma se encontram no âmbito das ciências naturais, no entanto, não nos impossibilita de utilizar essa noção adaptada as necessidades do nosso objeto de pesquisa. Para saber mais ver: BARROS, José D’ Assunção. Sobre a noção de Paradigma e o seu uso nas ciências humanas (2010).

⁸ O estudo sobre as interfaces entre História e tecnologia, bem como das novas práticas que surgem no universo de pesquisa dos historiadores nos leva a percorrer uma abordagem cultural dessas relações e que se inserem nos estudos da nova história cultural. De todo modo, ao investigar as práticas culturais

Segundo Melvin Kranzberg e Willian Davenport (1975) o mundo da erudição concentrou sua atenção nas humanidades clássicas, deixando de relacionar a cultura e à sociedade à tecnologia. As humanidades tendiam a degenerar a tecnologia qualificando-a como destruidora da vida metafísica e da natureza. Em tais circunstâncias, os estudos da tecnologia se aproximavam das ciências naturais e exatas. Não obstante, foi no campo no campo das ciências sociais que a tecnologia se tornou elemento de estudos para as ciências humanas.

A partir dos estudos de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) a tecnologia e seus artefatos não poderiam mais ser pensados separados da economia capitalista e dos modos de produção. A concepção materialista também produziu efeitos nas análises sobre os meios de comunicação, que ao adentrar do século XX produziram estudos importantes sobre a cultura de massas e a indústria cultural. Por outro lado, os estudos culturais ligados à semiótica, filosofia, antropologia e comunicação, bem como os da historiografia da arte e da arquitetura da cultura moderna fizeram com que a tecnologia não fosse mais apartada da cultura, mas sim em suas relações. Destarte, é na análise das ideias de alguns pensadores da cultura ocidental que situaremos a tecnologia nesse debate e na sua relação com os estudos históricos, desde quando a tecnologia deixou de ser encarada apenas como ferramenta, mas sim como categoria analítica que modifica o conhecimento e produz a cultura digital transformando a História e a sociedade.

1.1 HISTÓRIA E TECNOLOGIA: MODOS DE PRODUÇÃO, TRABALHO E CIÊNCIA

No campo da História a tecnologia foi ganhando espaço no ramo da história do trabalho e dos modos de produção, uma vez que o materialismo histórico introduziu novos paradigmas para a ciência da História. Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels⁹(1820-1895) foram os principais expoentes do materialismo histórico, como

advindas da cultura digital e do ciberespaço que buscam compreender o impacto dessas práticas na produção do conhecimento histórico nos circunscreve nos domínios de uma História da leitura e da cultura escrita, caminho esse que percorreremos ao longo dessa pesquisa. Todavia, a relação entre História e tecnologia no Brasil já foi destrinchada por diversos autores, que no campo da história da ciência e tecnologia produziram pesquisas tomando como ponto de partida o entrelaçamento entre economia, ciência e desenvolvimento tecnológico na sociedade brasileira. Para consultar a bibliografia sobre a relação entre ciência, tecnologia e economia no Brasil ver: VARGAS, Milton. *História da Técnica e da Tecnologia no Brasil* (1995) e MOTOYAMA, Shozo. *Prelúdio para uma História da Ciência e Tecnologia no Brasil* (2004).

⁹ Karl Marx nasceu na Alemanha na cidade de Trévis em 1818 e faleceu em Londres em 1883. A contribuição de Marx à história do pensamento ocidental é difícil de mensurar, pois, além de ser

método de compreensão histórica sua repercussão nas ciências humanas provocou mudanças de paradigmas não apenas nas correntes historiográficas, que se apropriaram do seu repertório teórico, mas também transformou a visão da teoria econômica, política e, sobretudo da sociologia (BARROS, 2013). Vejamos, pois, como esse pensamento se liga ao conceito de tecnologia e dos estudos históricos.

Segundo Barros (2013) a teoria elaborada por Marx tem no conceito de modo de produção uma das ferramentas analíticas para se compreender a materialidade de determinada formação social. Por isso, ao considerar o modo de produção como ponto de partida para análise histórica, Marx utilizou o conceito de dialética, como princípio norteador da compreensão do movimento da história, para então examinar a historicidade que determina cada período histórico e os seus modos de produção. A práxis social também aparece como conceito para se analisar a formação de uma sociedade, já que coloca o trabalho como categoria central do materialismo, sendo a unidade dialética da práxis que agrega teoria e prática (pensamento e ação) possibilitando que o homem transforme seu mundo pelo trabalho.

Para compreender como o homem modifica o seu meio pelo trabalho Marx opera a partir da noção de natureza em si, isto é, a relação homem e natureza acontece por meio da materialização da realidade por processos tecnicamente possíveis. O trabalho, por sua vez, é uma categoria de mediação entre a natureza objetiva e da natureza subjetiva que se torna o mecanismo de desenvolvimento da espécie humana. Ao mesmo tempo em que o homem transforma a sua relação com a natureza por meio do trabalho, ele, dialeticamente, transforma a si mesmo na (re)produção das relações sociais (HABERMAS, 2014).

A tecnologia transitou nos escritos de Marx a partir da concepção de transformação do trabalho pelas categorias de modo de produção, forças de produção e de relações de produção de certa formação social. Assim, nas forças de produção encontram-se os meios materiais e a tecnologia necessária para que se provoquem modificações nos meios materiais da sociedade, isto é, nos instrumentos e as técnicas para a apropriação da natureza pelo homem e na otimização do trabalho que podem gerar ou não transformações no modo de produção. Para Marx, o desenvolvimento

considerado economista, sociólogo, historiador e filósofo, Marx foi um ativista político preocupado com as causas dos trabalhadores, o que levou a teoria marxista da revolução proletária. Já Friedrich Engels nasceu na Alemanha em 1829 na cidade de Wuppertal e faleceu em 1895 em Londres. Ao lado Marx Engels se consagrou como um dos principais teóricos do marxismo tendo escrito inúmeros textos sobre economia, política e sobre a situação do proletariado nas fábricas inglesas (BARROS, 2013, p.19-20).

técnico varia de acordo com os modos de produção que podem se desenvolver em ritmo mais lento ou acelerado alterando assim as relações de produção que se reproduzem nas relações sociais.

Por conseguinte, Karl Marx (1818-1893) e Friedrich Engels (1820-1895) desvelaram em suas análises sobre a formação do capitalismo uma dimensão particular da industrialização da sociedade no século XIX: a relação intrínseca entre desenvolvimento tecnológico e progresso científico. Na obra *O Capital* (1867), que é um livro de crítica à economia política e às relações de produção, Marx e Engels apresentaram a tecnologia como fator preponderante para a mecanização da indústria e das transformações das relações de trabalho sendo a força motriz para o desenvolvimento capitalista. Diferentemente do que acontecia no sistema de manufatura, quando o trabalhador detinha os meios de produção, na grande indústria ele perdia esse meio para as máquinas, que criam as bases técnicas para o desenvolvimento do modo de produção capitalista. Como apontado por Marx, a relação entre homem e máquina acontece, sobretudo no âmbito do trabalho:

Como maquinaria, o meio de trabalho adquire um modo de existência material que condiciona a substituição da força humana por forças naturais e da rotina baseada na experiência pela aplicação consciente da ciência natural. Na manufatura, a articulação do processo social de trabalho é puramente subjetiva, combinação de trabalhadores parciais; no sistema da Maquinaria, a grande indústria é dotada de um organismo de produção inteiramente objetivo, que o trabalhador encontra já dado como condição material da produção (MARX, 2013, p.566).

A mecanização da indústria provocou uma revolução tecnológica nos processos produtivos acarretando efeitos imediatos sobre o trabalhador, ou seja, na medida em que a máquina substituiu a força muscular à força de trabalho, essa se desvalorizou e ficou submetida ao capital. A introdução da máquina barateou a força de trabalho deixando os trabalhadores cada vez mais alienados aos processos produtivos. Por conseguinte, com a degradação das condições de trabalho o antagonismo entre as classes sociais se exacerbou. A atividade produtiva se transformou em mercadoria acarretando o fetichismo das relações sociais e uma maior divisão entre as classes. Para Marx e Engels esse antagonismo entre as classes só seria superado a partir da luta de classes e da revolução proletária. Portanto, a revolução no modo de produção industrial com a introdução das máquinas provocou mudanças significativas nas condições do processo de produção do social (MARX, 2013, p.562).

O capitalismo provocou a aceleração do tempo histórico a partir da mecanização da produção nas fábricas que fizeram com que o tempo se diluísse no tempo de serviço em que o trabalhador emprega sua força de trabalho submetendo-se a um tempo regulado e mediado pelo tempo de produção. Marx (1867/2013) demonstrou que o tempo de produção imposto pelo modo de produção capitalista e pelo desenvolvimento tecnológico transformou a própria noção de tempo na sociedade, haja vista que o tempo exerceu um papel de dominação e domesticação dos homens incidindo nas relações sociais. O tempo no início da Revolução Industrial começava a se submeter à lógica do capital e um novo modo de vida social surgia com o capitalismo a partir de uma nova concepção de tempo que agora era investida pela racionalização, medição e regulação. Portanto, o tempo do trabalho possibilitou o desenvolvimento do capitalismo na medida em que por meio da reprodução das relações sociais o tempo se diluía nas relações de produção a partir do trabalho (MARX, 1867/2013).

Neste contexto, para Marx a tecnologia está associada aos modos de produção que incidem sobre a determinação da ordem socioeconômica em cada período histórico. Marx (1867/2013) também demonstrou que as forças sociais tiveram um papel no avanço da tecnologia, pois, a ascensão do modo de produção capitalista dependeu de um mercado organizado a partir da iniciativa privada estimulando a tecnologia industrial entre os séculos XVIII e XIX. De todo modo, para Marx (1867/2013) há uma relação marcante entre a ascensão e consolidação do capitalismo como modo de produção e o desenvolvimento e crescimento da atividade científica em toda a Europa.

A expansão da investigação científica dedicada à exploração da natureza e seu controle para utilização na vida material estimulou cada vez mais o avanço tecnológico no século XIX. A ciência converteu-se em força histórica primordial e condição prévia para o desenvolvimento da tecnologia. A tecnologia adquiriu um significado especial no contexto do capitalismo, já que os progressos técnicos e sua difusão na sociedade assumiram características de um processo autônomo (HEILBRONER, 1975, p.39). Por conseguinte, a tecnologia é para Marx um dos fatores determinantes do sistema capitalista porque a partir da mecanização dos processos produtivos o capital avançou e se legitimou na sociedade. Todavia, Marx e Engels revelaram sua visão positiva da tecnologia ao demonstrarem que o proletariado poderia fazer uma revolução ao se apropriar dos meios de produção e assim dominar o poder que emana do desenvolvimento tecnológico.

A visão marxista acerca da tecnologia teve um papel importante no pensamento de alguns expoentes do materialismo histórico, por exemplo, Georg Lukács (1885-1971). Segundo Barros (2013) no livro *História e Consciência de Classe (1923)*, especificamente no capítulo a “*Reificação e a Consciência do Proletariado*”, Lukács empreendeu sua análise a partir do conceito de modo de produção, visando compreender o funcionamento da sociedade capitalista e a dimensão subjetiva da realidade humana. Neste sentido, o pensamento de Lukács foi influenciado pelo reportório teórico de Marx, sendo que a noção de fetiche da mercadoria é um dos conceitos norteadores de sua pesquisa e que demonstram como a organização do capitalismo afetou os indivíduos dando origem ao fenômeno da reificação e sua manifestação em todas as esferas da sociedade (LUKÁCS, 1989, p.97).

Segundo Lukács (1923/1989) o fenômeno da reificação foi inaugurado no âmbito das relações sociais quando o modo de produção capitalista transformou as relações entre as pessoas em objetividade ilusória coisificada. Dessa forma, o fetichismo da mercadoria revelava a forma como a reificação se manifestava na consciência do proletariado. Assim, a partir das relações dos homens com os processos produtivos as características reificadas do seu trabalho se evidenciavam. A relação entre trabalho e processo produtivo rompeu com a relação entre os homens e seu trabalho criando então uma relação mediada por objetos a serviço do capital. Por este motivo, os produtos do trabalho tornaram-se mercadorias, já que com a industrialização o processo de trabalho foi retalhado em operações parciais e abstratamente racionais numa proporção que destruiu a relação entre o trabalhador e o produto como totalidade, reduzindo seu trabalho a uma função alienante que se repete mecanicamente.

Para Lukács (1923/1989) a subordinação do homem à máquina criou um estado em que eles se “apagam” diante do trabalho reificando sua consciência, isto é, sua subjetividade opera agora a partir das relações de produção capitalista impossibilitando-os de agir em favor da superação dessas relações. Assim, a sociedade capitalista produziu uma estrutura unificada por meio da economia e do desenvolvimento tecnológico. Neste sentido, percebemos que o conceito de tecnologia atribuído por Lukács no entendimento da sociedade capitalista se conecta ao pensamento de Marx e Engels. O determinismo tecnológico sob a sociedade e suas relações permanecem, mas agora Lukács o amplia tendo o fator da reificação da consciência de classe pelo trabalho como ponto de partida para a análise do capitalismo. O pensamento de Lukács

influenciou as teorias dos estudiosos da Escola de Frankfurt¹⁰ e toda uma corrente de pensamento marxista ao longo do século XX.

Na esteira da teoria social marxista temos a contribuição do pensador brasileiro, o filósofo Álvaro Vieira Pinto (1909-1983), que discorreu em seu livro *O conceito de tecnologia* (1973) sobre a relação entre homem e tecnologia. A análise de Vieira Pinto, assim como na de Marx, Engels e Lukács, compreende uma visão totalizadora no qual a relação entre tecnologia e sociedade foi investigada como meio no qual os seres humanos dão sentido e constroem o seu mundo, todavia, a tecnologia para Vieira Pinto também seria uma forma de dominação sob os homens a partir das relações econômicas. Entretanto, apesar de Vieira Pinto tratar das condições de um capitalismo tardio, que será melhor abordado com os pensadores da Escola de Frankfurt, ao discorrermos sobre sua visão neste tópico, pretendemos demonstrar que a tecnologia a partir do trabalho foi analisada por meio uma visão que a enxerga enquanto condição primordial para a mediação das relações entre homem e natureza.

Para Vieira Pinto (1973/2005) o senso comum tende a confundir esses conceitos como sinônimos, todavia, a técnica e a tecnologia apresentam características diferentes. Para esse autor, a técnica seria imanente à espécie humana por estar relacionada ao processo de autocriação do homem. Por sua vez, a tecnologia seria a ciência da técnica, que surgiu como uma necessidade da sociedade industrial em ordenar os conhecimentos técnicos (CORONEL; SILVA, 2010).

Segundo Vieira Pinto (1973/2005) a relação homem e tecnologia deveriam ser pensada a partir do seu caráter de encantamento e de dominação. O encantamento acontece porque a tecnologia oferece ao homem a possibilidade de transformar a natureza e seu mundo, em um processo de “ideologização da técnica” em que são atribuídos à tecnologia e aos seus objetos técnicos o poder de salvaguardar o futuro da humanidade. Além disso, Vieira Pinto (1975/2005) teceu inúmeras críticas às posições maniqueístas como a de Heidegger¹¹, pois para Vieira Pinto a tecnologia não é boa, nem tampouco má, já que são ferramentas que possibilitam o homem transformar a si mesmo e seu meio. Vieira Pinto, foi um crítico do sistema capitalista e dos modos de dominação técnica exercido pelos países “desenvolvidos” aos países atrasados

¹⁰ Para saber mais consultar: Max Horkheimer (1895-1973) *Materialismo e Moral* (1933) e *Eclipse da Razão* (1947).

¹¹ O filósofo Martin Heidegger (1889-1976) em a *A questão da técnica* (1953) buscou compreender a tecnologia a partir uma manifestação da nossa existência, todavia, a técnica para esse autor levaria a humanidade a sua própria destruição. Neste contexto, o filósofo brasileiro propõe um diálogo pela filosofia da técnica com Heidegger.

tecnologicamente. Neste caso, Vieira Pinto tinha preocupação da dependência tecnológica dos países da América Latina em relação aos países da Europa e dos Estados Unidos.

Na análise de Vieira Pinto, assim como na de Marx, Engels e Lukács a tecnologia foi tomada enquanto mediadora das relações entre homem e natureza. Para esses autores, toda tecnologia estabelece relações sociais pelos seus objetos técnicos conformando os modos de produzir a vida. Como forma de mediação entre os homens, a técnica e a tecnologia podem modificar as condições de relação e de existência dos homens no mundo (CARVALHO, 2017). Por fim, assim como para Marx, Engels e Lukács, Vieira Pinto acredita que se os homens se tornarem possuidores do poder da tecnologia poderão utilizá-la em favor de suas necessidades, isto é, ainda está presente na concepção desses autores uma visão romântica do que é a tecnologia em si. Neste sentido, vejamos como alguns pensadores da Escola de Frankfurt analisaram as transformações tecnológicas e seu impacto na cultura no capitalismo moderno.

1.1.2. TECNOLOGIA E INDÚSTRIA CULTURAL: A MISTIFICAÇÃO DAS MASSAS

No rumo da imaterialidade e da volatilidade impressa ao capitalismo pela tecnologia, esforçaram-se, ainda, aqueles autores que procuraram entender a tecnologia no contexto da comunicação. Os pensadores da Escola de Frankfurt, expoentes do materialismo histórico¹², reuniam pesquisas de diversas áreas do conhecimento como da psicologia, sociologia, crítica da arte, crítica literária, filosofia e psicanálise.

Durante os anos de 1930, Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1895-1973), Eric From (1900-1980), Jürgen Habermas (1929) e Walter Benjamin (1892-1940) produziram importantes reflexões filosóficas e sobre a teoria social. Em suas reflexões buscaram construir uma teoria crítica da sociedade para emancipação humana que os unisse pela concepção teórica e não por uma unidade doutrinária, seu programa de pesquisa estava baseado no materialismo interdisciplinar. Para os pensadores da teoria crítica a nova situação da sociedade capitalista moderna fez com que algumas das teses da teoria crítica de Marx se tornassem ultrapassadas, sendo necessário atualizar a sua crítica da economia política sob um viés interdisciplinar entre as ciências humanas. Todavia, eles não negaram a teoria marxista, mas a atualizaram e

¹² A teoria crítica da Escola de Frankfurt também está embasada na teoria de Kant, Hegel, Max Weber e Freud. Dessa forma, queremos ressaltar a importância desses pensadores para a teoria social e para a filosofia, no entanto, nos concentraremos somente nas reflexões acerca do materialismo histórico.

tomaram como objeto de investigação a questão entre a relação da vida econômica e da sociedade, da evolução psíquica dos indivíduos e das transformações nos diversos âmbitos da cultura, como ciência, arte, costumes, opinião pública, modos de divertimento e os meios de comunicação (REPA, 2008, p.11).

No que tange aos rumos da padronização da cultura e dos mecanismos de controle operados a partir da indústria do entretenimento e forjados nas novas características do capitalismo no século XX, Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973) escreveram *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas* (1947). Neste ensaio, eles buscaram compreender o alcance da produção e consumo de produtos culturais em larga escala relacionando esses fenômenos com os mecanismos de funcionamento do modo de produção capitalista.

Adorno e Horkheimer perceberam então que esses fenômenos não poderiam mais ser identificados apenas no contexto da cultura de massas e do entretenimento como uma expressão da arte popular e cunharam o termo indústria cultural¹³ (GATTI, 2008, p.26). Assim, a indústria cultural passou a definir um novo fenômeno do capitalismo monopolista que surgia nas primeiras décadas do século XX: a racionalização da cultura pelo capitalismo, a mistificação das massas pelos meios de comunicação e a reificação de sua consciência.

Nesse sentido, a tecnologia propiciou que a cultura se racionalizasse pela produção e divulgação de bens de consumo de entretenimento. Neste caso, a introdução das máquinas no processo de trabalho gerou um conflito entre artistas e os detentores do poder do capital, a obra de arte agora dependia, mas do que nunca do mercado. A racionalização da produção também criou o recurso ao planejamento e à antecipação das regras de produção da obra, característica inerente ao caráter fetichista da mercadoria. Por fim, o termo indústria cultural remete à racionalização das técnicas de divulgação dessa mercadoria pelo rádio, cinema, televisão e imprensa, o que demonstra a relação intrínseca entre mercado econômico e indústria cultural (GATTI, 2008, p.26).

Para Adorno e Horkheimer, a indústria cultural impossibilita a emancipação humana na medida em que integra as massas ao sistema capitalista pelo consumo de bens culturais, neste caso:

¹³ O conceito indústria cultural compreende a produção de produtos culturais com o intuito de adaptar e integrar seus consumidores a ordem socioeconômica, diferente do que acontece com as formas tradicionais de entretenimento e lazer, a indústria cultural centraliza a disseminação dos produtos culturais por meio dos meios de comunicação. O termo cultura empregado por esses autores remonta a duas questões a autonomia da arte e o estilo artístico (GATTI, 2008).

A violência da sociedade industrial opera nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem estar certos de serem jovialmente consumidos, mesmo em estado de distração. Mas cada um destes é um modelo do gigantesco mecanismo econômico que desde o início mantém tudo sob pressão tanto no trabalho quanto no lazer que lhe é semelhante. De cada filme sonoro, de cada transmissão radiofônica, pode-se deduzir aquilo que não se poderia atribuir como efeito de cada um em particular, mas só de todos em conjunto na sociedade. Infalivelmente, cada manifestação particular da indústria cultural reproduz os homens como aquilo que foi já produzido por toda a indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 2011, p.6).

Nesse contexto, a indústria cultural atua na consciência dos indivíduos a partir do mecanismo da reificação das relações sociais como proposto por Lukács. Desse modo, os produtos da indústria cultural retiram dos indivíduos o poder de criticidade incidindo nas suas escolhas/preferências sob determinados bens de consumo. Por sua vez, a mistificação das massas não está no fato da indústria cultural manipular as distrações, mas sim no modo que ela estraga o prazer da novidade e do diferente, permanecendo voluntariamente ligada aos clichês ideológicos da cultura em vias de liquidação (ADORNO; HORKHEIMER, 1947/2011).

Para Adorno e Horkheimer a técnica adquiriu uma característica particular na sociedade, a saber: o poder encarnado nas classes economicamente dominantes. O desenvolvimento tecnológico possibilitou a configuração do modo de produção capitalista monopolista, a tecnologia ganhou maior notoriedade na sociedade transformando não apenas as relações de produção, mas também as relações sociais por meio da cultura.

A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena. Automóveis, bombas e filmes mantêm o todo até que seu elemento nivelador repercute sobre a própria injustiça a que servia. Por hora a técnica da indústria cultural só chegou à standardização e à produção em série, sacrificando aquilo pelo qual a lógica da obra se distinguiu da lógica do sistema social. Mas isso não deve ser atribuído a uma lei de desenvolvimento da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia contemporânea. A necessidade, que talvez pudesse fugir ao controle central, já está reprimida pelo controle da consciência individual (ADORNO; HORKHEIMER, 2011, p.6).

Segundo Adorno e Horkheimer (1947/2011), as conquistas da ciência e do progresso técnico não possibilitaram o esclarecimento¹⁴ da humanidade, mas sim

¹⁴ O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber contribuindo para a emancipação humana (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

desencadearam o processo de um novo estado de barbárie, uma vez que o conhecimento científico dominou a natureza pela técnica e a técnica dominou a vida humana pelos processos de racionalização da vida através do trabalho e da indústria cultural. Neste sentido, temos a configuração de uma economia planejada da burocracia das empresas e do Estado, por sua vez, o poder que emana da tecnologia se concentra nas mãos de poucos possibilitando a criação de novas ideologias e métodos de controle social conformando sociedades tecnocráticas.¹⁵

Neste sentido, Herbert Marcuse (1898-1979) escreveu o livro *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional* (1964) elaborando uma teoria crítica para superação das formas de dominação na sociedade. Para Marcuse (1964) o desenvolvimento tecnológico criou todo um sistema de dominação e coordenação das formas de vida apaziguando as forças que se opõem ao sistema. Nesse tipo de sociedade, a tecnologia produz formas eficazes e agradáveis de controle e coesão social. Assim, o sistema produtivo tende a impor um modo de produção guiado pelo progresso técnico e que determina as relações de trabalho e do sistema econômico imposto aos indivíduos.

Na sociedade tecnológica a cultura, a política e a economia se fundem dando origem ao que Marcuse chamou de “Homem unidimensional”. Nesse sistema, os homens internalizam as formas de dominação pelo trabalho e pelo lazer a partir de sistemas de controle que administram suas habilidades, atitudes e aspirações individuais. Segundo Marcuse temos a formação de uma sociedade totalitária construída por uma racionalidade tecnológica, que impõe sobre os corpos e as mentes dos indivíduos valores e verdades padronizadas, disseminadas através de instituições políticas, ensino e meios de comunicação de massa que determinam as relações sociais. Com isso, o consumismo em massa promove uma falsa satisfação das necessidades humanas que se sentem realizadas com a variedade de produtos e serviços que tem a seu dispor. Assim, da irracionalidade da sociedade racional que controla e domestica os homens pela uniformização do pensamento advém do processo característico de funcionamento das máquinas.

Desse modo, há uma razão instrumental, imposta a todos, que constitui a ideologia da sociedade tecnológica. Essa ideologia controla a natureza, o corpo e a

¹⁵ Esse debate sobre a sociedade tecnocrática pode ser encontrado no texto de Marcuse *A Ideologia da Sociedade Industrial* (1964) e de Habermas *Técnica e Ciência como Ideologia* (1968).

mente humana suprimindo as liberdades individuais (GABRIEL, 2003). Para Marcuse a tecnologia produziu efeitos psíquicos sob a vida dos seres humanos, na medida em que estabeleceu um modo de vida unidimensional não transcendendo a racionalidade tecnológica em uma racionalidade crítica. Portanto, o progresso tecnológico seria o responsável pelo sistema de dominação da natureza e da consciência humana que se impõe na sociedade industrial.

Ao tratar da relação entre tecnologia e cultura não poderíamos deixar de mencionar, Walter Benjamin, um dos intelectuais mais significativos para a teoria crítica da Escola de Frankfurt. Walter Benjamin vivenciou uma época de muitos dilemas da sociedade moderna como a ascensão do fascismo/nazismo e a crise política e social do começo do século XX. Para Benjamin o século XIX tinha sido marcado pela promessa do progresso da sociedade e do avanço tecnológico configurando assim um período de sonho para a modernidade, todavia, já nas primeiras décadas do século XX, o sonho transformou-se em pesadelo, sendo que a experiência autêntica da vida tinha cedido lugar a um modo empobrecido de vida. Neste sentido, Benjamin buscou compreender modernidade e as contradições de sua época pela cultura no âmbito das artes visuais tendo como repertório teórico o materialismo histórico e as teorias de Freud (PALHARES, 2006).

Como crítica às condições de produção e reprodução artísticas nas primeiras décadas do século XX, Walter Benjamin escreveu o ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1936). Neste ensaio Walter Benjamin elaborou sua teoria materialista das artes e crítica da cultura com vistas a analisar as condições de percepção dos seres humanos em relação a sua vida partir do desenvolvimento técnico e dos meios de comunicação. Para Benjamin (1936/2000), o processo de reprodução técnica aconteceu ao longo da história:

A obra de arte, por princípio, foi sempre suscetível de reprodução. O que alguns homens fizeram podia ser feito por outros. Assistiu-se, em todos os tempos, a discípulos copiarem obras de arte, a título de exercício, os mestres reproduzirem-nas a fim de garantir sua difusão e os falsários imitá-las com o fim de extrair proveito material. As técnicas de reprodução são, todavia, um fenômeno novo, de fato, que nasceu e se desenvolveu no curso da história, mediante saltos sucessivos, separados por longos intervalos, mas num ritmo cada vez mais rápido (BENJAMIN, 2000, p.11).

Neste contexto, os gregos realizavam a fundição e a cunhagem como processos técnicos de reprodução em série. As moedas, os bronzes e as terracotas foram as obras

de artes que os gregos reproduziram em série, já que as outras obras de artes só tinham um único exemplar. A gravura em madeira pela primeira vez conseguiu a reprodução de um desenho, muito antes da reprodução da escrita pela imprensa. Na Idade Média foi a técnica de combinar água-forte, para cobrir a madeira ou o bronze que possibilitaram a reprodução da xilogravura e gravuras impressas em papel. A tipografia, por sua vez, permitiu a reprodução técnica da literatura possibilitando a disseminação da cultura escrita na Europa Moderna. (BENJAMIN, 2000, p.11-12).

No início do século XIX a litografia permitiu o progresso das técnicas de reprodução possibilitando a reprodução em série de desenhos e a criação de novas obras de arte, graças a nova técnica de submeter o desenho a pedra calcária, ao invés de entalhá-la. A fotografia no século XIX surgiu provocando rupturas em todas as formas de reprodução e disseminação das artes até então inventadas. A reprodução fotográfica possibilitou uma rápida reprodução de imagens, as mãos que antes executavam as tarefas artísticas, foram reconfiguradas para o olho fixo aos objetos, de tal modo que a técnica de captação e reprodução fotográfica permitiu o surgimento das técnicas de reprodução de sons e imagens dando origem ao cinema no século XX (BENJAMIN, 2000, p.11-12).

De todo modo, para Benjamin (1936/2000) foi no século XX que o desenvolvimento técnico modificou os meios de produção artísticos interferindo não apenas nas artes tradicionais, mas criando agora um novo modo de experiência entre artes e sociedade.

Com o advento do século XX, as técnicas de reprodução atingiram a tal nível, em decorrência, ficaram em condições de não apenas se dedicar a todas as obras de arte do passado e de modificar de modo bem profundo os seus meios de influência, mas elas próprias de se imporem, como formas de artes originais (BENJAMIN, 2000, p. 12).

A reprodutibilidade técnica da arte representou um dos aspectos mais característicos da vida moderna, sendo mais um elemento da reificação das relações sociais e da vivência alienante dos homens em sociedade. Dessa forma, a arte produzida em série e distribuída na sociedade segundo as leis do mercado gerou um empobrecimento da recepção da arte pelo público, isto é, as antigas relações que estabeleciam os modos de percepção do público para com a obra de arte e com o artista se modificaram. Neste caso, para denominar essa nova relação, Benjamin (1936/2000)

criou o conceito de “aura”, que seria uma experiência temporal e espacial que caracteriza a recepção das obras de arte tradicionais pelo público. Essa forma de percepção foi denominada por Benjamin de contemplação, como ato de significação no qual o espectador emprega sua criatividade contemplando a obra de arte no seu sentido místico e ritualístico (PALHARES, 2006). Consoante, o que ocorreu na modernidade com a reprodução técnica das artes visuais foi a perda da dita aura, na medida em que esse processo significou a separação do objeto produzido da sua tradição, pela reprodutibilidade tecnológica, ou seja:

Pode ser que as novas condições criadas pelas técnicas de reprodução, em paralelo, deixem intacto o conteúdo da obra de arte; mas, de qualquer maneira, desvalorizam seu *hic et nunc*. Acontece o mesmo, sem dúvida, com outras coisas além da obra de arte, por exemplo, com a paisagem representada pela película cinematográfica; porém, quando se trata da obra de arte, tal desvalorização atinge-a no ponto mais sensível, onde ela é vulnerável como não o são os objetos naturais: em sua autenticidade. O que caracteriza a autenticidade de uma coisa é tudo aquilo que ela contém e é originalmente transmissível, desde sua duração material até seu poder de testemunho histórico. Como este próprio testemunho baseia-se naquela duração, na hipótese de reprodução, onde o primeiro elemento (duração) escapa aos homens, o segundo – o testemunho histórico da coisa fica – fica identicamente abalado. Nada demais certamente, mas o que fica assim abalado é a própria autoridade da coisa (BENJAMIN, 2000, p.13-14)

A mecanização dos processos artísticos fizeram com que a obra de arte se transformasse em mercadoria perdendo sua singularidade e autenticidade alterando seu valor de culto, por exemplo, a fotografia e o cinema retiraram a experiência de originalidade e autenticidade que sustentava a recepção contemplativa, como na escultura e pintura, a arte perdeu sua razão de ser. No cinema não há diferença entre a cópia e o original, assim como a fotografia pode reproduzir em imagem uma obra de arte sem distinção, a função de arte ficou subvertida fundamentando-se sobre outra prática, a política. Para Benjamin, essa nova situação foi vista de maneira positiva, vindo a se tornar promissora na sociedade a partir de uma nova atitude do espectador diante das artes. Essa nova atitude poderia levar a uma maior conscientização e crítica dos espectadores, na medida em que a reprodução técnica substituiu o olhar histórico sobre os conjuntos de bens culturais do passado para o olhar político, essa nova percepção pode ser observada na obra de poetas surrealistas e na consagração do cinema mudo pelas massas (PALHARES, 2006).

A multiplicação das cópias, da reprodução radiofônica e cinematográfica dos objetos culturais a reprodução técnica transformou o evento produzido pela vivência de uma obra de arte em um fenômeno de massas. A reprodução técnica permitiu uma atualidade permanente conduzindo a uma ruptura da realidade transmitida com a tradição caracterizando a crise da modernidade. (BENJAMIN, 2000, p.14). A ruptura da herança cultural de uma época a partir da crise da modernidade provocou a “perda da aura” dos homens em suas relações na vida moderna.

Por isso, Walter Benjamin ao analisar o *hic et nun* (o tempo do agora) a partir da atualidade permanente da obra de arte, demonstrou também as transformações que ocorreram na concepção de tempo. Neste sentido, ao analisar a relação dialética entre o Então e o Agora ou entre o contínuo e o momentâneo, Benjamin assinalou que o presente histórico seria o agora reconhecível. Assim, a partir desse contexto, surge a noção de tempo histórico em Benjamin, que está ligada à concepção de Baudelaire sobre um tempo que leva a efemeridade descontínua, de modo que a experiência instantânea não permanece no passado, ela é sempre replicada na forma de uma imagem do agora, como assinalado na ruptura com a tradição da obra de arte na era da reprodutibilidade técnica (KANG, 2009). Portanto, o tempo do agora de Benjamin é a atualidade do tempo vivido, diferente do tempo linear do *continuum* em História, o tempo se transformou na conformação de um mosaico de imagens em que o passado inunda o presente e o presente inunda o passado (CROMBERG, 2002)

Segundo Jaeho Kang (2009) as análises de Walter Benjamin sobre a cultura refletem as condições de transformação pelas quais o espetáculo se transformou em um fenômeno de massas. A cultura crítica de Benjamin anunciou as tensões e conflitos entre o potencial revolucionário da cultura de massa e da estética tradicional. No entanto, apesar de remeter a um possível caráter revolucionário, o condicionamento das artes visuais no contexto da reprodução técnica industrial fez com que uma característica da vida moderna se tornasse evidente: a padronização dos indivíduos em entidades funcionais reproduzíveis (KANG, 2009, p.221).

De acordo com Kang (2009) ao analisar as modificações da experiência moderna pela cultura capitalista, Walter Benjamin, desfez a separação entre crítica da arte e cultura. Neste contexto, para ele a análise de uma determinada manifestação da arte seria inseparável da cultura e de uma concepção de História e de sociedade. Assim, Benjamin colocou em xeque duas posições dominantes no campo do estudo da cultura; a teoria da história cultural e a teoria marxista de cultura.

Para Benjamin a concepção positivista de História teve um papel importante na formação da perspectiva instrumentalista de tecnologia que vê no desenvolvimento da tecnologia apenas o progresso científico e tecnológico e não uma regressão ou surgimento da barbárie na sociedade, levando a uma visão equivocada da tecnologia, como destituída de qualquer potencial destrutivo revelando uma visão romântica porque mística e positiva porque otimista do impacto da tecnologia na sociedade. Para mais, Benjamin também crítica a visão positiva de Marx e Engels no que diz respeito a essa visão instrumental da tecnologia (KANG, 2009, p.218).

A crítica da cultura elaborada por Adorno e Horkheimer (1947/2011) através da indústria cultural, de Herbert Marcuse (1964) sobre a racionalidade tecnológica e por Walter Benjamin (1936/2000) acerca das artes visuais evidenciaram as características da vida material e psíquica da modernidade no século XX ampliando as discussões propostas por Marx e Engels acerca da formação social do capitalismo e da reificação da consciência de classe por Lukács. Portanto, foi na constituição de suas teorias que pudemos compreender como a tecnologia pode ser problematizada por ambos os pensadores.

Na esteira desse pensamento Guy Debord em *“Sociedade do Espetáculo”* (1967) discorreu sobre como as condições modernas de produção haviam criado uma sociedade orquestrada através de relações sociais entre pessoas mediatizadas por imagens. Para Guy Debord (1967/2000) a sociedade do espetáculo representa uma fase específica do capitalismo e em que há uma interdependência entre processo de acúmulo de capital e o processo de imagens, isto é, todas as relações sociais seja na política, na economia, nos meios de comunicação ou em manifestações religiosas está mercantilizado e envolvido por imagens que serão posteriormente consumidas pelo público através do capitalismo (COELHO, 2011).

Segundo Debord (1967/2000) nesta fase do capitalismo ocorre a valorização da dimensão visual e comunicacional da sociedade onde a produção de imagens aliada ao alcance da comunicação humana através do rádio e do cinema se transformaram em instrumentos para o exercício da dominação social. Os objetos técnicos que se disseminam pela sociedade apaziguam os conflitos inerentes ao modo de produção capitalista reproduzindo em suas relações uma realidade ilusória e mediatizada por imagens.

O espetáculo, portanto, organiza as estruturas sociais constituindo-se em um dos entraves para a emancipação humana ao imobilizar os homens em suas ações frente as

contradições do capitalismo. Neste sentido, Guy Debord (1967/2000) propõe em seu livro uma crítica as condições de existência da vida humana nesta fase do capitalismo moderno onde os homens e mulheres passaram a viver suas vidas sob a influência do consumo e da aparência dos fatos que circulam através dos meios de comunicação e que faz com que o indivíduo seja infeliz e solitário no contexto da cultura de massas.

Nas análises de Adorno e Horkheimer (1947/2011) a tecnologia foi tida como um elemento crucial para o desenvolvimento do capitalismo monopolista do século XX, ela dá o poder aos que detêm o capital e os meios de produção, estendendo-se ao campo da cultura através da industrialização dos produtos culturais e de sua transformação em mercadoria para o consumo das massas. Para esses autores, a dominação técnica sobre os meios de produção alienou a consciência dos homens fragmentando-os por meio da divisão do trabalho. Além disso, a tecnologia na teoria crítica de Adorno e Horkheimer possibilitou o avanço da ciência tornando o esclarecimento da humanidade, de busca da autoconsciência e emancipação, por uma filosofia da razão irracional e autodestrutiva configurando-se como ideologia da técnica e da produção.

Ao comungar desse ponto de partida, Herbert Marcuse (1964) demonstrou que a tecnologia produziu a racionalidade tecnológica na sociedade industrial, conformando-se na alienação dos indivíduos a partir de uma sociedade totalitária que mascara as liberdades individuais dos sujeitos. Na teoria crítica de Marcuse a tecnologia criou formas de controle para pacificação e dominação dos homens a partir da padronização do pensamento e comportamento que são instituídos pela racionalidade técnica do sistema. Por sua vez, Marcuse, no mesmo sentido que Marx e Lukács, tratou da alienação e reificação da consciência humana por meio do desenvolvimento e invenção de aparatos tecnológicos que mobilizam e criam uma dimensão de escravização na qual o homem se torna unidimensional por não conseguir transcender essa racionalidade tecnológica. Por fim, para Marcuse só haveria uma transformação na sociedade a partir da superação dessas formas de dominação por uma racionalidade crítica a partir da emancipação humana.

Na teoria crítica das artes de Walter Benjamin (1936/2000) também podemos constatar a mesma crítica à tecnologia e à visão romântica que tendia a relacionar ciência e tecnologia como sinônimos de progresso da humanidade. Neste ponto, Benjamin apresentou a forma destrutiva e alienante que a tecnologia pode provocar em várias esferas da sociedade, por exemplo, na relação dos meios de comunicação e dos fenômenos de massas. A tecnologia também foi pensada por Benjamin pelo seu caráter

revolucionário e político, isto é, o cinema mudo poderia contribuir para a conscientização humana através de uma crítica da cultura e das relações de sociedade, o que incidiria em uma crítica ao capital.

Neste sentido, Guy Debord (1967/2000) também crítica o tipo de sociedade que o capitalismo se transformou através da alienação das relações sociais e, que nesta fase do capitalismo são mediatizadas pelas imagens em pequenos espetáculos diários da vida humana em que se reproduzem através da cultura, política e da economia. Para Guy Debord (1964) o capital é o espetáculo da realização técnica e no exílio dos poderes humanos. É a cisão acabada no interior do homem que o impede de emancipar-se frente a manipulação dos meios de comunicação e do consumo desenfreado propiciados pelo capitalismo. Por isso, para Guy Debord essa fase do capitalismo representa uma sociedade do espetáculo e da fragmentação que impede a liberdade de escolha e representa a própria negação da humanidade em um mundo saturado pela produção de imagens e discursos ilusórios.

Tanto para Adorno e Horkheimer (1947/2011), Marcuse (1964), Walter Benjamin (1936/2000) e Guy Debord (1964/2000) a tecnologia se relaciona com o homem por meio da dialética, ao mesmo tempo em que ela pode ser uma condição para o progresso da humanidade pode também provocar a destruição da humanidade.

1.1.3. MUDANÇA TECNOLÓGICA E CIENTÍFICA: CAPITALISMO E TRABALHO NO SÉCULO XX

Os estudos sobre os modos de produção, o trabalho e as classes operárias, bem como a análise cultural realizada pelo materialismo disciplinar dos pensadores da Escola de Frankfurt provocaram mudanças de paradigmas no campo da História incidindo sobre sua constituição disciplinar ao longo do século XX. A Escola Inglesa do Marxismo¹⁶, por exemplo, renovou os estudos do materialismo histórico pela forma como relacionou a economia e a cultura, que não seriam mais analisados como simples reprodução das estruturas econômicas, mas sim pelas suas interações. Os principais expoentes dessa corrente historiográfica foram Eric Hobsbawm, Christopher Hill e Edward Palmer Thompson (BARROS, 2013, p.64).

¹⁶ Formada ao longo do século XX essa escola reunia historiadores marxistas do Reino Unido que se dedicaram aos estudos das classes operários, trabalho e do capitalismo. Suas pesquisas foram publicadas na Revista *Past and Present* que propunha renovações no campo do materialismo histórico (BARROS, 2011, p.2).

Segundo Barros (2013) o materialismo histórico possibilitou a ampliação do repertório teórico dos historiadores, além de estimular o debate acerca da função da História em relação à práxis social. Desse modo, o materialismo histórico organizou seu pensamento a partir da possibilidade de construir uma História para o desenvolvimento humano, ou seja, em favor dos movimentos sociais, do proletariado, dos povos oprimidos pela história e contra a reificação das relações sociais e da consciência.

Neste contexto, Eric Hobsbawm (1994) se tornou um dos principais historiadores marxistas, que ao tratar da questão da formação histórica do capitalismo e da classe operária em seus livros, pode desvelar as facetas do desenvolvimento tecnológico contemporâneo, e ao fim e ao cabo demonstrar historicamente como a tecnologia tornou-se uma dimensão essencial do nosso tempo presente.

No livro *Era dos Extremos (1994)*, Hobsbawm apresentou uma visão global acerca da história recente através da relação entre modo de produção capitalista a cultura e a política. Essa História Social tem como ponto de partida o ano de 1917, início da Revolução Russa e fim da primeira Guerra Mundial, e linha de chegada o ano de 1989, queda do muro de Berlim e fim da União Soviética.

Segundo Eric Hobsbawm (1994) essas profundas modificações que impactaram o capitalismo na virada do século e propiciaram sua reconfiguração, com a tendência cada vez maior da proeminência do discurso científico e tecnológico na sociedade, devem ser compreendidos a partir do fato de que o século XX foi dominado pelo investimento em tecnologia, ora como propulsora da economia para reestruturação dos países no pós-guerra, ora como meio para disputas políticas e econômicas entre Estados Unidos e União Soviética na Guerra Fria.

Neste sentido, a primeira e a segunda guerras mundiais demonstraram que o avanço tecnológico não representava apenas o progresso para a humanidade, mas podia ser também um instrumento para atrocidades, como a destruição em massa de populações. O investimento em tecnologia não diminuiu no pós-guerra, mas obteve um aumento considerável com investimentos massivos em pesquisas científicas e tecnológicas, sobretudo, nos Estados Unidos e União Soviética. Para Hobsbawm esse processo histórico de mudança tecnológica no final do século XIX e começo do século XX condicionou as formas da organização científica, propiciado que uma nova configuração política que tratasse da ciência e tecnologia enquanto políticas públicas se constituísse. Neste contexto, a ciência criou fórmulas e mecanismos para o

aperfeiçoamento do método, sistematização e criação de artefatos tecnológicos direcionados para o mercado econômico.

Na direção do pensamento de Hobsbawm, o historiador brasileiro Nicolau Sevcenko (2001) demonstrou que essas rápidas modificações foram introduzidas pela Revolução Científica Tecnológica do final do século XIX com o desenvolvimento da eletricidade, da indústria química, da utilização de derivados do petróleo e do surgimento de novos meios de transporte como o trem, carros, caminhões e motocicletas, além disso, os novos meios de comunicação como o cinema, o rádio, a fotografia e o telégrafo provocaram mudanças significativas nas relações entre os seres humanos e seu mundo. De acordo com Nicolau Sevcenko (2001) o que distingue o século XX de outros períodos históricos é uma tendência contínua e acelerada de mudança tecnológica.

De acordo com Hobsbawm (1994) na medida em que o capitalismo foi produzindo bens de consumo houve a ampliação do mercado para o consumo das massas transformando sua vida material. Desse modo, a circulação dos novos bens de consumo na “era de ouro” do capitalismo provocaram transformações nos comportamentos e hábitos da população dos países desenvolvidos, e posteriormente nos países de terceiro mundo. Nesse momento, a economia e a política se entrelaçaram dando origem ao papel intervencionista do Estado no mercado econômico.

Em relação à cultura, as artes foram impactadas pela revolução tecno-científica. A tecnologia revolucionou as artes ao torná-la presente e acessíveis às massas. O rádio levou os sons (palavra e a música) e a televisão a imagem em movimento para muitas casas ao redor do mundo. Entretanto, a tecnologia não tornou apenas as artes onipresentes, mas transformou a forma como eram percebidas. Antes as artes eram percebidas pela linearidade e sequencialidade de percepções anteriores, agora o avanço tecnológico tornou possível percorrer em alguns segundos os canais de televisão (HOBSBAWM, 1994, p.485).

Por sua vez, o século XX produziu o fenômeno artístico denominado modernismo que representou vários movimentos no campo das artes, como a arte abstrata e a música dodecafônica ou como a arquitetura modernista, que teve como estilo característico construir utopias sociais. Segundo Hobsbawm (1994) as antigas vanguardas artísticas tinham ficado à margem da sociedade ao longo do século XX devido à revolução na percepção e na representação das artes por meio da tecnologia e

do capital abrindo caminho para que surgisse o movimento artístico e de pensamento que recebeu o nome de pós-modernismo.

O pós-modernismo, então, atacou os estilos artísticos modernistas, ampliando suas significações para o campo das ciências humanas, por exemplo, na sociologia, história, antropologia e filosofia. Todavia, no campo do pensamento surgia a designação pós-modernistas como aqueles pensadores que se identificavam por um ceticismo sobre a existência de uma realidade objetiva ou pela crença na impossibilidade de se compreender a realidade pela razão, já que “todos, portanto, contestam a essência do mundo que se apoiava em crenças opostas, ou seja, o mundo transformado pela ciência e a tecnologia nele baseados e a ideologia que o progresso refletia” (HOBBSAWM, 1994, p.500).

Por conseguinte, no mundo do trabalho a tecnologia provocou inúmeras modificações, seja no âmbito da divisão do trabalho ou em relação aos movimentos sociais da classe trabalhadora. Assim, na medida em que a máquina era introduzida nos processos produtivos e acentuava a divisão do trabalho estimulava os trabalhadores a se organizarem em movimentos sociais questionando o funcionamento do sistema capitalista. Neste sentido, Eric Hobsbawm, em seu livro *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a classe operária (1984)* demonstrou a relação entre economia e tecnologia na formação e na evolução das classe operária durante os séculos XVIII ao XX examinando a forma como a classe operária inglesa sofreu as influências do capital e da sociedade industrial, ao mesmo tempo em que transformavam as práticas culturais e relações sociais em que estavam inseridos.

Segundo Hobsbawm (2000), a história de qualquer classe não pode ser escrita isolada da sua estrutura, das transformações culturais e da herança cultural que demandam o trabalho assalariado e industrial que criam e modificam as classes operárias. Hobsbawm discute a construção e reconstrução da classe operária¹⁷ em diferentes momentos históricos que compreenderiam a formação da classe operária

¹⁷ A classe é uma realidade histórica imediata do sistema capitalista, no entanto, sua estrutura esteve atrelada a sociedade pré-industrial, que deu a base para a formação do novo proletariado na sociedade industrial com a crescente industrialização da manufatura em 1790. Além disso, a cultura da classe operária inglesa esteve ligada a cultura artesã e ritualística da fase pré-capitalista. Neste sentido, podemos citar movimentos como o Ludismo, formado por um grupo de artesãos da tecelagem que quebravam as máquinas em protesto a substituição da força de trabalho manual para a mecânica. (HOBBSAWM, 2000; 2009).

entre 1850 a 1950. Em 1850, o desenvolvimento e a expansão da economia mundial afetaram a classe operária, na medida que converteu o operariado em operariado fabril, com a introdução das máquinas e a desqualificação/barateamento do “antigo” trabalho manual. Neste contexto, o operariado crescia e se organizava pelos movimentos sociais reivindicando o direito a melhores salários e condições de trabalho, transformando-se, posteriormente em um movimento nacional que culminou na formação do Partido dos Trabalhadores na Inglaterra.

No século XX, em meio às guerras mundiais surgem um “novo sindicalismo”. Segundo Hobsbawm (2000) esse movimento foi marcado pelo “ressurgimento do socialismo” e pelo crescimento do Partido dos Trabalhadores, e que no pós-guerra pode comemorar a conquista de direitos sociais e na conformação de políticas do Estado de Bem-Estar Social no Reino Unido e em grande parte da Europa. Entretanto, as transformações surgidas nas décadas de 1950 e 1960 com a introdução de novo processos produtivos e pelo avanço tecnológico impactaram não só classe operária britânica de maneira decisiva fragmentando-a, mas provocaram uma crise política da esquerda e das instituições tradicionais de luta de classes com o crescimento da adesão de jovens a movimentos neofascistas (HOBSBAWN, 2000) que na atualidade se proliferam nas redes virtuais de comunicação na internet.

Desse modo, assim como ocorreu com os movimentos fascista e nazista no começo do século XX que utilizavam a tecnologia como retórica para justificar ideias totalitárias e incutir nas massas a ideia de progresso, na contemporaneidade as tecnologias digitais e a internet tendem a integrar os jovens e cooptá-los através de redes sociais onde grupos através das redes de comunicação online fazem propaganda e disseminam discursos de ódio/racistas na sociedade (ALMEIDA, 2008). Por isso, como foi assinalado por Marcuse (1964), a tecnologia também representa uma forma de poder político ao exercer um tipo de dominação sob os homens em todas as esferas sociais conformando-se em sociedades totalitárias.

Ademais, se os processos tecnológicos e o capitalismo provocaram transformações em todas as esferas da sociedade, também reconfiguraram o modo de produção, as relações de produção e as de trabalho. Edward Palmer Thompson buscou trazer essas discussões para o campo da cultura assinalando que o mundo da cultura¹⁸ é

¹⁸Acompanhando o movimento de renovação dos estudos culturais como Edward P. Thompson não poderíamos deixar de citar o teórico cultural e sociólogo Stuart Hall, que é um dos principais expoentes desse movimento no século XX e XXI. Suas análises investigam as novas configurações da identidade na

integrante do modo de produção e não um mero reflexo das estruturas econômicas da sociedade. Isto porque, há uma retroalimentação contínua entre estruturas econômico-sociais e a cultura, fazendo com que esquemas simplificadores e deterministas desapareçam da análise da formação social na historiografia (BARROS, 2013, p.64).

No livro *Costumes em Comum (1991)* no texto *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial*, Edward Thompson demonstrou através dos costumes da cultura popular como a percepção de tempo dos homens e mulheres havia se transformado com o desenvolvimento da indústria em grande escala no século XVIII e XIX. Em sua análise Thompson (1991) evidenciou como o tempo da natureza vivenciado pelos homens que trabalhavam no campo e o tempo da igreja dos que moravam nas cidades e percebiam a passagem do tempo pelos ritos litúrgicos tinha se modificado para o tempo do relógio com a introdução das indústrias.

Segundo Thompson, a passagem da manufatura, que era gerida em escala doméstica ou de pequena oficina em subdivisões no qual os padrões de trabalho eram irregulares, para a produção industrial, com a presença das máquinas, significou um conjunto de novos hábitos, novas disciplinas e novos estímulos para os trabalhadores, que agora tinham que se adaptar ao tempo da fábrica e da produção industrial. As máquinas incutiam nos trabalhadores disciplina para executar as operações de manuseio da produção, o tempo passava a ser disciplinado. Nas fábricas têxteis e nas oficinas na Inglaterra da Revolução Industrial se impunha rigorosamente a nova disciplina do tempo, a partir da internalização dos novos hábitos de trabalho.

Para Thompson (1991) com a medição do tempo do serviço pela exploração da mão de obra e da introdução das máquinas a percepção do tempo passava a ser condicionada pela tecnologia. Neste sentido, durante todo o século XIX, a propaganda do uso econômico do tempo foi difundida para os trabalhadores visando a formação da ideia de que “tempo é dinheiro”. Assim, por meio da divisão do trabalho, supervisão do trabalho, multas, sinos e relógios, incentivos em dinheiro, pregações e ensino formaram-se os novos hábitos de trabalho estabelecendo uma nova disciplina do tempo. Essas mudanças por vezes demoraram gerações para se concretizar convivendo ainda com os ritmos de trabalho irregular (THOMPSON, 1991, p.297).

A disciplina do trabalho desenvolvida no modo de produção capitalista promoveu novos hábitos e vivências para os trabalhadores, que de um trabalho

ordenado pela percepção do tempo da natureza, tiveram que se adaptar ao tempo das fábricas e à dura disciplina imposta pelas máquinas. Para Thompson (1991) não existe desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo desenvolvimento e mudança de uma cultura, assim para ele sem cultura não há modo produção (BARROS, 2013). Por isso, para Thompson o tempo é uma construção social e cultural que se transforma de acordo com os processos históricos e que estão intrinsicamente relacionados aos processos econômicos e culturais de certa sociedade. Dessa forma, a percepção da passagem do tempo com o desenvolvimento do modo de produção capitalista implicou na disciplina do tempo gerando novos hábitos de trabalho incidindo nas relações sociais. Por isso, assim como nos textos de Karl Marx, nos trabalhos de E.P. Thompson, as máquinas introduziram uma nova percepção do tempo para os homens e mulheres promovendo a domesticação do tempo a partir do trabalho.

O trabalho, por sua vez, ao longo do século XX passou por inúmeras transformações. Os processos de mecanização da indústria, como o fordismo e o taylorismo não acabaram com o trabalho ou substituíram os trabalhadores por máquinas, mas provocaram uma modificação nas características das relações de trabalho. Ademais, o trabalho ainda ocupa lugar central na socialização e na formação da identidade profissional dos indivíduos na contemporaneidade. De tal modo que não poderíamos deixar de tratar da influência da tecnologia nas modificações do trabalho nos últimos 50 anos. Dessa forma, o pensador francês Claude Dubar no livro *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação (2000)* nos auxilia a compreender que a modernidade social, econômica e política do final do século XX, gerou contradições estruturais e conflitos sociais acentuando a crise das identidades que são inseparáveis da crise da modernidade. Neste contexto, para Dubar (2000) as antigas formas comunitárias assim como o trabalho estão se reconfigurando em novas formas de organização. Dubar afirma que a crise das relações de trabalho na década de 1980 não seria somente política ou econômica, mas antropológica, porque colocou em questão os mitos fundadores da modernidade do século XIX: o mito do progresso da ciência e da democracia formal.

Para Dubar (2000), vivemos nos últimos 50 anos a desestruturação das identidades pessoais que já não são mais transmitidas pelas instituições, nem herdadas de contextos sociocomunitários, mas construídas pelos próprios indivíduos no decurso de suas trajetórias em uma relação de interações entre o coletivo e o individual. No mundo contemporâneo a fragmentação das identidades tem estimulado cada indivíduo a

se definir-se pela pluralidade de pertencas que podem variar ao longo de sua vida. Segundo Dubar (2000), essa nova percepção de crença individual seria fruto de uma crise no sistema simbólico de designação e classificação, construídas ao longo do século XIX e que agora estão se fragmentando, onde cada pessoa agrega um conjunto de categorias partilhadas se definindo em relação a si e aos outros no mundo. Além dessa crise se expressar no âmbito da família, religião e política, ela se manifesta através do trabalho e das identidades profissionais.

As identidades profissionais significam maneiras socialmente reconhecidas em que os indivíduos se identificam no campo do trabalho e do emprego. Dessa forma, esse novo processo de racionalização que tem início na década de 1970, onde a empresa-mercado empreende a busca sistemática pelo lucro, pelo domínio do tempo e do futuro pela previsão, promoveu inovações com investimentos técnicos transformando as formas do mercado econômico contemporâneo afetando as antigas formas identitárias que antes se estabeleciam no trabalho.

De acordo com Dubar (2000), Josep Schumpeter já havia assinalado que a inovação técnica e humana se tornou a força produtiva da racionalização moderna nos últimos 50 anos. Assim, o que ocorreu com as antigas formas de trabalho no sistema capitalista seria uma destruição criadora que colocou em funcionamento novas atividades, produtos, processos de organização e de formação que permitiram que os indivíduos adquirissem vantagens competitivas no mundo do trabalho (DUBAR, 2000, p.87).

Nesta nova fase do processo de modernização do capitalismo, a mundialização, a livre circulação de capitais e as novas formas de competição pelo domínio das tecnologias fizeram com que o trabalho entrasse em crise. Para Dubar (2000) o trabalho agora está voltado para resolução de problemas nas empresas e não mais como execução mecânica de instruções de aplicação de procedimentos preestabelecidos. A tendência de transformação do trabalho está diretamente ligada a um dos processos mais importantes de racionalização do capitalismo nas últimas décadas: a automatização dos meios de produção e a informatização dos dispositivos do trabalho.

O trabalho, por sua vez, na década de 1980 desenvolveu-se, sobretudo, na França a partir da lógica das competências voltadas para as organizações de trabalho e para alguns sistemas educativos. Os trabalhadores com diploma passaram a ser cada vez mais valorizados no mercado de trabalho, pois, a concepção que se constituiu era de que

o trabalhador com nível superior ou curso técnico poderia contribuir mais para a competitividade da empresa a partir da: iniciativa, responsabilidade e trabalho em equipe.

Segundo Dubar (2000) a formação continuada nos anos de 1980 foi efetivada pela associação de grupos diversos com vistas a coesão produtiva. Travando batalhas identitárias que aumentavam a competitividade na seleção dos trabalhadores, todavia, esses grupos conformaram um discurso paradoxal: corroboravam a importância da tecnologia e da instrução, mas também se opunham ao seu império deletério.

Em 1990, contudo, essa visão em relação ao atendimento das competências do trabalhador pelo empregador começava a se modificar sendo atribuída ao trabalhador a responsabilidade por sua formação. A Carta Europeia “*Aprendizagem ao Longo da Vida*” (1996)¹⁹ fora publicada acordando esse compromisso por uma educação profissional e técnica nos países da União Europeia. Pode-se dizer, portanto, que o novo princípio libertava, mas também isolava os trabalhadores.

Neste contexto, o conceito de sociedade do conhecimento se desenhava durante a década de 1990 em todo o mundo ocidental. Voltada para uma aprendizagem por competências e pela exigência cada vez maior do domínio das tecnologias digitais pelo trabalhador essa ideia de sociedade se difundiu. O trabalho passou a ser uma realização de competências com uma maior exigência da produtividade intelectual do profissional rearranjando as antigas relações de trabalho, mas também radicalizando conceitos que, como vimos, já eram considerados desde o século XVIII. Desse modo, a questão colocada por Claude Dubar (2000) sobre o trabalho e as identidades profissionais está no epicentro das transformações no modo de produção capitalista.

Com a perda das antigas formas identidades pelos indivíduos e, a fragmentação das relações sociais, as antigas formas de organização dos ofícios se esfacelaram, dando lugar, a um mundo cada vez mais interligado por redes de informação e comunicação virtuais. A desagregação das antigas formas de socialização e comunicação, que dão características às identidades profissionais são reconfiguradas, graças a formação de redes virtuais de comunicação, ou seja, a crise de identidades que incide em uma crise do trabalho gerada pelo sistema capitalista promoveu uma destruição-criadora das relações na sociedade conformando novas relações de trabalho com novas identidades profissionais.

¹⁹ Para maiores informações acessar: <https://infoeuropa.euroid.pt/files/database/000033001-000034000/000033814.pdf> . Acesso em 10/9/2018.

As modificações em relação ao trabalho provocadas pela tecnologia ainda suscitaram questionamentos acerca de seu possível desaparecimento e a supressão do movimento operário. Robert Kurz (1943-2012)²⁰, André Gorz (1923-2007)²¹, escreveram a esse respeito na Revista *Krisis, O Manifesto contra o Trabalho* (1999). Neste texto apresentou-se uma crítica ao trabalho e suas relações. Para Kurz (1999), o trabalho estava em crise e conseqüentemente a sociedade também. A crise tinha alcançado seu limite absoluto porque a produção de riqueza vinculada a revolução microeletrônica não precisaria mais do uso da força de trabalho humano, por isso privilegiaria as máquinas para compor a força de trabalho para geração de riqueza no novo modo de produção capitalista. Segundo Kurz (1999) essa dominação das máquinas sob os homens somente poderia ser pensada na ficção científica e não em nosso tempo presente, tema do texto *Robótica e Trabalho: os pesadelos da consciência reificada* (2000), Robert Kurz ainda demonstrou que o novo modo de produção capitalista proporcionou que o trabalho se transformasse em produção de riqueza abstrata e automatizada, reificando a consciência dos proletários. Para Kurz (2000), os indivíduos “livres” foram transformados em robôs à serviço do capital em uma relação de trabalho totalitária. Assim, para Kurz:

A consciência capitalista fetichiza a robótica morta, hoje na forma do telemóvel e da Internet, devassando até o estado de espírito pessoal. Por um lado, um “reducionismo ecológico” não vê outra saída senão reduzir o conjunto dos equipamentos tecnológicos e regressar a uma economia de subsistência “natural” e “de trabalho intensivo”. Por outro lado, um “reducionismo tecnológico” gostaria, inversamente, de gerir a crise de modo que a produção de *software* se tornasse o “modelo” de automação alternativa completa de tudo e de todos, em que os constrangimentos económicos se dissolvessem tecnologicamente e corresse o leite e o mel para os solventes, como num paraíso turístico (“tudo incluído”). Ambos os momentos e conseqüências da cultura de combustão continuam a ser jogados unilateralmente um contra o outro (KURZ,2000,online)

²⁰ É um filósofo alemão que integrava a Revista *Krisis*, buscava em suas obras reinterpretar a obra de Karl Marx, a luz dos problemas do mundo contemporâneo e, sobretudo sobre as conseqüências da tecnologia sobre o trabalho e os trabalhadores (SANTOS, 2015).

²¹ É um filósofo austríaco que em 1980 publicou o polêmico livro “*Adeus ao proletariado*” em que afirma que a sociedade dominada pela tecnologia no sistema produtiva acabaria com o trabalho e com os proletários, diferentemente do que aconteceu com a Revolução Industrial, a tecnologia engendrou o capitalismo informacional que não necessitaria mais de trabalhadores para executar as máquinas. Para André Gorz essa falta de emprego poderia ser convertida em uma sociedade de prazer e ócio, no qual as pessoas poderiam se auto organizar para o surgimento de novas atividades na sociedade (SANTOS 2015).

Neste contexto, Kurz defende que a força produtiva da microeletrônica levou o capitalismo ao seu limite provocando crises sucessivas. Por isso, que a produção tecnológica não iria ser abandonada completamente e nem desenvolvida de modo autônomo, pois esperava-se uma libertação tecnológica realizada pelos proletários, uma vez que a questão encontrava-se na tomada do controle do modo de produção pelos trabalhadores que aboliriam as novas formas de socialização pelo trabalho e formariam associações de indivíduos livres que trabalhariam para o bem comum da humanidade.

A tese de Kurz (2000) acerca da substituição da força de trabalho humana pelas máquinas ou sobre a diminuição da importância do trabalho na sociedade foi contestada por diversos pensadores, dentre eles o sociólogo brasileiro Manuel Antunes que no livro *Adeus Trabalho: Ensaio sobre a as metaformoses e a centralidade do mundo do trabalho* (1995), demonstrou que o trabalho no mundo contemporâneo não seria abolido, pois, o trabalho enquanto expressão do trabalho social se tornou mais complexificado, socialmente combinado e ainda mais intensificado em relação aos ritmos e processos de produção.

Para Antunes (1995) com o desenvolvimento de *softwares*, a máquina informacional passou a desempenhar atividades em que há necessidade do trabalhador empregar sua inteligência. Assim para Antunes (1994) o que se pode presenciar é um processo de objetificação das atividades cerebrais junto com a maquinária, a partir da transferência do saber intelectual e cognitivo dos trabalhadores para as máquinas. Desse modo, assim como para Dubar, Antunes (1994) evidencioiu como as transformações que estão se processando na esfera do trabalho se concentram, sobretudo, nas novas formas de trabalho que surgem com a introdução das tecnologias digitais nos processos produtivos. Além disso, para Antunes (1994) o mundo contemporâneo do trabalho têm se conformado na expansão do trabalho em serviços imbricados com o trabalho produtivo.

Por conseguinte, ao percorrermos a obra de Hobsbawm situando em nossa análise a forma como esse pensador constrói suas reflexões acerca do papel da tecnologia na sociedade, compreendemos que sua visão não compreende o fenômeno da técnica de modo isolado, mas a partir de uma rede de inter-relações culturais, políticas e econômicas que se dão na formação do modo de produção capitalista na história recente. Na esteira das reflexões de Marx, Hobsbawm colocou a questão do trabalho como foco das influências tecnológicas no que diz respeito à conformação dos

movimentos sociais e da ação política da classe operária no final do século XIX e meados do XX.

No que diz respeito as modificações nas relações de trabalho ao longo do século XX, Claude Dubar demonstrou em sua análise que o trabalho não será abolido, mas que as antigas formas de relações de trabalho estão se reconfigurando dando lugar a um novo modo de socialização e identidade profissional. Neste sentido, diferentemente do que Robert Kurz enfatizou, na esteira do pensamento de André Gorz, ao anunciar o “fim do trabalho”, Claude Dubar e Ricardo Antunes assinalaram uma reconfiguração das relações de trabalho a partir de um novo modo de produção capitalista organizado na segunda metade do século XX em torno do desenvolvimento das tecnologias digitais. Podemos destacar um ponto em comum em relação a visão de Robert Kurz e Ricardo Antunes, já que os dois autores constataram que essa nova fase do modo de produção capitalista, motivada pela “revolução microeletrônica” exacerbou a objetificação das relações de trabalho e sociais a partir da proeminência cada vez maior da tecnologia na sociedade.

No âmbito das transformações do capitalismo na cultura, Hobsbawm revela a influência das reflexões de Walter Benjamin em sua análise ao discorrer sobre o impacto da reprodutibilidade técnica na relação entre público e obra de arte, já o autor demonstra que antes a apreciação de uma obra de arte se dava nos museus, teatros e galerias de artes, entretanto, agora o espetáculo acontecia por meio do cinema, rádio e televisão. Para Hobsbawm, a imagem em movimento, o vídeo seria grande arte do século XX. Do mesmo modo, Edward Palmer Thompson buscou incorporar ao materialismo histórico a dimensão da cultura, demonstrando em sua análise que as transformações da percepção do tempo com o advento da Revolução Industrial evidenciaram que o tempo é uma construção social e cultural da sociedade em certo período histórico. Além disso, Thompson, na direção do pensamento de Marx, demonstrou como a tecnologia disciplinou o tempo condicionando novos hábitos e costumes em relação a percepção da passagem do tempo na História.

Em relação ao determinismo tecnológico, Hobsbawm e Thompson criticaram os esquemas lineares e deterministas de Marx, demonstrando acreditar muito mais nas potencialidades das transformações do que na certeza da transformação (BARROS, 2013, p.96). Neste sentido, as transformações tecnológicas para Hobsbawm, Sevcenko e Thompson não determinam a sociedade, mas são compreendidas a partir das suas relações com a cultura, política e economia. Portanto, podemos dizer que Hobsbawm e

Thompson trazem uma visão que não é romântica, nem tam pouco catastrófica em relação a tecnologia, mas que compreendem a historicidade desse conceito em suas relações com a sociedade. Entendido isso, vejamos como alguns autores procuraram dissolver a tecnologia na cultura do século XX, chancelando esse momento como um divisor de água “modernidade” e “pós-modernidade”.

1.1.4. MODERNIDADE/ MODERNISMO E PÓS-MODERNIDADE/ PÓS-MODERNISMOS

A expressão modernidade, no âmbito da história da cultura ocidental, representa um conjunto de processos de intensas modificações ocorridas ao longo da História Moderna e Contemporânea. Assim, a modernidade é uma palavra polissêmica que pode representar um período histórico, que se inicia com a revolução industrial e com o modo de produção capitalista (BARROS, 2011). Ou ainda, um sistema de pensamento que marca a mudança de paradigma na teoria do conhecimento pelas obras de René Descartes, Immanuel Kant, Hegel entre outros. No âmbito da literatura especializada, inspirada pelo pioneirismo dos referidos autores, a modernidade, ficaria conhecida pela conformação de suas ideias conforme os seguintes princípios: autonomia da razão, progresso e humanidade²².

Situada no âmbito do progresso, a tecnologia foi adquirindo uma nova qualidade e dimensão no âmbito da modernidade e da formação da cultura ocidental no século XX. Dito isso, iniciaremos nossa análise pela visão de Marshall Berman do livro *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade* (1985).

Marshall Berman foi um escritor e filósofo expoente do materialismo histórico e da Escola do Marxismo nos Estados Unidos. Em seu referido livro, buscou descortinar a condição moderna no século XIX e XX por meio de análise da sociedade e da cultura. Esse estudo foi atrelado à noção de uma dialética da modernidade e dos modernismos. Para o autor, a modernidade deveria ser definida como a experiência de homens e mulheres modernos considerados não apenas como objetos da modernização, mas como sujeitos deste processo histórico que segundo Berman é dialético e contraditório em sua essência:

²² O paradigma da modernidade teve grandes influências na conformação da Filosofia da História durante os séculos XVII, XVIII tendo como principais expoentes Kant e Hegel. E posteriormente incidiu na formação científica da História pelo positivismo francês e pelo historicismo alemão.

O caminho largo e aberto é apenas um entre muitos outros possíveis, mas tem suas vantagens. Ele nos permite ver uma grande variedade de atividades artísticas, intelectuais, religiosas e políticas como partes de um processo dialético. E desenvolver uma interação uma interação criativa entre eles. Ele cria condições para o estabelecimento de um diálogo entre passado, o presente e o futuro. Ele transpõe fronteiras do espaço físico e social, revelando solidariedades entre grandes artistas e pessoas comuns e também pessoas que vivem em várias regiões do mundo (BERMAN, 2007, p.11).

Para Berman (1985/2007) a modernidade significa as experiências vitais dos seres humanos ligados a suas percepções de tempo e espaço projetado no passado, presente e futuro. Neste contexto, a experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, religião e ideologia, ao mesmo tempo em que traz em seu seio uma unidade paradoxal, unidade da desunidade. Neste sentido, Berman buscou explorar e mapear a variedade de tradições próprias da modernidade para compreender o nosso senso do que seja a modernidade.

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimentos científicos em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo da vida das pessoas, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões arrancando de seu *habitat* ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano, sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que bem nos embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades (BERMAN, 2007, p.25).

Por sua vez, a modernidade reorganizou a política em Estados nacionais poderosos e estruturados pela burocracia que visavam expandir seus poderes para outros territórios, houve a formação de movimentos de massas desafiando o poder central de suas nações e o poder do capital. De todo modo, o capitalismo se expandiu a partir da consolidação de mercado mundial, flutuante e em constante expansão. Para Berman, “No século XX, os processos sociais dão vida a este turbilhão mantendo num estado perpétuo de vir-a-ser, vêm a chamar-se modernização, ou como diria Marx ser moderno é fazer parte de um mundo no qual “Tudo que é sólido se desmancha no ar” (BERMAN, 2007, p.24-25).

Berman (1985/2007) define três fases, que segundo ele, são cruciais para o entendimento das experiências que homens e mulheres compartilharam ao longo de séculos de formação da cultura moderna. A primeira fase compreende o século XVI e vai até o século XVIII, período no qual as pessoas estão ainda experimentando as inovações da modernidade e tem pouco senso do que seja a vida moderna. Já a segunda fase revela a onda revolucionária de 1790 e a que acompanha o século XIX, quando essa “onda” revolucionária ganhou força entre as massas desencadeando convulsões na vida pessoal, social e política. Para mais, o século XIX foi marcado por essa dicotomia de viver em dois mundos e que faz emergir a ideia de modernismo e modernização. E a terceira fase foi o século XX período no qual o processo de modernização se expande pelo mundo todo e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge muitos triunfos na arte e no pensamento.

A modernidade teve seus efeitos no pensamento de alguns escritores ao longo do século XIX que atacaram esse ambiente e suas contradições, todavia, alguns deles estavam sensíveis as novas possibilidades que a modernidade podia oferecer. Segundo Berman (1985/2007) escritores como Marx e Nietzsche tiveram um papel essencial na história da modernidade e dos modernismos. Nietzsche foi considerado um dos mais influentes pensadores para o modernismo do século XX, já Marx mesmo não sendo associado a nenhum modernismo, em seus escritos apresentava a experiência de se viver as contradições da modernidade. De acordo com Berman (1985/2007) os dois autores vão tratar de temáticas que mesmo sendo diferentes em alguns pontos tratam da modernidade e de suas consequências para a humanidade.

Segundo Berman, Karl Marx ao escrever sobre o capitalismo, as lutas de classe e revolução proletária demonstrou que a modernidade e seu sistema econômico, político, social e cultural têm suas bases na contradição. Assim, seus estudos revelaram um dos principais anseios do seu período a “fé” modernista. Para Marx, a chave da superação das contradições modernas estava nos proletários que, ao assumirem o controle dos meios de produção, instalariam uma nova ordem política e econômica salvando o mundo moderno. Neste contexto, para Marx na modernidade nada se estabiliza tudo está em constante movimento dialético e contraditório. Assim, para Berman (1985/2007) Marx deixou muitas interrogações acerca do futuro da modernidade, que no caso é a virtude dos modernismos.

Os escritos de Nietzsche também revelam preocupações e sentimentos em relação a vida moderna similares ao de Marx. Os dois autores compreendiam que as

correntes modernas eram irônicas e dialéticas, já que os ideais cristãos de integridade da alma e a aspiração à verdade levaram o cristianismo ao colapso. Para Nietzsche o resultado disso constitui a “morte de deus”. A modernidade viu o nascimento do niilismo e de um vazio de valores, ao mesmo tempo em que abriu caminho para uma imensidão de possibilidades. Assim, deposita sua fé em uma espécie de “super-homem”. De todo modo, muitos foram os pensadores que evidenciaram as contradições criadas pelo avanço tecnológico e o vazio dos valores da modernidade, mas ainda acreditavam nas potencialidades de suas contradições, por exemplo: Dostoiévski, Carlyle, Kierkegaard, Baudelaire, Melville entre outros.

Outra questão trabalhada por Marshall Berman foi a da transformação do modernismo no século XX e sua expansão nas mais variadas formas de pensamento, arquitetura, pintura, escultura, design e mídia eletrônica, além de um variado conjunto de disciplinas científicas. Para Berman (1985/2007) o pensamento moderno tinha se desenvolvido de várias formas depois de Marx e Nietzsche, todavia, no século XX houve um achatamento de perspectiva em relação aos pensadores do século passado. A modernidade fora condenada por uma atitude de distanciamento e de indiferença ou ainda encarada por um entusiasmo cego e acrítico entre polarizações e totalizações achatadas de perspectivas (BERMAN, 2007, p.35).

A tecnologia avançava provocando manifestações em todas as esferas sociais, a máquina se tornou uma arma destrutiva, mas também uma forma de poder para a humanidade. Para Berman (1985/2007) esse entusiasmo cego e cheio de polarizações surgia com o movimento artístico e literário dos futuristas italianos no começo do século XX. Seu desejo era o de fundir suas energias com a tecnologia moderna para “desbravar o mundo”, aonde a tradição moderna seria enterrada e o futuro seria construído com as máquinas. Os futuristas negavam as correntes artísticas e de pensamento da modernidade levando a celebração da tecnologia por um senso acrítico, afastando-se do povo, da humanidade. Para Berman, esse tipo de modernismo se configurou pela máquina estética após a primeira guerra mundial e as tecno-pastorais pelas obras de Bauhaus, Gropius e Mies Van der Roche, Le Corbusier, Léger e Oscar Niemeyer. Após a segunda guerra mundial, ela reaparece na alta tecnologia por Buckminster, Fuller, Marshall McLuhan e Alvin Toffler.

Segundo Berman, entretanto, há o oposto desta visão que se consagrou por alguns críticos da modernidade como Max Weber, que não depositava fé na capacidade dos homens e mulheres de seu tempo e que concebia a modernidade como um cárcere

que tendia a ter uma postura semelhante à visão dos modernistas futuristas, na qual o “homem moderno” não seria sujeito do seu processo histórico, mas ele seria condicionado e determinado pelas máquinas, por exemplo, na visão distópica consagrada no livro de Georg Orwell “1984” (1949), em que temos uma sociedade totalitária dominada pela alta tecnologia.

Como já demonstrado a obra de Herbert Marcuse “homem unidimensional” teve impacto entre os pensadores do século XX tornando-se um dos paradigmas dominantes do pensamento crítico nas décadas de 1960. O paradigma unidimensional interpretava a modernidade com desprezo já que ela seria constituída pelas máquinas, das quais homens e mulheres são apenas reproduções mecânicas (BERMAN, 2007, p.40-41) e o tema também é colocado em pauta por Berman.

Assim, a década de 1960 desvelou um contexto amplo e cheio de controvérsias sobre o sentido da modernidade e a natureza dos movimentos modernistas que ficaram muito conhecidos em meados do século XX. Como já observarmos, Hobsbawm (1994) havia mencionado o movimento modernista e seu caráter utópico com o advento das transformações tecnológicas. Para Berman (1985/2007) o que aconteceu foi que o pensamento no século XX se voltou para a natureza do modernismo podendo ser dividido em três atitudes diante da vida moderna: afirmativo, negativo e ausente.

O modernismo ausente se esforça por colocar fora da vida moderna sua preocupação com a própria arte, a busca pela arte-objeto pura se consagrando como ausência de relação. Esse modernismo aparece tentando libertar o artista das impurezas e vulgaridades da modernidade. Para Berman estão entre alguns pintores, escritores e filósofos dessa corrente Roland Barthes e Clement Greenberg. Por outro lado, surgiu a visão de um modernismo negativo e interminável, permanente revolução contra a totalidade da existência, em que a destruição da tradição e dos valores modernos sem se preocupar em reconstruí-los tende ao deixar de lado toda visão positiva em relação à vida, tendo como representantes: Renato Poggioli e Harold Rosenberg. Há ainda a visão afirmativa de modernismo, que se baseou em uma sociedade ideal isenta de contradições, que fez surgir a ideia neoconservadora de um mundo impermeável à subversão modernista. Segundo Berman seus principais expoentes são: Marshall McLuhan, John Cage, Lawrence Alloway, Susan Sontag e Robert Venturi.

De acordo com Berman (1985/2007) os modernismos e os anti-modernismos criaram uma linguagem comum e um horizonte de expectativas e de visões e revisões sobre a modernidade. Todas essas visões e atitudes que tentaram ajudar os homens e

mulheres a viver no mundo moderno pela emancipação humana ou ainda pela negação fizeram com que a década de 1970 fosse um período de ausência dos modernismos possibilitando então o surgimento do pós-modernismo. Para o autor, o pós-modernismo riscou do mapa a modernidade retalhando em uma série de componentes isolados, como a industrialização, mercados, elites e cultura, acelerando o processo de desintegração do mundo pelo individualismo do isolamento da humanidade.

A modernidade, portanto, perdeu sua auto-reflexividade para um vazio da pós-modernidade, em meio à fragmentação do homem e à proeminência do individualismo em uma sociedade cada vez mais tecnológica. Assim, Berman (1985/2007) argumenta que a modernidade e seus modernismos podem fazer com que os homens e mulheres que vivem no mundo contemporâneo encontrem suas próprias raízes modernas a fim de se apropriarem das modernidades de ontem para que possam tecer uma crítica à modernidade de hoje.

Berman demonstrou ser um crítico do materialismo histórico ao transcender os determinismos econômicos e tecnológicos em sua análise. Suas investigações colocaram em interação toda tradição cultural moderna do ocidente com a dimensão tecnológica e econômica que marcam as transformações do século XX. Todavia como marxista manteve a fé nos sujeitos históricos para superação das contradições da modernidade. Para Berman, as transformações acarretadas pela tecnologia representaram um dos componentes para a conformação da modernidade e dos modernismos na sociedade contemporânea.

Todavia, na medida em que a modernidade provocava um “turbilhão” de transformações na cultura e na sociedade através do avanço tecnológico surgiria então a expressão pós-modernismo e pós-modernidade²³ marcando uma ruptura decisiva no sistema de pensamento da cultura ocidental.

Jean- François Lytoard publicou o livro *A condição pós-moderna* (1979)²⁴ ascendendo o debate sobre a pós-modernidade. Nesta obra o autor discorre sobre “o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX” (LYTOARD, 1986, p.XV). Nele, o

²³ Segundo Barros (2011) é um conceito de difícil definição, sendo muitas vezes utilizados como sinônimo para referenciar o surgimento de um novo circuito cultural ou artístico ou novo período da história contemporânea que produz o pós-modernismo. Todavia, esses conceitos já foram empregados de várias formas não significando que nem tudo que é pós-modernista está na época pós-moderna, pois em nosso presente convivem o moderno, o pós-moderno e o tradicional (BARROS,2011).

²⁴ Para compreender o debate teórico entre modernistas e pós-modernistas sobre o fim da modernidade, ver: Habermas “*Modernidade: um projeto inacabado*” (1981).

autor analisou como a ciência produziu seu conhecimento em meio a sociedades informatizadas e consumistas. Com isso sinalizou que a ciência e a tecnologia produzem agora a riqueza do capitalismo contemporâneo transformando-se em sua força motriz. Força que implica na perda da crença nas metanarrativas e das perspectivas totalizadoras de compreensão do mundo, já que para Lytoard (1986) o projeto de emancipação humana da modernidade não seria mais suficiente para legitimar o discurso tecno-científico contemporâneo.

Por sua vez, David Harvey no livro *Condição pós-moderna* (1979) analisou a pós-modernidade no âmbito da questão espacial-temporal. Na obra, o autor irá desenvolver a ideia de que o século XX arregimentou o tempo e o espaço de maneiras distintas, uma vez que permitiu a replicação, à moda dos robôs do filme *Blade Runner*, da memória. Para o autor, a replicação da memória, mediante a homogeneização dos processos e mecanismos de individualização, seria essencial para que a relatividade do tempo se efetivasse, tornando possível que ocupando menos tempo no mundo, o sujeito também fosse capaz de experienciá-lo em longo prazo ou, por via contrária, ampliasse seu espaço de ocupação, com a maior replicação de sua memória.

Por conseguinte, as repercussões do pensamento pós-moderno no que diz respeito às metanarrativas impactaram diretamente os estudos históricos sendo um divisor de águas na historiografia contemporânea. Para além do bem e do mal o pós-modernismo provocou uma crise no campo da História a partir de intensos debates sobre o sentido da História no tempo presente²⁵.

Dessa seara, Fredric Jameson, teórico marxista e crítico literário norte-americano, tratou em seu livro *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* (1984), abordando mais diretamente as características sociais e culturais do pós-modernismo na virada do século XX para o XXI. Para Jameson (1984/1991) mais do que uma transformação artística ou estética o pós-modernismo marca um novo estágio do modo de produção capitalista, denominado por ele de capitalismo tardio ou um terceiro momento do capitalismo configurando-se na pós-modernidade como uma nova estrutura econômica. Assim:

²⁵ Ver essa discussão em: Ankersmit (1989), Barros (2004), Cardoso (1998), Ginzburg (1989), Hayden White (1989), Dosse (1994), Keith Jenkins (2001), Rüsen (2001), Koselleck (1975) e Prost (1996).

Minha exposição vai focar um dos elementos constitutivos do pós-moderno: uma nova falta de profundidade, que se vê prolongada tanto na teoria contemporânea quanto em toda essa cultura da imagem e do simulacro; um conseqüente enfraquecimento da historicidade tanto em nossas relações com a história pública quanto em nossas formas de temporalidade privada, cuja estrutura esquizofrênica (segundo Lacan) vai determinar novos tipos de sintaxe e de relação sintagmática nas formas mais temporais de arte; um novo tipo de matriz emocional básico – a que denominarei “intensidades” -, que pode ser mais bem entendido se nos voltarmos para as teorias mais antigas do sublime a profunda relação constitutiva de tudo isso com a nova tecnologia, que é uma das figuras de um novo sistema econômico mundial (JAMESON, 1991, p.32).

Para Jameson (1984/1991) o pós-modernismo não pode ser encarado a partir de uma visão de cultura hegemônica, pois, toda produção cultural do tempo presente seria produto da pós-modernidade. O pós-moderno, todavia, seria um campo de forças em que vários tipos diferentes de impulsos culturais e de forças residuais ou emergentes de produções culturais estão encontrando seu caminho. Em seu livro Jameson buscou evidenciar a concepção de uma nova norma cultural e sistemática e de sua reprodução na sociedade, a fim de fazer uma reflexão política cultural da nossa história recente. Segundo Campos (2009), Jameson alinhou-se a Lukács, Adorno e Horkheimer ao reconhecer a validade da questão da reificação das relações sociais provocadas pelo capitalismo para sua explicação, mas distanciou-se dos mesmos ao situar o pós-modernismo somente a partir das transformações econômicas e culturais da década de 1970. Assim, em Jameson, as utopias ou distopias formuladas por aqueles autores constituíam uma espécie de História do Futuro em que o pós-modernismo foi anunciado, mas não efetivado.

Na análise de Jameson (1984/1991) a conformação de uma periodização histórica a partir da noção de modo de produção é central para sua análise sobre o pós-modernismo. Nesse quadro, as mudanças que caracterizam o pós-modernismo advêm das transformações no modo de produção capitalista representando um novo momento histórico que se dissemina pela sociedade através da lógica cultural de um novo estágio de dominação do modo de produção. Neste sentido, como um teórico marxista Jameson, se apropria do repertório teórico do materialismo histórico para formular suas reflexões, tendo em vista que os processos de dominação social ainda se encontram nas relações econômicas e no modo de produção capitalista. Por conseguinte, a tecnologia na análise de Jameson seria um dos componentes essenciais para essa nova estruturação do

capitalismo tardio, sendo um dos fatores que compõem a lógica cultural pós-moderna e que incide na forma de dominação do capitalismo sobre a sociedade.

Com preocupações similares, o filósofo italiano Gianni Vattimo escreveu o livro *O fim da modernidade* (1985), em que se propôs a refletir sobre as condições de existência do mundo industrial tardio e as intuições filosóficas de Nietzsche e Heidegger. Do ponto de vista de Nietzsche e Heidegger, a modernidade se caracteriza pela ideia da história do pensamento como iluminação progressiva que se desenvolve na apropriação e na reapropriação cada vez mais plena dos fundamentos que são pensamentos como origens. Por sua vez, o pós-moderno indica uma despedida da modernidade, na medida em que quer fugir de sua lógica de desenvolvimento a partir de uma releitura do original. O pós-moderno quer se despedir de seu tributo ao passado por um novo que se reinventa, quer reinventar sem o ônus, mas também sem o ônus da modernidade. Assim o pós-moderno não se caracteriza apenas como novidade em relação ao moderno, mas segundo Vattimo (1985) significa a dissolução da categoria de novo como experiência do fim da História.

Para Vattimo (1985), a experiência do fim da História parece estar amplamente difundida na cultura ocidental do século XX, sobretudo, sustentada pela retórica de uma catástrofe atômica. Neste sentido, o fim da História seria representado como o fim da vida humana na terra e que pode estar relacionado com as posições filosóficas de Nietzsche e Heidegger, que invocam um retorno às origens do pensamento europeu e de uma visão do ser não ainda invalidada pelo niilismo implícito em toda aceitação do devir que depende do surgimento e desenvolvimento da técnica com todas as suas implicações destrutivas (VATTIMMO, 1985, p.X).

De acordo com Vattimo (1985) a pós-modernidade se caracteriza por um novo modo de viver a experiência indicada com o termo fim da História. Na verdade, significa o fim da historicidade, como distinção da História como projeto objetivo no qual estamos inseridos e a historicidade como um modo determinado de ter consciência dessa inserção. Segundo Vattimo, o que ao contrário caracteriza esse fim da História na experiência pós-moderna é que, enquanto na teoria a noção de historicidade se torna cada vez mais problemática, na prática historiográfica e em sua autoconsciência metodológica, a ideia de uma História como processo unitário se dissolve, instaurando-se na existência concreta, as condições efetivas, não apenas da ameaça de uma catástrofe atômica, mas, sobretudo dos sistemas de informação e da técnica conferindo-

lhe uma imobilidade não-histórica mediante a criação de eventos fora do tempo ou de sua convalidação (VATTIMMO, 1985, p.XI).

Assim, a constatação da experiência de que vivemos uma pós-história nos termos de Arnold Gehlen (1904-1976)²⁶, ganhou forma quando o progresso se tornou rotina pela intensificação do controle da natureza pela tecnologia. Segundo Vattimo a sociedade do consumo não tem nada de revolucionária porque ela permite que as coisas continuem da mesma forma, configurando-se na experiência de imobilidade do mundo técnico, anunciada pelos escritores de ficção científica, que representaram a redução da experiência da realidade por um tempo que seria percebido pela multiplicidade de imagens. Dessa forma, a não-historicidade do mundo técnico, para Vattimo reside na própria noção de História na cultura contemporânea que opera a partir da dissolução da filosofia da História na prática atual e na consciência metodológica da historiografia. Com isso, a dissolução da História pela ruptura com a sua unidade foi impulsionada pelos meios de comunicação que através da recolha e transmissão das informações disseminaram “centros de História” pelo mundo.

Segundo Vattimo (1985), a história contemporânea não é apenas a do tempo cronológico, mas é uma História de uma época em que tudo, mediante o uso dos meios de comunicação tendem a alinhar-se produzindo uma des-historicização da experiência que se reflete não apenas no plano teórico, mas também se coloca na sociedade da informação, na prática historiográfica, na autoconsciência social e nas artes.

Para Vattimo (1985), a filosofia de Nietzsche e Heidegger evidenciou que a tecnologia moderna era o sinal de um mundo que se caracterizaria pela negação da liberdade sendo a arte a única atividade criadora que poderia salvar a humanidade. Do mesmo modo, Vattimo assinalou que a tecnologia possibilitou que os meios de comunicação criassem uma atmosfera na qual os seres humanos passaram a perceber o tempo pela multiplicação das imagens do mundo. Segundo Vattimo o niilismo configurado em seu lado positivo seria o único modo de fundar um novo modo de compreender o homem e seu mundo proporcionando uma reinvenção da estética e das artes antes de serem suprimidos pela tecnologia (CESAR, 2013). No que tange à

²⁶ É um filósofo e sociólogo alemão que teorizou as noções de fim da História e pós-História. Assim para Arnold Gehlen o desenvolvimento tecnológico levou a sociedade a um estado de “motilidade perpétua” em que tudo se reproduz e se repete incessantemente gerando a estase em História e a uma cristalização cultural. O conceito denominado de pós-história para Gehlen está relacionado a um movimento da História em que tudo é simultâneo onde as ideias de progresso e renovação não cabem mais no mundo pós-moderno (PECORARO, 2009).

História, Vattimo ao proceder sua crítica à modernidade colocou em evidência questões sobre a natureza do conhecimento histórico e sua prática na pós-modernidade. Portanto, Vattimo demonstrou que a unidade da História conformada na modernidade, fora diluída na pós-modernidade, a partir da não-historicidade criada pelo mundo da técnica, o que não significa o fim da História, mas sim uma transformação em seus fundamentos.

No mesmo sentido das discussões sobre o pós-modernismo, o historiador marxista e ensaísta crítico Perry Anderson se propôs a elaborar um ensaio intitulado *As origens da pós-modernidade* (1998), em que o discorre sobre as origens das versões sobre pós-modernismo na história. Segundo Anderson (1998), o objetivo do ensaio foi o de fornecer um relato histórico das origens da ideia de pós-modernidade, um balanço que identificasse as formas espaciais, políticas e intelectuais para o surgimento do termo. Neste sentido para Anderson, o pós-modernismo seria muito mais que uma ideia constituindo um fenômeno, cuja origem:

Pós-modernismo” como termo e ideia, supõe o uso corrente de “modernismo”. Ao contrário da expectativa convencional, ambos nasceram numa periferia distante e não no centro do sistema cultural da época: não vem da Europa ou Estados Unidos, mas da América Hispânica. Devemos a criação do termo “modernismo” para designar um movimento estético a um poeta nicaraguense que escrevia num periódico guatemalteco sobre um embate literário no Peru [...] Assim, também a ideia de um pós-modernismo surgiu pela primeira vez no mundo hispânico, na década de 1930, uma geração antes do seu aparecimento na Inglaterra ou Estados Unidos. Foi um amigo de Unamuno e Ortega, Frederico de Ónis, que imprimiu o termo postmodernismo e o usou para descrever um refluxo conservador dentro do próprio modernismo (ANDERSON, 1998, p.9-10).

De origem ibero-americana o termo pós-modernismo se disseminou e chegou até a Europa e aos Estados Unidos representando um movimento artístico e literário que rompia com a modernidade e os modernismos. De acordo com Anderson (1998) de uma expressão que remetia a um movimento artístico, o termo passou a ser empregado para identificar uma ruptura no sistema de pensamento ocidental, que representaria uma mudança de paradigma na teoria do conhecimento. Esse embate ficou materializado pelas discussões entre dois pensadores, Lytoard e Habermas. Segundo Anderson (1998) com o ensaio de Fredric Jameson sobre o pós-modernismo teremos uma análise do ponto de vista do modo de produção e da economia, no qual se investigou a formação de uma nova fase do capitalismo pelas transformações culturais. Por fim, para Anderson

a questão da pós-modernidade e de sua investigação deve residir no fato de que ela está inserida no processo histórico-cultural de formação da modernidade e não no seu fim.

Neste contexto, no qual o pós-modernismo se desdobra como um movimento artístico ou ainda como uma corrente de pensamento, a tecnologia se tornou uma dimensão fundamental para o pós-modernismo e a pós-modernidade. Na análise de Jameson vimos o deslocamento da expressão pós-modernismo do campo artístico e estético para o da vida cultural e material da sociedade. Por sua vez, na análise de Gianni Vattimo a tecnologia promoveu a des-historicização da experiência humana no tempo, que agora passava a ser percebido em sua pluralidade de imagens, onde o progresso virou rotina promovendo a imobilidade da sociedade causada pelo mundo técnico. De todo modo, na análise de Perry Anderson o pós-modernismo e a pós-modernidade foi esmiuçada como um fenômeno histórico e cultural que tem seus desdobramentos no contexto das mudanças de paradigmas na história do pensamento ocidental, bem como nas estruturas do capitalismo que se configurou em uma nova fase.

Segundo Barros (2011), Jameson examinou a formação de um novo mundo, no qual houve a reestruturação do capitalismo pelas multinacionais aonde o avanço tecnológico e comunicacional deu origem à economia globalizada possibilitando a conformação de um novo tipo de capitalismo a uma nova fase da história denominada pós-modernidade. A mídia ganhou um poder ilimitado e a cultura se expandiu e fundiu-se com a economia transformando qualquer objeto em mercadoria. Para Jameson, aconteceu uma mudança estrutural na sociedade que transcende o movimento artístico ou a corrente de pensamento tornando-se um fenômeno do capitalismo.

Neste sentido, o pós-modernismo seria um novo período da história onde se fundamenta uma nova sociedade, a pós-modernidade em que a tecnologia e a economia promovem uma mudança cultural, na medida em que a expansão tecnológica da comunicação se tornou a principal fonte de inovação e lucro para as multinacionais. Consoante, o capitalismo se organizou em um novo modo de produção no qual as relações de trabalho se tornaram precárias pela introdução massiva da tecnologia nos processos de produção e serviços que fazem com que a mão de obra se torne precária e barata. A cultura, por sua vez, se tornou produto do capitalismo e como consequência as artes e as produções intelectuais perderam a sua profundidade pela conformação de um novo tipo de volatilidade e superficialidade presentes nas relações humanas.

O capitalismo e seu novo modo de produção aceleraram ainda mais o tempo, porque baseado na ideia de inovação tecnológica e global as noções de tempo e espaço

se diluíram em uma unidade global ocasionada pela emergência de uma nova forma de individualidade na economia. De todo modo, essa unidade global acarretou a perda de historicidade pela ascendência do espacial sobre o temporal, graças a instituição cotidiana da simultaneidade de eventos através da formação de redes globais de comunicação virtual (BARROS, 2010).

De acordo com Barros (2010) as questões levantadas por Fredric Jameson na análise sobre o capitalismo tardio e a pós-modernidade perpassam ainda o universo da historiografia, pois a História e sua historiografia tão dependentes do passado e dos “espaços de experiência” e “horizontes de expectativas” (KOSELLECK, 1999) veem suas antigas certezas da historiografia acadêmica serem abaladas pela produção cada vez maior de simulacros de histórias incorporados ao mercado global de objetos de consumo culturais (BARROS, 2010).

Segundo Jameson surge então uma economia cultural baseadas em novas noções de tempo e espaço com novos recursos para a produção cultural e para as relações de trabalho na sociedade incidindo em uma nova forma de identidade para os indivíduos (SHINN, 2008). Neste contexto, o trabalho do historiador e sua identidade se modificaram, na medida em que a historiografia também se transformou em objeto de consumo, graças aos novos interesses da mídia, que acabaram que por criar novos padrões de operação historiográfica, em que questões inerentes ao trabalho do historiador, a saber: atenção a enunciados verdadeiros e precisão no trabalho documental deslocaram-se para um segundo plano (BARROS, 2010).

Destarte, tanto num, quanto noutro autor, a transitoriedade e a necessidade de mudança, bem como o esvaziamento ou a superficialidade do discurso são características constantes de uma sociedade que se integra e uniformiza sem, no entanto, transcender. Para ambos, trata-se de uma replicação que tende ao infinito com a finalidade de se retro-alimentar, mantendo o *status quo* vigente. A tecnologia é seu dispositivo e sua disposição, e, tanto num quanto noutro papel, se apresenta muito mais como ficção do que como objeto passível de historicização. Dito isso, prosseguiremos com nossa análise a partir de alguns autores que discorreram sobre o surgimento de uma nova denominação para a sociedade: a pós-industrial que nos levaria a era informacional.

1.1.5 DA SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL À SOCIEDADE EM REDE

A expressão sociedade pós-industrial surgiu na França, com a publicação do livro *A sociedade post-industrial* (1969) de Alain Touraine. O livro foi produzido em um contexto de agitação social, como o maio de 1968 e a greve geral dos trabalhadores franceses. Posteriormente, o termo também foi utilizado no contexto norte-americano pelo sociólogo Daniel Bell com a publicação do livro *O Advento da Sociedade pós-industrial* (1973).

De acordo com Alain Touraine (1970), uma mudança radical nas estruturas sociais estava se processando durante a década de 1960. Para este autor, o processo de modernização industrial havia dado origem a uma sociedade orquestrada por outras relações de produção. Neste sentido, uma nova fase do capitalismo fez com que o trabalho assalariado perdesse sua centralidade, isto é, a forma de acumulação do capital foi suplantada por uma nova forma de organização social, agora voltada para o consumo, pela centralidade do conhecimento e da informação e pelo poder tecnocrático:

Estão a formar-se, à nossa vista, sociedades dum novo tipo. Chamar-lhe-emos sociedades post-industriais, se quisermos marcar a distância que as separa das sociedades de industrialização que as precederam e que com elas se encontram ainda misturadas, tanto sob a sua forma capitalista como sob sua forma socialista. Chamar-lhes-emos sociedade tecnocrática, se as quisermos designar pelo nome do poder que as domina. Chamar-lhe-emos sociedade programada, se procurarmos defini-las, em primeiro pela natureza do seu modo de produção e de organização do trabalho. Todas essas expressões tem em comum o facto de definir uma sociedade pela sua realidade histórica ou, melhor pela sua historicidade, pelo tipo de ação exercida pela sociedade sobre si mesma, numa palavra, pela sua práxis (TOURAINÉ, 1970, p.7).

Para Touraine (1970) a sociedade pós-industrial se define pelo crescimento econômico, todavia, os particularismos da vida privada, das sociedades locais e das relações sociais não representam mais as formas de dominação, eles se modificaram pela penetração e destruição das fronteiras com a crescente mobilidade geográfica e social efetivada, pela difusão dos *mass media* com publicidades e propagandas e por uma participação política mais ativa do que a anterior. O crescimento econômico está relacionado na sociedade pós-industrial pelos fatores sociais, mas do que os de acumulação do capital. Assim, esse crescimento depende diretamente do conhecimento e da capacidade da sociedade em produzir inovação. Com isso, quer se trate da

investigação científica e técnica, da formação profissional, da capacidade de programar a mudança, de controlar as relações entre os elementos e de gerir as organizações e os sistemas de relações sociais, todos ainda estão integrados pelas forças de produção (TOURAINÉ, 1970, p.10).

Por conseguinte, a dominação social na sociedade pós-industrial se organiza de três formas, a primeira forma está na integração social pelo aparelho de produção que impõe comportamentos de acordo com seus objetivos e sistemas de poder. Os atores sociais não participam apenas do modo de produção, mas do consumo e da formação de sistemas de organização e de influência que mobilizam. Em segundo, temos o da manipulação cultural que não se situa somente no interior das relações de produção, mas penetram nas relações sociais pelo trabalho e pela educação. E por fim, essa sociedade burocrática seria dominada por grandes organizações políticas e econômicas que se orientam pelo controle do poder político pela técnica.

Nesse quadro, a sociedade pós-industrial seria uma sociedade de alienação, não por reificar a consciência da classe de trabalhadores, mas por manipulá-los e integrá-los à sociedade.

O conflito se incrementa quando um esforço de ruptura se associa a um esforço de desenvolvimento independente e que se revolta contra as forças dominantes de produção. A desalienação então seria o reconhecimento do conflito social que se interpõe entre os atores sociais e os valores culturais. Daí, a importância da categoria juventude para Touraine, já que para ele foi a que mais sofreu com mutações sociais devido à obsolescência das suas próprias capacidades produtivas dado o rápido avanço da ciência e da tecnologia, mas ao mesmo tempo seria a categoria que pelas relações de consumo e de participação mais se integrava à sociedade contemporânea (TOURAINÉ, 1970).

Assim, a juventude se tornou capaz de subverter as antigas relações entre patrão e assalariado no âmbito das relações de produção transformando-se na categoria aonde nascem os novos conflitos sociais e o poder de resistência dos atores sociais. Os conflitos sociais que se formam nesta sociedade não são da mesma natureza da sociedade industrializada, já que opõem menos o capital ao trabalho do que os aparelhos de decisão econômica e política que submetem a população a uma participação dependente. Segundo, Touraine (1970) a categoria juventude seria a que mais luta contra a tecnocracia por meio da sublevação social e cultural, mais ainda do que pela subversão econômica. Portanto, agora as lutas sociais não são mais travadas no âmbito

das relações econômicas e das coletividades, mas contra o poder de integração, manipulação e agressão que atinge todos domínios da vida social e que formam o conjunto da personalidade que se mobiliza.

Na esteira dessa concepção, Daniel Bell (1974) tomou como referencial empírico o exame da sociedade norte-americana e a partir daí demonstrou que a sociedade pós-industrial se formou com a mudança na atividade econômica, da produção industrial para a prestação de serviços. Para Bell as indústrias organizaram-se por meio do saber tecnológico e do poder da informação, que agora têm na robótica e informática uma nova forma de hierarquização do poder com o aparecimento de uma nova elite: a que detêm os conhecimentos técnicos.

Segundo Bell (1974) essas mudanças afetaram as classes sociais fazendo com que trabalhadores manuais e não qualificados fossem reduzidos em detrimento do aumento de mão de obra qualificada. Além disso, os sindicatos foram se transformando com a crescente incorporação da classe média. O trabalho então, não seria mais a categoria central na sociedade pós-industrial, as categorias que ganham projeção nesse cenário são a ciência e a tecnologia, que agora desempenham uma função essencial para se compreender a sociedade. Com isso, os conflitos se deslocam do poder e do trabalho para a ciência e para a tecnologia, sendo que o domínio sob a sociedade não seria mais econômico e sim político (BERTERO, 2012, p.2-4).

Na sociedade pós-industrial os critérios que garantem o novo poder são a mudança no caráter do conhecimento. O conhecimento teórico ganha centralidade na sociedade fazendo com que a sociedade funcione pela geração de conhecimentos e inovações. De acordo com Bell (1974) antes as figuras que representavam o poder eram o empresário ou o homem de negócios, agora são os cientistas e engenheiros que produzem a nova tecnologia industrial. Portanto, neste contexto a sociedade passa a ser orientada pela meritocracia, sendo essa orientada pela tecnologia.

Por conseguinte, para esses autores as modificações econômicas, políticas e culturais dos anos de 1960 irromperam em um novo tipo de sociedade, a pós-industrial. Para eles, o que caracteriza a sociedade seria substituição de uma forma de dominação econômica para uma dominação através da cultura. Neste contexto, o trabalho e as indústrias não ocupam mais a centralidade na organização social, mas são agora dominados pela informação e conhecimento (TOURAINÉ, 1970) fazendo com que ciência e a tecnologia se transformem em categorias centrais para se compreender a sociedade (BELL, 1974).

Na confluência das análises sobre a sociedade pós-industrial e as mudanças no modo de produção capitalista e das estruturas sociais nas últimas décadas do século XX, o sociólogo Manuel Castells publicou a trilogia *A sociedade em Rede* (1996) visando descortinar as facetas dessas transformações formulando sua teoria da “cultura da virtualidade real”. Sua abordagem se fundamenta em algumas balizas do materialismo histórico, quais sejam: as relações entre produção, experiência e poder. As sociedades são organizadas em processos estruturados por relações historicamente determinadas pela produção (ação do homem de transformar a natureza), da experiência (ação dos sujeitos de transformar a si mesmos na interação com seu espaço social) e do poder (relação entre sujeitos com base na produção e experiência em que alguns impõem a vontade de alguns sobre os outros por meio da violência física ou simbólica) (CASTELLS, 1999, p.52).

Neste sentido, Castells partiu de um estudo empírico²⁷ e com base em algumas ideias de Daniel Bell e Alain Touraine sobre o informacionalismo, como um novo modo de desenvolvimento da sociedade. Assim, buscou nas fontes estatísticas e relatórios do Banco Mundial, Organizações das Nações Unidas (ONU), Organizações para Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE) e dos relatórios oficiais dos governos de vários países do mundo as fontes para formular a hipótese de que as tecnologias da informação e comunicação reorganizaram todas as esferas da sociedade engendrando o surgimento de uma nova estrutura social, multicultural e interdependente, caracterizada por uma rede virtual e global de interação e comunicação a qual denominou de “Era da Informação”. Neste contexto, para Castells:

Meu ponto de partida, e não estou sozinho nesta conjectura, é que no final do século XX vivemos um desses raros intervalos na história. Um intervalo cujas características é a transformação de nossa “cultura material” pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação. Como tecnologia, entendo, em linha direta com Harvey Brooks e Daniel Bell “o uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de uma maneira reproduzível”. Entre as tecnologias da informação, incluo, como todo o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônicas, computação (software e hardware, telecomunicações/radiofusão, e optoeletrônica) (CASTELLS, 1999, p.67).

²⁷ Suas pesquisas foram realizadas em vários países de diversos continentes, como Ásia, América Latina, América do Norte e Europa, onde o autor buscou relacionar a identificação de uma série de processos sociais e formas organizacionais com a configuração de uma nova estrutura social impulsionada pela revolução tecnológica da década de 1970 possibilitando que o capitalismo se reestruturasse depois da crise da década de 1980.

Segundo Manuel Castells (1999), a constatação dessa nova estrutura econômica e social ocorreu pela evidência do funcionamento de um sistema de redes interligadas ou da “sociedade em rede”, que tem como principal característica operar em escala global e de modo informacional. A sociedade se configurou em rede porque as novas condições históricas favoreceram que a produtividade gerada e sua concorrência se organizassem em escala global de redes de interação e comunicação. De modo que as atividades produtivas, o consumo e a circulação de seus componentes (matéria-prima, capital, trabalho, informação, tecnologia e mercado) se estruturaram em escala global mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos e sociais. Já a informacional aconteceu porque a produtividade e competitividade de empresas, países e regiões dependem cada vez mais da capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimento (CASTELLS, 1999, p.119).

Este processo histórico tem suas raízes em um passado recente, mais precisamente na Segunda Guerra Mundial e no período da Guerra Fria, momento em que se deram as primeiras descobertas na área da eletrônica (computador e transmissor, fonte da microeletrônica), campo científico de maior incremento nos últimos anos. Contudo, a expansão e desenvolvimento acelerado das tecnologias de informação e comunicação aconteceram na década de 1970. O desenvolvimento da internet surge neste contexto, de disputas políticas e econômicas no mundo, no qual duas potências Estados Unidos e União Soviética travavam uma acirrada disputa pelo poder. Assim, a fusão entre estratégias militares, instituições científicas e inovações do movimento contra cultural possibilitaram a criação e desenvolvimento da internet. A universalidade da linguagem digital e lógica das redes de sistema de comunicação geraram as condições tecnológicas para a comunicação global (CASTELLS, 2012, p.82-83).

Para Castells os novos modos de desenvolvimento da sociedade que se deram pela conformação do paradigma da tecnologia da informação e do capitalismo informacional possibilitaram então o surgimento de um novo sistema econômico organizado por uma rede de comunicação globalizada originária dos meios de comunicação e da internet. Neste sentido, para o autor as condições históricas do tempo presente formaram a “cultura da virtualidade do real”, isto é, a transformação tecnológica possibilitou a integração dos vários modos de comunicação anteriores, como o da escrita, rádio, cinema, fotografia em uma rede multimídia de comunicação global. Assim:

A integração potencial de texto, imagens, e sons no mesmo sistema-interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível- muda de forma fundamental o caráter da comunicação. A comunicação molda a cultura porque, como afirma Postman “nós não vemos” ... a realidade... como ‘ela’ é, mas como são nossas linguagens. E nossas linguagens são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura. Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, às próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda com o passar do tempo (CASTELLS, 1999, p.414).

A internet se tornou a espinha dorsal da comunicação global em rede conectando pessoas ao redor do mundo pelo seu sistema de alcance planetário. Segundo Castells (1999), dados recolhidos por Vinton Cerf, um dos percursores da internet, no ano de 1999 demonstravam que a internet já conectava cerca de 63 milhões de computadores-servidores e 950 milhões de conexões por terminais telefônicos, 5 milhões de domínios e 3,6 milhões de páginas na internet que eram retroalimentadas por cerca de 179 milhões de usuários espalhados ao redor do mundo. No entanto, as desigualdades que também se manifestaram na internet. Analisando os dados de várias fontes, Castells (1999) evidenciou que os países industrializados representavam 88% dos usuários da internet, sendo considerada uma disparidade considerável em relação a outras regiões no mundo. Na América Latina, 90% dos usuários da internet provinham das classes sociais com rendas mais altas. No mundo inteiro há ainda a relação entre grau de escolaridade e uso da internet, pois, cerca de 90% dos usuários que navegavam pelos sites tinham diploma universitário sendo que a proporção aumentava em países como Rússia e China. A desigualdade espacial no acesso a internet seria um dos paradoxos da era da informação, devido à característica supostamente independente da tecnologia (CASTELLS, 1999, p.433-434).

Por conseguinte, para Castells o que seria historicamente específico no novo sistema de comunicação global, não seria a indução à realidade virtual, mas a construção da realidade virtual, que inverteria algumas das diretrizes do capitalismo, na medida em que ressignificava seus valores e criava um modo de produção. Com isso, o atual sistema de comunicação gerou a virtualidade do real, e que para Castells é um sistema em que a própria realidade, isto é, a experiência simbólica e material da vida humana é captada e imersa em uma composição de imagens virtuais em um mundo de

faz de conta, em que as aparências não se encontram apenas na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência (CASTELLS, 1999, p.459).

As redes sociais cumprem um papel importantíssimo na configuração desse novo modo de produção material e imaterial da existência humana. Para Castells, sempre existiram redes de sociabilidades entre indivíduos e grupos ao longo da história, todavia, o que aconteceu com a comunicação mediada por redes de comunicação virtuais foi tornar a comunicação mais aberta e democrática, pois por meio da internet as pessoas têm acesso a milhares de conteúdos podendo expressar sua opinião e escolher o conteúdo de modo mais livre. Por outro lado, as redes sociais também são formas de organização dos poderes institucionais que tendem a constrianger a sociedade utilizando-se do poder simbólico da rede.

Contudo, para Castells (2013) as redes sociais trazem novas possibilidades de interação e comunicação para os indivíduos e para as instituições que controlam a sociedade. Segundo Castells as redes sociais criaram um espaço de autonomia para a população que através da comunicação virtual podem se organizar em movimentos em rede e promover atos políticos em favor da democracia, como os movimentos “*Primavera Árabe*” e “*Occupy Wall Street*”. Portanto, para Castells a internet proporciona a formação de redes de indignação e esperança através das redes sociais online.

Por outro lado, para Niall Ferguson (2017) as redes sociais não seriam tão democráticas quanto aparentam ser, pois para este historiador na maior parte da história as redes sociais de comunicação humana foram formadas por instituições eclesiais e pelo Estado exercendo um poder de dominação sobre os indivíduos. Para Ferguson (2017) o fenômeno das redes sociais se assemelha à reforma da Igreja quando Martin Lutero lançou a campanha pela reforma e a imprensa permitiu que a notícia se espalhasse por toda a Europa. Todavia, no tempo presente são as empresas de tecnologia que criaram esse universo supostamente democrático onde as pessoas têm o poder de se expressar livremente, entretanto, esse suposto poder seria mascarado para que as empresas de tecnologia utilizassem os dados dos usuários para ganhar dinheiro. Por isso, para Ferguson as redes sociais não empoderam, mas usam os indivíduos à serviço do capital.

Portanto, para Castells estamos diante de uma nova forma de comunicação simbólica mediado pela virtualização e digitalização da realidade, que transforma as noções de espaço e de tempo, sendo que os espaços de fluxos e o tempo intemporal são

as bases de uma nova cultura e que transcende incluindo a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos pela “cultura da virtualidade real” (CASTELLS, 1999, p.462) se transformando na cultura digital que penetra em todas as esferas da vida social na contemporaneidade.

Na esteira das reflexões de Manuel Castells, o sociólogo brasileiro Sergio Amadeu Silveira (2012) apresentou o conceito de cultura digital como consequência da cultura comunicada por máquinas de processamento e armazenamento das informações operadas por *softwares* utilizando a metalinguagem digital. Com isso, emerge para ele a cibercultura em sua fase inicial que é a cultura digital como a digitalização das informações e o enredamento da comunicação. Na direção do pensamento de Castells, Silveira (2012) demonstrou que a tecnologia não deve ser analisada de um ponto de vista determinista e/ou isolado, pois a tecnologia não é neutra. Influenciada por processos históricos e por fatores políticos, sociais e econômicos a tecnologia também cria uma lógica social reorganizando as estruturas da sociedade entorno do seu uso em uma relação dialética de poder.

A análise de Manuel Castells (1999) sobre a formação da “sociedade em rede” a partir de um novo modo de desenvolvimento e modo de produção capitalista dá continuidade há uma tradição de pensamento marxista, em que as análises da sociedade partem do materialismo histórico. Todavia, diferentemente de alguns autores que dialogaram com o materialismo histórico, Castells não concebe a tecnologia de modo determinista, pois, para ele a tecnologia não é um objeto isolado das forças sociais, mas está em constante interação com elas. Porém, compartilhando da mesma visão de alguns pensadores marxistas, o paradigma tecnológico tem permitido que a informação e o conhecimento se transformassem em produtos no mercado capitalista pós-industrial.

Neste contexto, a percepção do tempo tem se transformado com o paradigma das tecnologias da informação e comunicação, sobretudo como consequência do surgimento das novas práticas sociais através da cultura da virtualidade do real, que por meio de um sistema multimídia de comunicação introduziram o tempo da simultaneidade e intemporalidade. As informações instantâneas em todo o globo, vídeos e mensagens circulando na *web* e as reportagens ao vivo criaram um universo de instantaneidade temporal, que além de misturar as temporalidades incide na forma de recepção dos acontecimentos pelas massas.

Segundo Castells (1999), o tempo linear e mensurável do capitalismo industrial tem se fragmentado na sociedade em rede. Os tempos se misturam para criar um

universo eterno que não se expande sozinho, mas que se mantém por si só de maneira aleatória e incursiva. É um tempo intemporal porque os seres humanos tendem na sociedade em rede a utilizar a tecnologia para fugir da realidade ou criar novos mundos com novos tempos.

Por sua vez, o mundo interconectado e global impulsionou o capital e o trabalho a se libertarem do tempo do relógio, graças às tecnologias digitais, surgiu então uma nova relação entre trabalho e tempo, no qual a dinamização do tempo de serviço proporcionada pela tecnologia tem permitido que se trabalhe menos para uma mesma unidade de produção, todavia, essa suposta diminuição do tempo de serviço é acrescentada de uma intensificação do desempenho do trabalhador. Além disso, a conformação de novas formas de organização da atividade econômica pela suplantação do tempo da fábrica. Por isso, o tempo da simultaneidade e intemporalidade se adapta a lógica do capitalismo flexível porque reconfigura as relações de trabalho e as relações sociais, além de ser uma forma dominante de tempo social sob os indivíduos e sociedade.

Para Castells, a tecnologia é definida pela “cultura material” que é condicionada historicamente em um dado período histórico. Neste sentido, o surgimento de uma nova estrutura social a partir de novo paradigma tecnológico, agora baseado nas tecnologias da informação e comunicação e não mais pelas tecnologias industriais reconfigurou os modos de desenvolvimento incidindo em uma sociedade altamente tecnológica que penetra na vida material e cultural representando o poder das forças tecnológicas liberadas pela espécie humana na história e suas potencialidades do vir-à-ser do futuro da “sociedade em rede”.

Ademais, os estudos que se seguiram até aqui demonstraram que a tecnologia foi analisada no âmbito das relações econômicas e dos modos de produção, bem como sob a perspectiva que buscou relacionar a cultura à economia de modo não determinista, mas em suas interações com a sociedade, em que se produziu o fenômeno da cultura de massas na era da reprodutibilidade técnica. Por isso, a introdução da tecnologia nos processos produtivos representou não apenas a aceleração da produção, mas também a transformação nas relações de trabalho. Do período da Revolução Industrial, do capitalismo tardio ao novo modo de produção engendrado pelo capitalismo informacional no tempo presente, a tecnologia tem representado uma forma de dominação exercida pelo modo de produção capitalista incidindo nos corpos e nas mentes dos indivíduos na sociedade.

De todo modo, se as máquinas modificaram e aceleraram a produção industrial na modernidade, a percepção do tempo também se transformou, o tempo do relógio foi essencial para o desenvolvimento do capitalismo industrial, da mesma forma que nas últimas décadas o tempo tem se fragmentado em um tempo da simultaneidade e da intemporalidade devido a formação de redes de interação virtual de comunicação produzindo o efeito do eterno retorno do presente, dando espaço para o surgimento de um movimento teórico e intelectual denominado pós-modernismo, em que as premissas do pensamento moderno foram colocadas em xeque.

Portanto, foi no âmbito dos estudos das relações de trabalho que a tecnologia ganhou destaque nas pesquisas acadêmicas, sobretudo no contexto da inserção de novas técnicas de produção que incidiram no modo de organização do trabalho e ao fim e ao cabo na organização da economia capitalista dando corpo ao um movimento que sob a vertente do materialismo histórico buscou descortinar o papel da tecnologia seja no âmbito das relações de trabalho, da economia e da cultura na sociedade, historicizando as formas em que a tecnologia mediou as relações entre homem e natureza que penetraram nos domínios da vida e das atividades humanas. Tal configuração, entretanto, nos distancia do entendimento da tecnologia como processo, senão como cultura²⁸, tema que será abordado no próximo tópico.

1.2 TECNOLOGIA, HISTÓRIA E CULTURA

A tecnologia, enquanto objeto de estudos das ciências humanas, esteve durante algum tempo associada às referências teóricas das ciências naturais, por exemplo, os da biologia evolutiva. O livro *A origem das espécies (1859)* de Charles Darwin foi um marco na conformação da teoria do conhecimento no século XIX, a teoria da evolução impactou diversas áreas do conhecimento científico. A tecnologia, neste contexto, começava a significar o processo de exteriorização e materialização das relações entre o homem e seu meio ambiente através da cultura material. Cada objeto técnico produzido pelo homem representava uma etapa evolutiva da história da humanidade. A cultura,

²⁸ A noção de cultura empregada nessa pesquisa a compreende como costumes, modos de vida, visões de mundo, sistemas de pensamentos, sistemas normativos, cultura material e imaterial, cultura escrita e oral e os meios e os processos pelos quais as práticas culturais e suas representações são transmitidas e recepcionadas pelos sujeitos e agências produtores de cultura na sociedade (BARROS, 2003; BURKE, 2004; CHARTIER, 2010).

então, passou a ser relacionada à tecnologia e a incorporá-la como categoria analítica, a fim de compreender a evolução da espécie humana pela cultura.

Segundo Kranzberg e Davenport (1975) durante certo tempo os historiadores da tecnologia negligenciavam a própria tecnologia ao não relacionarem seu objeto ao contexto de produção cultural da sociedade. No entanto, no final do século XIX essa perspectiva começou a se modificar pela influência da psicologia e da antropologia evolucionista, que demonstrou que o *Homo Sapiens* não poderia ser diferenciado do *Homo Faber*, com isto muitos pensadores começaram a incorporar essas discussões em seus estudos.

Neste sentido, o antropólogo britânico Edward B. Tylor (1877) definiu a cultura em sua relação com a cultura material produzida pelos homens em seu meio ambiente. Assim, a cultura para Tylor significava um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e qualquer outra capacidade adquirida pelo homem como membro de uma sociedade. A tecnologia em si, reúne então as capacidades que o ser humano tem de intervir em seu mundo por meio de ferramentas por ele inventadas, assim a tecnologia começava a ser analisada em suas relações com os demais elementos da cultura (TYLOR apud KRANZBERG; DAVENPORT, 1975).

A noção de cultura enquanto a totalidade dos bens culturais humanos foi diluída em vários campos do conhecimento. No que tange às ciências humanas, a História levou essa noção para uma área restrita de seus estudos, que entendia a noção de cultura de maneira monolítica. As manifestações culturais eram examinadas sob o âmbito da cultura erudita, ignorando a cultura popular. Além disso, os objetos materiais produzidos pelos homens que compunham a “cultura material” de uma dada sociedade em certa época eram negligenciados (BARROS, 2003). Entretanto, no final do século XIX e começo do século XX surgiram estudiosos que através dos signos, sistemas simbólicos e das práticas discursivas compreenderiam a cultura como um processo de comunicação²⁹.

²⁹ Charles Sanders Peirce e Ferdinand Saussure foram um dos principais pensadores que trataram dessa relação entre signos, sistemas simbólicos e linguagem. Peirce foi um filósofo e matemático conhecido por ser o fundador da semiótica no final do século XIX tendo um importante papel nas análises sobre os fenômenos do pensamento humano. A filosofia de Peirce constitui-se em um sistema no qual a lógica, que é a semiótica, a metafísica, a estética e a ética formam uma totalidade que permitiria compreender a realidade social e a forma que a cognição se dá no processo de aquisição de conhecimento pelos humanos (SANTOS 2008). Saussure, por sua vez, no começo do século XX apresenta sua teoria, enfocando a língua como um fato social, produto da coletividade, que estabelece os valores desse sistema através da convenção social, sobre a qual o indivíduo não teria nenhum poder. Para perceber que a língua não é senão um sistema de valores, o linguista parte da análise de dois de seus aspectos básicos, as idéias e os

Dito isso, nos aproximamos dos estudos dos meios de comunicação e de alguns de seus pensadores, como Marshall McLuhan, que compreendeu o processo de dar significação ao mundo e às coisas pelos seres humanos a partir do processo comunicativo no qual “o meio é a mensagem”. Assim, vejamos, pois, como se configura essa relação entre tecnologia, cultura e história pelos estudos da *mass media*.

1.2.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO, TECNOLOGIA E HISTÓRIA

Marshall McLuhan foi um teórico da comunicação canadense que ao longo do século XX escreveu inúmeras obras que trataram da relação entre tecnologia e os meios de comunicação na cultura de massa. Assim, como os pensadores da Escola de Frankfurt, que analisaram a cultura de massas e a indústria cultural, Marshall McLuhan notava o poder de transformação da tecnologia quando associada aos meios de comunicação. McLuhan entendia que a cultura se modificava com a penetração cada vez maior dos meios de comunicação na vida cotidiana dos seres humanos.

Com a publicação do livro *A Galáxia de Gutemberg (1962)* e *Os meios de comunicação como extensões do homem (1964)* Marshall McLuhan formulou o conceito de “Aldeia Global”. Para McLuhan, a tecnologia havia modificado os meios de comunicação tradicionais de massa como jornais e os livros. Além disso, tinha criado novos meios como o rádio, o cinema e a televisão que estavam fragmentando a sociedade em “tribos modernas” que ao mesmo tempo se integravam na cultura de massas formando uma “Aldeia Global”. McLuhan formulou a expressão “o meio é a mensagem” buscando desmistificar a visão de que os meios são meros transmissores de conteúdo.

Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes de ser um tanto chocante lembrar, que para efeitos práticas e operacionais, o meio é a mensagem. Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos [...] Neste passo, o exemplo da luz elétrica pode mostrar-se esclarecedor. A luz elétrica é informação pura. É algo assim como um meio sem mensagem a menos que seja usada para explicar algum anúncio verbal ou algum nome. Este fato característico de todos os veículos, significa que o “conteúdo” de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo. O conteúdo da escrita é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a palavra impressa é o conteúdo do telégrafo [...] Pois a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas (MCLUHAN, 1964).

Dito isso, o meio transforma a sociedade pela função que exerce nela e não pelo conteúdo que transmite, cada meio de comunicação tem suas próprias características e por isso afeta a sociedade de determinada maneira. Para McLuhan (1964) mais importante do que o conteúdo seria o meio no qual a mensagem está sendo transmitida para os indivíduos. Neste contexto, McLuhan (1964) demonstrou que as tecnologias do passado não apenas transformaram as estruturas sociais, mas modificaram os comportamentos e padrões de vida humana, bem como sua vida psíquica. Com isso, acredita que os meios de comunicação são extensões do homem que se projetam e se materializam na sociedade.

Segundo McLuhan (1962/1994) o período da “Galáxia de Gutemberg” que era dominado pelo pensamento aristotélico, pela escrita, prensa tipográfica e pela mecanização da vida que se deu com a Revolução Industrial estava se transformando e dando lugar a um novo mundo, o da “Era Eletrônica”. Para McLuhan na era mecânica os corpos tinham sido projetados no espaço, mas na era eletrônica depois de mais de um século de tecnologia elétrica projetava-se o sistema nervoso central abolindo o espaço e tempo integrando todas as pessoas no mundo. Futuramente, para este autor, as tecnologias na era eletrônica criariam a capacidade de projetarmos nossa consciência por meios eletrônicos.

A compreensão de Marshall McLuhan sobre o papel desempenhado pelos meios de comunicação na sociedade influenciou diversos campos do conhecimento, sobretudo, os dos estudos sobre os fenômenos culturais e os dos meios de comunicação ao longo

do século XX. Em suas análises pode-se constatar que as tecnologias não poderiam mais estar dissociadas dos processos de comunicação e produção cultural humana, já que elas se configuravam como extensões do homem afetando seu complexo social e psíquico. Além disso, colocou o meio como fator preponderante para a comunicação e as transformações culturais, haja vista que mais do que transmitir o conteúdo o meio em si provocaria modificações por ser a própria mensagem.

Isto posto, o meio ou a tecnologia não seriam mais pensados como simples suportes materiais para comunicação humana, mas pelo seu potencial transformador dos indivíduos e da sociedade. Muitas críticas surgiram desvelando o determinismo tecnológico e o caráter apologético dos textos de McLuhan (BURKE, 2006; WILLIAMS, 1974). Todavia, Marshall McLuhan foi um dos pensadores expoentes sobre a análise dos meios de comunicação e das transformações que estavam se processando a partir das tecnologias da informação e comunicação em todo complexo social e cultural no século XX.

Por sua vez, ao longo das décadas de 1960-1990, o campo da História foi atravessado por uma noção mais ampla de cultura influenciada, sobretudo pelas reflexões da antropologia sobre o conceito de cultura. Em 1973 o antropólogo norte-americano Clifford Geertz publicava o livro *Interpretação da Cultura (1973)* nesse sentido. Em sua “teoria interpretativa da cultura” Geertz criticou a noção de cultura de Edward Tylor definindo-a como “um padrão historicamente transmitido de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio dos quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida” (GEERTZ, 1989 apud BURKE, 2004).

Para Geertz (1989) a cultura seria definida como essencialmente semiótica, isto porque para ele a cultura seria uma teia de significados em que o homem tece cotidianamente. Assim, a cultura seria essa teia de significações que podem representar um acontecimento, objeto ou a ação dos homens em produzir significados. Neste ensejo, o pensamento de Geertz influenciou os estudos históricos ao conceber a cultura pela sua pluralidade, bem como um processo comunicativo e simbólico que guia a existência humana. A tecnologia, então, neste contexto, pode ser compreendida pelas suas formas simbólicas e como processo comunicativo nos quais homens e mulheres transformaram a si mesmos e a sua vida.

As ideias de Geertz repercutiram no campo da História, especificamente no da história cultural. Segundo Burke (2004) no final da década de 1970 houve a

redescoberta de um modo peculiar de compreender a história. A “virada cultural” possibilitou que os historiadores culturais abandonassem os modelos explicativos generalizantes, como alguns conceitos do materialismo histórico e priorizarem a dimensão cultural ao invés da política e da economia em suas análises. A dimensão simbólica da cultura e suas interpretações ampliaram os objetos de estudo dos historiadores.

Neste campo do saber histórico, os objetos se tornaram diversificados, por exemplo, as artes e a literatura que eram objetos dos antigos estudos culturais começaram a ser analisados do ponto de vista das suas condições sociais de produção e circulação dos objetos culturais. Chamou-se a atenção para os estudos da cultura popular ampliando o conceito de cultura material, que agora compreendia todos os objetos que produzem significado na vida humana (BARROS, 2003).

Central nesse quadro foi o movimento dos Annales, que contribuiu de diversas formas para que o conceito de cultura material fosse ampliado, assim o arqueólogo e historiador da terceira geração dos Annales Jean-Marie Pesez demonstrou em seu texto *História da Cultura Material (1978)* publicado na coletânea de textos organizada por Jacques Le Goff no livro *A História Nova*, que desde a primeira geração dos Annales se abriram as possibilidades de análise da cultura material e, portanto técnica, pelos historiadores.

Segundo Pesez (1990) com Marc Bloch temos a descoberta da paisagem rural e das massas camponesas que cultivavam as técnicas medievais do moinho de água ao arado na agricultura já Lucien Febvre, mesmo este sendo um historiador das mentalidades, também levou em conta a cultura material e a história da intervenção do homem no meio ambiente pelas técnicas. De todo modo, Fernand Braudel no livro *Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II (1949)* empreendeu uma síntese da cultura material e das tecnologias. Ali Braudel afirmou que o estudo da história pela cultura material conclama à história das massas e inverte os esquemas habituais, colocando as massas em primeiro plano. Para Braudel a vida é constituída pelos objetos, ferramentas e gestos do homem comum e só essa vida lhe diz respeito cotidianamente e absorve seus pensamentos e atos. Diferentemente dos marxistas ortodoxos, para Braudel a tecnologia nunca está só, já que ela se constrói a partir de relações complexas com a economia, política e com seu meio social (PESEZ, 1990, p.184).

Por conseguinte, Pesez (1990) buscou revitalizar os estudos sobre a cultura material de um modo que ela estivesse associada não somente à economia, aos modos de produção ou às relações de trabalho, mas à partir das reflexões da antropologia cultural que entende a cultura material associada à materialidade cultural, as relações da cultura material seriam debitorias as injunções materiais que pesam na vida dos seres humanos, situando o debate uma resposta que é precisamente cultural. A cultura material faz parte da infraestrutura, mas não a recobre, ela não só exprime o concreto pelos objetos, como se expressa pela relação entre o homem e os objetos (sendo o próprio homem em seu corpo físico um objeto material), constituindo a própria cultura (PESEZ, 1990, p.179).

Dito isso, para Pesez a cultura material não deve ser analisada segundo as leis internas que o ligam ao progresso técnico, pois, ela responde às ligações que lhe são externas. Os vestígios arqueológicos, o vestuário, a alimentação, os objetos técnicos e a documentação escrita que remontam à cultura material de certo período histórico, configurando mais um elemento da cultura material humana. Neste ensejo, Pesez demonstrava as possibilidades de uma história da cultura material e da tecnologia aos historiadores do tempo presente, fazendo emergir a materialidade da virtualidade tecnológica.

Por sua vez, seguindo o movimento da terceira geração dos Annales Pierre Nora em seu texto *O retorno do fato*, publicado no livro organizado por ele e Jacques Le Goff *História: novos problemas (1974)* tratou do poder dos *mass media* em transformar a História, isto é, o seu poder de penetrar nos domínios da História a fim de questionar o “fazer histórico”, bem como o papel desse conhecimento na sociedade. Para Nora (1995) nenhuma época antes da nossa viveu o presente como possuído de um sentido histórico. As rápidas transformações que ocorreram no século XX com as guerras totais, a ascensão dos nacionalismos, a penetração dos meios de comunicação na vida cotidiana, rápida circulação das informações, a cultura de massas e a globalização fizeram com que os acontecimentos se disseminassem na sociedade de forma generalizada. Para Nora (1995) essa percepção histórica generalizada entre as pessoas criou um fenômeno novo: o retorno do acontecimento.

Segundo Nora (1995) os *mass media* determinam os fatos, pois produzem notícias que transmitem acontecimentos às massas e/ou produzem o acontecimento junto a elas, graças ao monopólio da informação. Desse modo, os meios de comunicação se tornaram condição para a existência do fato. Por isso, muitas vezes os

meios de comunicação não transmitem os fatos em sua integralidade, mas criam uma atmosfera para veiculação das informações que gera nas pessoas a sensação da totalidade do evento tornado a transmissão do evento em espetáculo, que qualifica de modo imediato o fato como histórico diante da sociedade (NORA, 1995).

O assassinato do presidente dos Estados Unidos John F. Kenedy, por exemplo, foi transmitido ao vivo pela televisão para milhares de pessoas no mundo transformando-se em acontecimento já consagrado pela factualidade do imediato. Segundo Nora (1995) esse tipo de acontecimento moldado pelos *mass media* seria intransitivo, sem rivais teóricos e fronteiras aonde os patamares de significação se imbricam e se misturam. A sucessão de acontecimentos constitui a superfície contínua da sociedade que a instituiu e a define, ao mesmo tempo em que a rede de sua informação perpassa os processos de institucionalização da sociedade. Por outro lado, os acontecimentos transmitem e fazem circular emoções, hábitos, rotinas e representações herdadas do passado que afloram na superfície da sociedade contemporânea. No acontecimento, se encontram as projeções sociais dos conflitos e as séries causais independentes que causam um rasgão no tecido social (NORA, 1995, p.189-190).

Pierre Nora, então, apresenta aos historiadores o poder que os meios de comunicação adquiriram em nosso presente, para ele o acontecimento constrói os fatos e dele os historiadores não têm mais poder. Por isso, para Nora os historiadores devem atentar para esse duplo sistema que se entrecruza no acontecimento: o sistema formal e o de significação que tem formado a noção de sentido histórico. Assim, o retorno do acontecimento se estrutura através da esfera pública e da opinião pública, que pela ampliação da cultura escrita pela erradicação do analfabetismo pelo aumento da circulação das informações através de jornais, rádio e televisão possibilitou a formação de comunidades de consumidores desses bens simbólicos. Entretanto, apesar de alargar o espaço de circulação e de consumo das informações, o acontecimento sem o historiador e moldado pelos *mass media* também pode se configurar como um espaço perigoso, já que pode abrir caminho para a manipulação das informações, a omissão de dados, o silenciamento de grupos e indivíduos, bem como a criação de perspectivas enganosas de acontecimentos (MENESES, 2010) e as *fake news*³⁰.

³⁰ São notícias falsas e boatos que circulam na internet sem comprovação da veracidade das informações. Para compreender a historicidade das notícias falsas ver a entrevista de Robert Darnton:

Neste contexto, o acontecimento retorna e diferentemente do que acontecia com os historiadores positivistas do século XIX, que entendiam que o acontecimento existia somente no passado e a história seria o estudo desse passado, agora ele reaparece transfigurado no presente abrindo novas possibilidades e problemas para os historiadores que se defrontam com o gradiente histórico imediato do acontecimento midiático. Por fim, talvez o que esteja em jogo para Nora seja o processo de transformação do próprio sentido de História e como as *mass media* se tornam mais evidente essa necessidade dos acontecimentos, pois “ao que parece a contemporaneidade nos colocou em um eterno presente onde não há tempo para lembrar, porque o presente consome todas as novas sensações e perspectivas futuras” (MENESES, 2010, p.11).

Na esteira do movimento da nova história dos Annales, uma nova história cultural surgia e interessava-se pelos sujeitos receptores e produtores de cultura, assim como a função social dos intelectuais e do público receptor, dos leitores comuns e das massas da indústria cultural. Também se considerou as agências de produção e difusão cultural que se encontram no âmbito institucional, como os sistemas educativos, imprensa, organizações sociais e religiosas e os meios de comunicação. Por outro lado, o foco de análise recaiu sobre os meios através dos quais a cultura se produz e se transmite por meio das práticas e dos processos. Assim, investigaram-se os padrões por trás dos objetos culturais produzidos, as visões de mundo, os sistemas de valores e os sistemas normativos que constroem os indivíduos, as ideias disseminadas através de correntes de pensamento, os movimentos e os modos de vida (BARROS, 2003). Por fim, uma gama ampla de objetos culturais que se configurou pela “virada cultural” dos estudos históricos no final do século XX.

Na confluência dos estudos da história cultural com os dos meios de comunicação, os historiadores ingleses Asa Briggs e Peter Burke publicaram o livro *A história social da mídia* (2002). Neste livro, os autores buscaram analisar a história dos meios de comunicação em diferentes contextos sociais e políticos. Seu foco de estudos remonta ao início da era moderna, com a invenção da prensa gráfica, até a história recente com o surgimento da internet. Assim, investigaram as potencialidades e os problemas que as mídias trouxeram para a cultura ocidental. Com isso, propõem que os

historiadores dos meios de comunicação e dos estudos culturais levem em conta a história e as teorias que circundam o campo das tecnologias da comunicação. Por isso:

[...] alguns fenômenos da mídia são mais antigos do que em geral se imagina, como se pode ver nos dois exemplos seguintes. As séries atuais de televisão copiam o modelo das novelas radiofônicas, que, por sua vez, se moldam nas histórias em capítulos de revistas do século XIX (alguns romancistas, como Dickens e Dostoiévsky, originalmente publicaram seus trabalhos desta maneira). Algumas das convenções das histórias em quadrinhos do século XX seguem direta ou indiretamente uma tradição visual ainda mais antiga. Os balões com falas podem ser encontrados em publicações do século XVIII, que, por sua vez, são uma adaptação dos textos em forma de rolo que saíam das bocas da Virgem e outras figuras da arte religiosa medieval. São Marcos, na pintura de Tintoretto (1518-94) conhecida como *O milagre de São Marcos*, é representado como o Super-Homem das revistas em quadrinhos, com 400 anos de antecedência, mergulhando de cabeça do Céu para resgatar um cristão cativo (BRIGGS; BURKE, p.12).

Para Briggs e Burke (2002) no início da Europa Moderna, assim como em outros lugares e períodos históricos a mudança cultural foi muitas vezes mais aditiva do que substitutiva, sobretudo nos primeiros estágios de inovação como no caso da prensa gráfica. A velha mídia de comunicação oral e a de manuscritos coexistiram com a nova mídia impressa, bem como a mídia antiga como o rádio e o cinema coexistem com a televisão e a internet (BRIGGS; BURKE, 2002, p.74).

Neste ensejo, os autores consideraram as reflexões de Marshall McLuhan como sendo importantes para se compreender as potencialidades transformadoras dos meios de comunicação, identificando que o importante não era o conteúdo da informação, mas sim a forma que ele assumia modificando as antigas formas de comunicação. Todavia, Briggs e Burke teceram algumas críticas às formas como McLuhan generalizou algumas das mudanças provocadas pela televisão como a suplantação dos sentidos. Por exemplo, do meio auditivo para o visual, ou ainda sobre o conceito de “aldeia global”, assinalaram:

Seus livros de grande divulgação e escritos em sequência, começando com *A galáxia de Gutenberg* (1962), dirigiram a atenção para as características intrínsecas de determinada mídia, incluindo a impressa, o rádio e a televisão. Em todos os livros, ele tratou mais da abrangência da mídia ("quente" ou "fria", uma diferença que ele estabeleceu) do que das mensagens e seus conteúdos, programas, não levando em consideração as diferenças nacionais ou as diversidades sociais dentro de cada país, as quais influenciaram diretamente, junto com as estruturas educacionais, os padrões de controle e as gamas de conteúdo e os estilos de apresentação. Entretanto, quando generalizou sobre a aldeia ou o globo, estava influenciado pelas tradições e experiências típicas do Canadá (BRIGGS; BURKE, 2002, p.243).

Neste sentido, para Briggs e Burke (2002) as mídias devem ser compreendidas como, um sistema em constante mutação, no qual diversos elementos desempenham papéis de maior ou menor destaque³¹. Por sua vez, deve se fazer uma história social e cultural da mídia que inclua os aspectos da política, economia e da tecnologia evitando determinismos tecnológicos baseados em teorias apologéticas ou catastróficas sobre os meios de comunicação. Dessa forma, das novas linguagens que surgem com os modos de se comunicar, como a retórica, estudo da arte de se comunicar oralmente e por escrito, muito valorizada na Grécia e Roma antiga, e que foi estendida da Idade Média ao Renascimento e até os séculos XVIII e XIX, coexistia com outras formas de comunicação oral e escrita. Do mesmo modo, que a cultura escrita não foi substituída pela escrita digital na internet ou promoverá a morte do livro ou do autor, mas manterá a coexistência desses meios que interagem e criam condições para interpretação do mundo pelos seres humanos, a cultura digital não suspendeu a cultura popular oral, mas deu condições para a mesma de ser registrada e acessada em larga escala.

Assim, Briggs e Burke ressaltaram que as intensas mudanças do nosso tempo presente engendradas pelas tecnologias de informação e comunicação não devem ser vislumbradas somente por uma única teoria sobre um guia completo dessas transformações, isto porque, as tecnologias estão em um fluxo contínuo de mutação e de imprevisibilidade (BRIGGS; BURKE, 2002, p.23).

Em síntese para os autores, a comunicação nos ambientes digitais transformou os tradicionais meios de comunicação. O surgimento das mídias sociais engendradas pela cultura digital tem provocado modificações substanciais na cultura contemporânea.

³¹ Do mesmo modo a História do Livro e da Leitura também teve um movimento correlato ao da história das mídias, no contexto da nova história cultural durante as décadas de 1970 surgiam novos objetos de interesse dos historiadores e entre eles, as práticas de leitura. Entre os principais expoentes dessa vertente de investigação está Roger Chartier.

Como ferramentas tecnológicas que possibilitaram aos indivíduos e grupos compartilharem conteúdos e informações de modo simultâneo em rede, as mídias sociais criaram formas de sociabilidade replicadora dando uma maior visibilidade social à vida pública³². Atualmente, *selfie*³³ e *meme*³⁴ são as novas formas de interações e sociabilidades contemporâneas que evidenciam as novas formas de comunicação das ideias/gostos/valores das pessoas na *web* (MILLER, 2016). As antigas formas de sociabilidade engendradas pelos meios comunicação tradicionais foram reordenadas dentro das estruturas sociais das mídias sociais. Entre elas estão, as redes sociais como

³²Uma discussão influente na história da política está associada ao teórico alemão Jürgen Habermas, que no texto *A mudança estrutural na esfera pública (1962)* discorria sobre as formas como as casas de chá e cafés do século XVIII criaram um novo lugar para a discussão pública incidindo na criação de uma esfera pública. Ele sugeria que esse fenômeno tinha um papel no desenvolvimento da democracia moderna. Então seria possível que as mídias sociais se tornem a nova esfera pública, que, por sua vez, desafiaria espaços mais tradicionais e conservadores (MILLER, 2016)?

³³ É uma expressão que surgiu em língua inglesa e se disseminou pelo mundo inteiro e originou-se da palavra *self-portrait*, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada na internet. Normalmente uma *selfie* é tirada pela própria pessoa que aparece na foto, com um celular que possui uma câmera incorporada, como um smartphone. (<https://www.significados.com.br/selfie>). Acesso em 27/09/2018.

³⁴ A palavra *meme* surge com Richard Dawkins em sua obra “*O Gene Egoísta*” (1976) que o define como uma unidade de transmissão cultural e de difusão da informação, fundamentado na imitação. Com o surgimento da internet essa expressão foi utilizada para representar ideias, brincadeiras, jogos, piadas ou comportamentos que se espalham através de sua replicação de forma viral na internet, caracterizados a partir de determinados aspectos sociais, culturais, temporais, espaciais (BARRETO, 2015).

*Facebook*³⁵, *Snapchat*³⁶, *Twitter*³⁷, *Instragram*³⁸, *Linkedin*³⁹, *Academia.edu*⁴⁰; os *blogs*; a *Wikipédia*⁴¹; *Youtube*⁴², *e-mail* e mensagens instantâneas como *Whatsapp*⁴³ entre outros.

A pesquisadora Raquel Recuero, referência na área de comunicação com estudos sobre as mídias sociais, no livro *Redes Sociais na Internet* (2009) observou em suas análises o impacto das redes digitais de comunicação sobre as relações sociais contemporâneas. Para Recuero (2009) essas ferramentas de conexão têm propiciado que os indivíduos deixem rastros na *web* permitindo que os pesquisadores investiguem o modo como se organizam e se relacionam por meio da comunicação mediada por computadores. No entanto, Recuero (2009) observa que os estudos das redes sociais não são recentes, pois, o estudo da sociedade a partir do conceito de redes representa um dos focos de mudança que circundam a ciência durante o século XX.

Em um de seus estudos, Recuero (2009) investiga as interações sociais no ciberespaço por meio das evidências como *Orkut*, *Facebook*, *Myspace*, *ICQ*, *MSN*, *Fotologs* e *Weblogs*. Utilizando o conceito de redes sociais delineado pelas pesquisadoras norte-americanas Danah Boyd e Nicole Ellison (2007), Recuero (2009) define as redes sociais na internet como sistemas que permitem: a) a construção de um

³⁵ É uma rede social criada por universitários de Harvard Mark Zuckerberg, e três amigos – Eduardo Saverin, Chris Hughes e Dustin Moskovitz e que tinha a pretensão de inicialmente conectar amigos da Universidade online. Posteriormente o *facebook* se disseminou entre as universidades dos Estados Unidos e de modo rápido para o mundo. Para saber mais acessar: <https://www.facebook.com/>

³⁶ É um aplicativo de mensagens feitas com base em imagens e foi criado em 2011 por estudantes da Universidade de Stanford Evan Spiegel, Bobby Murphy e Reggie Brown. O aplicativo permite que os usuários compartilhem fotos e vídeos de modo instantâneo sendo que o usuário pode manipular o tempo de permanência do vídeo no aplicativo. Acesse em: <https://www.snapchat.com/l/pt-br/>

³⁷ Uma rede social e um *microblog* no qual as pessoas compartilham suas opiniões e mandam mensagens para seus seguidores. Foi criado em 2006 por Jack Dorsey, Noah Glan, Biz Stone e Eva Williams. Para saber mais: <https://twitter.com/>

³⁸ Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, foi criado por Kevin Systrom e Mike Krieger em 2010, atualmente o *facebook* é o proprietário dos direitos do aplicativo. Acesse: <https://www.instagram.com/?hl=pt-br>

³⁹ É uma rede social de negócio criada em 2003 que tem por objetivo criar uma rede de empresários e empreendedores a fim de fazer negócios online e em rede. Foi criado por Reid Hoffman, Allen Blue, Konstantin Guericke, Eric Ly, Jean-Luc Vailant, atualmente a empresa Microsoft é a proprietária. <https://www.linkedin.com>

⁴⁰ É uma rede social para acadêmicos e reúne pesquisadores do mundo inteiro. A plataforma pode ser usada para compartilhar artigos, monitorar seu impacto de acessos, além de acompanhar pesquisas em campos particulares do conhecimento. *Academia.edu* foi fundado por Richard Price, Brent Hoberman em 2008. Para saber mais: www.academia.edu

⁴¹ É um projeto de enciclopédia multilíngue de licença livre baseada na web e de escrita colaborativa onde qualquer pessoa pode ser um potencial escritor. *Wikipédia* foi lançada em 15 de janeiro de 2001 por Jimmy Wales e Larry Sange. Para saber mais: <https://www.wikipedia.org/>

⁴² Uma rede social de compartilhamento de vídeo fundada em 2005 Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim. Atualmente é um dos principais canais de entretenimento da internet. Mais informações acesse: <https://www.youtube.com>

⁴³ É um aplicativo de mensagens instantâneas lançado em 2009 e foi desenvolvido pelo *facebook*. Para saber mais acesse: <https://www.whatsapp.com/>

perfil; b) a interação com outros usuários com comentários e c) a exposição pública de cada usuário na rede. Ademais, segundo Recuero as redes sociais seriam categorias de grupos de *softwares* de uso específico para comunicação mediada pelo computador.

No entanto, Recuero (2009) demonstra que a uma diferença na apropriação que os indivíduos fazem desses sites. O *Fotolog* é um deles. Criado para ser um espaço com perfis pessoais com compartilhamento de fotos, diferente do *Orkut* onde o indivíduo tinha que criar um perfil e se conectar a outros perfis tornando público as suas conexões em rede. Segundo Recuero (2009) um dos elementos relevantes na análise da apropriação das redes sociais é a verificação dos valores transmitidos nesses sites, pois, por meio deles pode-se compreender o capital social (BOURDIEU, 1983; BERTOLINI; BRAVO, 2001 apud RECUERO, 2009) construído e transmitido nas redes sociais.

Os estudos de Recuero (2009) são de extrema relevância para as análises das redes sociais e do ciberespaço, pois, tratam da realidade brasileira, investigando como sites de redes sociais *Orkut*, *Fotolog*, *Facebook* entre outros foram/são apropriados pelos indivíduos por meio da comunicação mediada pelos computadores na internet, transformando a sociabilidade contemporânea. Para Recuero (2009) as redes sociais são fontes de pesquisa riquíssimas para pesquisadores da área de ciências humanas porque permitem analisar a internet como ferramenta de organização social e difusão da informação, essencial para compreensão dos novos valores construídos, dos fluxos das informações e das mobilizações que surgem no ciberespaço, como a “Primavera Árabe em 2011” e as “Jornadas de Junho em 2013” no Brasil.

Ademais, a relação entre meios de comunicação e tecnologia na sociedade provocaram questionamentos em vários campos do saber, no caso da História a tecnologia enquanto produto da cultura material se tornou um objeto de pesquisa para o campo da História. Por outro lado, os *mass media* criaram uma necessidade do acontecimento no presente fazendo com que historiadores começassem a questionar o sentido da história e de se fazer história do tempo presente. Desse modo, os meios de comunicação e as tecnologias digitais têm não apenas transformando a cultura, mas também o próprio estatuto do conhecimento científico e ao fim e ao cabo o estatuto da História. Entendido isso, vejamos como se configuraram as noções de ciberespaço e cibercultura em nosso tempo presente, antes de enveredar pelas mudanças que essas noções implementaram na historiografia e nas práticas da História.

1.2.2 TECNOLOGIA E CIBERCULTURA: A REALIDADE CONSTRUÍDA EM AMBIENTES DIGITAIS

Na esteira dos estudos sobre as tecnologias da informação, o matemático estadunidense Norbert Wiener formulou a sua teoria da cibernética. Com a publicação do livro *Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos (1950)* propôs o estudo das mensagens para além da engenharia elétrica, mas na conformação de um campo mais vasto que incluiria o estudo da linguagem e o estudo das mensagens como meios de dirigir a maquinaria e a sociedade. O desenvolvimento de máquinas e computadores e outros autômatos a partir das reflexões da psicologia e do sistema nervoso central humano poderiam ser elementos importantes na construção de uma nova teoria e métodos científicos (WIENER, 1948, p.15).

Segundo Kim (2004) o livro de Wiener foi escrito em conjunto com os colaboradores Arturo Rosenblueth e o engenheiro Julian Bigelow. As ideias de Wiener sobre a cibernética foram influenciadas pelas reflexões das ciências sociais e dos antropólogos Gregory Bateson e da antropóloga Margaret Mead. A hipótese central do livro de Wiener era de que a cibernética seria o resultado de certas funções de controle e de processamento das informações semelhantes em máquinas, nos seres vivos e na sociedade sendo passíveis às leis matemáticas.

A tese do livro é a de que a sociedade só pode ser compreendida através de um estudo das mensagens e das facilidades de comunicação de que disponha; e de que, no futuro desenvolvimento dessas mensagens, entre homem e as máquinas, entre as máquinas e os homens, estão destinados a desempenhar papel cada vez mais importante (WIENER, 1948, p.16).

Esse campo científico foi denominado por Wiener de cibernética e teve início durante as suas pesquisas relacionadas à programação de máquinas computadoras e mecanismos de controle de armas antiaéreas na segunda guerra mundial. Neste sentido, Wiener se empenhava nos estudos sobre sistemas eletromecânicos que fossem desenhados para substituir a função humana no momento do ataque. Com isso, a intenção era prever o futuro ou a trajetória de um míssil de uma aeronave pela execução de um padrão de cálculo (KIM, 2004, p.204).

De acordo com Kim (2004) Wiener interessou-se pelos estudos da engenharia de controle *feedback*, que consistia em realimentar o sistema com informações sobre o desempenho desejado para a máquina. Por sua vez, as máquinas controladas por

feedback deveriam comportar monitores e detectores que fariam o papel de órgãos sensoriais para que as informações fossem coletadas e confrontadas com o padrão de desempenho programado. Todavia, durante as pesquisas, Wiener percebeu que esses mecanismos poderiam sofrer de uma oscilação anômala levando o sistema a uma pane total muito parecida com o que acontecia aos humanos vítimas de uma deficiência pela perda dos movimentos musculares. Neste sentido, Wiener concluiu que o sistema nervoso central engendraria um processo circular semelhante ao que ocorria no sistema nervoso central quando se atrofia os músculos e que se parecia com o princípio *feedback* de dispositivos de controle de máquinas.

Segundo Kim (2004) apesar das pesquisas de Wiener terem repercutido em várias áreas do conhecimento como na antropologia e em outros campos científicos ligados à conformação da ciência da computação e outras áreas de estudos cognitivos, a cibernética foi esquecida enquanto uma teoria das mensagens proposta por Wiener, levando seu modelo teórico ao desgaste, mesmo em áreas nas quais se consolidaram as disciplinas “cibernéticas” como a informática e a robótica, a proposta de Wiener esvaziou-se na prática (KIM, 2004,p.205).

Por conseguinte, mesmo não tendo sido explorada como teoria científica, a noção de cibernética influenciou de modo determinante a cultura moderna contemporânea. Seus modelos explicativos associados aos desenvolvimentos da tecnologia e da ciência possibilitaram o surgimento da “cibercultura”. Com isso, a noção de cibernética foi deslocada do campo científico para o senso comum fazendo com que se introduzissem novas interpretações aos antigos esquemas interpretativos utilizados pelos pensadores das mais diversas áreas do conhecimento para que assim pudessem denominar as novas transformações que estavam se processando no âmbito cultural.

A noção de cibernética engendrou na cibercultura uma visão de que os seres vivos e as máquinas são não totalmente diferentes e que, no limite, a “sociedade” criada artificialmente era também humana e, como tal, passível de estudo pelas mesmas “ferramentas” de compreensão do universo social. Essa visão pode ser visualizada nas tecnologias especializadas em mimetizar a vida, como a tecnologia da informação, a nanotecnologia e a robótica, além das tecnologias voltadas para manipular a vida como a biotecnologia. Assim, essa relação entre organismo e máquina depende do texto e não apenas da narrativa científica, mas dos códigos e *softwares* que determinam o funcionamento das máquinas e dos códigos genéticos que determinam dos seres vivos.

Neste ensejo, essa disposição entre código da máquina e código genético acaba que por romper com certas classificações como: homem e natureza, orgânico e inorgânico e homem e máquina (KIM, 2004, p.206). Todavia, a questão da naturalização da cibernética na sociedade pode ainda acarretar uma despolitização, que afinal pode proporcionar um esvaziamento das discussões sobre o quanto a cibernética pode afetar a vida humana, incidindo na falta de mobilização no que tange, a saber: proteção de dados na internet, cibercrimes e ética na biotecnologia.

A popularização do termo cibernética se deu pela literatura *cyberpunk* que surgiu nos Estados Unidos durante a década de 1980. Segundo Amaral (2003), o termo foi cunhado a partir do termo cibernética criado por Norbert Wiener. Esse tipo de literatura de ficção científica reunia a visão distópica do movimento punk, ao mesmo tempo em que incorporava a visão futurista de uma sociedade altamente tecnológica organizada por *softwares* e programas de computadores que se acoplariam ao corpo humano não havendo mais distinção entre humano e máquina, configurando se então um discurso distópico sobre o futuro da humanidade. Um dos clássicos da literatura *cyberpunk* é o livro de William Gibson “Neuromancer” (1984), neste livro Gibson cunhou o termo ciberespaço pela dimensão virtual da *matrix*.

A *matrix* tem suas raízes em games de fliperamas primitivos, disse uma voz em *off*, “nos primeiros programas gráficos e experiências militares com plugues cranianos”. No Sony, uma guerra espacial bidimensional desvanecia atrás de uma floresta de samambaias geradas matematicamente, demonstrando as possibilidades espaciais de espirais logarítmicas, resquícios de filmes militares azulados e queimados, animais de laboratório conectados por fios a sistema de teste, capacetes alimentando circuitos de controle de tanques e aviações de guerra. “Ciberespaço”. Uma alucinação consensual vivenciada diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, crianças que estão aprendendo conceitos matemáticos... uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas no não espaço da mente, aglomerados em constelações de dados (GIBSON, 2016, p.77).

Neste sentido, como pudemos ver a principal característica do termo cibernética foi o descortinar inexistência de descontinuidade entre máquina e humano. Segundo Kim (2004) o futuro anunciado pela cibernética e pela literatura *cyberpunk* seria de uma nova ordem do real na qual algumas definições e distinções entre humano e máquina,

natural e artificial, e mente e corpos se tornariam ambíguas⁴⁴ (HARAWAY, 2000). Além disso, uma das características da literatura *ciberpunk* seria o controle das máquinas pelos homens⁴⁵. Por conseguinte, o que tem sido denominado de cibercultura seria uma resposta positiva da cultura na criação de uma nova ordem do real frente aos novos contextos e práticas que desafiam as categorias tradicionais da realidade (KIM, 2004).

No rumo dos estudos sobre a relação humanos e não humanos o antropólogo Bruno Latour escreveu o livro *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afóra* (1987) em que assinalou que não podemos mais pensar a tecnologia dissociada da ciência, já que o processo de produção de ambas envolve uma rede intrincada de elementos humanos (cientistas, engenheiros, colaboradores, professores, políticos, burocratas) e não humanos (literatura especializada, laboratórios e máquinas) que se relacionam em uma dinâmica não linear. Desse modo, Latour utilizou a expressão tecnociência como guia analítico para se compreender a relação entre ciência, tecnologia e sociedade.

Para Latour (1987) os atores humanos e não humanos estão intimamente ligados, pois agem mutuamente, influenciando e interferindo na relação de um e de outro de modo dinâmico. De todo modo, a única diferença nessa relação é a de que o não humano pode ser regulado e ajustado as necessidades e preferências humanas. Por isso, o não humano seria um mediador, porque pode alterar a ordem do real reprogramando em um novo ritmo suas ações para os humanos. Na teoria ator-rede Latour (1987) demonstrou que a produção de redes e associações humanas e não humanas acontece também no mundo da virtualidade, como na internet, gerando um novo meio de sociabilidade característico da cultura digital, onde se formam redes de sociabilidade, no caso das redes sociais. Por isso, Latour propõe seguir os atores nessa rede e tecer a própria rede, isto é, a rede é um resultado e não um dado, a descrição de uma rede é uma maneira de dispor os rastros deixados por atores no curso de suas ações (SEGATA, 2012).

⁴⁴ Para um aprofundamento das discussões sobre a relação homem e máquina na contemporaneidade, ver: *Antropologia do Ciborgue* (2009) organizado por Tomaz Tadeu e o texto de Donna Haraway *Manifesto Ciborgue- ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX* (1991).

⁴⁵ Para além da literatura a relação humanos e máquinas em um futuro distópico gerou toda uma tradição cinematográfica, a saber: *Blade Runner: o caçador de Androídes* (1982), *Exterminador do Futuro* (1985), *Robocop* (1987), *Matrix* (1999), *Cowboys do Espaço* (2000), *A.I: Inteligência Artificial* (2001), *Minority Report: a nova lei* (2002), *Wall-e* (2008), *A Ilha* (2004), *Altered Carbon* (2018).

Segundo Rubens da Silva Ferreira (2011), Bruno Latour acredita que a visão tradicional da ciência como prática que resulta do acúmulo do conhecimento científico deve ser substituída por uma visão que ressalta a formação de redes em várias épocas e lugares do mundo por cientistas e engenheiros possibilitando a eles fazerem descobertas múltiplas. Em outras palavras para Latour, a tecnociência é um processo dinâmico e sincrônico porque dentro das sociedades contemporâneas diferentes sujeitos atuam em redes para a inovação científica e tecnológica. Assim, Latour (1987) evidenciou em sua obra a relação entre humanos e não humanos, a partir de uma análise que demonstrou a interação não determinante de um sob o outro, destacando a importância de se atentar para as relações que se formaram nessas redes e que são indícios dessas ações. Portanto, a tecnologia, neste contexto, foi investigada a partir de um complexo dinâmico de interações entre humanos e não humanos em que a cultura e a sociedade estão em estreita relação com a tecnologia, sobretudo por meio de redes de interação.

A teoria das mensagens criada por Norbert Wiener pretendia criar um campo científico no qual as máquinas, os humanos e a sociedade não seriam mais investigados de modo distinto, mas a partir de uma visão que compreenderia a humanidade em sua complementariedade com as máquinas compartilhando de um mesmo circuito de funcionamento. Do mesmo modo nos anos de 1980 Latour investigou a relação entre humanos e não humanos a partir de suas interações e complementariedade nas relações. Seus estudos permitiram que os pesquisadores pensassem os objetos técnicos a partir de uma rede de relações com sociedade, refutando a visão determinista da tecnologia sob a sociedade e a cultura. Dito isto, mais do que ter influenciado os campos científicos ligados à informática, robótica e a ciência da computação o termo cunhado por Wiener e ressuscitado por Latour deixou um legado à cultura moderna possibilitando então que a noção de cibernética desse nomeação e sentido à formação de uma nova ordem do real que surgia com as tecnologias da informação e comunicação no final do século XX a partir da popularização dos termos cibercultura e ciberespaço.

Desse modo, como propunha McLuhan (1964) no ciberespaço onde se produz a cibercultura nos tornamos extensões do mundo engendrado pelo virtual. A virtualidade do mundo digital se tornou uma dimensão da nossa realidade. Assim, foi com os estudos do filósofo francês Pierre Lévy que os termos ciberespaço e cibercultura se popularizaram entre as ciências humanas tornando-se um pensador indispensável para os estudos dos impactos das tecnologias da informação e comunicação na cultura contemporânea.

Pierre Lévy publicou o livro “*Cibercultura*” (1997) aonde apresentou um estudo sistemático das transformações culturais que permearam o fenômeno da técnica no final do século XX. Pierre Lévy utilizou as noções de ciberespaço e cibercultura como categorias de análise para descortinar os processos culturais produzidos pelas tecnologias digitais, como a internet e a *Word Wild Web*, a fim de compreender as modificações que dão forma a cultura no tempo presente.

Neste caso, Lévy (1999) demonstrou que as técnicas e a tecnologia não se limitam apenas aos conhecimentos científicos produzidos em laboratórios, mas comportam produtos da ação dos indivíduos ou grupos em seu meio material e artificial. De tal modo, que não podemos separar o mundo material do plano das ideias e das representações, bem como não podemos separar o meio pelo qual esses objetos técnicos foram produzidos e utilizados.

Para Lévy (1994) toda tecnologia é imaginada, construída e reinterpretada pelos indivíduos e o seu uso permite que novos objetos e conhecimentos técnicos sejam elaborados em determinados contextos históricos. Por isso, para este autor o virtual não seria o oposto da realidade, o virtual seria a própria realidade transfigurada nos ambientes digitais. Portanto:

Seria a tecnologia um ator autônomo, separado da sociedade e da cultura, que seriam apenas entidades passivas percutidas por um agente exterior? Defendo, ao contrário, que a técnica é um ângulo de análise dos sistemas sócios técnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e imaterial dos fenômenos humanos e não uma entidade real, que existiria independentemente do resto [...] As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre a tecnologia (que seria da ordem da causa) e “a” cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas”(LÉVY, 1999, p.22-23).

Segundo Lévy, a fluidez do processo de desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação fizeram com que a informática perdesse seu status de técnica e de setor industrial para começar a se unir ao setor das telecomunicações (rádio, cinema e televisão). Em tal caso, nenhuma instância de poder institucional ou de mercado dirigiu o processo de conexão de diferentes redes de computadores no final da década de 1970. Na década de 1980 o número de usuários conectados à rede de computadores começava a crescer produzindo a infraestrutura do ciberespaço. O ciberespaço se configurou então como um novo espaço de comunicação, sociabilidades,

de organização, de transação e em um novo mercado de informação e comunicação (LÉVY, 1999, p.32).

O ciberespaço, por sua vez, produziu a virtualização do espaço e a digitalização de várias atividades humanas produzindo a cibercultura. Neste contexto, a cibercultura é um neologismo que designa um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p.13). Os componentes desse fenômeno se configuram desde os mecanismos de transmissão da rede, o de conexão de telefonia, fibra ótica, bem como também componentes do computador, a memória, os processadores, as interfaces (aparatos materiais que capturam e digitalizam a informação), programas e conexão.

Para Lévy (1999), o ciberespaço seria entendido como um espaço de comunicação aberto e mediado pela intercomunicação de computadores e por suas memórias que movimentam a rede com novas espécies de mensagens que se proliferam pela rede de computadores: mensagens, simulações interativas, mundos virtuais, agentes inteligentes⁴⁶ e hipertextos⁴⁷. Na esteira do pensamento de Pierre Lévy, o pensador brasileiro André Lemos buscou aprofundar em suas análises as noções de ciberespaço e cibercultura.

André Lemos (2008) demonstrou que a cibercultura se constituiu pela formação de uma sociedade que se estrutura por meio da conectividade telemática e da ampliação do poder comunicativo das pessoas. Os ambientes digitais possibilitaram as trocas informações sob as mais diversas formas. Para este autor, o ciberespaço criou um mundo operante, interligado por ícones, portais e *home pages*. A internet se configurou por em um conjunto de redes planetárias que agem como potencial descentralizador do poder tecno-industrial. Ademais, a cibercultura é um dos componentes essenciais das

⁴⁶Segundo André Lemos (2008) os agentes inteligentes são máquinas de busca que cruzam informações de diferentes servidores pelo mundo e programas particulares de pesquisa para os usuários da *web*. Dessa forma, a expansão do ciberespaço e o excesso de informação fazem com que os agentes de informação possam nos auxiliar nas buscas pela *web*. Ainda segundo o autor dependeremos cada vez mais dos agentes inteligentes para navegar no ciberespaço, um exemplo famoso de site de busca é o Google.

⁴⁷O hipertexto são informações textuais, combinadas com imagens e sons organizados de forma a promover a leitura por meio de uma navegação não linear, baseada em indexações e associações de ideias e conceitos por meio de links que podem ser online (WEB) ou off-line (CD-ROM e pen-drive). Os links por sua vez funcionam como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações. Além disso, o hipertexto é uma obra com várias entradas no qual o navegador escolhe seu percurso pelos links e ainda pode ter a possibilidade de adicionar, retirar ou modificar. O termo hipertexto é atribuído a Ted Nelson que lançou em 1965 o projeto Xanadu, inicialmente Ted pensou o hipertexto como uma mídia literária onde a partir dos textos poderíamos abrir as janelas e fazer o nosso próprio percurso de pesquisa (LEMOs 2008, p.122). Um exemplo de hipertexto conhecido mundialmente é a Wikipédia.

sociedades contemporâneas e está criando uma nova relação entre técnica e vida social (LEMOS 2008, p.15).

As noções de ciberespaço e cibercultura definidas por Pierre Lévy desvelaram a nova configuração cultural tornando-se instrumentos heurísticos centrais para análise desse universo que se produz e (re) produz a cada *click* dando movimento a sociedade contemporânea através da complexa e dinâmica relação entre técnica e sociedade. Do mesmo modo que para Marshall McLuhan, Lévy considerou o meio pelas suas próprias características e pelas suas capacidades de transformação e de reinvenção a partir dos antigos ambientes comunicacionais, como a internet, que ressignificou as mídias tradicionais agrupando-as pela denominação de multimídia.

Nas reflexões de Lévy vislumbra-se uma concepção positiva sobre a tecnologia, na medida em que o autor acredita nas potencialidades transgressoras e revolucionárias dos objetos técnicos de modificarem a vida material e psíquica dos homens, por exemplo, Lévy (1994) cita a conformação da inteligência coletiva com o advento da internet. Assim, a inteligência coletiva seria uma inteligência distribuída em rede, coordenada em tempo real, que resultaria em uma mobilização efetiva das competências e habilidades, a fim de potencializar a aprendizagem dos indivíduos (LÉVY, 1994).

Por sua vez, a inteligência coletiva transformaria todas as faculdades humanas que possibilitam aos homens e mulheres darem sentido ao seu mundo. Por isso, para Lévy as características do ciberespaço proporcionariam que o conhecimento fosse redistribuído de maneira igualitária através do compartilhamento do saber humano por meio de uma memória comum, a da internet. Essa redistribuição do saber romperia com as antigas formas hierárquicas do conhecimento e possibilitariam o enriquecimento humano através da inteligência coletiva. Portanto, podemos dizer que Lévy demonstrou em seus estudos a dimensão humana da tecnologia, enfatizando as incertezas de futuro permeado pelas tecnologias digitais já que não há um ponto fixo nesse oceano de informações no qual nos encontramos. Neste contexto, o pesquisador André Lemos descreveu o modo como essa nova cultura tecnológica está se constituindo nas sociedades contemporâneas produzidas pela cibercultura e pela nova configuração da técnica na sociedade.

Para Pierre Lévy (1999) a configuração do ciberespaço permitiu que um novo meio de comunicação provocasse mudanças substanciais na forma como lidamos com a informação e o conhecimento. Por conseguinte, o ciberespaço comporta tecnologias

digitais⁴⁸ que amplificam as funções cognitivas dos seres humanos, por exemplo: imaginações (simulações virtuais), novos sentidos (telepresença e realidades virtuais), raciocínio (inteligência artificial) e memória (arquivos digitais, hipertextos e banco de dados) (LÉVY, 1999, p.157).

Na direção das reflexões de Lévy, a crítica literária Janet Murray publicou o livro *Hamlet no Holodeck: O Futuro da Narrativa no Ciberespaço* (1997). Janet buscava compreender o modo como o ciberespaço pode modificar e potencializar a escrita com novas formas de se criar histórias, bem como a produção de novas experiências com a imersão do leitor/navegador no ciberespaço. Para a autora, a internet se conformou como um meio “multiforme”⁴⁹ e “não linear” capaz de criar novos formatos narrativos.

Segundo Murray (2003) o nascimento de um novo meio de comunicação é ao mesmo tempo estimulante e assustador, já que qualquer tecnologia industrial que amplia nossas capacidades motoras e/ou cognitivas também impulsiona reflexões sobre nossa própria noção de humanidade. Desse modo, o computador na década de 1990 com sua capacidade de nos transportar para lugares virtuais e de conectar pessoas disponibilizou uma enorme quantidade de informações combinando aspectos de todos os meios de comunicação como cinema, televisão e rádio tornando-se um meio multimídia.

Não obstante a autora destaca que na década de 1980 foram desenvolvidos os ambientes de jogos conhecidos como *MUDS (Multi-user Domains)* que permitiram aos jogadores compartilharem entre si através da internet narrativas ficcionais em tempo real. Neste contexto, os participantes criaram mundos fictícios coletivamente a partir de seus temas favoritos, como livros, programas de televisão e filmes. Esse novo espaço de diversão no mundo virtual misturou o narrado com o dramatizado, configurando-se como um espaço de produção colaborativa entre as pessoas que estão imersas nessa realidade virtual (MURRAY, 2003, p.55).

Segundo Murray (2003) os formatos lineares como romances peças de teatro e histórias de ficção tem se tornado multiformes e mais participativos, na medida em que os novos ambientes eletrônicos têm desenvolvido seus próprios formatos narrativos. Assim, a narrativa digital que foi desenvolvida nos jogos de computador tem criado

⁴⁸ Para maiores informações ver: Pierre Lévy “As tecnologias da Inteligência: O futuro do Pensamento na Era da Informação” (1998). Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2015/03/LEVY-Pierre-1998-Tecnologias-da-Intelig%C3%A2ncia.pdf> . Acesso em 18/9/2018.

⁴⁹ É um espaço que se caracteriza por uma rede que se liga há um emaranhado de nós onde a narrativa pode circular por múltiplos caminhos e versões independentes remetendo a metáfora do labirinto (MURRAY, 2003, p.43).

ambientes visuais complexos proporcionando uma maior interação entre os avatares⁵⁰ dos videogames e os jogadores e, de maneira subliminar, têm modificado o contexto da literatura tradicional. Um exemplo desse tipo de interação é o jogo em CD-ROM *Myst* que tem um alto grau de imersão do jogador por meio de sons de assobios, ventos e ondas no mar no qual o jogador vai descobrindo pistas e realizando desafios.

De acordo com Murray (2003) as facilidades trazidas pelo advento da internet e da *Word Wide Web* fizeram com que o hipertexto de ficção⁵¹ ficasse conhecido por milhares de pessoas ao redor mundo. Com isso, geralmente as histórias escritas em hipertexto são divididas em páginas ou em fichas que são organizadas por blocos de informação denominados lexias, que são preenchidas por hiperlinks que conduzem a vários lugares podendo conter informações na forma de vídeos, fotos, gráficos e textos.

A existência do hipertexto tem se caracterizado por outra forma de elaboração da narrativa tanto para o escritor quanto para o leitor com novas formas de experimentação da leitura. Assim, o hipertexto criou formas de segmentação, justaposição e encadeamento lógico da narrativa, propiciando que mais de um ponto de entrada com muitas ramificações sem um lugar definido pudesse ser construído no ciberespaço, estimulando os leitores a trilhar seu próprio caminho por meio dos *links*. Exemplo similar de interação são as histórias multiformes imaginadas pelo escritor argentino Jorge Luís Borges (MURRAY, 2003, p.65).

Janet Murray (2003) define quatro propriedades características dos ambientes virtuais que são: procedimentais, participativos, espaciais e enciclopédicos. O computador como artefato técnico que conecta as pessoas ao ciberespaço tem o poder procedimental porque ele não é em sua essência um condutor ou caminho, mas sim um motor que incorpora comportamentos complexos e aleatórios e que pensa por meio de unidades binárias identificando regras gerais ou exatas de comportamento. Já os ambientes virtuais são participativos porque sua organização se estrutura pela agência dos sujeitos nesses espaços, os comportamentos não são gerados simplesmente através de regras podendo ser induzidos conforme as informações que inserimos neles, por exemplo, a própria internet é participativa e se retroalimenta pela geração de conteúdos

⁵⁰ Na linguagem informática, o avatar é uma figura gráfica criada no mundo virtual, principalmente em jogos de computador na internet.

⁵¹ Uma das primeiras narrativas hipertextuais de grande sucesso foi *The Spot*, uma novela sobre um grupo de yuppies que viviam nos Estados Unidos na Costa Oeste. Os leitores movem-se de um diário ao outro comparando diferentes versões sobre um mesmo fato. Outro hipertexto ficcional é o *Afternoon* que contém 593 lexias onde o leitor é levado a clicar e descobrir mais sobre a história e a vida dos personagens (MURRAY, 2003, p.65-66).

postados pelos indivíduos, além disso, jogos como *League of Legends*⁵² criam esse universo interativo e participativo ao propiciarem que jogadores criem estratégias e desafios para seus oponentes em tempo real.

Os ambientes digitais se caracterizam pela capacidade de representar espaços navegáveis⁵³ apresentando uma dimensão na qual os indivíduos podem se mover em um ambiente que tem sua própria geografia e onde nos transportamos por meio de nossos computadores a lugares distantes que se projetam no emaranhado de *nós* da rede. O ciberespaço tem como característica ser enciclopédico, pois, tem uma enorme capacidade de armazenamento de documentos amplificando a memória humana. A eficiência da representação de números e palavras pelo formato digital tem a capacidade de armazenar informações nunca imaginadas, gerando uma expectativa enciclopédica do arquivo infinito. No entanto, essa aspiração de englobar todos os documentos do mundo em um banco de dados pode ser problemática, já que as informações ali contidas podem ser incompletas ou fragmentadas criando um espaço onde as informações não são confiáveis ou ainda podem ser perdidas com facilidade. Dito isso:

Tão importante quanto a enorme capacidade dos meios eletrônicos é a expectativa enciclopédica que eles induzem. Uma vez que toda forma de representação está migrando para o formato eletrônico e todos os computadores do mundo são potencialmente acessíveis entre si, podemos agora conceber uma única e compreensível biblioteca global de pinturas, filmes, livros, jornais, programas de televisão e banco de dados, uma biblioteca acessível de qualquer parte do globo. É como se a versão moderna da grande biblioteca de Alexandria, que continha todo o conhecimento do mundo antigo, estivesse a ponto de se rematerializar na vastidão infinita do ciberespaço. Naturalmente, a realidade é muito mais caótica e fragmentada: as informações veiculadas em rede são geralmente incompletas e enganosas; as rotinas de busca são, com frequência, intoleravelmente enfadonhas e frustrantes; e a informação que desejamos muitas vezes parece dolorosamente fora do alcance. Mas quando ligamos nosso computador e iniciamos nosso navegador da web, todos os recursos do mundo parecem acessíveis, recuperáveis e imediatos. Trata-se de um reino em que facilmente nos imaginamos oniscientes (MURRAY, 2003, p.88).

⁵² É um jogo *multiplayer* criado pela Riot Games foi inspirado no modo *Defense of the Ancients* do jogo *Warcraft III: the Frozen Throne*. Nesse jogo, os players são invocadores que controlam os campeões pelas suas habilidades e disputam com outros times de adversários com as mesmas habilidades (https://pt.wikipedia.org/wiki/League_of_Legends). Acesso em 9/9/2018. Para ter acesso ao jogo ver em: https://play.br.leagueoflegends.com/pt_BR

⁵³ A geografia do ciberespaço começou a ser desenvolvida na década de 1970 no *PARC (Palo Alto Research Center)* da Xerox que criou a primeira interface gráfica para o usuário do computador com a imagem de uma escrivaninha (desktop) cheia de arquivos que hoje é o padrão para gerenciamento de arquivos no computador. Por conseguinte, os cientistas do ATARI criaram os primeiros jogos baseados em gráficos como o *PacMan* criando a dimensão gráfica que conhecemos hoje nos videogames. Além disso, conforme a ARPANET crescia os cientistas desenvolviam um espaço virtual cada vez mais complexo para a interação dos usuários (MURRAY, 2003, p.85).

A referência que fazemos aos estudos de Janet Murray (2003) nos dá base para compreender como a narrativa no ciberespaço se transforma, tornando-se fluída e procedimental possibilitando que o escritor crie condições de definir os caminhos para que o leitor se envolva de maneira interativa na narrativa. Dessa forma, o ciberespaço criou novas formas de produção para a narrativa através de jogos de videogames, das histórias de ficção hipertextual e das simulações interativas engendrando um mundo de possibilidades para a escrita em ambiente virtual, isto é, uma nova forma de produção do conhecimento se projeta no ciberespaço.

Por outro lado, é interessante observar que Murray (2003) demonstrou que as narrativas digitais têm possibilitado a extensão da memória humana por meio da conexão com a rede mundial de computadores e de banco de dados que tem ampliado a capacidade de armazenamento da memória humana. Além disso, a autora evidencia que as narrativas que se fragmentam no ciberespaço podem ser “dominadas” por meio do computador de forma a localizar esses fragmentos criando condições para preservar a história do nosso percurso na rede.

Murray (2003) observou que o futuro da narrativa e da memória do ciberespaço permanecem imprevisíveis pelas próprias características mutáveis e fluídas desse ambiente que se reconfigura a cada *bit*. Por fim, Janet Murray se tornou referência fundamental ao tratar em suas análises das narrativas interativas que se projetam em jogos de videogames, literatura hipertextual, cinema 3D entre outros ambientes de interação virtual.

No rumo das discussões acerca da cibercultura e da cultura midiática juntamente em sua relação com a tecnologia, o pesquisador estadunidense Henry Jenkins propôs no livro *Cultura da Convergência* (2006) compreender como as velhas e as novas mídias se chocam e interagem de forma cada vez mais complexa, sobretudo com o advento da internet e das tecnologias digitais. Para Jenkins (2006) a cultura da convergência está relacionada a três conceitos que são os da convergência dos meios de comunicação, da cultura participativa e da inteligência coletiva, de modo que:

Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2006, p.27).

A convergência das mídias é mais do que uma mudança tecnológica, ela representa uma alteração entre as tecnologias já existentes, as indústrias, o mercado e seus públicos, isto é, a convergência promove uma transformação na lógica mercadológica. Agora são os consumidores que reorganizam os fluxos das notícias e o do entretenimento, bem como suas preferências em relação aos produtos a partir de narrativas inscritas em ambiente virtual e sistematizadas conforme netnografias⁵⁴ muitas vezes efetuadas de maneira mecanizada. Assim, a cultura da convergência refere-se a um processo que concilia as coexistências das mídias, que proporcionaram a circulação de conteúdos por diferentes sistemas midiáticos que são altamente dependentes dos consumidores, da participação do público que busca pelas informações não mais de modo separado entre consumidores e produtores, mas agora como participantes/produtores dessa cultura da convergência. E da inteligência coletiva, como um processo de consumo coletivo que foi desencadeado pelas redes de comunicações virtuais criando comunidades do conhecimento relacionadas a interesses comuns. Por exemplo, o mundo dos *spoilers* de *Survivor*⁵⁵, onde consumidores ativos se reúnem para tentar desvendar os segredos do programa antes dele ir ao ar configurando um modo de inteligência coletiva em ação (JENKINS, 2006).

Segundo Jenkins (2006) o processo no qual nos encontramos de convergência cultural acontece a partir de uma transformação na forma de produzir e consumir os meios de comunicação engendrando uma produção coletiva de significados na cultura popular que começa a modificar o funcionamento da educação, do direito, da política, da publicidade e das religiões. Dessa forma, a cultura da convergência deu poder ao público pelas novas tecnologias que ocuparam um espaço de fronteira entre os velhos e os novos meios de comunicação, o público agora exige o direito a participação e a produção na cultura contemporânea.

⁵⁴ O termo netnografia é um ramo da Etnografia que estuda o comportamento de indivíduos e grupos na internet em ambiente online e offline. O termo foi empregado pela primeira vez por Robert R Kozinets. Nos últimos anos houve um crescimento de estudos sobre os métodos a serem utilizados para quem faz pesquisa na *web* no campo das ciências humanas, sobretudo relacionados a netnografia que é considerada um método de pesquisa etnográfica online, isto é, baseado na pesquisa observacional e participante em trabalho de campo online na *web* e que advêm do campo do *marketing* e do consumo (KOZINETS, 2014, p.61).

⁵⁵ É um *reality show* de sobrevivência criado no Reino Unido por Charlie Parson e que ganhou notoriedade e audiência nos Estados Unidos nos anos 2000. Neste reality os participantes fazem desafios em troca de comida, água e itens básicos de sobrevivência. No Brasil esse reality teve sua versão no programa No Limite transmitido pela Rede Globo no ano 2000 (WIKIPÉDIA, 2019). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Survivor>

No estudo de Henry Jenkins (2006) a cultura é o ponto de partida para se compreender as transformações das mídias com o advento das tecnologias digitais. Neste ponto, a convergência das mídias pela internet em um sistema multimídia de redes de comunicação propiciou que o espectador da cultura de massas se tornasse o produtor na cultura da convergência. Os cidadãos têm a habilidade de controlar as tecnologias digitais e contar suas histórias, as mídias não estão mais sob o monopólio corporativo, mas passam a conviver nesse sistema em que mídias antigas e novas convergem em novas formas de participação popular em rede. Portanto, para Jenkins (2006) a convergência representa uma transformação cultural na qual os seres humanos passaram a controlar o poder da tecnologia criando e recriando esse universo simbólico construído na *web*.

Nas análises de Lévy, Murray e Jenkins a tecnologia para além do ambiente material compreende as dimensões imateriais da realidade. Para esses autores, a tecnologia não determina a sociedade e seus indivíduos, isto porque são os seres humanos que a transformam pelo uso dos objetos técnicos ressignificando. Neste contexto, a técnica é concebida como produção cultural e social dos seres humanos, pois ela não é um fenômeno *per se*. Portanto, para Lévy, Murray e Jenkins o fenômeno da técnica produz modos de pensamento, práticas e valores que se desenvolvem com a cultura humana. Neste sentido, Lévy, Murray e Jenkins compartilharam da visão de McLuhan de que o “meio é a mensagem”, de modo que um meio ou uma tecnologia afeta a sociedade não pelo conteúdo que transmite, mas pela forma que se apresenta em determinado ambiente.

Por fim, esses autores compartilharam da visão de que está se processando uma nova configuração cultural por meio da tecnologia na sociedade, aonde a técnica permeia todos os âmbitos da vida humana porque se transformou numa lógica. Além disso, demonstraram que as tecnologias têm modificado nossa organização cognitiva engendrando novas formas de produção do conhecimento científico. A tecnologia, para esses autores, estaria no limiar de uma profunda modificação nas formas de circulação e produção do conhecimento, a virtualização e digitalização da vida estaria produzindo um novo tipo de humanidade no século XXI (LÉVY, 1999, MURRAY, 2003) ou ainda estaria engendrando a cultura da convergência onde as novas e velhas mídias interagem possibilitando que as pessoas tenham controle sobre as tecnologias com a participação e produção cultural na internet (JENKINS, 2006).

O ciberespaço e a cibercultura se tornaram uma das dimensões essenciais do nosso cotidiano, o virtual tornou-se nossa realidade que a cada dia é transformada pelo universo cibernético. A cultura então não pode mais ser pensada de modo restrito, mas sim pela multiplicidade de objetos técnicos, pelas práticas discursivas que retroalimentam os ambientes digitais e as práticas culturais que são produzidas nesse contexto de conectividade e da cultura da convergência.

Neste contexto, a própria historiografia cultural começou a problematizar os desafios dos seus objetos de estudos frente às transformações culturais provocadas pelas tecnologias digitais e pela conformação do ciberespaço e da cibercultura. Dito isso, vejamos como alguns historiadores problematizaram esta questão.

1.2.3 DAS PRÁTICAS ESCRITAS ÀS DIGITAIS: A TEXTUALIDADE ELETRÔNICA E A HISTÓRIA

Como vimos, a tecnologia não está dissociada da humanidade na medida em que é criada por ela como seu reflexo e representante e, no limite, como meio de recriação de si própria. Enquadrável na categoria trabalho, mas transcendente a ela, a tecnologia perdeu, ao longo dos últimos 50 anos, o acento na técnica como elemento distintivo e indexador e ganhou, na lógica, um eixo estruturante a partir do qual a cultura é ressignificada. Na lógica da tecnologia, imagens, sons e textos se articulam conformando a mensagem. Sendo o texto uma das principais matérias da cibercultura, a História da leitura e de um de seus principais dispositivos, o livro, ganha terreno nesse espaço como referência para seu escrutínio. Nesse panorama, o historiador francês Roger Chartier é um dos principais expoentes dessa discussão. Suas pesquisas se encaminharam para a análise das transferências entre a cultura oral e a cultura escrita, a participação na cultura letrada por indivíduos não letrados por meio de práticas culturais diversas e pela transferência da oralidade para os registros escritos (BARROS, 2003). Desse modo, Roger Chartier é um historiador do livro e da leitura, bem como de suas práticas na Europa Ocidental Moderna. Seus trabalhos foram influenciados pelos escritos de Michel Foucault⁵⁶ e de Pierre Bourdieu⁵⁷ na conformação das suas noções de práticas e representações.

⁵⁶ Muitas das obras de Foucault sobre a história da loucura, sexualidade e sistemas de pensamento influenciaram a História, mas especificamente três de suas ideias tiveram maior repercussão entre os historiadores, sobretudo, os da história cultural. A primeira incidia sobre as visões teleológicas de história em termos de progresso que eram adotadas sem questionamento por historiadores, sua abordagem

Para Chartier “a história cultural tem por objeto identificar o modo como em diferentes em lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1989, p.17). Neste contexto, a partir da produção cultural de certo período se examina a relação produzida entre as práticas e as representações de um dado mundo social⁵⁸. De todo modo, tanto os objetos culturais são produzidos entre as práticas e as representações, como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre esses dois polos que correspondem os “modos de se fazer” e aos “modos de se ver” (BARROS, 2005, p.7-8).

As práticas culturais são as formas que os seres humanos produzem sentido e dão significação ao seu mundo material e imaterial. Os modos de vida, modos de se vestir, andar, falar, comer, bem como as atitudes diante da vida e da morte, os valores morais, as convenções sociais, os modos de se confeccionar um livro, as práticas de leitura e de produção do conhecimento configuram-se em práticas culturais de percepção do real em que se produzem as divisões, classificações e delimitações que organizam a apreensão do mundo social. Ademais, as práticas geram representações pelos seus usos e costumes, por exemplo, no caso do livro, as práticas de leitura podem criar novas representações sob determinadas necessidades sociais em certo período histórico (BARROS, 2005, p.7-8).

Consoante, o objeto fundamental de uma história cujo projeto é reconhecer o modo como os atores sociais investem de sentido suas práticas e seu discurso que residem na tensão entre as capacidades inventivas dos indivíduos e das comunidades e os constrangimentos, as normas e as convenções que limitam o que lhes é possível pensar, enunciar e fazer (CHARTIER, 1994, p.6-7).

genealógica, remetendo a Nietzsche, destacou os acidentes ou os efeitos em lugar da evolução das ideias ou origens do sistema. Em segundo, encarou os sistemas de classificação, denominados por ele de epistemes ou regimes de verdade como expressões de uma dada cultura. Em terceiro, Foucault ao escrever uma história intelectual ou cultural que incluía práticas e teorias e corpos e mentes definiu seu conceito de práticas com ênfase as microfísicas do poder ou políticas que circundavam os objetos (BURKE, 2004, p.75-76).

⁵⁷ Os conceitos e teorias de Bourdieu foram decisivos para a conformação da nova história cultural, que incluem os conceitos de campo, teoria da prática (habitus), a ideia de reprodução cultural e a noção de distinção (capital simbólica e capital cultural) (BURKE, 2004, p.78).

⁵⁸ As noções de práticas e representações estão intimamente relacionadas com o conceito de campo de Bourdieu, de modo que o campo é o espaço simbólico em que a luta dos agentes determinam, validam e legitimam as representações. Assim, é pelo poder simbólico que se estabelece uma classificação dos signos, do que é adequado ou não a um código de valores. Os símbolos, por sua vez, se afirmam na noção de prática, como instrumentos de integração e coesão social que permitem a reprodução da ordem estabelecida (BOURDIEU, 1989).

Por isso, a proposta de Chartier (1994) é a de conciliar a relação entre o subjetivo e o objetivo a partir de uma dupla percepção dos objetos, pois todo gesto criador inscreve-se suas formas e seus temas, a partir de uma relação com as estruturas fundamentais de um determinado momento, assim como os meios e processos que moldam a distribuição do poder, da economia da personalidade ou a organização da sociedade.

Neste sentido, no texto *Escutar os mortos com os olhos (2010)* Chartier ao voltar seu olhar para o presente se defronta com os desafios de se fazer uma história do livro e das suas práticas em tempos de rupturas com as antigas formas de escrita e leitura com o advento da textualidade eletrônica. Desse modo:

Trata-se sem dúvida de uma tarefa urgente hoje, numa época em que as práticas do escrito se encontram profundamente perturbadas. As mutações de nosso presente transformam, ao mesmo tempo, os suportes da escrita, a técnica de sua reprodução e disseminação, assim como os modos de ler. Tal simultaneidade é inédita na história. A invenção da imprensa não modificou as estruturas fundamentais do livro, composto, depois como antes de Gutenberg, por cadernos, folhetos e páginas, reunidos em um mesmo objeto. Nos primeiros séculos da era cristã, a forma nova do livro, a do codex, se impôs em detrimento do rolo, porém não foi acompanhada por uma transformação da técnica de reprodução dos textos, sempre assegurada pela cópia manuscrita. E se é verdade que a leitura conheceu várias revoluções, reconhecidas ou discutidas pelos historiadores, essas ocorreram na longa duração do códex [...] Ao quebrar o vínculo antigo estabelecido entre textos e objetos, entre discursos e sua materialidade, a revolução digital obriga a uma revisão radical dos gestos e das noções que associamos ao escrito (CHARTIER, 2010, p.8).

Para Chartier (2010) os fragmentos de textos que aparecem no monitor não são páginas, mas composições particulares e efêmeras. O livro eletrônico não mais se diferencia pela sua materialidade e pela sua escrita, as discontinuidades existem até nas aparentes continuidades, isto porque, a leitura pelo monitor é descontínua e fragmentada, diferentemente do que acontece com a leitura textual que é realizada em sua totalidade.

Para esse autor essas interrogações que permeiam o tempo presente estão nas rupturas em relação às propriedades literárias onde os textos atualmente se tornaram móveis e maleáveis, assim o autor questiona como o historiador do livro vai reconhecer uma ordem do discurso ou a ordem do escrito ligada a autoridade do saber e a sua forma de publicação. As tecnologias digitais têm permitido uma maior circulação das

informações e do conhecimento, ao mesmo tempo em que tem dado margem a falsificações e erros. Desse modo, como serão preservados os modos de ler que constroem significação já que agora os textos coexistem em vários suportes multimídia (CHARTIER, 2010)?

Por conseguinte, ao observar que a tecnologia tem modificado a forma como o conhecimento é produzido e disseminado para a sociedade, Roger Chartier constatou no livro *A História ou a leitura do tempo* (2007) que a História teria que lidar com as modificações no seu ofício mediante seu ingresso na textualidade eletrônica, isto é, a internet ofereceu novas possibilidades para o conhecimento histórico com a ampliação dos espaços para construção, publicação e recepção dos seus discursos, assim, muitos historiadores estão reconfigurando a maneira de organizar a sua argumentação. Para o autor, a cultura digital tem permitido que os historiadores desenvolvessem demonstrações segundo uma lógica que não é mais dedutiva e linear, possibilitando uma articulação aberta, fragmentada e relacional do raciocínio histórico, que só foi possível pela multiplicação das ligações hipertextuais da internet (CHARTIER, 2007, p.59).

De tal modo, que no livro *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrum* (1998), Chartier observou que a textualidade eletrônica e as práticas digitais não impuseram a morte do autor ou desaparecimento do livro, mas promoveram uma ruptura na ordem do discurso. Na cultura imprensa como a conhecemos essa ordem se estabeleceu entre a relação de tipos de objetos (livros, revistas e diários), categorias de textos e formas de leituras. Tal relação está consolidada em uma história de longa duração da cultura escrita que advém da sedimentação de três inovações: a difusão de um novo tipo de livro entre os séculos II e IV na Antiguidade, o códex, que substituiu os rolos utilizados em Roma e na Grécia; outra modificação no final da Idade Média entre os séculos XIV e XV foi o aparecimento do livro unitário composto por um único autor escrito em língua vulgar, já que antes era caracterizado apenas por autoridades canônicas cristãs e escrito em latim; e por fim no século XV a invenção da prensa móvel por Gutenberg, técnica utilizada até os dias de hoje para produção e reprodução de livros, que tirou os livros do ambiente artesanal de produção e permitiu a expansão da literatura como produto cultural. A mudança nos dispositivos e modo de produção da leitura foi, para esse autor, essencial para a criação e difusão da cultura escrita (CHARTIER, 1998, p.39).

Neste contexto, segundo Chartier (2009), essa ordem dos discursos é que se transforma com a textualidade eletrônica, agora em um único aparelho, o computador, o

tablet ou o celular, surgem para o leitor diversos tipos de textos, imagens e vídeos. Todos os textos são lidos por um mesmo suporte a tela do computador, cria-se assim uma continuidade que não mais diferencia os diversos discursos segundo a materialidade. Desse modo, a “revolução do livro eletrônico” é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de se ler (CHARTIER, 2009, p.13). Portanto, para Chartier as modificações na cultura escrita com o advento das tecnologias digitais e do ciberespaço têm transformando não só as práticas de escrita e leitura em ambientes digitais, mas também tem modificado as práticas de historiadores nesses ambientes, que agora têm que lidar os desafios do tempo presente.

Na esteira dessas discussões, o historiador espanhol Antonio Rodriguez de Las Heras em um texto publicado com Roger Chartier e intitulado *El futuro del libro y El libro del futuro*(2001) constatou que o livro é a máquina de memória mais eficaz construída para armazenar as informações, sendo que independente das mudanças materiais e morfológicas produzidas pelos efeitos da tecnologia, temos no livro ainda a melhor capacidade para armazenar informação. A questão atual é que o livro foi transfigurado pela tecnologia para os ambientes digitais, um livro sem papel e sem páginas, um livro que pode ser atualizado e nunca terminado, um livro poliedro (que se pode abrir e começar a ler de diversas formas e um livro hipertextual no qual em que as dobras já não estão no suporte, mas no texto, e que o leitor se desdobrará com sua leitura.

Para Las Heras (2001) o mundo digital que emergiu e o precipício dos objetos e atividades de nosso mundo, chamado natural e, transformado em digital seria apenas o começo. Para o autor, o livro irá mudar e, no entanto, vamos continuar a reconhecê-lo do outro lado da tela. O impulso para a sua transformação virá da exploração dos seus criadores, mas também, e com maior urgência, da necessidade imperativa de mudança para que esse novo meio possa funcionar.

Segundo Las Heras (2001) neste limiar onde estamos, acreditamos que a melhor garantia de sobrevivência seria a de reproduzi-la no espaço digital, como temos materialmente ; mas também sabemos que a história diz-nos uma e outra vez que este seria apenas um esforço temporário, pois novas possibilidades iram quebrar o molde do que é seguro e bem testado, para surpreender-nos com o inimaginável e, no caso da escrita, com sua plasticidade de adaptar-se e explorar as capacidades expressivas que o novo meio proporciona. Portanto, para Las Heras a tecnologia tem criado uma cultura

dual baseada nos antigos espaços seculares de transmissão do conhecimento e os nos espaços virtuais onde se produz e se transmite o conhecimento.

Por sua vez, para Chartier (2001) essa cultura dual seria mais do que dual, já que finalmente nos encontramos com três formas de inscrição e comunicação dos textos: uma prática manuscrita, a publicação impressa e, finalmente, as formas de textualidade eletrônica, que desenham caminhos diversos e que são mobilizados para usos totalmente diferentes. Portanto, poderíamos falar sobre a existência de três possibilidades abertas, usadas e gerenciadas. A partir daqui podemos discutir este aspecto da absorção da textualidade eletrônica dos usos e funções que já estavam ligados às antigas práticas de escrita. De todo modo, a inércia das categorias ou a incorporação de práticas, hábitos, gestos, não desaparecerão com o ritmo da mudança tecnológica, a mudança dos dispositivos e os usos do texto eletrônico.

Segundo Chartier nos deparamos com o risco da fragmentação e que afetaria não somente os textos e as práticas de leitura, mas incidiriam em uma fragmentação da sociedade. Especificamente, da ruptura que ocorreria entre aqueles que em seus sistemas de representação ou em seus hábitos ou práticas podem seguir, mais ou menos, esse ritmo acelerado e de mudanças frenéticas e aqueles que permanecerão marginalizados, por motivos diversos, se não encontrarem as mediações já mencionadas. Através da discussão teórica sobre a coexistência das três modalidades de inscrição da textualidade, estamos falando, implicitamente, de uma fratura sociocultural que se incide diretamente na cultura escrita (LAS HERAS; CHARTIER, 2001).

As modificações na cultura escrita pelas tecnologias digitais têm transformando a História e as práticas dos historiadores, assim no texto *Imagen Histórica y edición electrónica* (2009) Las Heras evidenciou que estamos vivendo uma profunda modificação cultural no começo do século XXI, em que a virtualização da realidade tem consequências ainda instáveis nas sociedades. Segundo Las Heras, o uso da tecnologia tem um papel crucial na produção do conhecimento e integra as ações dos historiadores, uma vez que devemos observar como o discurso dos historiadores é moldado pelos novos suportes de leitura e ferramentas de busca e sistematização das fontes para a pesquisa que estão no ciberespaço.

Para Las Heras trata-se também de um empoderamento dos autores, uma vez que “muchos de nosotros nos hemos venido decidiendo en estos años por escribir, con la ayuda de un procesador de textos, en soportes magnéticos. Más recientemente, pero

arrancando con gran rapidez, ha despegado, desde el mismo campo de las empresas editoriales, la edición electrónica” (LAS HERAS, 2009).

Todavía, apesar de Las Heras demonstrar a importância das ferramentas digitais, como os processadores de texto para a escrita da história, os historiadores não transcenderam as formas tradicionais de narrativa ao transportá-la para o ciberespaço. De tal forma que assim como Murray assinalou ao destacar as novas formas de narrativa literária na *web* que utilizam das tecnologias digitais, como hipertexto, ramificações da *web*, arquivos digitais e as multimídias em sua escrita, a História ao efetuar a transposição da linguagem científica para o ciberespaço por meio de suas regras, convenções e interpretação documental não ultrapassou os cânones de sua prática de pesquisa.

No entanto, projetos como e-Gutenberg⁵⁹ da *American Historical Association*⁶⁰ e da *Columbia University Press* que visam incrementar a narrativa histórica tradicional através das ferramentas digitais, com a inclusão de *links* e hipertextos que possibilitem o leitor ter acesso aos mesmos dados que o historiador estão na esteira de um movimento de transformação da narrativa histórica. Ademais, queremos salientar que pouca mudança foi efetivada no campo narrativo, sendo que a maior parte da produção textual circula em sistemas de repositórios digitais de artigos e bibliotecas digitais, muitas vezes fechados sem licenças abertas. Portanto, neste cenário, talvez haja uma lacuna na historiografia brasileira e mundial sobre o tema e que inviabilize os estudos que tratem dessa relação.

A formação de redes de comunicação virtuais possibilitou que a História circulasse na rede de forma mais acessível para a população. Por outro lado, a rede com seus espaços navegáveis e ferramentas de processamento de textos provocou também mudanças substanciais na esfera do trabalho dos historiadores. Agora imbuídos de ferramentas digitais que aceleram o processo da escrita através de computadores e *notebooks*, os historiadores passaram a publicar cada vez mais em revistas científicas disponíveis na *web*, que alavancam sua carreira e legitimaram suas pesquisas entre sua comunidade científica. A era da reprodutibilidade digital da historiografia aumentou a produtividade impactando no *status quo* da profissão, a regra se transformou em quem publica mais e em revistas com alta qualificação tem maior reconhecimento na sociedade.

⁵⁹ Para maiores informações acessar: <http://www.gutenberg-e.org/>

⁶⁰ Para saber mais: <https://www.historians.org/>

Na direção das questões que envolvem o livro e suas práticas, o historiador cultural norte-americano Robert Darnton, um dos historiadores que mais se aproximou da antropologia, publicou o livro *A questão dos livros: passado presente e futuro* (2010). Neste livro Darnton apresenta um dos desafios mais significativos relativos à tecnologia e à prática dos historiadores: a questão da digitalização dos livros e das fontes e da democratização do conhecimento no século XXI. Darnton também demonstrou que uma mídia não substitui a outra. A publicação de manuscritos desenvolveu-se por muito tempo depois da invenção da prensa móvel por Gutenberg; os jornais não acabaram com o livro impresso; a televisão não destruiu o rádio e a internet não fez com que os telespectadores abandonassem suas tvs, isto é, o autor assim como McLuhan (1964) evidenciou a coexistência das mídias na sociedades contemporâneas.

Desse modo, o autor observou que a democratização e o livre acesso ao conhecimento que tem surgido com os novos formatos de livros e acesso a banco de dados não remontam apenas a aspectos positivos, pois, a digitalização dos livros e o livre acesso aos bancos de dados esbarram em uma questão delicada na contemporaneidade: a mercantilização do conhecimento.

Empresas como o Google tem a pretensão de criar a maior biblioteca do mundo digitalizando livros, porém, a um custo caro. Para ter acesso ao seu banco de dados, os leitores deverão pagar um valor anualmente a empresa, ou seja, estamos lidando com um sério problema, o monopólio da informação por uma só empresa e:

Pense, contudo, no poder inerente à função de “porteiro” do Google. Quem tiver controle sobre os portões para os dados digitais pode se comportar como um cobrador de pedágio, forçando os outros a pagarem pelo acesso à rodovia da informação (DARNTON, 2012, p.57).

Ainda no sentido do monopólio da informação por empresas, esse monopólio pode acontecer no contexto da produção do conhecimento histórico e de quem detêm o capital cultural e o domínio das ferramentas digitais para a prática da pesquisa, a saber: como lidar com a digitalização dos acervos documentais e as novas formas de pesquisa e construção do conhecimento histórico. Para Darnton, os historiadores devem se adequar a esse novo panorama de construção do conhecimento entendendo, por exemplo, que um *e-book* pode reorganizar a argumentação científica dos historiadores já que por meio dele pode-se construir camadas hipertextuais no qual se pode incluir *links*

de acesso as fontes. Vejamos, pois como Robert Darnton discorre sobre essa nova forma de organizar o discurso histórico:

Ao contrário de um códice impresso, um e-book pode conter diversas camadas, organizadas em forma de pirâmide. Leitores podem fazer download do texto e realizar uma leitura superficial da camada superior, redigida como uma monografia comum. Se ficarem satisfeitos, podem imprimir o texto, encaderná-lo (máquinas de encadernar podem hoje ser conectadas a computadores e impressoras) e estudá-lo ao seu bel-prazer na forma de brochura confeccionada sob medida. Caso encontrem algo em especial que lhes interesse, bastará um clique para passar a outra camada, contendo um ensaio suplementar ou um apêndice. Os leitores podem ir ainda mais fundo no livro, explorando corpus de documentos, bibliografia, historiografia, iconografia, música de fundo, tudo que eu possa oferecer para permitir a compreensão mais completa possível do meu tema. Por fim, os leitores transformarão meu tema em seu próprio tema: encontrarão seu próprio caminho dentro dele, lendo horizontalmente, verticalmente ou diagonalmente até onde os levarem os links eletrônicos (DARNTON, 2010, p.71).

As questões levantadas por Robert Darnton em relação à produção do conhecimento histórico face as novas tecnologias colocaram também uma problemática peculiar ao ofício dos historiadores e que diz respeito as transformações na natureza da História e de seu ofício, bem como os questionamentos levantados por Pierre Nora (1991) em relação ao poder dos meios de comunicação sobre os acontecimentos e sobre o sentido histórico. Dito isso, agora nos deparamos com os desafios de se fazer história em uma sociedade socialmente e culturalmente tecnológica nos quais as certezas que antes se afirmavam na profissão do historiador se estilhaçam e se fragmentam no ciberespaço.

Por isso, o historiador espanhol Júlio Aróstegui assinalou que a revolução tecnológica implicou ainda reflexões sobre os métodos de pesquisa histórica pelos historiadores. Para Aróstegui a digitalização de fontes tradicionais, que asseguravam sua autenticidade nos arquivos físicos e nos métodos tradicionais de pesquisa do historiador, quando transfiguradas para os ambientes virtuais romperam com as formas tradicionais de validação de dados históricos e de autoridade científica que circundam o mundo dos historiadores. Os novos registros históricos que não são verbais, mas sonoros, visuais e digitais integram também uma nova categoria de fontes para os historiadores, que deverão através do universo do ciberespaço e das ferramentas digitais refletir sobre outras formas de tratamento de dados e crítica das fontes digitais. Portanto, para além da

imaterialidade da fonte, o que está em xeque para Aróstegui, são os métodos que assegurem a cientificidade da pesquisa histórica.

Essas questões que envolvem a tecnologia enquanto ferramenta a auxiliar a pesquisa histórica foi uma ramificação no movimento dos Annales que pretendeu relacionar a História econômica à História quantitativa⁶¹. Esse movimento também ocorreu nos Estados Unidos com a cliometria. Ernest Labrousse foi o principal expoente da História quantitativa. Esse ramo da História buscava por meio da quantificação de fontes históricas: como documentos oficiais, balanços financeiros, documentos de censos, paroquiais e judiciários, bem como objetos da cultura material em que fosse possível a quantificação, estabelecer uma nova maneira de escrever a História (BARROS, 2012).

A História quantitativa utiliza-se de estatísticas e gráficos baseados em dados numéricos, neste contexto, a tecnologia materializada no objeto técnico, o computador, seria imprescindível, pois, acreditava-se que o computador possibilitaria uma fidelidade dos dados no momento do processamento dos mesmos. Cabe ressaltar, que os computadores utilizados na maioria dos casos eram os modelos IBM 1130 que diferem dos modelos atuais de computadores pessoais. Por conseguinte, surgiu o termo *série* e que logo foi adotado por alguns historiadores dos Annales referindo-se a uma história serial que como a história quantitativa visava a serialização das fontes históricas e de eventos históricos ou dados, esse ramo que pairou sobre o movimento dos Annales esteve ligada a história demográfica e a história social, sendo Pierre Chaunu seu principal expoente com a publicação do livro *Sevilha e o Atlântico nos séculos XVI e XVII (1949)*, expandindo-se posteriormente para a história das mentalidades como Michel Vovelle. Dessa forma, a história serial chegou a ser anunciada por alguns historiadores como revolucionária e inovadora, além de ser um tipo de fazer histórico que modificaria a pesquisa histórica tradicional. Assim, alguns historiadores como Pierre Chaunu chegaram a declarar que a história serial se conformaria em uma nova forma de se fazer história. Por sua vez, François Furet no texto *O quantitativo em História (1974)* publicado organizado por Jacques Le Goff e Pierre Nora *História: novos problemas (1974)* tratava-a como uma revolução na consciência historiográfica:

⁶¹Essa modalidade dentro do campo da História, já vinha se desenvolvendo com economistas, principalmente através da História dos Preços. Por outro lado, a nova Economia Histórica não teria se desenvolvido efetivamente sem uma contribuição fundamental dos historiadores: a disponibilização de grandes massas de documentos de todos os tipos nos arquivos nacionais que foram organizados sob a sua direção. Esse movimento se deu, sobretudo, com os franceses e alemães (BARROS, 2012).

Assim em todos esses casos, o historiador de hoje encontra-se obrigado a renunciar à ingenuidade metodológica e a refletir sobre as condições de estabelecimento de seu saber. O computador permite-lhe o lazer, libertando-o daquilo que até então ocupava o essencial de seu tempo: a coleta de dados em fichas. Mas em compensação, obriga-o a um trabalho prévio sobre a organização dos dados e sobre sua significação em relação àquilo que ele pesquisa [...] A codificação dos dados supõe sua definição; sua definição implica em certo número de escolhas e de hipóteses tanto mais conscientes na medida em que é necessário pensá-las em função da lógica de um programa. Dessa forma, cai definitivamente a máscara de uma objetividade histórica que se encontrava oculta nos fatos e descoberta ao mesmo tempo que ele historiador não pode escapar à consciência de que ele construiu os “fatos” e de que a objetividade de sua pesquisa encontra-se ligada não somente ao emprego de procedimentos corretos na elaboração e tratamento dos fatos[...] (FURET, 1995, p.57).

Esse ramo da História do movimento dos Annales colocou algumas questões problemáticas para o método em História e que envolvia a quantificação e serialização de dados e a sua relação com o conhecimento histórico. O momento de surgimento da história serial- quantitativa desvelou para nós o quando a tecnologia começava a adentrar nos domínios da História e a questionar os historiadores sobre suas práticas de pesquisa, todavia, mesmo que em algumas vezes com um tom um tanto quanto apolológico, a tecnologia começava a integrar o território de pesquisa dos historiadores.

Por conseguinte, segundo Ian Anderson (2008) no Reino Unido essas discussões se encaminharam para a cliometria nos anos pós-guerra, todavia, muitas foram as críticas feitas aos historiadores que utilizavam a história quantitativa e o computador como ferramenta de pesquisa. A maioria das críticas mais uma vez como na teoria social, incidiram sobre uma possível escravização do historiador e na sua transformação em um estatístico divorciado das pessoas e dos eventos que analisava.

Segundo Ian Anderson (2008) após um período de certo silenciamento entre a relação da História e da tecnologia ressurgia o debate com a publicação do livro “*Computing for historians: an introductory guide*” (1993) de Evan Mawdsley e Thomas Munck. Na referida obra, os autores ressaltavam que a partir do barateamento dos microcomputadores na década de 1980 e da melhoria da capacidade de armazenamento e memória das máquinas foi facultado aos historiadores utilizar o computador como uma ferramenta auxiliar do seu trabalho. Assim, Anderson enfatizou que nenhum historiador precisaria ser programador para utilizar as potencialidades da tecnologia.

Neste contexto, surgiria também a “*The Association for History and Computing*” que é uma organização internacional dedicada a estudos sobre o uso do computador na pesquisa histórica. Sua primeira conferência em 1986 em Londres reuniu historiadores de diversos países interessados nessas discussões.

O computador oferecia então à História novas possibilidades e, assim os campos de texto longo permitiram que os historiadores retivessem algo da integridade das fontes originais e avanços rápidos foram feitos em questões como classificação e vinculação de registros. A essa altura, os historiadores também poderiam incluir *softwares* sofisticados de análise e recuperação de textos, adotados a partir de estudos literários e linguísticos para analisar fontes não estruturadas ou semiestruturadas, ferramentas de análise qualitativa e sofisticados pacotes estatísticos em seu arsenal. Além disso, os historiadores se beneficiaram tanto de *softwares* de processamento de texto aperfeiçoados, quanto de *e-mail*, digitalização, conteúdo de CD-ROM, grupos *Usenet*⁶², *TELNET*⁶³, catálogos de bibliotecas em rede, ferramentas bibliográficas e melhoria geral da velocidade, memória e armazenamento do computador (ANDERSON, 2008).

Do mesmo modo, nos Estados Unidos esse movimento de historiadores que buscavam estudar o uso da tecnologia em sua pesquisa crescia, na medida em que o desenvolvimento tecnológico permeava todas as esferas da vida humana. Assim, a maturidade da prática tecnológica conduziu à definição do tema como objeto de estudo histórico. Surgia o termo História Digital, que pretendia ser mais que um campo de estudos, mas um tipo de História que reflita sobre as transformações que a tecnologias digitais tem causado no ofício dos historiadores, bem como na utilização desses meios para o fazer histórico.

Um dos primeiros textos a tratar dessa temática foi do historiador estadunidense Edward Ayers em um artigo intitulado “*The Pasts and Futures of Digital History*” de 1999. Suas reflexões partem da experiência na elaboração de um projeto de História Digital sobre a Guerra Civil Americana, fomentado pela Universidade da Virginia em

⁶² É um meio de comunicação onde os usuários trocam mensagens por meio de artigos em fóruns agrupados por assuntos, diferente do e-mail que chega diretamente o usuário na Usenet a mensagem percorre uma rede de servidores conectados por um fórum de discussão (WIKIPÉDIA, 2018). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Usenet> Acesso em 20/4/ 2018.

⁶³ É um protocolo de rede utilizado na Internet ou redes locais para proporcionar uma facilidade de comunicação baseada em texto interativo bidirecional usando uma conexão de terminal virtual. Ele que permite a interface de terminais e de aplicações através da Internet. Este protocolo fornece as regras básicas para permitir ligar um cliente (sistema composto de uma afiação e um teclado) a um intérprete de comando (do lado do servidor) (WIKIPÉDIA, 2018). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Telnet> Acesso em 20/4/ 2018.

1996. Edward Ayers e o crítico literário Jerome McGann construíram um site denominado *The Valley of the Shadow*⁶⁴ (O vale das sombras). O site é um arquivo online que disponibiliza documentos históricos digitalizados, por exemplo: cartas, diários, fotografias, registros de censos do período antes e depois da guerra e fotografias. Além disso, o arquivo disponibiliza uma extensa bibliografia sobre o tema. O arquivo *The Valley of The Shadow* é precursor na disponibilização de fontes históricas primárias ao grande público.

Segundo Ayers (1999), as primeiras manifestações da História Digital nos Estados Unidos aconteceram nos anos de 1980 com a hipermídia e/ou a hipertextualidade com a produção de livros que acompanhavam um CD-ROM que continham documentos, filmes e áudios com capacidades de busca. Esse primeiro monólito consistia na possibilidade de o historiador levar para onde quisesse as suas fontes de pesquisa, não apenas sua transcrição, muitas vezes lacunar, mas uma reprodução da própria fonte, cujo volume já não seria limitado. Munido desse material, o historiador teria a sua disposição uma grande quantidade de informações para pesquisar nas fontes digitais. Neste contexto, para lidar com a abundância de fontes e informações ele certamente recorrerá às ferramentas digitais, entre elas: processadores de textos, busca de palavras, de quantificação e de certificação, além de estabelecer uma crítica digital dessas fontes. De tal modo, que agora a sua prática de pesquisa envolve também o domínio ou a *literacia digital* das ferramentas tecnológicas, ou seja, na medida em que a abundância de fontes cresce e o ciberespaço integra a prática de pesquisa dos historiadores o domínio e a reflexão crítica dos ambientes digitais serão essenciais no universo de pesquisa histórica.

Dessa forma, Ayers (1999) evidenciou que essas combinações de meios iriam se proliferar na medida em que a *web* se tornasse mais interativa e complexa. Ademais, o autor já discutia as potencialidades de uma renovação na historiografia por meio da utilização do hipertexto. De acordo com Edward Ayers (1999), a linguagem hipertextual poderia propiciar aos historiadores ligações simultâneas entre muitos elementos da narrativa histórica, ramificando-se em múltiplas possibilidades para o leitor que percorreria um caminho não linear de interpretação.

⁶⁴ Disponível em: < <http://valley.lib.virginia.edu/VoS/choosepart.html> >

Nos anos 2000 surgiu o termo *web 2.0*⁶⁵, considerado como sendo uma segunda fase da internet com aplicativos e serviços interativos e de colaboração na internet (BRESSAN, 2008). Assim, acompanhando esse movimento de transformação da *web*, os historiadores Daniel Cohen e Roy Rosenzweig⁶⁶, lançaram o livro e/ou “guia” “*Digital history: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the web*” em 2005. O objetivo do livro é apresentar aos historiadores um guia para se produzir história na *web* consciente das suas vantagens e desvantagens. Daniel Cohen e Roy Rosenzweig (2005) listaram 7 vantagens do uso das mídias digitais para a escrita da histórica, a saber: capacidade, acessibilidade, flexibilidade, diversidade, manipulação, interatividade e hipertextualidade.

Por conseguinte, Cohen e Rosenzweig construíram um projeto em parceria com o Centro de História e Novas Mídias⁶⁷, montando um projeto de História Digital com o objetivo de coletar depoimentos e documentos pessoais dos estadunidenses que viveram a tragédia de 11 de setembro de 2001. Os registros podiam ser compostos por fotos, vídeos, áudios, notícias em *blogs*, jornais e que foram vinculadas pela televisão. O arquivo foi lançado após 1 ano da tragédia. Podemos destacar que o arquivo online desses historiadores contou com a contribuição e participação do público para a narração dessa História que ainda é recente, tornando-se um exemplo interessante de como os historiadores podem elaborar projetos de História Digital contando com a participação colaborativa do público.

Para esses autores a primeira vantagem do ciberespaço é o aumento da capacidade de armazenamento, já que a mídia digital pode condensar quantidades incomparáveis de dados em pequenos espaços. Segundo Cohen e Rosenzweig (2005) estamos na transição de tempos de uma “cultura da escassez” para a de abundância de fontes digitais, onde o regime de seleção e a porcentagem da amostragem tomaram proporções muito maiores que antes.

⁶⁵ Para Manuel Castells (1999) esse período da internet denominado *web 2.0* remonta aos anos 2000 e tem expandido os espaços sociais na internet configurando redes interativas de comunicação horizontal que conectam o local e o global de maneira imediata.

⁶⁶ São historiadores estadunidenses que fundaram o “*Center for History and New Media*” (Centro de História e Novas Mídias) na Universidade de George Mason em 1994. O intuito desse centro é de promover a utilização de ferramentas digitais por historiadores para a produção das narrativas históricas e sua divulgação na *web*. Após a morte de Rosenzweig em 2007, Daniel Cohen passou a dirigir o centro, denominado o de “*Roy Rosenzweig Center for History and New Media*”. Para mais informações acessar: < <https://rrchnm.org/> > Acesso em 20/9/ 2017.

⁶⁷ Disponível em: <https://rrchnm.org/> .Acesso 20/9/ 2017.

No que diz respeito à acessibilidade, concorre a capacidade de criar uma história comparativa e internacional, mas também vemos incluídos novos atores no fazer histórico. Com isso, a História Digital se conecta aos estudos da História Pública⁶⁸ que buscam compreender a circulação do conhecimento histórico na sociedade. De acordo com Cohen e Rosenzweig, em 2004, quase metade dos usuários da internet nos Estados Unidos criavam conteúdo online através da construção de sites, *blogs*, publicação e compartilhamento de arquivos. Os novos autores do conteúdo de História na *web* eram significativamente mais diversos e menos propensos a ter credenciais formais.

Na esteira desse movimento, Serge Noiret (2015) busca conectar as discussões da História Digital a História Pública, sobretudo, com o intuito de analisar as formas de representação do passado, da história do tempo presente e das memórias na *web*. Segundo Serge Noiret (2015, p.33) a História Digital reconfigurou as fontes históricas e os instrumentos para seu acesso, armazenamento e tratamento, no entanto, os usos críticos desses instrumentos não foram devidamente questionados pelos historiadores em ambiente acadêmico. Para Noiret, quando o passado se torna público ele gera o perigo dos historiadores diletantes, para quem a verdade pode não ser o compromisso principal; mas também o perigo do historiador ingênuo, que não sabe validar o recurso que busca/processa na rede.

Como assinalado por Chartier (1994) a tecnologia também proporcionou a multiplicação do escritor na sociedade onde o conhecimento circula através de novos suportes de transmissão do conhecimento e de informação. Neste contexto, há uma ruptura decisiva na cultura escrita e nas práticas da leitura, na medida em que as ligações hipertextuais fragmentaram e tornaram a leitura fluída. A textualidade eletrônica criou outras formas de percepção do escrito na cultura ocidental, qualquer pessoa pode se tornar um escritor em potencial. Para Chartier e Las Heras estamos no limiar de uma cultura dual em que os antigos espaços de transmissão do conhecimento convivem com os novos espaços organizados pelas redes virtuais de comunicação, cabendo aos historiadores discutirem de que modo a cultura digital têm transformado as práticas de pesquisa da história.

O “fazer história” é uma prática científica produtora de conhecimento, porém é uma prática de modalidades que dependem das variações de seus procedimentos

⁶⁸ De acordo com Santhiago (2016) a História pública tem por objetivo investigar os usos do passado, usos da memória, demanda social, percepção pública da história, divulgação científica da história e apropriações literárias, artísticas e midiáticas da História na sociedade, assim como a História feita para, com e pelo público.

técnicos, dos constrangimentos que lhe impõe o lugar social e da instituição do saber aonde ela é exercida, ou ainda das regras que comandam sua escrita. Tendo consciência disso, o historiador é um produtor de cultura e de subjetividade diante do mundo e que através de sua narrativa se inventa e se reinventa no mundo social, ou seja, a dimensão social cruza com a individual na produção do conhecimento histórico (CHARTIER, 2010). Desse modo, pesquisar as transformações na produção e disseminação do conhecimento histórico na cultura digital, por um viés cultural nos leva a percorrer um caminho que concebe uma prática cultural não apenas no seu momento de produção, mais busca compreendê-la a partir dos mecanismos de produção e recepção desses produtos culturais nas sociedades.

Ademais, de ferramenta para o auxílio da pesquisa do historiador a própria tecnologia no tempo presente começou a interferir diretamente nas práticas de escrita dos historiadores que agora convivem com os ambientes digitais e com o ciberespaço, ou seja, a tecnologia criou um novo ambiente de trabalho e de práticas no qual tem produzido novas relações entre conhecimento histórico e sociedade transformando a natureza da História e ao fim e ao cabo do próprio conhecimento científico na contemporaneidade.

Umberto Eco no livro “Apocalípticos e Integrados”(1965) discorreu sobre duas correntes de pensamento na cultura ocidental que investigaram os meios de comunicação e a cultura de massas no século XX projetando suas visões ora de maneira catastrófica, ora entusiasta e apologética. Por conseguinte, a fórmula Apocalípticos e Integrados apresentada nos termos de Eco (1965) pode ser uma metáfora para nós ao relacionarmos com o modo como a tecnologia no século XIX e no século XX foi destrinchada como um problema histórico por pesquisadores das ciências humanas.

Como vimos, para pensadores como Karl Marx, Frederich Engels (1867), Georg Luckács (1923) e Viera Pinto (1975) a tecnologia como forma de mediação das relações entre homem e natureza está associada aos modos de produção e relações de trabalho que se reproduzem na sociedade através das relações sociais. Para esses autores, a tecnologia compõe um dos fatores determinantes do capitalismo na modernidade, sobretudo pela mecanização dos processos produtivos e das relações de trabalho na sociedade. Desse modo, a tecnologia foi projetada por esses autores como forma de transformação da vida material humana através da mediação entre homem e natureza em seu meio ambiente, todavia, sua penetração na vida humana também provocava uma

reificação da consciência dos indivíduos. Para esses autores, esse processo ocorre por meio da dialética nas relações econômicas e sociais.

Nesse sentido para os Frankfurtianos⁶⁹, a tecnologia se manifestava pela produção cultural impondo um tipo de racionalidade tecnológica e que a partir do consumo pacificaria os conflitos sociais exercendo um poder de dominação sobre a sociedade através da cultura de massas. Vejamos, que nesse ponto a tecnologia não será mais vislumbrada de forma positiva, mas sim de modo catastrófico como meio de destruição da vida humana.

As utopias da modernidade haviam sido destruídas pelas catástrofes da duas grandes guerras no começo do século XX, o mundo que entrou em um período de ouro com uma constante mudança tecnológica, logo entrava em crise no final do século XX transformando-se a partir de uma nova estrutura econômica, social e cultural. Esse contexto propiciou que pensadores como Frederich Jameson, Bell e Touraine demonstrassem que uma nova forma de sociedade estava surgindo baseada, sobretudo, nas tecnologias da informação e comunicação. De todo modo, para Manuel Castells (1999) o que ocorreu foi que a tecnologia se transformou em prática social ao impactar todas as esferas sociais através da virtualização da realidade por meio da cultura digital. Para esses autores, a tecnologia não é ruim ou má, mas nos termos de Karl Marx e Frederich Engels representa uma forma de reprodução da vida material humana.

Com a penetração da tecnologia na sociedade era inevitável que mais uma vez se constituísse uma visão catastrófica sobre seu impacto nas relações sociais e foi por uma visão distópica de futuro que Robert Kurz (2000) apresentava a tecnologia como reificadora da consciências dos indivíduos, de modo que as máquinas conforme o desenvolvimento tecnológico dominariam os homens e seu meio, as máquinas e as tecnologias digitais não seriam mais manuseadas pelos homens como ocorria no século XIX. Para Kurz (2000) chegaria um momento que as máquinas seriam dotadas de inteligência e não precisariam mais dos seres humanos. Portanto, essa visão distópica e apocalíptica que circula entre nós através de discursos e representações sobre a tecnologia e que a concebe enquanto destruidora da vida humana compõe um discurso

⁶⁹Entre os textos mais importantes desse grupo se pode destacar *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica* (1936) de Walter Benjamin e *A Indústria Cultural: o iluminismo como mistificação das massas* (1946), de Theodor Adorno e Max Horkheimer. Não obstante, a obra *O homem unidimensional* (1964), de Herbert Marcuse, também buscou analisar o impacto da tecnologia na indústria na sociedade ocidental do início do século XX.

difundido na sociedade e que está presente na conformação de uma corrente de pensamento que concebia a tecnologia de forma apocalíptica.

Diametralmente, para alguns pensadores a tecnologia transcendia a vida material humana e integrava o campo simbólico e da imaterialidade cultural como parte dos processos comunicativos dos seres humanos. Nesse campo, para Marshall McLuhan (1964) os meios transformariam a sociedade pela função que exerceriam e não pelo conteúdo transmitido, a tecnologia foi levada a extensão do corpo humano vislumbrada em seu aspecto determinista. A visão desses autores, portanto, era compreender a tecnologia de forma positiva e integrada à sociedade e não mais de maneira apocalíptica.

Por conseguinte, na medida em que a tecnologia integrava os processos culturais humanos era associada aos processos simbólicos nos quais os homens se comunicam gerando conhecimentos e práticas na sociedade. Neste sentido, a dimensão cultural foi diluída no campo da História possibilitando que os estudos dos meios de comunicação e da tecnologia se encontrassem no conceito de cultura material e de práticas e representações integrando assim o universo de pesquisa dos historiadores (CHARTIER, 1988; PESEZ, 1995).

A tecnologia não seria mais compreendida de modo autônomo e determinista, mas agora seria analisada em sua historicidade e pelas suas relações com cultura em diálogo com as esferas políticas, econômicas e sociais, a partir da coexistência das mídias na história. A visão que se projetava era da coexistência complexa entre as antigas e as novas mídias na sociedade e não mais pela visão de substituição de tecnologias ou meios (JENKINS, 2006; BRIGGS; BURKE, 2002).

Por conseguinte, na medida em que a tecnologia se emaranhava nas teias de significações do avanço tecnológico construía-se visões sobre essa nova relação entre homem e máquina ou entre seres humanos e tecnologia (WIENER, 1948). A partir da cibernética produziu-se uma concepção de que não seríamos tão diferentes das máquinas, pois os sistemas de funcionamento das máquinas eram semelhantes ao dos seres humanos então não haveria mais descontinuidade entre máquina e organismo, mas sim a constituição de seres híbridos, ciborgues. Neste caso, as antigas certezas construídas ao longo do século XIX sobre a relação entre homem e natureza e homem e cultura foram sendo questionadas evidenciando uma ruptura na teoria do conhecimento ou ainda incidindo na constituição de uma visão distópica entre a relação humano e máquina.

Essa nova ordem do real que vai emergindo frente aos novos contextos e práticas que advêm da penetração da tecnologia na configuração dos novos processos culturais fizeram com que os antigos modelos explicativos desempenhassem a função de produzir novos discursos sobre essa realidade no tempo presente. Dito isso, Pierre Lévy construiu sua visão a partir das noções de ciberespaço e cibercultura na busca por compreender as transformações culturais engendradas pelo fenômeno das tecnologias da informação e comunicação nas últimas décadas do século XX. Para Lévy não poderíamos mais separar o mundo material do plano das ideias e das representações, bem como não poderíamos mais separar o meio pelo qual esses objetos técnicos foram produzidos e utilizados do contexto histórico e social em que foram desenvolvidos. Para ele, a virtualidade é a própria realidade transfigurada em ambientes digitais, uma vez que uma nova configuração cultural da tecnologia se constitui na sociedade.

Essa nova ordem do real tem provocado discontinuidades e rupturas na produção e circulação da informação e do conhecimento (MURRAY, 2003), todas as certezas resguardadas no seio das ciências humanas e construídas durante um século sobre seus ofícios estavam se despedaçando com a proeminência cada vez maior da tecnologia na sociedade. Não obstante, o material produzido está relacionado com o dispositivo que permite essa produção e seu escoamento, a tecnologia em sua relação dialógica entre sujeito e objeto se transforma em operante do conhecimento. É no ciberespaço que buscamos informações, pesquisamos e pelos *softwares* dos computadores construímos nossa escrita e a publicamos na internet, assim ampliamos nosso público e ressignificamos nossa relação com a sociedade. Neste contexto, a comunidade científica de historiadores passou a problematizar a tecnologia não mais como fator para o desenvolvimento da sociedade ou da cultura, mas como um mecanismo, uma função reguladora que coloca em funcionamento a ordem do real, a epistemologia da historiografia.

Desse modo, a História e sua comunidade científica começaram a reconhecer a tecnologia enquanto sujeito e objeto do conhecimento e que através de enunciados discursivos conformaram um conjunto de conhecimentos, estratégias e de novas práticas de pesquisa. Neste momento, esses novos conhecimentos e técnicas vão sendo incorporadas à ciência histórica promovendo uma mudança de paradigma em sua episteme. Por sua vez, foi no âmbito da história da leitura e das práticas da escrita, que os historiadores se viram confrontados com as rupturas na ordem do discurso e nas discontinuidades da leitura no ciberespaço. Portanto, como o ingresso da História na

textualidade eletrônica as mutabilidades nas práticas de produção do conhecimento histórico se tornavam mais evidentes.

Por outro lado, a tecnologia enquanto ferramenta auxiliar para a pesquisa histórica já era problematizada no século XX, alguns historiadores acreditavam que o computador promoveria uma verdadeira revolução na consciência historiográfica. Neste sentido, essas discussões demonstravam uma crise paradigmática na teoria e metodologia da História fazendo com que essa comunidade científica refletisse sobre a natureza do conhecimento histórico e sobre seus métodos em relação ao uso da tecnologia. Todavia, será com a entrada da História na textualidade eletrônica no final do século XX que teremos a chamada “virada digital” (NOIRET, 2015; WELLER, 2012), repercutindo na emergência de novas áreas no campo da História, por exemplo, a História Digital e a História Pública. Assim, orientados pela constituição de um novo paradigma, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar em outras direções. A comunidade científica nesse processo é transportada para um novo mundo onde as teorias e os métodos de pesquisa são vistos de outra forma e seus compromissos com a pesquisa serão encarados de modo diferente transformando seu ofício, configurando um novo paradigma historiográfico (KUHN, 1975).

De todo modo, no primeiro capítulo apresentamos um debate teórico com as visões dos principais pensadores da cultura ocidental que trataram da tecnologia nos seus escritos, seja através dos modos de produção e das relações de trabalho ou da cultura e dos meios de comunicação. Nele tivemos a preocupação em demonstrar a historicidade do conceito de tecnologia no campo das ciências humanas para além dos determinismos tecnológicos e da pré-concepção que distancia os estudos da tecnologia com os da sociedade e da História. Portanto, apresentar o tema sem partir de uma noção mais alargada do conhecimento nos conduziria a uma limitação teórica que procuramos evitar, partindo de uma breve revisão dos termos em que a tecnologia, trabalho e a comunicação foram entrelaçadas para, no final do século XX, configurarem o debate acerca da História da Internet e da História Digital e que ressignificaram as questões colocadas por esses pensadores no século XIX e XX no tempo presente.

Ademais, como foi proposto por Umberto Eco e Peter Burke, acreditamos que é na confluência dessas duas visões entre “Apocalípticos e Integrados” que se relacionam os conceitos de trabalho e comunicação ressignificados pelo conceito de cultura digital e de cibercultura, discussão circunscrita em nosso objeto de pesquisa. Neste sentido, a tecnologia é reconhecida no tempo presente pelo seu caráter fluído, instantâneo e

imediatamente o que nos leva a compreender que não existe uma única teoria quando se trata do estudo das tecnologias digitais porque é na correlação dessas concepções que se pode compreender as problemáticas do tempo presente. Assim, através da teoria analisada e na correlação dos conceitos de tecnologia, trabalho e comunicação que analisaremos no segundo capítulo a formação de um novo espaço para a pesquisa e divulgação da História no Brasil na última década.

No segundo capítulo investigaremos como as tecnologias digitais especificamente, no contexto da internet, produziram a cultura digital por meio um universo simbólico permeado por *bits*, *links*, algoritmos, hipertextos e *softwares* que permitiram que a realidade fosse virtualizada e construída nos ambientes digitais. Sendo assim, discorreremos sobre as modificações que as mídias sociais e as redes sociais estão provocando na cultura contemporânea, para compreender como essas transformações têm impactado os modos de emissão e recepção da História através da internet na *web* e na configuração de novas práticas sociais⁷⁰, focalizando naquilo que ficou conhecido como “virada digital”.

⁷⁰ Pesquisar as transformações no ofício dos historiadores na cultura digital por um viés cultural nos leva a percorrer um caminho que concebe uma prática cultural não apenas no seu momento de produção, mas busca compreender os mecanismos de produção e recepção desses produtos culturais gerados por essas práticas nas sociedades (CHARTIER, 2010).

CAPÍTULO 2: Redes Sociais: uma nova historiografia ?

Na contemporaneidade a História está conectada às questões do presente corroborando a tese proposta por Reinhart Koselleck (1975) de que em cada presente não apenas reconstrói o passado pelo seu presente, mas também por suas visões de futuro. Nessa concepção, de *Passado-Futuro*, o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativas” conferem uma plasticidade à História, reinventando a noção de verdade, a escrita da História e sua legitimidade (BARROS, 2015). Fragmentada, mas repetitiva, essa História navega pelo ciberespaço orientando-se pelos princípios da cultura de massas, terreno aonde a maioria exerce uma forma de coerção que não raras vezes homogeneiza, limita ou mesmo escamoteia as noções de verdade e veracidade.

Reascendendo o debate sobre a produção do conhecimento histórico, suas práticas de pesquisa, os modos de publicização e de divulgação desse conhecimento para a sociedade, a “virada digital” descende da “crise da razão” ou da “modernidade”, impactando também no ofício dos historiadores.

Os historiadores como pudemos identificar estão diante de dois modos em que o digital se manifestou no campo da História: a História na era do digital, no qual estamos imersos, e a História nascida digital, implicando nos usos das tecnologias em todo processo de investigação. Vale ressaltar, que ambas as formas não são excludentes e se complementam pelos distintos formatos eletrônicos que projetam problemas parecidos em relação às formas de pesquisa e divulgação da História na *web* (EIROA, 2018, p.85).

O ofício da História foi então atravessado por questionamentos que envolveram o papel das tecnologias digitais nas representações sobre o passado, a crítica as fontes digitalizadas e às nascidas em ambientes digitais, a narrativa histórica e a sua divulgação para o público em geral. Neste caso, a materialidade das fontes antes “guardadas” nos arquivos foi transfigurada para o ambiente da internet em um arquivo que agora está disposto em números e códigos que se transformam em escritos na fonte digitalizada. A autenticidade e a validação dos dados, assim como a autoridade dos historiadores para conferir essas importantes chancelas foram postas em xeque na medida em que uma História nascida digital, disposta e transfigurada em códigos, números e algoritmos pode ser facilmente manipulável e alterável, senão produzida, ela própria, por máquinas.

As mídias sociais que através do desenvolvimento das tecnologias digitais com o surgimento de novos canais de interação e comunicação na *web* têm se configurado como um amplo espaço de socialização⁷¹, além de divulgação das informações e de publicização do conhecimento científico gerado. As redes sociais na internet tornaram-se então um fenômeno cultural de produção simbólica da vida material e imaterial humana onde as relações sociais acontecem primordialmente em rede e online na contemporaneidade. Nesse espaço, que é também um não espaço, as pessoas se comunicam expressando-se de diversas formas, todavia, a cultura e a tecnologia entram em circularidade através da cibernética/cibercultura e/ou cultura digital criando um novo tipo de discurso.

A internet e toda tecnologia digital possibilitou que a comunicação quando translocada para o digital reorganizasse os modos de sociabilidades⁷² e organização humana, graças às formas de transmissão de ideias, valores e das ações humanas que modificaram não apenas a cultura ocidental, mas também os processos de produção do conhecimento e de sua comunicação científica, que reconfigurada transformou a esfera pública de atuação dos pesquisadores das mais diversas áreas do saber, dos professores aos intelectuais brasileiros.

As redes sociais, neste contexto, são os espaços no quais têm se criado um tipo de socialização e prática de pesquisa, como entre os historiadores através de redes de colaboração científica por listas de e-mail e fóruns que conectam pesquisadores de diversos lugares do Brasil e do mundo. No entanto, as redes sociais também estão associadas as questões que envolvem a circulação do conhecimento histórico e a preocupação com historiadores diletantes, que sem o devido rigor científico e crítica das fontes escrevem e compartilham uma história não profissional ou ainda como as novas relações entre o público e a História online podem estar modificando a forma como este conhecimento é compreendido na sociedade.

⁷¹ O conceito de socialização, neste texto, está relacionado ao processo através do qual os indivíduos aprendem e interiorizam sistemas de valores, de normas e de comportamentos de uma determinada cultura onde intervém um conjunto de agentes de socialização, como a família, a escola e os meios de comunicação social (Maia, 2002, p. 350 apud AMARAL, 2016, p.47).

⁷² A categoria sociabilidade surgiu no campo das ciências sociais, a partir de obras de Émile Durkheim, Georg Simmel, Max Weber e Georges Gurvitch ganhando repercussão no campo das ciências humanas. Todavia, a categoria sociabilidade adentrou no terreno da análise histórica nos anos de 1970 com o historiador Maurice Agulhon, que entendia que a sociabilidade como os sistemas de relações sociais que confrontam os indivíduos uns com os outros ou que os reúnem em grupos (CANAL, 2006). Neste sentido, entendemos que a categoria sociabilidade está relacionada as relações sociais e aos processos de interação e a capacidade de formar grupos através de redes que dão suporte as relações sociais (FÉRREOL, 2007 apud, AMARAL, 2016).

A tecnologia possibilitou a criação da cultura digital e do universo do ciberespaço que, produzindo a cibercultura, têm provocando transformações na cultura contemporânea. Não por acaso elas se expressaram de modo decisivo nas esferas do trabalho e da comunicação conformando a cultura de massas. De tal modo, foi a partir dessas modificações que emergiram as novas relações de trabalho e de comunicação na prática de pesquisa dos historiadores.

As novas relações espaço-temporais estabeleceram um novo ritmo de trabalho e produtividade, o conhecimento histórico mais acessível ao público na internet, e as modificações provocadas pelas mídias sociais estabeleceram o tempo da simultaneidade e da intemporalidade que surgiram deste novo estado da tecnologia. A internet aproximou o público dos historiadores ao oferecer a eles as ferramentas que os conectaram ao público através da comunicação em rede e online, o que talvez seja inédito em suas relações com o público no sentido da interatividade e simultaneidade das ações de comunicação que ocorrem no ciberespaço. Os questionamentos sobre a natureza do conhecimento histórico e de seu ofício provocaram uma instabilidade ainda incerta para os historiadores repercutindo entre os acadêmicos rumo a uma tomada crescente de consciência dos historiadores de que o digital integra as operações historiográficas no tempo presente.

Se o trabalho ou ofício dos historiadores têm se transformado no século XXI, sobretudo através das novas formas de comunicação e que pela cibercultura estão modificando o “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” dos historiadores, será pela análise de uma rede social, o *Café História* (2008-2017), no Brasil que investigaremos as transformações no ofício dos historiadores e em sua comunidade pelas práticas sociais que surgem do ciberespaço e, que também envolvem os processos sociotécnicos de se arquivar o passado e de se escrever uma História do digital. Isto posto, neste capítulo pretendemos analisar o alcance das transformações no ofício dos historiadores brasileiros através das transformações na cultura contemporânea e do que foi denominada “virada digital”⁷³.

⁷³ O termo virada digital como vimos no primeiro capítulo remete a um novo momento da história para a História e sua historiografia. De modo que a documentação, as práticas de pesquisa, os espaços de transmissão e divulgação da História foram impactados pelas tecnologias digitais e pela cultura digital. Além disso, o surgimento de novos objetos históricos e novas ferramentas de análise colocaram inúmeros desafios teóricos e metodológicos para o ofício da História (COHEN; ROSENWEIG, 2005; NOIRET, 2015; FICKERS, 2010; LUCHESSI, 2014).

2.1 AS MÍDIAS SOCIAIS NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

As mídias sociais são um fenômeno característico da cultura contemporânea baseadas em tecnologias de interatividade e de produção de conteúdo na *web*, elas têm como peculiaridade a convergência dos meios de comunicação para o multimídia, a sociabilidade do público para geração, o compartilhamento de conteúdo e a formação de redes de interesses e conhecimentos, supostamente para um bem comum. Esse tipo de tecnologia, por sua vez, deu origem as chamadas mídias sociais, que estão muito relacionadas, como vimos, ao desenvolvimento da internet e do entendimento das suas funcionalidades pelas pessoas. Esse modo de retroalimentação da rede foi o que garantiu a emergência deste novo canal de entretenimento, comunicação e de produção cultural.

Do mesmo modo que as mídias sociais através da cultura digital modificaram o trabalho e a lógica mercadológica por meio de novos modos de emprego da força de trabalho, como a transferência do saber intelectual e cognitivo para as máquinas que atuam em rede na internet, também transformaram as formas de se fazer propaganda ou *marketing* incidindo na recepção e no consumo dos produtos pelo público. O mercado depende cada vez mais dos gostos e interesses do público, as mídias sociais e todo o universo da internet se tornaram espaços de interesse para o capitalismo, que agora necessita da cultura digital para se fortalecer em um mundo que se tornou conectado as dimensões do digital.

No entanto, as mídias configuradas na sua forma atual devem ser analisadas levando em conta sua organicidade e historicidade. Por isso, o surgimento de um novo meio de comunicação é sempre um catalisador de mudanças sociais, haja vista que a mídia cumpre um papel importante na esfera pública para obtenção e difusão da informação, na formação de redes de sociabilidade e no entretenimento do público (BURKE, BRIGGS, 2002).

Segundo Peter Burke e Asa Briggs (2002), o termo mídia surgiu no começo do século XX, graças à popularização do rádio, cinema e televisão denominados como meios de comunicação para as massas. Com isso, muitas pesquisas em história puderam ser revisitadas, tomando agora o conceito de mídia, que significava toda forma de comunicação verbal, não verbal, sonora ou escrita, como ponto de partida. Assim, por exemplo, a prensa gráfica na Europa Moderna revolucionou não apenas a escrita, mas

propiciou a constituição de um sistema de comunicação de mensagens para a população pela imprensa ou ainda a criação de redes de comunicação clandestinas através da escrita. O rádio que no século XX permitiu que informações chegassem a lugares longínquos em várias partes do mundo, transmitiu através das suas ondas sonoras informações para as populações nos interiores do Brasil. Vejamos, portanto, que o conceito de multimídia, tão em voga na atualidade, não se limitou apenas ao nosso tempo presente, mas pode-se dizer que ao longo da história várias mídias interagiram levando informação e conhecimento para pessoas:

Parece que as formas de comunicação mais efetivas daquele período — assim como acontece hoje — eram as que apelavam simultaneamente para os olhos e os ouvidos, combinando mensagens verbais com não-verbais, musicais e visuais, desde tambores e trombetas de paradas militares até os violinos que acompanhavam performances de salão. No início da era moderna na Europa, essas formas incluíam rituais, espetáculos, montagens de teatro amador, peças, balés e óperas (BURKE, BRIGGS, 2002, p.47-48).

As mídias sempre exerceram uma função importante nas mudanças sociais, ora como forma de dominação das massas através do poder da comunicação, ora como aglutinador da voz da população em prol do benefício comum. Consoante, as mídias exercem um papel fundamental na produção material e simbólica das sociedades ao longo dos tempos.

Na contemporaneidade, as mídias ocupam um *locus* importante e privilegiado. Ao se tornarem ferramentas de mobilização popular e de opinião pública, mas também de interesses do mercado e do capitalismo em rede e de empresas de tecnologia, que além de obter lucro com as mídias sociais visam o monopólio da informação na era da *Big Data*⁷⁴. Assim, as mídias sociais se configuraram como espaços de poder onde novos poderes geram novos comportamentos e interesses para massas e para os poderes institucionais (FIDALGO, 2016).

Esses novos espaços de poder construídos pelas mídias sociais apontaram uma característica singular que as diferencia das mídias tradicionais, que é a participação e

⁷⁴O termo big data, no campo da tecnologia da informação representa um grande conjunto de dados gerados e armazenados e com os quais os aplicativos de processamentos dos dados tradicionais não conseguem lidar em tempo tolerável. A big data está ligada ao aumento da quantidade de dados que são produzidos no mundo. No contexto social e cultural das sociedades os dados se tornaram cada vez mais valiosos propiciando uma mudança na forma como a economia e a ciência observam os processos, extraem e geram valor com esses dados (WIKIPÉDIA, 2019). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Big_data . Acesso em 16/03/2019.

interação do público com os conteúdos gerados pelas ferramentas dessas plataformas. Assim, a geração de conteúdo, através da publicação de textos, imagens e vídeos ou os engajamentos das pessoas através do compartilhamento das informações de perfis na *web* é o que as diferencia de outras mídias (JENKINS, 2006). Fugindo da generalização o que queremos chamar atenção é para o caráter interativo e simultâneo das mídias sociais digitais, que em tempo real permitem que o público interaja e crie seu próprio conteúdo a partir de determinado produto cultural. Neste sentido, tal qual o antropólogo Daniel Miller et al (2006) demonstrou em suas pesquisas, enfatizamos que as mídias sociais significam muito mais que um simples meio para a comunicação humana, pois:

As mídias sociais não devem ser vistas simplesmente como plataformas nas quais as pessoas postam, mas sim como esses conteúdos são postados nessas plataformas. Estes conteúdos variam consideravelmente de região para região. [...] A maneira como descrevemos a mídia social em um lugar não deve ser entendida como uma descrição geral das mídias sociais: é um caso regional. A mídia social é hoje um espaço onde socializamos e não apenas um meio de comunicação [...] Nós rejeitamos a noção de virtual que separa os espaços online como mundos diferentes. Compreendemos a mídia social como parte integrante da vida cotidiana da mesma forma que agora entendemos o lugar da conversa telefônica como parte da vida off-line e não mais como esfera separada. Assim, propomos uma teoria que se opõe a ideia de que, com as novas tecnologias digitais, perdemos algum elemento essencial de ser humano ou nos tornamos pós-humanos. Nós simplesmente atingimos um novo conjunto de capacidades que, como as habilidades envolvidas na condução de um carro, são rapidamente aceitas como normalmente humanas⁷⁵(MILLER et al, 2006, p.5, tradução nossa)

As plataformas onde estão inseridas as mídias sociais como o *Twitter*, *Whatsapp*, *Instagram* e *Facebook*, além dos *blogs* e sites não devem, pois, ser estudadas como uma realidade à parte do mundo no qual habitamos, afinal de contas, o real e o virtual não se excluem, mas se complementam e se misturam na produção cultural contemporânea (LÉVY, 1994, MURRAY, 1997). Dessa forma, assim como proposto por Miller et al (2006) não perdemos nossa humanidade em nossas relações com a tecnologia, mas

⁷⁵ Social media should not be seen primarily as the platforms upon which people post, but rather as the contents that are posted on these platforms. These contents vary considerably from region to region[...] The way in which we describe social media in one place should not be understood as a general description of social media: it is rather a regional case. Social media is today a place within which we socialise, not just a means of communication. [...] We reject a notion of the virtual that separates online spaces as a different world. We view social media as integral to everyday life in the same way that we now understand the place of the telephone conversation as part of offline life and not as a separate sphere. We propose a theory of attainment to oppose the idea that with new digital technologies we have either lost some essential element of being human or become post- human. We have simply attained a new set of capacities that, like the skills involved in driving a car, are quickly accepted as ordinarily human.

convivemos com a interferência dos não humanos em nossas vidas, isto é, a inteligência artificial, as tecnologias digitais e toda produção cultural que advém da cultura digital tem não apenas impactado nosso cotidiano, mais promovido uma rede de relações dinâmicas entre humanos e não humanos (LATOURE, 1987).

Segundo Walter Lima (2011), as *Social Machines*, são uma tecnologia de conexão das habilidades humanas para socializar informações aos sistemas, os algoritmos⁷⁶ que auxiliam nos processos de construção da colaboração por meio de uma grande quantidade de dados, que são utilizados para definir gostos e costumes através de uma rede de preferências indicadas por uma inteligência artificial.

Nas *Social Machines* são inseridos algoritmos que tem a função de auxiliarem como “social filtering” ou “social information filtering”. Funcionam como sistemas de avaliação para adequar o material inserido, com base em diferentes tipos de intencionalidades. Os filtros colaborativos são usados especialmente como “Sistemas de Recomendação” que podem melhorar a experiência de colaboração num ambiente conectado (LIMA, 2011, p.26-27).

Por outro lado, as *Social Machines* tendem a criar um universo mecanizado onde algoritmos definem gostos e preferências dos usuários a partir dos dados fornecidos nas plataformas de mídias sociais, que podem produzir práticas de dominação tecnológica, em um tipo específico de racionalidade (MARCUSE, 1964).

Organizadas pela tecnologia criada no âmbito da cultura digital, essas mídias deixam que os algoritmos exerçam o controle da escala da reprodução da informação através das relações sociais e da cultura (ADORNO; HORKEIMER, 1947). Utilizando-se das mídias e redes sociais para produzir mecanismos de exploração dos dados que serão controlados por empresas de tecnologia a fim de buscar lucro e vantagens no contexto do capitalismo em rede, é que essas mídias atuam.

Todavia, para Araújo (2017) os algoritmos fazem parte dos processos computacionais que cercam nosso cotidiano, por isso devem ser estudados a partir da perspectiva de agência que esses processos algoritmos têm sobre os sistemas informacionais e que condicionam a agência dos usuários para classificar, filtrar e selecionar conteúdos e informações através de um padrão já estabelecido. Neste sentido, partimos de uma visão de que os algoritmos não são apenas máquinas para resolução de problemas, mas sim sistemas de processos algoritmos conformando redes sociotécnicas

⁷⁶ O algoritmo é uma sequência lógica de passos para resolução de um determinado problema, que é escrita em linguagem de programação de computador (PIERRO, 2018).

que atuam na vida cotidiana buscando dar respostas para determinados comandos que surgem da cultura digital. Neste ensejo, a agência dos sistemas algoritmos está relacionada à ideia de previsão de comportamentos a partir de técnicas de produção de perfis que projetam a atividade do usuário no sistema através do cruzamento de dados com o conhecimento já adquirido sobre o usuário (GILLESPIE, 2014, p. 176 apud ARAÚJO, 2017).

Isto posto, as formas de sociabilidade e de comunicação que emergiram da cultura digital deflagravam um mundo permeado por *bits*, *softwares*, algoritmos e aplicativos que vão de comida, saúde à relacionamentos amorosos. De *Smartphones*, computadores inteligentes a símbolos próprios como @ (arroba) que representa uma identificação do usuário na rede e a # (*hashtags*) que são palavras-chaves que relacionam uma informação sobre um determinado assunto. Os jogos de videogame que cheios de aventura ora imitam a realidade ora são imitados por ela também fazem parte dessa cosmologia. Tecnologias digitais, mas também sociais, que disseminadas em todas as esferas do mundo social integraram nosso cotidiano, tornando-o mais, fluído e instantâneo tal como retratado num universo material e simbólico que conforma a cibercultura.

As mídias sociais são ferramentas/espços de criação e disseminação de conteúdo na *web*, proporcionaram que criássemos um universo de relações sociais virtuais, que condicionadas por plataformas são denominadas de redes sociais. Essas redes, por sua vez, transformaram de modo decisivo a comunicação reconfigurando o modo de transmissão das informações e do conhecimento. Por conseguinte, as mídias sociais e as redes sociais não são sinônimos, elas marcam diferenças importantes no contexto da cultura digital. Segundo Raquel Recuero (2010):

As redes sociais são metáforas para os grupos sociais. Já a "mídia social" (sem entrar, aqui, no mérito do termo), é um conjunto de dinâmicas da rede social. Explico: São as dinâmicas de criação de conteúdo, difusão de informação e trocas dentro dos grupos sociais estabelecidos nas plataformas online (como sites de rede social) que caracteriza aquilo que chamamos hoje de mídia social. São as ações que emergem dentro das redes sociais, pela interação entre as pessoas, com base no capital social construído e percebido que vão iniciar movimentos de difusão de informações, construção e compartilhamento de conteúdo, mobilização e ação social. E isso ocorre principalmente porque as redes sociais acabam criando e mantendo, através das ferramentas da Internet, canais mais permanentemente abertos de informação e contato (RECUERO, 2010, online).

As redes sociais e as mídias sociais são meios de produção e divulgação cultural que se complementam e que em sua dinâmica necessitam uma da outra para retroalimentação de conteúdo no ciberespaço, por exemplo, as ações dos indivíduos em plataformas de redes sociais, como o compartilhamento, dependem das ferramentas da mídia social para que possam circular e ter impacto em determinada rede. Do mesmo modo, as redes são alimentadas por grupos de amigos para fomentar um engajamento, compartilhamento ou obter uma maior visualização de seu conteúdo. De fato, as mídias sociais e as redes sociais funcionam graças ao mecanismo de interação entre as pessoas que as utilizam e que abastecem essas plataformas. A partir daí, já entramos em uma das características singulares das mídias sociais que evidenciam a quebra de paradigma em relação aos meios de comunicação tradicionais. Muito mais horizontais, as mídias sociais retiraram o monopólio da circulação das informações dos grandes conglomerados midiáticos, de tal modo que as informações e os conteúdos podem circular mais livres no ciberespaço. Com maior poder de agência, a cultura popular foi a mais impactada ao ter acesso a conteúdos que antes ficavam restringidos pelo poder aquisitivo e pelo capital social dessas camadas. Não por acaso nosso próximo tópico buscará desvendar as facetas das redes sociais na internet e o seu papel na produção cultural contemporânea, bem como as formas que as empresas de tecnologia modificaram o cenário atual de transmissão das informações.

2.1.2 REDES SOCIAIS ONLINE E A CULTURA DE MASSAS

As redes sociais na atualidade são as principais formas de socialização no mundo globalizado e multicultural no qual nos encontramos. As plataformas de mídias sociais nos conectam à circulação de conteúdos na *web* e graças as nossas redes de amigos, que incluem os grupos de afinidades, trabalho e perfis virtuais que entramos em contato com uma grande quantidade de informações e bens culturais. Entretanto, as redes sociais humanas não são um fenômeno recente, pois são consideradas formas de conexão entre as pessoas com interesses comuns. Esses laços sociais que ligam as pessoas a grupos sociais sempre existiram na história e atuaram através dos interesses que agregavam pessoas a instituições, grupos e redes sociais (RECUERO, 2009; FERGUSON, 2017; CASTELLS, 1999). Neste sentido, compreendemos as redes sociais como grupos sociais que cumprem um papel de socialização e de circulação/transmissão de ideias, valores e práticas nas sociedades e que se estruturam

pelos interesses comuns de pessoas que se ligam por laços sociais a grupos que compartilham um tipo de identidade em comum.

A cultura de massa inserida nesse processo de globalização e internacionalização econômica e social afetou gostos, costumes, opiniões e práticas em rápida escalada justamente por conta da participação popular na cultura digital. Essa velocidade poderia sugerir que estamos diante de um tipo de homogeneização cultural, que ocorre também devido às características do capitalismo e seus modos de atuação. Todavia, o que propomos nesta análise é enxergar a cultura de massas em um contexto híbrido e as oposições entre o popular, o culto e a cultura de massas desaparecem no contexto da proliferação das tecnologias digitais e da internet para fazer frente a um processo multicultural onde as culturas não se agregam em grupos fixos e estáveis, mas se configuram através de novos dispositivos e ferramentas de produção de conteúdo, de informações e do conhecimento que se desdobram em novas formas de comunicação e de prática sociais (CANCLINI, 1997 apud ABREU, 2003; BARBEIRO, 2009).

Segundo Inês Amaral (2016) na cultura digital surgem novas formas de sociabilidades, que na internet no ciberespaço, produzem outro ecossistema comunicacional. Assim, esse novo contexto comunicacional foi possível somente através das plataformas digitais que conectaram as pessoas as redes sociais facilitando a interação online e simultânea. A forma como as redes sociais emergiram da cultura digital dizem muito sobre as transformações na estrutura/arquitetura da internet. Vejamos:

A passagem da Web 1.0 para o formato 2.0 resume uma mudança na estrutura da Internet: de uma rede estática do modelo tradicional para uma Web dinâmica, social e de conversação. As actuais aplicações de *social media* são complexas e multifacetadas do ponto de vista tecnológico, mas simples para interagir. A Web participativa e colaborativa criou novas funcionalidades e objectos interactivos que promovem novas formas de interacção e práticas sociais. São as alterações ao nível da forma que potenciam toda a dinâmica associada ao rótulo da Web social. As tecnologias sociais estão a permitir uma reformulação dos comportamentos e a potenciar a acção e inteligência colectivas. Os registos desta mudança em curso são relevantes para a interpretação do ciberespaço enquanto esfera tecnossocial (AMARAL, 2016, p.21-22).

As configurações do ciberespaço fizeram com que a formação das redes sociais dependesse da produção e circulação dos conteúdos. As próprias características da estrutura da internet serviram como chancela para a apropriação da técnica pelas

peçoas. Os modos de conectividade, que emergiram das práticas de indexação e de postagens de conteúdos nas mídias centram-se numa lógica de cultura de mobilidade própria da cultura digital. Dessa forma, são as tecnologias sociais, que na *web 2.0* proporcionaram uma maior ação e interação entre os grupos possibilitando que eles se associem de modo mais cooperativo. As conversações na rede são um modo de sociabilidade que agregou e envolveu os indivíduos em um sentimento de pertencimento e identidade promovendo uma maior participação popular, no sentido de que a internet é retroalimentada por eles (AMARAL, 2016, p.14).

Para Recuero (2009) é a interação que movimenta as relações sociais que emergem nas redes sociais na internet e no mundo concreto. Em uma rede social, as pessoas são os nós e as arestas são constituídas pelos laços sociais gerados através da interação social. Esses nós que ligam as pessoas por *links* as conectam a outros indivíduos ou grupos pelos laços sociais criados em rede. As interações nas redes sociais podem ocorrer de modo sincrônico, relacionado as conversações simultâneas e em tempo real, por exemplo, em *chats*. Mas também de forma assíncrona em que a resposta da interação dos usuários não é imediata, como um e-mail ou fóruns. Segundo Recuero temos ainda uma tipologia criada por Primo (2003) que classificou as interações em rede na internet como reativa e mútua. Esse modelo buscou demonstrar a forma com os usuários se relacionam como as ferramentas próprias dos ambientes digitais:

Para Primo, a interação reativa é sempre limitada para os atores envolvidos no processo. É o caso, por exemplo, da relação de um interagente com um hiperlink na web. Ao agente é permitida, de um modo geral, apenas a decisão entre clicar ou não no link. Ele não pode redefinir a URL para onde este link aponta, tampouco pode escolher para onde deseja ir a partir daquele link. Trata-se de um “vetor unidirecional”, criado por alguém, que permite ao usuário unicamente ir ou não ao site para onde ele aponta. Já em outros sistemas, como nos comentários de um blog, por exemplo, é possível realizar um diálogo não apenas entre os comentaristas, mas também com o autor do blog. Trata-se de uma interação construída, negociada e criativa. É possível observar-se em um blog não apenas a interação em um comentário, mas as relações entre as várias interações e perceber-se que tipo de relação transpira através daquelas trocas (RECUERO, 2009, p.32-33).

Sendo assim, as interações que ocorrem nas redes sociais são dialógicas e diversas, mas também imprevisíveis, na medida em que a cultura digital é volátil e fluída e depende do tipo de ferramentas ou mídia social utilizada. Neste contexto, a

comunicação que surgiu em rede foi resultado desse novo ecossistema comunicacional que movimentado pelas tecnologias digitais e agora pela inteligência artificial conectam as pessoas em uma sociedade permeada pela tecnologia onde o público e o privado se rearticulam em novas configurações.

2.1.3 O PÚBLICO/ PRIVADO NAS REDES SOCIAIS

Por conseguinte, a cultura digital processou uma mudança de paradigmas nas formas de emissão e recepção, transmissão e de apropriação dos públicos aos bens culturais. A cultura de massas, aqui entendida nos termos de Umberto Eco (2015), foi ressignificada para os contextos dos ambientes digitais possibilitando que as classes populares se apropriassem da tecnologia, não mais como meros espectadores, mas como produtores desses bens culturais. Com o alargamento dos espaços na *web* para publicização das informações em redes sociais tem permitido que as classes populares movimentem cada vez mais a vida pública através da emissão de opiniões e do compartilhamento de informações fomentando a esfera pública⁷⁷ na internet gerando uma nova esfera para a opinião pública. Para Amaral (2016).

[...]Internet, enquanto nova esfera da opinião pública (à escala global), permite a democratização da difusão de comunicação. O fenómeno da auto-edição materializa-se nos referidos suportes de *self media* e *social media*. O receptor é agora simultaneamente emissor, assumindo um papel (pró) activo na comunicação e manipulando um novo elemento: a interface (AMARAL, 2016, p.39).

Os ambientes digitais reconfiguraram os espaços da esfera pública possibilitando que o público e o privado, o local e o global e o individual e o coletivo coexistissem no universo da *web*. As classes populares que antes poderiam estar fora do processo de criação dos produtos midiáticos agora podem participar dessa produção, seja publicando conteúdo, seja compartilhando informações nas suas redes sociais. Estamos diante da emergência de uma opinião pública global onde os emissores e receptores se envolvem cada vez mais com os meios de comunicação através das ferramentas

⁷⁷Partindo da mesma perspectiva de Habermas (1964) sobre a relação entre esfera pública e sociabilidade, no entanto, se atentando as singularidades do nosso presente, e de Inês do Amaral (2016), acreditamos que a noção de esfera pública deve ser ressignificada considerando as mudanças no paradigma comunicacional e todos os aspectos tecnológicos, políticos, sociais e culturais dessas transformações. Além disso deve se verificar as formas em que a construção do Eu-online das identidades nas redes sociais estão associadas as novas formas de sociabilidade na internet e que configuram a esfera pública na cultura contemporânea.

tecnológicas. As massas foram impulsionadas a produzir na cultura digital e são elas que propulsionaram a retroalimentação dos ambientes digitais na *web*. Portanto, a cultura de massas foi sendo ressignificada a partir do momento que a população se viu participando da fruição dos bens culturais, do consumo, da circulação de bens e da vida pública.

Segundo Carla Lapenda (2015) o que é público e o que é privado se transformou, na medida em as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) rearranjaram as esferas econômicas, sociais e culturais. A dissolução das fronteiras territoriais e espaciais criou um universo em rede, em que o tempo da simultaneidade e do online provocaram a sensação de que na internet não há espaço definido, porque suas interfaces aceleraram nossa experiência da passagem do tempo. O tempo na tela do computador se tornou movediço, de modo que o internauta pode recriá-lo e replicá-lo em um mosaico de imagens e mundos virtuais que podem ser alterados ou compartilhados pelas pessoas. Não obstante, o espaço se tornou plano. Consoante, o tempo e o espaço na internet são manipuláveis e extremamente frágeis.

O público e o privado quase que se confundiram como sinônimos no tempo presente, de modo que o navegar pelos múltiplos ambientes da internet tornou públicos os conteúdos por meio do compartilhamento de documentos, fotos ou pelo envio de mensagens que misturaram campos de veracidade que antes mantinham certa distinção. Nas mídias sociais e redes sociais, os usuários lançam mão de sua privacidade para publicizar seus perfis, gostos e opiniões. A intimidade privada e sua exposição viraram mote para divulgação de conteúdos entre os usuários da *web*. Antes, a delimitação dos espaços entre os campos públicos e privados como a configuração de uma casa com portas e janelas demonstravam o percurso histórico e social da construção da privacidade no processo civilizador da cultura ocidental (ELIAS, 1993). No entanto, na cultura digital, a exposição pública da privacidade é o que garante os *likes*, essenciais na divulgação e publicidade efetivada nas redes sociais.

Na verdade, a intimidade pública é a ferramenta pela qual se ganha visibilidade nas redes sociais e seu uso é pensado de maneira a promover o indivíduo, numa estratégia de marketing onde a mercadoria é o próprio indivíduo. Exatamente porque precisam da intimidade pública para se afirmar nos espaços sociais, os internautas flexibilizam os limites do que é público e do que é privado. Então, para eles, a visibilidade na rede não é violência à intimidade (LAPENDA, 2015, p.22).

Em contrapartida, esse excesso de exposição da intimidade nas redes sociais tem gerado consequências catastróficas para vidas de crianças, jovens e de adultos, como no caso de invasão de privacidade por *hackers* que enviam vírus que roubam perfis virtuais e fotos íntimas para ameaçarem/constrangerem as vítimas ou ainda o fenômeno *sexting*, que é uma prática entre adolescentes de envio e postagens de fotos sensuais nas redes sociais e que pode acarretar em *bullying*, depressão e suicídio⁷⁸. A vida como espetáculo nas redes sociais ampliou a visibilidade da privacidade, de tal forma que um novo tipo de interação social surge desses novos comportamentos (BARCELOS, 2015).

Na esfera de empresas de tecnologia, o uso de dados privados dos usuários das redes sociais para fins econômicos e políticos pode ser verificado no *Facebook*, que em 2016, foi acusado de, em conjunto com a empresa *Cambridge Analytica*⁷⁹, favorecer e manipular as eleições para a presidência dos Estados Unidos. Milhares de perfis de usuários do *Facebook* foram utilizados como forma de montar um perfil de comportamento. O problema é que essa netnografia foi realizada sem o consentimento dos usuários que, todavia, publicizaram sua privacidade na plataforma dessa empresa.

Segundo Hirata (2014) esse tipo de prática na rede social pode ser uma ameaça à privacidade, pois quando o usuário coloca suas informações pessoais ele acaba permitindo que essas empresas criem arquivos com diferentes tipos de dados de suas movimentações e postagens em rede. Todavia, mesmo essas informações sendo públicas, a sua coleta e utilização para fins comerciais violam os direitos dos cidadãos e colocam em pauta questões sobre a segurança digital dos dados dos usuários na internet.

O caso, todavia, nos mostrou que a rede social exerce um controle sobre nossos dados, já que mesmo quando apagamos as postagens de nosso perfil as empresas têm acesso a elas. Outra questão envolve as falhas no monitoramento e segurança de redes sociais, que vulneráveis, podem sofrer invasões de *hackers* possibilitando a coleta de dados dos usuários para fins distintos dos usuários ou mesmo criminosos. Por isso, a

⁷⁸ Para saber mais sobre esses fenômenos que fazem parte do universo cultural juvenil na contemporaneidade acessar o site Internet Segura e seu encarte: https://internetsegura.br/pdf/encarte_adolescente.pdf. Acesso em 10/5/2019.

⁷⁹ Foi uma empresa de mineração e análise de dados da *web* que vendia uma investigação do comportamento dos usuários em redes sociais para comunicação estratégia em eleições. A empresa é, em parte, de propriedade da família de Robert Mercer, um estadunidense que gerencia fundos de cobertura e que apoia muitas causas politicamente conservadoras. A empresa mantinha escritórios em Nova York, Washington, DC e Londres. Em 2018 a empresa anunciou falência, após o escândalo dos vazamentos de dados do Facebook e sua utilização para eleição nos Estados Unidos em 2016 e no Brasil em 2018 (WIKIPÉDIA, 2019). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cambridge_Analytica. Acesso 22/2/2019.

importância da governança⁸⁰ da internet para assegurar a proteção dos dados das pessoas ao utilizarem as redes sociais é essencial.

Para Inês Amaral (2016) as redes sociais na internet estão a promover a participação do público, no entanto, sem muitas vezes estimulá-los a uma discussão mais aprofundada sobre a privacidade e a veracidade das informações que circulam nas redes sociais, criando assim um ambiente de desinformação, constatando então, que a internet também pode tornar-se um espaço desorganizado, barulhento e tóxico ao contrário dos espaços de fomento da democracia e de participação popular que foram projetados ali nos idos da década de 1980.

Nos anos 2000, a sociedade conectada em rede permitiu que o público e o privado fossem ressignificados através da cultura digital. Conforme os internautas construíram os ambientes digitais, eles recriaram os espaços públicos do mundo concreto na internet, a vida pública não foi apenas transportada para os mundos digitais, mas foi também transformada, de modo que a população desenvolveu um novo *modus operandi* para cultura na era digital. Portanto, foi através das redes sociais que as pessoas construíram seu Eu-digital ou suas identidades reconfigurando assim os antigos códigos e práticas sociais, mas também promovendo o surgimento de novas formas de sociabilidade através da socialização em rede e online.

2.1.4 SOCIABILIDADES DIGITAIS: A EMERGÊNCIA DE NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS ONLINE

As sociabilidades configuradas nos ambientes digitais são mediadas por ferramentas, que de fácil manejo e alta complexidade, permitiram a criação de mundos/submundos virtuais . Com isso, a apropriação técnica promoveu o surgimento de novos produtos culturais que, com novas práticas inerentes ao universo da cibercultura e da cultura digital, geraram uma nova economia moral para o capitalismo vigente. Assim, *likes*, *retweeds*, adicionar amigos, compartilhar, reagir a uma

⁸⁰ A governança na internet significa a preocupação com a privacidade e com outros direitos humanos dos cidadãos em rede. Neste caso governos, sociedade civil, ativistas, entidades privadas e não governamentais se unem visando este interesse comum a fim de criar uma internet segura, aberta e acessível (KURBAUJA, 2016). Para mais informações acessar caderno referências CGI.br no livro “Uma introdução à Governança na Internet” de Jovan Kurbauja 2016. Disponível em: https://cgi.br/media/docs/publicacoes/1/CadernoCGIbr_Uma_Introducao_a_Governanca_da_Internet.pdf Acesso em 19/03/2019.

publicação, criticar uma postagem, fazer uma *live* e postar fotos representam um novo tipo de comportamento humano/produto cultural (AMARAL, 2016)⁸¹.

Os bens culturais que circulam nas redes sociais são produzidos pelas ferramentas de comunicação interativa das mídias sociais que são baseados em conteúdos e metadados e que fazem as conexões entre os usuários em rede. A arquitetura de um site de rede social posiciona o indivíduo no centro do sistema, um ecossistema, que é composto de nós (os outros indivíduos no sistema) e as bordas (as relações entre os indivíduos)⁸² (QUINN; PAPACHARISSI; 2014, p.161, tradução nossa).

As relações sociais, neste contexto, se dão pela ligação entre as redes sociais que através da interação produzem novas práticas sociais que são mediadas pela apropriação da tecnologia. As sociabilidades são forjadas em um universo permeado pelos metadados, que são os dados gerados pelos usuários e, pelas redes de conexões que definem o conteúdo e as funcionalidades que são apresentadas na interface. Segundo Amaral (2016) no *Twitter* e *Facebook*, por exemplo, os amigos do usuário definem sua *timeline*, que somente será igual se aquele amigo seguir as mesmas pessoas, a conexão entre as pessoas nas redes sociais é feita através do conteúdo postado.

Para Elison e Boyd (2013) na medida em que as tecnologias digitais se desenvolveram as redes sociais também acompanharam esse processo. Assim, as ferramentas das mídias sociais foram sendo adaptadas e reinventadas, outros recursos foram criados com a *web 2.0*, como os fluxos de mídia com o “*News Feed*” do *Facebook*, que tornou-se um dos componentes mais importantes da experiência do usuário nas redes sociais.

A auto-identificação em espaços online por meio de perfis ofereceu inúmeras possibilidades aos participantes dessas redes sociais, através deles os usuários construíram representações de como gostariam de ser identificados com um nome ou *nick* ou pela conta de e-mail. Os primeiros perfis das redes sociais eram projetados para serem retratos estáticos, construídos por meio de textos e outras mídias que eram

⁸¹ Segundo Inês Amaral (2016) esse novo paradigma comunicacional e informacional que advém da cultura digital foi resultado de processos de cognição, que individual e coletivamente, atuaram dentro da dinâmica estrutural que ocorre na internet. Não é raro encontrar teóricos das redes que observam, na própria composição biológica da humanidade, alguma mutação proveniente da tecnologia.

⁸² So the architecture of social network a sites positions the individual user at the center of a system, an ecosystem, which is comprised of nodes (other individuals in the system) and edges (the relationships between individuals).

fornecidas pelos proprietários do perfil. As informações do perfil eram atualizadas quando o indivíduo sentisse necessidade. Entretanto, por meio da lista de amigos e da secção “comentários” os perfis eram atualizados simplesmente pela ação das outras pessoas, como no *Orkut*, quando o amigo ao inserir um depoimento alteraria a apresentação do perfil de outra pessoa. Não obstante, os perfis de sites de redes sociais estão localizados em uma rede de relacionamentos e esses relacionamentos são visíveis nos perfis, portanto, os perfis de sites de redes sociais pela própria natureza da internet foram sendo construídos coletivamente ou co-construídos (ELISON; BOYD, 2013).

De acordo com Elison e Boyd (2013) os perfis das redes sociais foram incluindo vários canais multimídia por meio dos quais os usuários poderiam criar seus perfis e contribuir com os perfis de seus amigos. Esses recursos suportam ações associadas à atualizações de *status*, a capacidade de postar comentários, compartilhar ou registrar interesse em uma atualização, curtir, adicionar vídeos, fotos ou *emoticons*. Nos últimos 10 anos, as redes sociais tornaram-se mais agregadoras de notícias do que baseada em perfis, a configuração dos perfis não inclui apenas textos descritivos e estáticos, mas sim uma combinação multimídia e dinâmica de conteúdos fornecidos pelos usuários (como atualizações de status), relatórios de atividades (como grupos aos quais se conectaram), conteúdo fornecido por outras pessoas (fotografias “marcadas” por outras pessoas e/ou conteúdo fornecido pelo sistema (como um subconjunto da rede e atividades de um amigo em sites de terceiros).

O desenvolvimento de interfaces mais interativas e de aplicativos abertos permitiu que muitos sites se desenvolvessem inspirados em sites de redes sociais ou integrassem ferramentas de redes sociais populares para seus sites modificando a própria rede e sua memória. A natureza da internet, no contexto, da *web 2.0* possibilitou que as redes sociais criassem essa atmosfera de abertura, reinvenção e de compartilhamento dos conhecimentos e informações (ELISON; BOYD, 2013).

Na *web 1.0* a reciprocidade entre as pessoas era a principal forma de ligação nas redes sociais, já na *web 2.0* são os metadados (dos utilizadores e de suas redes) e o conteúdo que dão suporte aos laços sociais (AMARAL, 2016). Por conseguinte, a cultura digital não modificou apenas as relações sociais e as sociabilidades “reais”, mas também transformou as formas de transmissão da memória cultural⁸³ virtual, de modo

⁸³ A memória cultural é entendida, neste texto, nos termos de Aleida Assmann, para quem este tipo de memória configura as lembranças objetivadas e institucionalizadas que são armazenadas, repassadas e reincorporadas ao longo do tempo por gerações. A memória cultural é constituída por heranças simbólicas

que foi nas redes sociais que a subjetividade e a memória⁸⁴ foram construídas e compartilhadas, questão que veremos no próximo tópico.

2.1.5 A MEMÓRIA ONLINE NAS REDES SOCIAIS

A memória eletrônica ou *e-memory* composta pelos rastros que deixamos no ciberespaço, como dados de acesso, fotos, vídeos, postagens e compartilhamentos, bem como o da memória cultural formada pelos arquivos, museus e bibliotecas entre outros registros que se encontram digitalizados nos ambientes digitais construíram e projetaram um novo tipo de acesso, recordação e armazenamento da vida individual e coletiva humana nos últimos anos. A internet configurou-se em novos “lugares de memória” na cultura contemporânea (NORA, 1989; ASSMAN, 2013).

Segundo Gordon Bell e Jim Gemmell (2010) a revolução da memória está se processando em meio a uma onda de inovações em nosso cotidiano, a cada dia surgem novas formas de armazenamento de dados que registram nossas ações e que são colocadas a serviço de múltiplos usos. Os *smartphones*, *notebooks*, localizadores de GPS, e-mails, mídias sociais, plataformas digitais e redes sociais acumularam informações sobre nossas vidas rumo a um tipo de memória integral e digital.

A capacidade da memória digital cresceu com muita rapidez de modo que muitas vezes não conseguimos recuperá-la. Com o sistema *cloud computing* (computação em nuvem) seus dados ou sua *e-memory* seguirão você aonde quer que vá sem necessariamente estar conectado a aparelhos específicos. A *cloud computing* possibilitará no futuro que sua memória digital possa ser recuperada, armazenada e gravada, cada pessoa poderá ter uma memória digital ou ainda guardar os dados na nuvem permitindo a prática do *lifelogging* (registro de vida) onde um avatar com sua imagem e voz acessaria um dispositivo ou um chip com uma memória digital contendo registros de toda a sua vida. Entretanto, apesar de parecer ficção científica sites como *legacy.com*⁸⁵ ou *MyLifeBits*⁸⁶ já permitem o registro de fotos, vídeos, cartas e

materializadas em textos, ritos, objetos, monumentos, escrituras sagradas e outros suportes mnemônicos que funcionam como gatilhos para acionar as experiências coletivas do passado (ASSMANN, 2013).

⁸⁴ A memória construída em rede pode ser definida como uma memória comunicativa que remete a um passado recente ou ao presente, essa memória é autobiográfica, ela reside na comunicação e interação cotidiana (ASSMANN, 2013).

⁸⁵ Para saber mais acessar: <https://www.legacy.com/> . Acesso em 20/1/19.

⁸⁶ Mais informações: <https://www.microsoft.com/en-us/research/project/mylifebits/> . Acesso em 20/1/2019. n

depoimentos para deixar que as futuras gerações configurem essa memória tal como lhes pareça melhor (BELL; GEMMELL, 2010).

Todavia, essa exposição da privacidade nos remete a um controle ou manipulação de nossas memórias como no episódio “*The Entire History of You* (Toda sua História) da série *Black Mirror* (2011) onde nossas lembranças, dados e informações estariam acessíveis a todo instante, apresentando o passado como um repositório que poderia ser acessado a qualquer momento, gerando a sensação de um presente sempre contínuo ou mesmo da abolição da morte. Neste episódio visualizamos como pode ser perigoso o uso desse tipo de tecnologia para a segurança e liberdades individuais, de modo que agentes do Estado e empresas com acesso as memórias particulares poderiam fazer o uso indevido das memórias dos indivíduos mesmo após a sua morte, manipulando e distorcendo os fatos sobre a vida das pessoas⁸⁷. Por conseguinte, a memória digital é uma realidade e não sabemos se no futuro ela será positiva quanto parece ou negativa em um tom catastrófico e apologético.

Todavia, as redes sociais são hoje espaços de recordação e de produção das memórias comunicativas, as autobiográficas. Em rede os indivíduos têm a possibilidade de contar suas histórias de seus pontos de vista e a partir de um conteúdo público gerado por eles, isto é, histórias que antes poderiam ser relegadas à invisibilidade hoje ganham notoriedade através das redes sociais. Segundo Silvana Dalmaso (2015) a dinâmica interativa e simultânea das redes sociais criou um tipo de experiência baseada no eterno retorno de uma permanente reconexão com o passado. O usuário do *Facebook*, por exemplo, convive com a rememoração de suas lembranças constantemente seja por conta das ferramentas da rede ou por um amigo que comentou ou compartilhou suas postagens movimentando suas lembranças no perfil. Assim, o tempo do simultâneo e do instantâneo nas redes sociais alterou o processo de construção da memória.

No tempo da revolução industrial houve uma mudança significativa do tempo da natureza para o tempo da fábrica (THOMPSON, 1991), já no tempo presente foram as tecnologias digitais e a internet que produziram as redes sociais e reordenaram o tempo para o da simultaneidade e instantaneidade temporal (CASTELLS, 1999). Essa mistura de temporalidades e virtualidades criou a sensação do eterno retorno, assim como Walter Benjamin já mencionava com o surgimento dos meios de comunicação de

⁸⁷ A temática da revolução da memória foi explorada em filmes e livros, por exemplo, no longa-metragem *Violação de Privacidade* (2004), no livro *The Truth Machine* (1996) de James Halperin e o livro *Hominidis* (2002) de Robert J. Sawyer (BELL; GEMMELL, 2010).

massas o *hic et nun* (tempo do agora) , isto é, um presente sempre replicado na imagem do agora onde o passado, o presente e o futuro se misturam em um mosaico de imagens mentais.

As redes sociais, neste contexto, criaram um tipo de experiência do *hit et num* no presente, que por meio da criação de um universo cultural cibernético que anulou todas as fronteiras físicas e geográficas produzindo outros tipos de dimensões temporais gerando essa nova forma de articulação entre passado-presente-futuro. Por sua vez, esse tipo de experiência aconteceu através da configuração de uma memória digital que por meio da tecnologia replicou a memória humana em múltiplas imagens que circulam pela rede e são movimentadas pelas postagens dos usuários, que estão sempre recorrendo as suas memórias digitais para se individualizar e promover uma espécie de Eu-digital na construção de sua identidade, que é sempre retroalimentada pelas memórias digitais nas redes sociais.

Um aspecto de grande relevância é o de que o Eu, no cenário digital, é construído pela linguagem (independentemente do suporte) e pelas interações. As construções narrativas de identidade no ciberespaço estão também associadas à questão da visualização: os interfaces gráficos materializam o espaço dos lugares, o que permite simular a presença [...] As experiências imersivas em ambientes virtuais permitem a integração do utilizador num espaço e na rede, enquanto esfera social, de forma activa, proporcionando novas relações e práticas sociais partindo da premissa de elemento integrado na comunidade (AMARAL, 2016,p.94-97).

Redes sociais como *Orkut, Facebook, Flickr, Twitter, Myspace e Youtube* possibilitaram o registro coletivo e o compartilhamento de imagens, vídeos, percepções, pensamentos, opiniões proporcionando que a dinâmica interativa da rede fizesse com que a memória fosse também uma narração coletiva. Desse modo, a memória cultural que é a representada pela memória institucionalizada e coletiva se encontrou com a memória comunicativa, que é a autobiográfica e do cotidiano onde lembranças e esquecimento, retorno e atualização são processos característicos da memória e que se materializam também nas redes sociais (NORA, 1993 APUD DALMASO, 2015).

Neste processo a memória digital também é seletiva e dinâmica e nem tudo que circula na rede pode ser preservado sendo legado ao esquecimento aquilo que não é compartilhado. De todo modo, quando registramos nossa memória na internet estamos compartilhando-a com outras pessoas que ao divulgarem, comentarem, compartilharem

e curtirem na rede nossas postagens estão também gerando uma ação de preservação diretamente relacionada com a dinâmica da cultura digital e da cultura de abundância de informações que tende a “arquivar tudo” na internet, inclusive a memória digital alheia (HENRIQUES, 2014).

A provisoriedade e a fluidez que reside nas redes sociais transformaram não apenas a memória, mas também as identidades que agora foram configuradas para os ambientes digitais. A memória pessoal e a memória cultural se entrecruzaram nas dimensões das redes sociais que se transformaram nos espaços para a construção e manutenção da identidade digital. Dessa forma, a identidade construída nas redes sociais está associada as novas formas de organização social que derivadas do ciberespaço são fragmentárias e por isso definidas em suas pluralidades de pertenças, onde cada indivíduo agrega várias categorias compartilhadas pela cultura digital se definindo em relação a si e aos outros na construção de suas identidades nas redes sociais (DUBAR, 2000).

Cada perfil que é criado na rede é envolvido em uma cultura de participação e de publicização pessoal onde seus rastros apresentam uma memória digital daquilo que foi produzido, compartilhado e postado em rede apresentando uma história, seja pessoal ou coletiva e no qual permanecem nas dimensões da internet ou simplesmente serão esquecidas no meio ao uma massa de dados, informações e *bits* do ciberespaço. O passado digital que integra as memórias e rastros digitais deixados nas redes sociais fazem parte da produção histórica material e simbólica da nossa cultura contemporânea, de modo que a memória antes transmitida pela oralidade e pelos suportes da escrita impressa e visual, agora foram ressignificados pelos suportes digitais, questão que discutiremos a seguir.

2.1.6 REDES SOCIAIS: ESPAÇOS DE DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO E DA CIÊNCIA ONLINE

Segundo Peter Burke e Asa Briggs (2002) a invenção da imprensa na Europa Moderna permitiu a padronização e a preservação do conhecimento. As impressões também favoreceram à crítica a autoridade dos autores, possibilitando a formação de um espaço público para as discussões sobre a veracidade do escrito e da memória circulante. Do mesmo modo, a internet e as tecnologias digitais têm transformado os antigos suportes de armazenamento, transmissão e divulgação do conhecimento na contemporaneidade. Por isso, vejamos de que forma as redes sociais podem têm

contribuído para este novo cenário de produção, validação e registro do conhecimento.

O desenvolvimento e a popularização da internet nos últimos 30 anos evidenciaram a informação e o conhecimento como motores para um novo paradigma de sociedade (TOURAINÉ, 1970; BELL, 1974) onde ciência e tecnologia se articulariam em um novo modelo de desenvolvimento econômico e social, organizadas em redes globais de interação através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) (CASTELLS, 1999). Por conseguinte, as tecnologias e a internet geraram inúmeras expectativas em relação às suas potencialidades para democratização do conhecimento e o uso de suas ferramentas para os processos de ensino e aprendizagem em todos os níveis educacionais.

A princípio a ideia era de que a internet poderia diminuir as desigualdades sociais e educacionais pelo tipo de acessibilidade às informações e aos bens culturais disponíveis na *web*, também vislumbrava um tipo de democracia online com a maior participação popular nas decisões políticas por meio das ferramentas tecnológicas (MARQUES, 2014). No entanto, o que foi constatado é que apesar da internet ser um espaço acessível às informações e ao conhecimento, milhares de pessoas ainda não têm acesso a esses bens por questões sociais e econômicas. A internet tem, portanto, criado ou reforçado uma fratura sociocultural entre os que detêm as competências digitais necessárias para atuar no universo digital e compreender suas dimensões e os que não têm essas competências seguem marginalizados no que diz respeito à apropriação da cultura escrita e as práticas de leitura na cultura ocidental (LAS HERAS; CHARTIER, 2001).

No contexto da sociedade globalizada e ramificada em redes de informações, setores como o jornalismo, que trabalham com informes diários das notícias, têm sido afetados substancialmente pelo imediatismo das redes sociais. A disseminação das informações pelo sistema multimídia na internet acelerou a produção e o impacto das informações sobre as populações. O historiador Pierre Nora já evidenciava na década de 1990, que com a globalização e a penetração dos *mass media* na vida cotidiana, os fatos eram cada vez mais moldados por esses veículos de comunicação. Nos últimos 20 anos, por sua vez, são as redes sociais que têm transmitido os acontecimentos e até mesmo produzido os acontecimentos que circulam na sua *time line*. A factualidade do imediato trouxe à tona o retorno do acontecimento. Os meios de comunicação de massa tradicionais tinham criado uma comunidade de consumidores que foi ampliada e

reconfigurada com as redes sociais, sobretudo hoje em dia, quando os fatos se estruturam e dependem da esfera pública e da opinião pública da *web*.

Há um novo ecossistema midiático em formação que une os meios de massas tradicionais e as redes sociais digitais, que conectadas são descentralizadas num ambiente de baixa hierarquia, engendrando novas possibilidades para a produção e o consumo de conteúdo, como pelo modo *broadcasting*. Neste sistema multimídia temos a conformação de inúmeras possibilidades para a relação entre emissor do conteúdo e as audiências. (LIMA, 2011 apud BARBOSA; SOUZA, 2018). Assim:

Um aspecto importante das mídias sociais digitais é a habilidade que permite a milhões de pessoas criarem tags (marcadores) da mesma forma como o usuário marcaria um arquivo físico. Isso ajuda a catalogar a informação na internet e facilita tudo para todos os que acessam à rede. Dentre alguns pontos-chave que podemos observar em relação às mídias sociais digitais é de que independente da fragmentação em nichos em consequência da internet, as pessoas ainda querem saber o que a maioria está fazendo. Isso porque as mídias sociais funcionam como um mecanismo, uma ferramenta para essas relações (BARBOSA, SOUZA, 2018, p.285).

Com a quebra do monopólio das informações pelos sistemas midiáticos da imprensa escrita e televisiva, foram as redes sociais que assumiram esse posto. Segundo Barbosa e Souza (2018), com o fortalecimento da comunicação digital constatou-se que o fato se propaga de modo quase que instantâneo na internet, na medida em que os usuários o descobrem e o disseminam pelas redes sociais por meio de fotografias, comentários e postagens. Na sequência a imprensa apura e divulga a informação, mais os usuários disseminam na rede fortalecendo ou enfraquecendo sua importância mais ao sabor de seus interesses que de uma averiguação criteriosa.

A produção e divulgação científica nas universidades e nos centros de pesquisas pelo mundo também tiveram que lidar com essas novas fontes de informação e de conhecimento na internet. As redes sociais tornaram-se os principais meios aos quais as pessoas recorrem para obter informações e ter acesso ao conhecimento. A ciência durante muito tempo era acessível apenas aos mais eruditos, mas foi gradualmente se tornando pública através da invenção da imprensa, da publicação e divulgação de livros (SAIOTE, 2013).

As descobertas científicas que marcaram o pós-guerra e a sua divulgação através da cultura pop em histórias em quadrinhos (HQ) da *Marvel* e *DC*, que tem como

personagens heróis ou vilões cientistas⁸⁸ e/ou de livros e filmes de ficção científica e de canais de televisão como *Discovery Chanel*, *History* e *National Geographic* estimularam a popularização da ciência e de seus bens culturais provocando o interesse das massas. Ainda assim, a comunicação acadêmica ocorreu sobretudo de modo formal por meio de revistas e livros científicos que estão sujeitos a uma revisão por seus pares, o que implicou num relativo conservadorismo por parte da universidade, que hoje em dia paga a conta desse atraso pela perda do posto de geradora de conhecimento fiável para a sociedade (SOITE, 2013). Vejamos, pois, como a internet transformou alcance da ciência na cultura contemporânea.

A estrutura da internet foi criada para servir como ferramenta de comunicação entre computadores em rede através de troca de mensagens secretas na Guerra Fria, e posteriormente entre os acadêmicos de diversas universidades e centros de pesquisa do mundo para fazer circular a informação científica (CASTELLS, 1999). A internet serviu durante muito tempo como base para a comunicação científica entre pesquisadores que por meio de listas de e-mail e fóruns levaram as discussões acadêmicas e dos laboratórios para o universo digital. Não obstante, muitas plataformas serviram como repositórios digitais que, funcionando a partir de parâmetros e princípios acadêmicos, resguardaram a memória das universidades. Algum tempo depois sua abertura à população significou também um maior alcance para divulgação da ciência para os usuários na *web*.

As potencialidades da internet e das tecnologias digitais estimularam o movimento pela ciência aberta⁸⁹ que, no Brasil e em outros lugares do mundo promoveu transformações nas formas de produção e circulação das informações. Neste contexto, a pesquisa científica “aberta” tem como objetivo ter publicações, *softwares*, dados de pesquisa, produtos e patentes com licenças flexíveis. O movimento pela ciência aberta acredita que com processos de pesquisa científica disponíveis à sociedade possibilitaria a criação de redes de conhecimento fomentando um tipo de economia colaborativa, de

⁸⁸ A literatura ao longo da história também contribui para a construção de um imaginário popular sobre a ciência, por exemplo, o livro de Johann W. Von Goethe o “Fausto” (1832), a obra de Mary Shelley “Frankenstein” (1818), o livro de Júlio Verne “A volta ao mundo em 80 dias” (1873) e Herbert George Wells “Máquina do Tempo” (1895).

⁸⁹ O movimento pela ciência aberta que tem início no final do século XX tem suas raízes na criação estrutural da internet, que possibilitou que com suas ferramentas tecnológicas qualquer usuário navegasse, construísse e reinventasse esses espaços virtuais. Neste contexto, juntamente com o movimento da cultura *Hacker*, dos *softwares* livres e das licenças abertas *copyleft* ou *Creative Commons* que nas décadas de 1980 e 1990 (EVANGELISTA, 2014) oportunizou as discussões necessárias rumo ao movimento pela ciência aberta ou *open Science* que ganhou força ao redor do mundo durante os anos 2000.

inovação e de espaço para todas as classes sociais, alargando os horizontes de expectativa da ciência

Segundo Sarita Albagli (2015) a ciência aberta produziu novas práticas e espaços denominados de *crowdsourcing*, *wiki*, educação aberta, recursos educacionais abertos (rea), *open access*, ética hacker e a cultura livre digital. Neste cenário, os bens culturais que surgem dessas iniciativas são criados/recriados ou remixados em processos colaborativos de produção do conhecimento e de inovações visando o desenvolvimento econômico e social.

O movimento pela ciência aberta emergiu como uma reação à crescente mercantilização do conhecimento que por meio da propriedade intelectual, do modelo de publicação de editoras e de patentes fechadas que permitiram que empresas se apropriassem do conhecimento científico, a fim de gerar lucros e riquezas restringindo o acesso a publicações e os dados dessas pesquisas e produtos, que se acessíveis poderiam ser gerados sem custo. Esse modo de produção científica visando o mercado se popularizou no contexto da produção científica no final do século XX e, foi estruturado em um tipo de capitalismo informacional, global e em rede que têm a ciência e a tecnologia como principais motores para seu modo de produtividade e de consumo. (ALBAGLI, 2015).

As ramificações ou rizomas construídos em rede pelos nós que fazem circular esses conhecimentos e produtos viabilizaram que um outro tipo de relação e de comunicação fossem construídos entre os pesquisadores, sua comunidade científica e o público em geral. Muito mais informais que os ambientes institucionalizados das universidades e dos laboratórios, as redes sociais ofereceram através de suas ferramentas meios para que os pesquisadores utilizassem um vocabulário mais acessível e chegassem então a um público que não era o especializado, alargando assim, os espaços para a publicização, divulgação e circulação da ciência. As funcionalidades das plataformas de redes sociais permitiram que os usuários tivessem um canal direto de comunicação com os pesquisadores favorecendo a interação e o diálogo entre o público e a ciência.

Na esteira dessas discussões adentraremos em uma segunda parte desse estudo em que pretendemos investigar como a formação de uma rede social de historiadores online no Brasil pode ter influenciado e promovido novas práticas, representações e sociabilidades entre historiadores dando novos significados ao seu mundo social e cultural. Por outro lado, abordaremos as transformações tecnológicas que têm

impactado e modificado a forma como os historiadores acessam e narram um passado que nasce e renasce online através de agentes não humanos, os arquivos da *web*. De todo modo, discutiremos a seguir os desafios de se produzir uma História que é digital e os procedimentos que foram utilizados e que nos guiaram na análise das fontes históricas renascidas em espectro digital.

2.2 RUMO A UM NOVO HISTORICISMO DIGITAL?

Muitos são os desafios para quem escolhe “fazer” uma História do digital onde a *web* é sua fonte de pesquisa para coleta de dados e de informações. Neste caso as fontes históricas que são originárias da *web* têm como características serem mutáveis e fluídas próprias do universo da cultura digital, o que acarreta muitos questionamentos e reflexões para os pesquisadores, principalmente sobre qual metodologia recorrer no campo da História ou em quais outros campos do conhecimento poderemos encontrar e situar os caminhos que atendam as especificidade da fonte digital. Essas questões compreendem o modo como analisar uma fonte histórica que nasce nos ambientes digitais e pode simplesmente desaparecer e ressurgir em arquivos digitais na *web* e, que pode ainda não dispor de informações contextuais que validem sua autenticidade. Dessa forma, em meio a abundância informacional que nos cerca e que advêm do ciberespaço propomos discutir os desafios metodológicos de se trabalhar com fontes digitais nascidas ou renascidas da *web* visando demonstrar o caminho metodológico que optamos nesta análise.

Como vimos no primeiro capítulo o ofício dos historiadores foi impactado pela “virada digital” e que teve como consequência o surgimento do campo da História digital, que está principalmente preocupado com o uso da *web* como ferramenta de pesquisa e divulgação da História. Dessa forma, estudos como o de Andreas Fickers (2012) e Niels Brügger (2012) problematizaram justamente os limites e as possibilidades de se utilizar a *web* como fonte histórica na pesquisa histórica.

Segundo Andreas Fickers (2012) desde a invenção da historiografia na antiguidade com Tucídides e Heródoto, o historiador tem desempenhado papel ativo na reconstrução do passado, isto é, seu trabalho está embasado na coleta das fontes históricas (orais/ arquivísticas/crônicas) para produzir uma narrativa coerente do passado interpretando as fontes com base em questões e interesses do tempo presente.

Por conseguinte, a ideia de fonte histórica tem se transformado ao longo dos tempos, graças as modificações históricas que proporcionaram que em cada período histórico a História incorporasse determinados produtos culturais como fontes, destacando-se o rádio, o cinema e a televisão no século XX. Assim, na medida que as fontes eram integradas à pesquisa histórica discussões sobre os métodos para sua análise se seguiam e fomentaram debates sobre as especificidades de determinada fonte histórica a partir das ferramentas de análise histórica.

A história da História demonstrou que todo esse *corpus* de conhecimentos metodológicos que temos foi alcançado por movimentos sucessivos, mas nem sempre lineares de revisão da escrita da História. Ranke, Droysen e Dilthey, no século XIX⁹⁰, abordaram o tema do rigor científico na averiguação das fontes como elemento essencial para a conformação da área.

Neste sentido, a filosofia do historicismo possibilitou o desenvolvimento de um método crítico de se fazer história, derivado da tradição da filologia clássica que surgiu durante o humanismo. Este método foi caracterizado por uma leitura crítica de fontes históricas que visaram identificar a autenticidade das fontes nas tradições escritas. Esta nova habilidade de “crítica de fonte” foi ensinada em universidades e foi incorporada em uma nova abordagem hermenêutica das humanidades proporcionando a criação de um *corpus* metodológico baseado na crítica das fontes deixando um legado para historiografia ocidental (FICKERS, 2010, p.2-3).

Por conseguinte, porque será que o movimento do historicismo se relaciona com as questões que no tempo presente tem impactado o ofício da História no contexto da “virada digital”? Ora a questão como discutimos ao longo dessa pesquisa, se desenha num cenário onde a cultura digital e a *web* provocaram transformações no campo da História e no seu ofício que estão relacionadas ao modo como pesquisamos, ensinamos

⁹⁰ A partir das problematizações desses historiadores as especificidades de fazer pesquisa em História foram reconhecidas, o movimento do historicismo colocou em evidência que a História necessitava de um *corpus* metodológico próprio. Diante disso, o francês Leopold von Ranke (1795-1886) entendeu que as fontes eram as principais formas de os historiadores acessarem ao passado, para ele a pesquisa se legitimava pelo uso da fonte e por estudo rígido das mesmas, elas asseguravam a especificidade da História. O alemão Johann Gustav Droysen (1808-1884) que baseado em uma reflexão crítica do trabalho de Ranke, desenvolveu uma hermenêutica teórica para a História. Para Droysen, ao invés de buscar a “verdade única” nos documentos como acreditava Ranke, Droysen demonstrava que a análise deveria ter uma abordagem auto-reflexiva sendo o historiador o intérprete dos eventos do passado a partir das fontes. E para Wilhem Dilthey (1833-1911) a História era uma profissão científica ligada as ciências da mente ou humanidades, o que as diferenciava das outras ciências. Por isso, elas deveriam criar um corpus teórico e metodológico próprios que condissessem com a natureza do seu conhecimento, haja vista que para Dilthey a história integra a auto-formação humana e está relacionada a aprendizagem dos seres humanos ao longo da sua vida (FICKERS, 2010, p.2-3).

e divulgamos o conhecimento histórico na contemporaneidade. Todavia, o elemento de maior incerteza e reflexão nos últimos anos entre os historiadores se relaciona diretamente com as questões que foram colocadas pelo historicismo no século XIX: como, a análise de fontes que já nasceram digitais, das mídias sociais pode ser garantia uma vez que poderão desaparecer sem deixar rastros no ciberespaço?

Segundo Andreas Fickers (2012) o pré-requisito hermenêutico da crítica da fonte histórica é indispensável e vale para todos os tipos de fontes devendo ser aplicado também no contexto da fonte digital. No entanto, devemos estar cientes que a análise de uma fonte digital requer também a atenção à especificidade/volatilidade, bem como que sua verificação dependerá do domínio de ferramentas de análise que advêm do campo da ciência da computação, da tecnologia da informação e das mídias sociais. Nestes termos, vejamos o que propõe o autor:

Quadro 1 - Crítica hermenêutica da fonte digital

Quem produziu a fonte?	Nem sempre conseguimos descobrir quem é o autor, sobretudo na <i>web</i> pela falta de informação contextual, mas é importante identificar a autoria de tal fonte ou indícios de quem possa ter produzido o site, rede social, <i>blog</i> , perfis ou comunidade
Que tipo de documento?	Informar a natureza do documento, a linguagem que apresenta e se uma fonte nascida/renascida digital ou digitalizada
Onde foi feito e distribuído?	Determinar a localização e em que site ou ambiente digital a fonte está hospedada
Quando foi feito?	Evidenciar a data de criação e divulgação da fonte ou de renascimento se for em um arquivo da <i>web</i>
Por que foi feito?	Verificar quais as circunstâncias de produção de tal fonte e por se tratar de uma fonte digital qual a intermediação que os não-humanos (algoritmos, máquinas, ferramentas de textos e recursos tecnológicos) têm interferido nessa criação

Fonte: da autora adaptado de FICKERS, 2012; CAINELLI; SCHMIDT, 2004.

A crítica hermenêutica é fundamental para se extrair as informações de natureza estética, narrativa e técnica da fonte em análise, mas não é o suficiente em termos de análise para se compreender as singularidades de uma fonte que nasce no ambiente da *web* no contexto da cultura digital. Por isso quem utiliza a *web* como fonte na pesquisa histórica deverá ter outros tipos de fontes de informações à sua disposição para o confronto e validação da autenticidade dos dados em investigação. De todo modo, para se analisar o passado digital na *web* devemos nos orientar para a natureza desse ambiente.

De acordo com Niels Brügger (2012) a *web* é uma parte específica da internet e que foi criada a partir do protocolo w.w.w. inventado nos anos de 1990 por Tim Berners-Lee e que possibilitou o desenvolvimento das interfaces dos ambientes virtuais no ciberespaço. Para Brügger (2012) é importante marcar a distinção entre a internet e a *web*, pois apesar de parecerem sinônimos para o senso comum, a *web* está mais relacionada a semântica criada nos ambientes virtuais através da cultura digital, já a internet representa o meio e o tipo de conexão e infraestrutura técnica existentes para se acessar a *web*.

A natureza específica da *web* implica uma série de questões metodológicas no qual os historiadores se confrontaram, sobretudo pela instantaneidade e provisoriedade dos dados e informações que permanecem em circulação no ciberespaço e podem simplesmente desaparecer sem deixar rastros impondo dificuldades para se restabelecer por meio de outras fontes a originalidade da aparência e das funcionalidades que um dia existiram no site. O arquivo *web*, portanto, ao realizar o processo de armazenamento inevitavelmente deixa falhas e inconsistências no arquivo da fonte representando inúmeros desafios para os historiadores (BRÜGGER, 2012).

Segundo Brügger (2012) o principal problema para o historiador que trabalha com fontes históricas nascidas ou renascidas dos ambientes digitais não são apenas os conteúdos da *web* que foram perdidos, mas também os recursos e funcionalidades da *web* que constituem parte integral do nosso uso na navegação e que nos fornecem informações valiosas de como a *web* existiu em determinado período no tempo. Então, na medida em que os historiadores da *web* retrocedem no tempo em busca de suas fontes a partir de um arquivo da *web*, devem desenvolver a consciência da perda de vários recursos, funcionalidades e informações contextuais. Embora seja possível reestabelecer algumas informações, como as estatísticas dos usuários em relação aos

números de acessos, outros tipos de informações nunca poderão ser recuperados como consulta de pesquisa, estrutura de *hiperlinks* e perfis de usuários entre outros.

Neste contexto, existem iniciativas de arquivamento da *web* que são as formas mais comuns de se fazer a coleta de dados nesses ambientes, isto é, a recuperação do material perdido na *web* geralmente é realizada por servidores da *web* com o uso de rastreadores que mapeiam a *web* a partir de um lista dos endereços (URLS) armazenando as páginas que existem na *web* em seus arquivos como o *The Internet Archive*.

O arquivamento da *web*, porém, não equivale à digitalização porque um site arquivado nunca será o original, mas sim uma reconstrução daquele passado digital. Primeiramente, o site arquivado é uma reconstrução subjetiva do que era aquele site quando estava disponível online. Por isso, essa recriação torna-se subjetiva, na medida que o rastreamento feito pelo *software crawler*⁹¹ utiliza-se de inúmeras decisões que estão relacionadas à instituição ou empresa que coordena o arquivamento, de modo a automatizá-lo determinando quais tipos de arquivos deverão ser armazenados ou se a ação de arquivamento estará relacionada a decisão de uma inteligência artificial que navega pela *web* seguindo *hiperlinks* e movimentações dos usuários para o armazenamento das páginas.

Seja por questões financeiras ou mesmo por um descompromisso com o passado, o site arquivado representa então uma reconstrução subjetiva feita pelo arquivo da *web*, uma vez que ao acessar e solicitar o acesso a página arquivada ocorre um processo de recriação daquele passado digital que através dos *bits*, *links* e outros elementos que foram salvos reconstruem o que restou do site quando estava online na rede. Essa recriação será sempre incompleta, pois ao criar cópias do que foi arquivado certamente algo sempre será perdido e não poderá nunca mais ser recuperado, configurando um dos primeiros paradoxos da *web* que, quando criada, projetava a utopia da memória total (BRÜGGER, 2012).

Niels Brügger (2012) ao problematizar a pesquisa histórica realizada na *web* e em seus ambientes descortinou as várias questões inerentes a natureza da *web* e de como ocorrem nesses espaços a interferência de agentes não humanos no processo de criação, arquivamento e recriação do passado digital e que antes poderiam parecer obscuras para

⁹¹É um programa de computador ou uma espécie de robô que pode ser denominado como *bot* e que navega pela *web* de forma automatizada rastreando ou fazendo a indexação de páginas de sites criando uma cópia de cada site visitado (WIKIPÉDIA, 2019). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rastreador_web. Acesso em 16/04/2019.

os historiadores que lidam com a *web* pela perspectiva da História Digital. Assim, na era da reprodutibilidade digital o arquivamento da *web* não significou simplesmente fazer cópias arquivadas, mas representou também a criação de versões únicas de documentos que apresentam cada qual a sua aura, para lembrar os termos de Walter Benjamin.

Logo, o site arquivado não é um documento sobre a *web*, mas sim um documento da *web* criado pelo uso das matérias-primas (*bits, links, algoritmos, htmls, crawler*) e que advêm da cultura digital. Neste sentido, Niels Brügger sugere alguns procedimentos para a análise das fontes da *web* em suas dimensões a partir de uma perspectiva histórica e que compreende cinco estratos da *web*:

Quadro 2 - Procedimentos para a análise de um documento da *web*

Os elementos da <i>web</i>	É a análise técnica da página da <i>web</i> como código-fonte, estrutura HTML, texto, imagens, <i>design</i> e a plataforma em que está hospedada
A página da <i>web</i>	Quer dizer a análise do conteúdo do site, como a textualidade eletrônica, as imagens estáticas ou em movimento e os elementos sonoros
O <i>website</i>	Investigar o <i>website</i> como um <i>cluster</i> (conjunto), ou seja, significa analisar as conexões e inter-relações que o ligam a outros sites.
A esfera da <i>web</i> ou seu espaço público	As atividades que acontecem na <i>web</i> referentes a um evento ou tema e que compõe o universo cultural aonde o site está hospedado
A <i>web</i> em sua dimensão	Se relaciona a tudo que transcende a <i>web</i> como a infraestrutura técnica e as especificidades que circundam o meio de comunicação que é a internet

Fonte: Da autora adaptado de Brügger, 2012.

Isto posto, caso o historiador utilize fontes que não estão mais disponíveis online e somente guardadas em arquivos da *web*, ele certamente se confrontará com alguns desafios metodológicos e que dizem respeito a um conjunto de problemas que se originam da recuperação de um site arquivado. A possível inconsistência temporal se concentra em dois aspectos: primeiro, o de obter uma visão geral das versões arquivadas do site e das datas em que foram feitos os rastreamentos e arquivamentos. E segundo, se relaciona à esfera da *web* e remonta à perda de dados e informações referentes aos temas caso não se tenha acesso ao contexto histórico em que os *links* foram perdidos (BRÜGGER, 2012).

Além disso, quando se utiliza uma fonte recuperada pelos arquivos da *web* não será possível utilizar um *software* de análise de dados, uma vez que as inconsistências na recriação do site da *web*, desestruturam a rede de *hiperlinks* ou de conexões de usuários que compunham o site impedindo que o *software* tenha acesso aos dados para quantificação isonômica, isto é, dependendo do tipo de fonte digital o uso de ferramentas ou recursos digitais ficaram limitados pela própria natureza da fonte, lamentavelmente, perdendo a escala que promove o interesse pelas fontes em rede (BRÜGGER, 2012).

Entre Andreas Fickers (2012) e Niels Brügger (2012), a conformação da rede como fonte histórica está relacionada ao campo da comunicação⁹², principalmente pelas características e especificidades que fazem parte do nosso ambiente de pesquisa e da nossa fonte histórica. Não obstante, ferramentas tecnológicas provenientes dos recursos computacionais⁹³ e de *softwares*⁹⁴ como o *Zotero*, que é de código aberto e foi criado pelo *Center for History and New Medias* da Universidade de Georg Mason (EUA) permitem uma melhor sistematização dos próprios dados da rede e foram aqui amplamente utilizados, reverberando na construção de uma metodologia para o estudo da História Digital que tem, na análise o arquivo *web*, *The Internet Archive* seu ponto de

⁹² Queremos explicitar que poderíamos utilizar a netnografia em nossos estudos, todavia, apesar de ser um método em voga no campo das ciências humanas optamos por não a utilizar devido as singularidades de nossa fonte digital, que não se encontra mais online e já pode ser considerada como parte do passado digital da *web*. Por isso, então não podemos mais estar inseridos no “campo” e nem interagindo com os usuários ou seguindo os passos sugeridos pela netnografia.

⁹³ Apesar de muito criticados na segunda metade do século XX no campo da História os historiadores quantitativos e serialistas conformaram uma tradição na área da História por utilizar o computador em pesquisas. Posteriormente conforme os desenvolvimentos técnicos serão outros historiadores a utilizarem a tecnologia como ferramenta auxiliar para a pesquisa histórica transformando-se hoje em um recurso indispensável para quem utiliza-se do campo da História Digital.

⁹⁴ Utilizaremos o *software* da *microsoft office excel* que é um aplicativo que faz parte do pacote *office* criado pela Microsoft, nele podemos criar planilhas e projetar gráficos, além de ter ferramentas de cálculo para quantificação de dados.

partida uma vez que é de lá que será apreendida a memória da rede social *Café História*.

CAPÍTULO 3: MEMÓRIA DA REDE X MEMÓRIA NA REDE: DO THE INTERNET ARCHIVE AO CAFÉ HISTÓRIA

Neste capítulo investigamos a configuração do arquivo da *web*, *The Internet Archive* (1996), suas funcionalidades, recursos digitais e processamento da memória digital recuperada e projetada por agente não humanos na internet. De qualquer forma, os novos suportes de armazenamento e de reprodução da memória digital na internet não evocam somente questões de preservação e de acessibilidade do público ao conteúdo gerado na internet, mas também evidenciam os perigos da perda das informações e dados do presente produzidos na internet que jamais serão recuperados e fazem parte da própria natureza fluída e instantânea da cultura digital. Os arquivos da *web* representam, portanto, uma importante fonte para a compreensão das mudanças históricas e sociais em curso e, que só poderão ser acessadas no futuro, graças ao passado digital que foi armazenado nos repositórios de memória digital da rede, os arquivos da *web*.

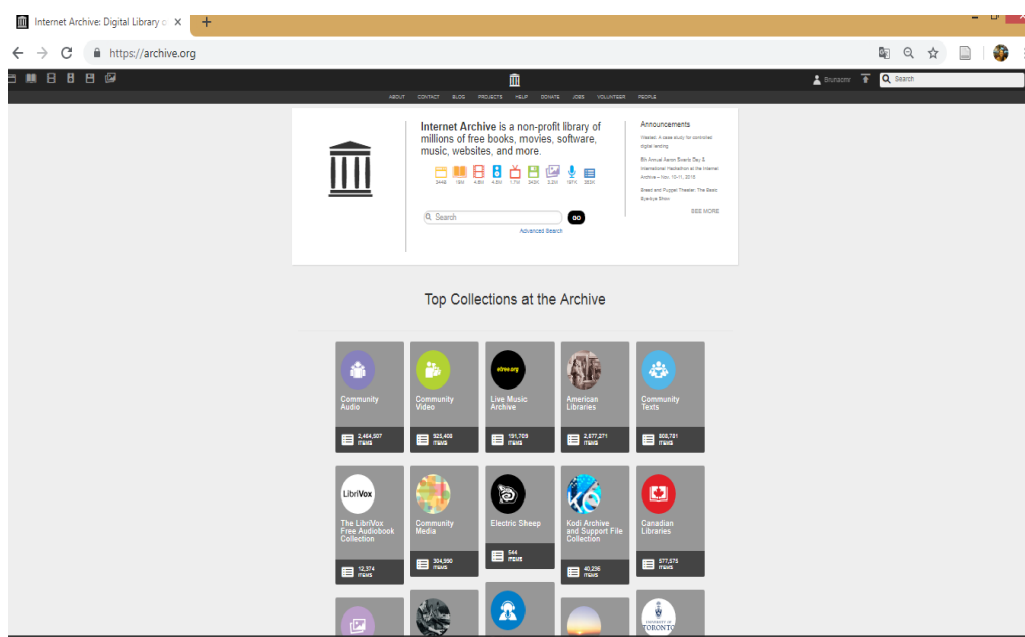
Em seguida essas discussões sobre o arquivo da *web* serão cotejadas na análise da rede social *Café História* (2008-2017) e em sua relação com as transformações no ofício dos historiadores brasileiros pelas práticas e sociabilidades que surgem da cultura digital. De todo modo, nossa análise só foi possível pelo arquivo da *web*, *The Internet Archive* (1996), que recuperou e preservou a rede social. Por isso, essa análise também discorrerá sobre como os agentes não humanos têm interferido nas relações dos historiadores digitais e de suas fontes. Assim, nesses ambientes digitais veremos que os historiadores além de estarem em contato com as ferramentas e funcionalidades da cultura digital, incrementando suas práticas de pesquisa pelas competências digitais, também estão escrevendo suas memórias na rede partir dos “lugares de memória” que foram reconfigurados no contexto da *web*.

3.1 THE INTERNET ARCHIVE COMO FERRAMENTA DE PESQUISA HISTÓRICA: RECUPERANDO E RECRIANDO O PASSADO DIGITAL

The Internet Archive é um site de arquivamento da *web* criado por Brewster Kahle em 1996, que foi elaborado com o objetivo de arquivar toda a *web* para o uso de historiadores e pesquisadores. Uma das suas metas é fornecer acesso universal ao

conhecimento por meio da preservação de páginas da *web*, livros digitalizados, *e-books*, músicas, imagens em movimento, vídeos e programas televisivos. *The Internet Archive* é, portanto, uma biblioteca da *web* com acesso universal ao conhecimento e conta atualmente com um arquivo de 357 bilhões de páginas da *web*, 20 milhões de livros e textos, 4,5 milhões de áudios, 4 milhões de vídeos e 200.000 programas de *softwares* “guardados” em seus arquivos disponíveis online (THE INTERNET ARCHIVE, 2019)⁹⁵.

Figura 1 - Página inicial The Internet Archive



Fonte: Da autora, *The Internet Archive*, 2018.

Segundo Niels Brügger e Ralp Schroeder (2017), Brewster Kahle é um engenheiro de computadores estadunidense que fez uma fortuna considerável como empresário da internet. No mesmo ano de criação do *The Internet Archive*, ele fundou a *Alexa Internet*, que é uma empresa com base nos princípios da coleta de dados e análise de tráfego dos usuários em sites da *web*. A empresa recebeu o nome da Biblioteca de Alexandria, o maior repositório de conhecimento no mundo antigo, para destacar o potencial da internet. Em 1999 a empresa *Alexa* foi vendida por US\$ 250 milhões em ações para a *Amazon* que as utiliza para mineração de dados. Brewster Kahle criou *The*

⁹⁵ Disponível em: <https://archive.org/about/> . Acesso em 10/4/2019.

Internet Archive como uma organização sem fins lucrativos, localizada em São Francisco e com o objetivo de preservar a mídia digital, incluindo a *web*.

A princípio, *The Internet Archive* começou com uma coleção relativamente pequena, como os *websites* dos candidatos presidenciais de 1996, a fim de garantir que suas promessas de campanha não fossem esquecidas, mas logo iniciou o arquivamento de amplas coleções de páginas da *web* baseadas nos *hiperlinks* desses sites. *The Internet Archive* possui preservado a maior coleção do mundo do passado digital da *web* (BRÜGGER; SCHROEDER, 2017).

Figura 2 - Sede do The Internet Archive. Biblioteca Alexandrina. São Francisco, Califórnia



Fonte: MURCH, 2017⁹⁶.

Em entrevista concedida a Ana Parejo Vadillo (2015), Brewster Kahle discutiu o papel dos arquivos da *web*, especialmente o do *The Internet Archive* na preservação e no livre acesso ao conhecimento. Nessa oportunidade, Brewster Kahle discorreu sobre as bibliotecas digitais, a digitalização do material disponível, a propriedade intelectual e sobre economia na contemporaneidade. Vejamos então como Brewster Kahle relatou a história do processo de arquivamento da *web* pelo *The Internet Archive*:

⁹⁶ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/blmurch/>. Acesso em 10/2/2019.

O Internet Archive começou como um arquivo da Internet e, em seguida, passou a ser um arquivo na Internet. Isso significou que trabalhamos com bibliotecas para digitalizar milhões de livros, músicas e vídeos, e armazená-los na Internet. Estamos agora nos movendo para construir bibliotecas com comunidades e bibliotecas para compartilhar e tornar permanente digital os materiais que todos nós estamos gerando. Eu diria que está funcionando, mas mais devagar do que eu esperava. Acredito que temos um projeto enorme para fazer juntos, que é colocar o melhor do que temos para oferecer ao alcance de nossos filhos. E como muitas crianças nos dias de hoje (assim como a maioria de nós) se voltam para a Internet: se não estiver online, então é como se não existisse. Portanto, precisamos mover todos os melhores trabalhos on-line e depois encontrar mecanismos para atendê-los todo público. Precisamos fazer isso agora porque a cada ano que passa e o século XX não está online, é outro ano em que os alunos se formam sem ter na biblioteca que eles usam todos os dias: a Internet⁹⁷ (KAHLE;VADILLO, 2015, p.2, tradução nossa).

Ainda sobre o livre acesso ao conhecimento e o papel do *The Internet Archive*, Brewster Kahle assinalou :

O acesso universal a todo o conhecimento é o objetivo. Nós começamos com a web porque foi o mais efêmero. Em 2000, começamos a colecionar televisão: agora coletamos setenta canais de vinte e cinco países, vinte e quatro horas por dia. Também começamos a coletar músicas e digitalizar filmes. Em 2001, começamos a digitalizar livros com o projeto Million Book e, em 2005, começamos a digitalizar dentro das bibliotecas. O motivo é trazer nossa herança literária para o mundo de uma forma aberta, e não apenas em bancos de dados fechados, disponível apenas para aqueles de instituições privilegiadas. A guerra pela centralização ainda está acontecendo, mas até agora o mundo aberto ganhou muitas dessas batalhas⁹⁸ (KAHLE; VADILLO, 2015, p.2-3, tradução nossa).

⁹⁷ The Internet Archive started by being an archive of the Internet, and then moved to being an archive on the Internet. This has meant we have worked with libraries to digitize millions of books, music, and videos, and tried to bring these to the Internet. We are now moving towards building libraries with communities and libraries to share and make permanent the digital materials we are all generating. I would say it is working, but more slowly than I had hoped. I believe we have a massive project to do together, which is to put the best we have to offer within reach of our kids. And kids these days (as well as most of us) turn to the Internet: if it is not online then it is as if it did not exist. Therefore, we need to move all the best works online and then find mechanisms to serve these to anyone who wants them. We need to do this now because every year that passes in which the twentieth century is not online is another year in which students graduate without having it in the library they use every day: the Internet

⁹⁸ Universal Access to All Knowledge is the goal. We started with the Web because it was the most ephemeral. In 2000 we started collecting television: we now collect seventy channels from twenty-five countries, twentyfour hours a day. We also started collecting music and digitizing movies. In 2001 we started digitizing books with the Million Book project and in 2005 we started digitizing inside libraries. The reason is to bring our literary heritage to the world in an open way, and not just in closed databases only available to those in privileged institutions. The war over centralization is still going on, but so far the open world has won many of these battles.

Como vimos, *The Internet Archive* começou sendo um arquivo da internet para posteriormente ser um arquivo na internet. Segundo Kahle essa primeira atitude de arquivar a *web* foi proposital pela efemeridade da *web* no contexto da internet, onde as informações poderiam ser perdidas instantaneamente e muito difíceis de serem recuperadas depois. Por isso, a ideia era preservar a história que surgia digital no ciberespaço. Assim, conforme a internet desenvolvia suas interfaces e funcionalidades e se popularizava no mundo, era cada vez maior a percepção entre os pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento que ela poderia ser um espaço para o armazenamento do conhecimento do mundo, principalmente pelas potencialidades de sua memória digital. Para mais, há que se considerar que essa conversão têm relação com a interligação entre o mundo “real” e o mundo “virtual”, bem como com a consciência de que ambos não estão, na realidade, apartados.

Não obstante, a internet poderia ser uma promessa para um arquivo infinito agregando a maior quantidade possível de documentos em uma base de dados (MURRAY, 2003, MILLIGAN, 2016). Portanto, a partir da entrevista de Brewster Kahle compreendemos que *The Internet Archive* se transformou em um arquivo na internet, com a pretensão de além de armazenar a *web* também digitalizar a maior quantidade possível de livros, vídeos, filmes e áudios com livre acesso para todos que dispuseram de uma rede de conexão com internet para acessar a *web*.

Figura 3- Hardware do *The Internet Archive* exposto na sede



Fonte: The Register, 2017⁹⁹.

⁹⁹ Disponível em: www.theregister.co.uk/2017/11/16/head_like_a_memory_hole . Acesso em 10/2/2019.

Figura 4 - Espaço onde se guarda o Hardware com 35 petabytes de dados



Fonte: Bibalex.org, 2007.¹⁰⁰

É importante notar que *The Internet Archive* desenvolveu um *software* que é amplamente utilizado para coletar o conteúdo da *web* (o *software* de rastreador ou *web crawler* o *Heritrix*), gerando um mecanismo de memorização da rede em larga escala. Em formato de arquivo de extensão (ARC¹⁰¹ e posteriormente WARC¹⁰²) esse coletor está vinculado a um *software* para reproduzir o material da *web* arquivado (o *Wayback Machine*), garantindo o binônimo salvaguarda e preservação, gerado no âmbito dos estudos patrimoniais (CHOAY, 2000). Desse modo, *The Internet Archive* desempenhou um papel importante na criação em 2003, do Consórcio Internacional de Preservação da Internet¹⁰³. Com a participação de um agente dessa magnitude, o Consórcio consagrou-se como um fórum importante para debates, compartilhamento de conhecimento e desenvolvimentos técnicos sobre o arquivamento e a memória na *web* (BRÜGGER, SCHROEDER, 2017). Segundo Anya Boyle (2016) nos últimos anos *The Internet*

¹⁰⁰ Ver em: www.bibalex.org. Acesso em: 10/2/2019.

¹⁰¹ A extensão de arquivo ARC é um formato de compactação e arquivamento de dados muito popular durante a primeira década da internet e da web (Wikipédia, 2019). Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/ARC_\(file_format\)](https://en.wikipedia.org/wiki/ARC_(file_format)). Acesso em 19/4/2019.

¹⁰² O WARC (Web application archive) é um formato de arquivo que é uma revisão do formato de arquivo ARC da The Internet Archive. O WARC é agora reconhecido pela maioria dos sistemas de bibliotecas nacionais como o padrão a seguir para arquivamento na web. Ele também é usado para distribuir recursos do JAVA e outras aplicações da Web 2.0 na hora do arquivamento da web. (WIKIPÉDIA, 2019). Acesso em 19/4/2019. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Web_ARCHIVE

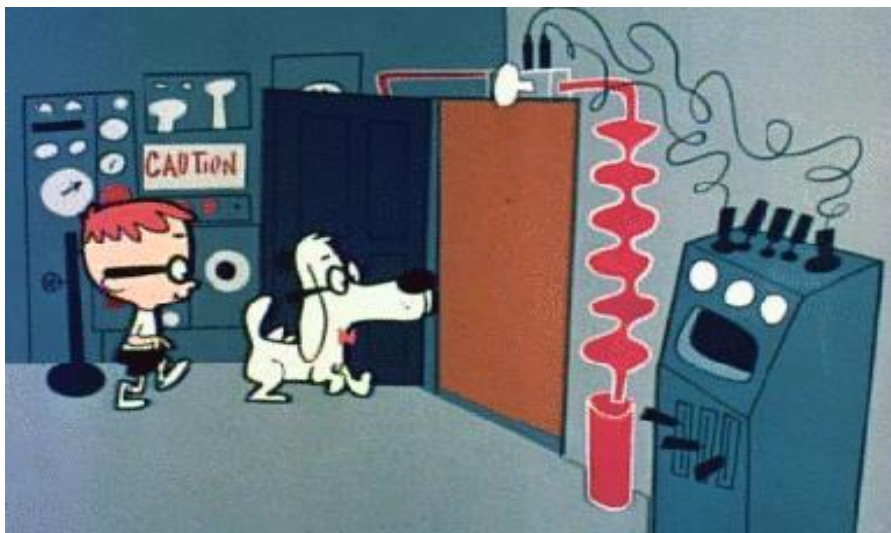
¹⁰³ É uma organização internacional de bibliotecas e outras instituições que visam promover o debate sobre as formas a se desenvolver para se preservar o futuro da web foi fundada em 2003 e compreende atualmente mais de 54 membros de bibliotecas nacionais, instituições e museus do mundo todo. Para saber mais acesse: <http://netpreserve.org/>. Acesso em 19/4/2019.

Archive virou sinônimo de *Wayback Machine*, que é um *software* desenvolvido pela empresa *Alexa* e utilizado pelo *The Internet Archive* para o acesso e recriação das páginas da *web* arquivadas. De acordo com as informações do próprio site:

O Internet Archive Wayback Machine é um serviço que permite que as pessoas visitem versões arquivadas de sites. Os visitantes do Wayback Machine podem digitar um URL, selecionar um intervalo de datas e começar a navegar em uma versão arquivada da Web. Imagine surfar por volta de 1999 e observar todo o hype do Y2K, ou revisitar uma versão mais antiga do seu site favorito. O Internet Archive Wayback Machine pode tornar tudo isto possível¹⁰⁴ (THE INTERNET ARCHIVE, 2019, online, tradução nossa)

O *Wayback Machine* foi lançado em 2001 com o intuito de preservar as interfaces dos sites que eram modificadas a cada atualização. Segundo Brester Kahle e Bruce Gilliat o *software* foi inspirado em um desenho norte-americano da década de 1960 chamado *The Rocky and Bullwinke Show* que tinha uma máquina de viajar no tempo a “*WABAC machine*” em que os personagens Mr. Peabody (cachorro gênio cientista) e Sherman voltavam ao passado para entender e também alterar a história (GREEN, 2002).

Figura 5- Wabac Machine



Fonte: Wikipédia, 2019¹⁰⁵.

¹⁰⁴ The Internet Archive Wayback Machine is a service that allows people to visit archived versions of Web sites. Visitors to the Wayback Machine can type in a URL, select a date range, and then begin surfing on an archived version of the Web. Imagine surfing circa 1999 and looking at all the Y2K hype, or revisiting an older version of your favorite Web site. The Internet Archive Wayback Machine can make all of this possible.

¹⁰⁵ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/WABAC_machine. Acesso em 10/2/2019.

Tal como a máquina do desenho animado, o *The Internet Archive* seria capaz de promover a tão sonhada volta no tempo, garantindo que seu usuário tivesse um acesso fidedigno ao passado. Entretanto, assim como na vasta ficção científica que aborda o retorno no tempo, essa utopia é muito questionável. Expliquemos.

O *crawler Heritrix* é o rastreador da *web* desenvolvido pelo *The Internet Archive*. É um software de código aberto que está disponível para uso de qualquer pessoa sendo o rastreador mais popular entre as iniciativas de arquivamento na *web*. Os rastreadores da *web* são programados para capturar todos os sites que encontrarem, a menos que tenham recebido um comando de bloqueio. Criadores de sites devem tomar a iniciativa de colocar esses comandos no *design* dos sites, se quiserem que as informações sejam mantidas fora do rastreamento (BOYLE, 2016, p.18).

O rastreador *Heritrix* realiza milhares de *snapshots* (fotos) por dia em sites na internet. O número de *snapshots* obtidos depende da popularidade do site, sites mais populares e que são exibidos mais vezes são rastreados mais do que sites menos populares. Assim, quando o usuário pesquisa um URL no *The Internet Archive* ele será direcionado para o *Wayback Machine*. No *Wayback Machine*, será apresentada uma compilação das informações gerais dos dados de captura e do período em que o site foi arquivado. As páginas arquivadas representam somente aquelas que foram colocadas como contendo informações públicas (BOYLE, 2016, p19-20).

Figura 6 - Pesquisa preliminar rede social *Café História*

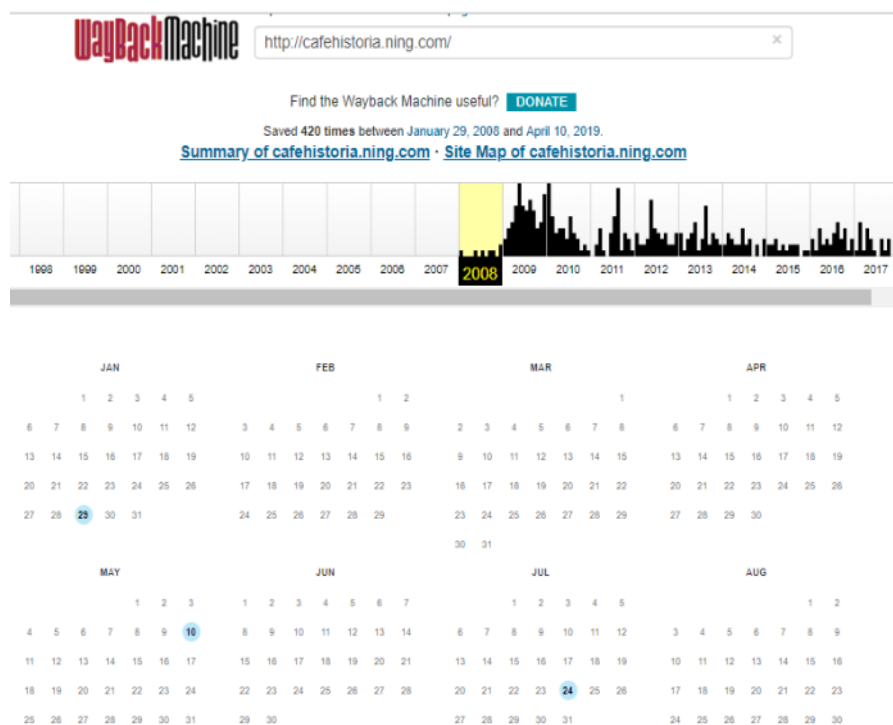


Fonte: Da autora, 2017.

Após a pesquisa é só clicar no *website* recuperado que uma linha do tempo e um calendário são gerados para esse site específico. A linha do tempo mostra até que ponto esse site foi arquivado com uma seção para cada ano. Quando o calendário é exibido todos os dias no ano que está selecionado possuem dados sobre quantas vezes o site foi exibido.

Na parte inferior de cada página do calendário há um aviso importante que sinaliza que a visualização do calendário mapeia o número de vezes que o site foi rastreado pela *Wayback Machine* e não quantas vezes ele foi atualizado com o intuito de evitar confusão por parte do usuário que pode estar esperando um registro de cada atualização do site em si, elemento que *The Internet Archive* não pode garantir (BOYLE, 2016, p.20). Ou seja, caso aquele site tenha contado com uma modificação importante, mas instantânea naquele dia, isso poderá ser perdido pelo historiador que viaja no tempo com o *Wayback Machine*.

Figura 7 -Calendário de Snapshots *Café História*



Fonte: Da autora, 2017

Como foi evidenciado por Niels Brügger (2012) os arquivos da *web* não conseguem salvar e armazenar todos os *links* e informações do site recuperado e nem preservar as funcionalidades que ali existiam. Assim, *The Internet Archive* não é uma

exceção e apresenta também essa falta de informações contextuais. A fragilidade dos dados que os arquivos *web* apresentam configuram-se como um dos desafios para os historiadores na busca por pistas e indícios confiáveis na *web* para interpretar os dados e construir suas narrativas sobre o passado digital. No entanto, ainda que possua suas limitações foi através do *The Internet Archive* e seu *software Wayback Machine* que pudemos acessar o passado da *web* e escrever sobre a sua História. Por isso, discorreremos sobre as funcionalidades de suas ferramentas para que o leitor possa então compreender esse processo de recuperação e recriação do site da rede social *Café História* e que contempla uma parte do passado digital da *web* brasileira.

Quando iniciamos esta pesquisa em 2017 a rede social *Café História* estava disponível online para seus usuários, mas com o passar dos meses soubemos que ela seria desativada e com isso toda a pesquisa deveria ser reorganizada. Na busca por uma forma de ter acesso aquele passado digital que não estava mais na *web* descobrimos *The Internet Archive* e o *software Wayback Machine*. Foi a partir dele e de sua ferramenta de salvar páginas que acessamos as páginas da *web* da rede social *Café História* e demos início a pesquisa.

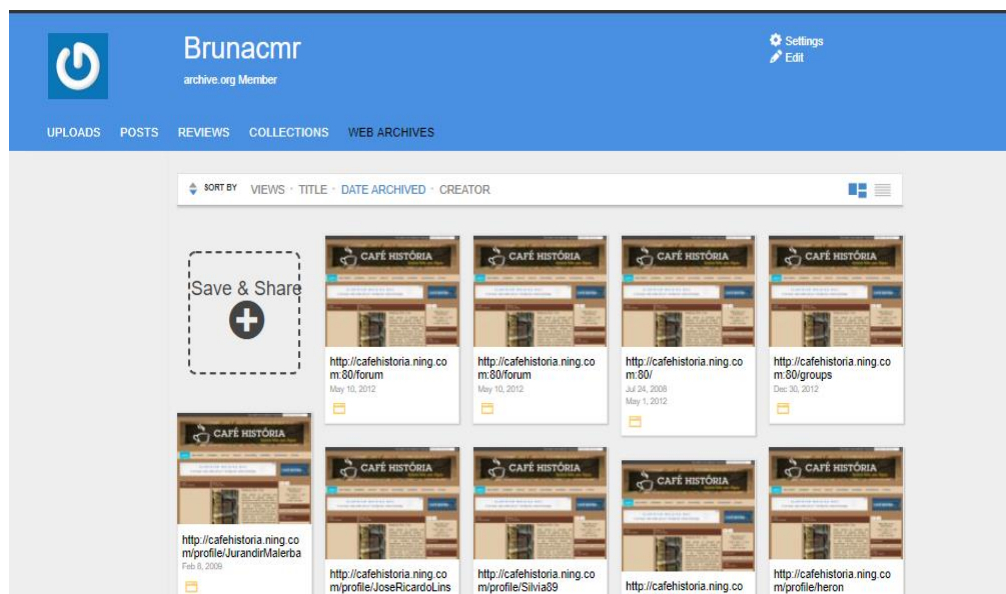
Dos anos que o site *Café História* estava no ar de 2008 a 2017, como demonstrado pela figura 6, foram capturados 210.451 mil dados que representam os conteúdos do site entre eles 86.646 páginas e somente 13 imagens. Neste momento já podíamos confirmar algumas das hipóteses da nossa pesquisa acerca da importância dessa rede social para a comunidade dos historiadores no Brasil pela quantidade de *snapshots* e arquivamento das informações. No entanto, descobrimos também a falta de informações e *links* quebrados que dificultavam o esclarecimento de algumas questões. Nesse sentido, foi realizada uma entrevista com o fundador da rede social, Bruno Leal Pastor de Carvalho e com a sub-editora Ana Paula Tavares Teixeira, bem como o confronto desses dois *corpus* documentais a memória da rede social no *The Internet Archive* e a entrevista com outras fontes escritas, para assim confirmar ou refutar nossas conclusões.

Todo o material coletado na *web* e que configuraram as páginas da *web* da rede social *Café História* foram acessadas pelo *Wayback Machine* e arquivados na memória disponível na plataforma. Foi criado um perfil para poder ter acesso a uma página onde construiu um arquivo da *web* próprio, apenas com os dados dos sites (*Café História* e *Hiperlinks*) em pesquisa. Nesse perfil, com o recurso “salvar página”, foi possível

através dos *snapshots*, arquivar as páginas de nosso interesse para o estudo rede social *Café História*.

Dada a inovação desse movimento de levantamento de fontes, consideramos válida a visualização desse processo:

Figura 8 -Arquivo da *web* e perfil da autora Brunacmr



Fonte: Da autora, 2017-2019.

Os recursos e funcionalidades disponíveis no *The Internet Archive* permitem criar metadados das fontes armazenadas inserindo informações relevantes como: data de rastreamento e armazenamento, descrição, nome da coleção, localização, autoria, tipo de mídia e formato dos arquivos salvos. Neste ambiente podemos realizar a seleção e a organização das fontes no arquivo criado, mas não sua manipulação, isto é, não é possível anotar ou alterar os dados das fontes que foram arquivadas, somente temos acesso aquilo que o *crawler* arquivou. Como vimos, apesar da fonte digital ser produzida por agentes não humanos, que criam evidência histórica, todo o trabalho de seleção, organização e de escrita é realizada pela historiadora através dos recursos e ferramentas do arquivo da *web*.

Segundo Elisabeth Roudinesco (2001) é através dos arquivos que os historiadores constroem seu discurso e legitimam sua prática. São os documentos que guardados nos arquivos fornecem as pistas e os indícios necessários para que o historiador produza sua narrativa e a legitime através das fontes. Para Roudinesco

(2001) o arquivo é condição para a História e tem um papel essencial na operação historiográfica. Portanto, assim como ocorre nos arquivos físicos, o trabalho do historiador com as fontes digitais é uma operação de garimpo e que, portanto, embora se utilize recursos e ferramentas digitais diferente dos tradicionais, as movimentações dos historiadores em busca de pistas, na leitura e na escrita permanecem, mantendo o estatuto do historiador também no caso da História Digital.

A escrita dessa História, portanto, que nasce e é recriada no ciberespaço e que se encontra nessa rede dinâmica de relações entre a tecnologia e a História, entre humanos e não humanos e que agora ocupa mais uma área no campo da teoria e metodologia da História só foi possível pelas ferramentas e recursos tecnológicos que integram o universo da *web*. Sem essas ferramentas certamente não seria possível realizar este tipo de estudo que faz uso da internet e da *web* como fonte para a pesquisa histórica. A seguir discutiremos como a tecnologia através de suas dimensões pode transformar o ofício dos historiadores por meio de uma rede social, o *Café História*.

3.2 A REDE SOCIAL *CAFÉ HISTÓRIA*: DO ONLINE PARA O PASSADO DIGITAL

O *Café História* foi criado por Bruno Leal Pastor de Carvalho¹⁰⁶ em 2008 com o objetivo de conformar uma rede social online de História. Bruno Leal se formou em História e comunicação social e em 2008 estava cursando o último ano de graduação em História. De 2007 a 2010 participou do projeto de pesquisa intitulado “Memória, Informação, Discurso e Ciência da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) que tinha como foco estudar o impacto social da ciência na sociedade. No mesmo período em que criou o *Café História* desenvolvia também um trabalho relacionado a Teleeducação na Fundação Roberto Marinho¹⁰⁷. Atualmente é professor

¹⁰⁶ Graduado em História (UERJ, 2008) e Comunicação Social (UFRJ, 2006), mestre em Memória Social (UNIRIO, 2009) e doutor em História Social (UFRJ, 2015). Foi professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem pós-doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisa História Pública, História Digital e Divulgação Científica. Também desenvolve pesquisas sobre crimes nazistas e justiça no pós-guerra, com especial ênfase no destino dos criminosos nazistas. Foi co-coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos e Árabes da UFRJ, o NIEJ entre 2011 e 2018. É membro da Rede Brasileira de História Pública e da Associação das Humanidades Digitais. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/os-editores/>. Acesso em 10/10/2018.

¹⁰⁷ As informações pessoais de Bruno Leal Pastor de Carvalho foram retiradas da plataforma de currículos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros (Plataforma Lattes). Para saber mais acessar: <http://lattes.cnpq.br/5008387707815296>. Acesso em 20/1/2019.

adjunto de História Contemporânea do departamento de História da Universidade de Brasília.

Na época em que foi criada, a rede social era uma mistura de rede social e de portal de conteúdos e por isso necessitava de moderação do conteúdo que era produzido pelos seus usuários e de curadoria das pautas de divulgação de temáticas históricas. Bruno Leal tinha a colaboração de Ana Paula Tavares Teixeira¹⁰⁸, formada em jornalismo e sub-editora do Portal de divulgação *Café História*.

A rede social foi durante os anos de 2008 a 2017 muito popular entre historiadores brasileiros e de outros países¹⁰⁹. Os usuários da rede eram historiadores e estudantes do curso de História, mas também era frequentada pelo público em geral que se interessava por temas históricos.

No ano de sua desativação, 2017, a rede social *Café História* tinha 63.861 mil usuários e um impacto grande na divulgação da História na *web* brasileira. Nesta época a rede social *Café História* também coexistia em outras mídias sociais como: o *Youtube*, *Twitter* e *Facebook*. Entretanto, em 2017, o *Café História* inicia o seu processo de transição de rede social para portal de divulgação de História. Em entrevista realizada com Bruno Leal, ele nos relatou as motivações da criação do *Café História*, vejamos:

O Café História nasceu de um desejo de aproximar as minhas duas áreas de formação. Eu sempre achei que os historiadores e a história tinham muito a ganhar com as novas mídias, sobretudo naquilo que diz respeito à divulgação de nossos trabalhos para o grande público e ao desenvolvimento de espaços de troca de ideias. É difícil dizer. Acho que o curso de Comunicação Social aguçou certas sensibilidades que eu não teria fazendo apenas História. Mas tampouco acho que teria criado o Café História fazendo apenas Comunicação Social. Acho que a combinação dos dois cursos foi fundamental, pois eu passei a enxergar o ofício do historiador como um ato de comunicação. Quando escrevemos um artigo, quando lemos um documento, participamos de um congresso ou orientamos um aluno: tudo isso é comunicação. Passar a enxergar o “fazer histórico” desta forma me levou a pensar a questão da mensagem, dos meios e dos públicos (CARVALHO, 2018).

¹⁰⁸ Possui graduação em Comunicação Social – habilitação jornalismo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (2006). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas (PPHBC/FGV). Trabalhou na Fundação Roberto Marinho e na Globosat, no Rio de Janeiro. Estuda gênero e atuação profissional através da trajetória da jornalista judia Yvonne Jean, que imigrou para o Brasil no final dos anos 1930 fugindo da perseguição nazista na Europa. No Brasil, Jean tornou-se um importante nome da imprensa brasileira. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/os-editores/> Acesso em 10/10/2018.

¹⁰⁹ O levantamento feito por Bruno Leal em termos regionais apontou que o *Café História* acompanhou mais ou menos o mapa da exclusão digital do Brasil. A maioria dos acessos eram do Sudeste e do Sul e poucos da região Norte. O Nordeste e Centro-Oeste estavam em posição intermediária. O Rio de Janeiro ocupava o primeiro lugar em relação aos acessos nos primeiros anos do *Café História*, mas foi ultrapassado pelo Estado de São Paulo, estado que mais acessava a rede social (BENCHIMOL et al, 2015, p.1070).

Neste trecho da entrevista compreendemos a importância do papel da História e da Comunicação Social para a criação e manutenção do *Café História*. Segundo Bruno Leal essa combinação foi essencial para o surgimento da rede social. Em sua visão, a História encarada como “ato de comunicação” aproxima o público geral do conhecimento histórico.

A rede social online oportunizou a publicização de conteúdos de História na *web*, uma vez que seu ambiente digital possibilitava a produção de conteúdos e a interação com outros usuários. Era essa ligação entre os usuários através de suas interações que movimentaram aquele espaço, ou seja, eram as redes de relações criadas pelos usuários e pela produção de conteúdos que retroalimentaram a rede e permitiram o seu crescimento. Em entrevista com Ana Paula Tavares Teixeira, ela nos relatou o contexto social de surgimento do *Café História*:

O Café História foi criado em 2008, um grande momento para as redes sociais na Internet, elas estavam na moda, mas ainda não havia uma hegemonia tão poderosa como a que vemos hoje. Para se ter uma ideia, o Whatsapp foi criado em 2009, O Instagram em 2010 e a primeira vez que o Facebook superou o Orkut no Brasil foi em 2011 ou 2012. Enfim, as Redes Sociais já estavam grandes, mas ganhavam cada vez mais adeptos e novas funcionalidades, melhoravam a experiência do usuário, as interfaces gráficas etc. (TEIXEIRA, 2018).

Ana Paula Tavares Teixeira nos relatou em sua entrevista como o desenvolvimento da *web* teve uma relação com o tipo de apropriação técnica feita pelos usuários. Como vimos, as redes sociais naquele momento eram novidade, elas atraíram muitas pessoas pelo tipo de sociabilidade, que agregava uma intensa participação popular, ou seja, a centralidade das redes sociais são seus usuários e por isso, sem eles, as redes sociais se transformariam em entidades estáticas, pois são os usuários que dinamizam as redes. De todo modo, o tipo de tecnologia digital que com a internet “liberou” um poder comunicacional às pessoas possibilitou que elas fossem os principais atores desse universo. Os usuários da internet, ao produzirem seus conteúdos, reconfiguraram as antigas formas de emissão e recepção das mídias tradicionais. As massas invadiram o ciberespaço pela apropriação da técnica e de lá nunca mais saíram.

O tipo de apropriação da tecnologia digital ocorreu conforme suas interfaces e funcionalidades que se transformavam no ciberespaço. A internet se transformou e da *web* 1.0, linear e estática e mais utilizada para trocas de mensagens e informações, para um contexto interativo e de interfaces complexas e simultâneas em que os usuários eram

os que detinham o poder de criação de conteúdo. A *web* chegava em sua fase 2.0, a comunicação foi modificada de uma tal forma que criou novas práticas sociais. Essas novas práticas sociais, por sua vez, que digitais por natureza, também estão sobretudo relacionadas ao lugar no qual a internet se desenvolveu. Lugar, eu digo, não um território físico, mas um espaço que é imaterial e que compreende um domínio¹¹⁰ que a identifica e a situa em um determinado contexto local, econômico, social e histórico. Neste sentido, trataremos a seguir da cultura digital no Brasil evidenciando a importância de se situar o local do qual falamos para situarmos o contexto do nosso objeto de pesquisa.

3.2.1 CULTURA DIGITAL NO BRASIL

A trajetória da criação da internet brasileira foi semelhante em muitos aspectos a norte americana, inicialmente vinculada a uma nova rede de comunicação para estratégias político-militares durante as décadas de 1970 e 1980, sua projeção foi deslocada para o meio acadêmico. Segundo Tomi Adachi (2011) as primeiras iniciativas para a criação da internet aconteceram na comunidade acadêmica no final da década de 1980. Em 1988 aconteceu a primeira conexão em rede acadêmica quando o Laboratório de Ciência e Computação (LNCC) que integrava o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) conectou a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) à Universidade de Maryland nos Estados Unidos por meio do sistema *Bitnet* (*Because It's Time Network*)¹¹¹.

Neste momento a Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações) ainda uma estatal, permitiu que a rede de computadores nacional realizasse o tráfego de dados com outras redes, o que era proibido na época por lei. Assim, uma segunda conexão foi realizada via *Bitnet* pela FAPESP, cuja infraestrutura permitiu a conexão com a *HEP-*

¹¹⁰ É o que localiza o conjunto de computadores na internet e que dá identidade a um site em determinada região. Cada lugar no mundo possuiu uma agência não governamental para o registro no Brasil é feito pelo Registro.br, departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR^[2], braço executivo do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). Para registrar um domínio, é necessário ser uma entidade legalmente representada ou estabelecida no Brasil como pessoa jurídica (Instituições que possuam CNPJ) ou física (CPF) que possua um contato em território nacional(WIKIPÉDIA, 2019). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nome_de_dom%C3%ADnio . Acesso em 24/4/2019.

¹¹¹Foi a princípio uma rede acadêmica desenvolvida na Universidade de Yale, Nova York – EUA, que utilizava um circuito de telefones alugados para comunicações entre contas de e-mail em computadores. Para saber mais :<http://bit.net/> Acesso em 10/5/2017.

*NET (High Energy Physics Network)*¹¹², efetivando uma terceira conexão feita pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que se conectou a Universidade da Califórnia em 1989.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)¹¹³ e a UFRJ promoveram em 1991 a primeira conexão em rede com protocolo TCP/IP¹¹⁴ que ligava computadores de São Paulo aos dos Estados Unidos. O cientista da computação Demi Getschko¹¹⁵, considerado um dos fundadores da internet no país, trabalhava na FAPESP na época e ficou encarregado de receber os conjuntos de domínios e nomes “br” das mãos de Jon Postel¹¹⁶, responsável pela arquitetura da internet.

Foi durante a ECO-92¹¹⁷ que outros grupos da sociedade civil, representados pelos participantes daquela conferência internacional, tiveram contato e acesso à internet. A partir de então os nomes de máquinas no padrão internet (TCP/IP) foram rapidamente povoando os domínios do “.br”. (ADACHI, 2011, p.48).

Neste momento, o domínio “br” representava a denominação das máquinas que integravam a rede de computadores conectados à internet no Brasil que se baseavam em trocas de mensagens em lista de e-mail, fóruns e bate-papo. As interfaces da *web* ainda não existiam no formato no qual a conhecemos. Segundo Demi Getschko (2009) até 1994 os usuários da rede eram os acadêmicos, alguns órgãos de Governo e poucas organizações não governamentais que estavam conectadas na internet.

¹¹²Rede de telecomunicações para pesquisadores de física desenvolvida nos Estados Unidos que se disseminou mundialmente nos principais centros de estudos da área. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/HEPnet> Acesso em 14/10/2017.

¹¹³A FAPESP e seus técnicos ficaram durante alguns anos sendo responsáveis pela administração dos registros dos nomes e dos domínios brasileiros (ADACHI, 2011, p.57).

¹¹⁴Significa protocolo de controle de dados e é o principal meio para envio e recebimento de dados no Brasil. O TCP/IP é uma espécie de linguagem utilizada para comunicação e identificação entre computadores. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/o-que-e/780-o-que-e-tcp-ip-htm>. Acesso em 10/2/2019.

¹¹⁵ Considerado um dos fundadores da internet no Brasil, Demi Getschko, é engenheiro eletricista formado pela POLI/USP, com mestrado e doutorado em Engenharia. É Conselheiro do CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil), diretor-Presidente do NIC.br (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto br) e Professor Associado da PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Para saber mais acessar: <http://lattes.cnpq.br/1491511220538716>. Acesso em 10/2/2019.

¹¹⁶ É um cientista da computação estadunidense envolvido na criação da arquitetura, normas e protocolos, a princípio da ARPANET e, posteriormente da internet. Disponível em: <https://internethalloffame.org/inductees/jon-postel>. Acesso em 10/2/2019.

¹¹⁷ A conhecida ECO-92 é a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, Cúpula da Terra, Cimeira do Verão, Conferência do Rio de Janeiro e Rio 92, foi uma conferência de chefes de estado organizada pelas Nações Unidas e realizada de 3 a 14 de junho de 1992 na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Seu objetivo foi debater os problemas ambientais mundiais e que se desdobraram em vários tratados ambientais assinados por diversos países do mundo, como: Carta da Terra, Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento(WIKIÉDIA,2019). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/ECO-92>. Acesso em 10/2/2019.

Em 1994, com os primeiros provedores de acesso, ocorreu uma migração maciça das antigas BBSs (*Bulletin Board Systems*)¹¹⁸ para a rede da internet. As empresas brasileiras e o público em geral tiveram então seu primeiro contato com a internet. Como vimos, neste texto, foi somente com o desenvolvimento das interfaces da *Word Wide Web* que a internet se transformou em um meio multimídia caracterizando-se por permitir a produção de conteúdos e a expressão de ideias e opiniões de seus usuários online.

Esse ambiente no Brasil, por sua vez, só foi possível pela comercialização da internet que ocorreu em 1995, no que foi chamado de a explosão da internet comercial, fenômeno que ocorreu mundialmente no mesmo ano. Foi nesse período que, nos Estados Unidos surgiu, o primeiro banco virtual com transações financeiras online. No entanto, a internet no Brasil ficou durante 10 anos limitada às classes sociais mais abastadas e aos grupos que detinham o capital econômico e social necessário para sua utilização, por exemplo, pesquisadores de diversas áreas que utilizavam o computador com acesso à internet em suas pesquisas nas universidades. Lembrando que nesse momento a internet era discada via conexão dial-up¹¹⁹.

As desigualdades sociais, portanto, já se acirravam no campo econômico e social e eram agora configuradas pelo tipo de acesso à internet, deflagrando o processo de exclusão digital que infligiu à maioria dos brasileiros no final da década de 1990. Esse cenário, no entanto, começou a se modificar com a virada do século e com o crescimento econômico do Brasil durante os anos 2000, que possibilitou a popularização dos computadores a milhares de brasileiros das classes populares que adquiriram seus computadores através de liberação de créditos e de parcelamento parcialmente fornecidos pelo Estado. Além disso, os computadores que eram colocados à mostra na sala de muitos brasileiros, pois, assim como a TV na década de 1970, representavam para as classes populares uma forma de prestígio social (SPYER, 2018)¹²⁰.

¹¹⁸ Software que permite a conexão via telefone a um sistema que permitia a interação por meio do seu computador (WIKIPÉDIA,2010). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bulletin_board_system. Acesso em 10/2/2019.

¹¹⁹ A internet discada é uma forma de acesso que usa a rede telefônica comutada para estabelecer conexão com o provedor de acesso a internet através de uma linha de telefone. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_discada. Acesso em 10/2/2019.

¹²⁰ Juliano Spyer é um antropólogo digital e buscou no livro “Mídias Sociais no Brasil emergente” (2018) investigar como as classes populares se apropriaram das mídias sociais no contexto brasileiro. A partir de um estudo de campo em uma comunidade no interior da Bahia, Juliano Spyer a partir de sua narrativa etnográfica nos leva a compreender as singularidades que circundam o modo como cada lugar, região ou

De acordo com Juliano Spyer (2018), as classes populares começaram a ter a oportunidade de consumir produtos e bens de serviços e a terem acesso a todos os níveis educacionais, sobretudo entrando nas universidades, que até a ditadura militar só eram acessíveis às classes mais ricas. A ascensão econômica e a democratização social também foram marcadas pelo fascínio das classes populares pelas mídias sociais (MILLER, 2016 apud SPYER, 2018). Nos anos 2000 os jovens entre 18 e 24 anos eram a principal faixa etária a ter acesso a internet.

Por exemplo, jovens de baixa renda foram em grande parte responsáveis por sua própria inclusão digital inicialmente ao tornarem *lan houses* negócios de sucesso em suas vizinhanças, que são, frequentemente, carentes de assistência governamental (Lemos, 2010). E agora, ao adotarem os smartphones com sistema operacional Android, de custo mais acessível à sua faixa de renda, têm pela primeira vez acesso individual e contínuo à internet (SPYER, 2018, p.31).

Nos últimos anos é raro encontrar *lan-houses* ou escolas de informática nos bairros, muito embora elas existam nas periferias e em cidades de pequeno porte. Todavia, essa primeira fase da internet no Brasil teve como estação central esses espaços. Em uma pesquisa realizada em 2017 pelo Comitê Gestor de Internet no Brasil¹²¹ foi diagnosticada a existência de cerca de 120,7 milhões de usuários da internet no país (CETIC, 2018). Porém, nos anos 2000, essa realidade era diferente e as *lan-houses* se proliferavam rapidamente pelos bairros das cidades configurando-se como os principais espaços de socialização, acesso à informação e ao conhecimento das classes populares. Em 2005 eram 50 milhões de usuários da internet sendo que somente 25% dos domicílios brasileiros tinham acesso ao computador, principal meio de uso da internet nessa época (CETIC.BR, 2009).

Nos últimos 10 anos, com o barateamento dos produtos eletrônicos, a chegada da banda larga e da era dos *smartphones*, com acesso à internet via celular, verificou-se

país utiliza-se das tecnologias. Muitas vezes elas não significam uma mudança estrutural naquelas comunidades, mas representam uma reinvenção de modos, costumes e tradições no contexto daquela comunidade.

¹²¹Comitê Gestor da Internet no Brasil foi criado em 1995 pelo Estado para ser responsável por estabelecer diretrizes estratégicas relacionadas ao uso e desenvolvimento da Internet no Brasil, coordena e integra todas as iniciativas de serviços Internet no País, promovendo a qualidade técnica, a inovação e a disseminação dos serviços ofertados. Com base nos princípios de multilateralidade, transparência e democracia, o CGI.br representa um modelo de governança multissetorial da Internet com efetiva participação de todos os setores da sociedade nas suas decisões. Disponível em: <https://cgi.br/historicos/>. Acesso em 22/04/2018.

um crescimento exponencial do uso da internet, também notado pelo historiador Bruno Leal em sua relação pessoal com as tecnologias:

Eu sempre fui fascinado por tecnologia. É difícil dizer quando isso começou. Mas até onde posso me lembrar, acho que a coisa toda começou com os vídeos-games. Quando eu era criança, meu pai me deu de presente um *Atari*. Nós jogávamos diariamente. Games como *Pitfall*, *Enduro*, *Pac-Man*, *Asteroid*, *Space Invaders*, entre outros, animaram demais a minha infância. O *Atari* foi o primeiro de muitos consoles que eu teria. Ao longo dos anos, até o final da adolescência, tive *Turbo-Game*, *Phanton System*, *Super Nintendo*, *Master System* e *3DO*. Perto de casa, havia uma locadora de games e todo final de semana eu alugava as novidades. Mas os vídeos games não explicam tudo. Em 1992, quando eu tinha 10 anos, um vizinho me deu um computador antigo, um TK-85, fabricado no Brasil pela Microdigital Eletrônica. Era um computador que você ligava na televisão, um modelo já velho à época, mas eu não estava nem aí. Depois disso, tive meu primeiro contato com a internet, em 1994, na Petrobras, onde meu pai trabalhava. Acho que foi aí que a paixão pelo meio digital se aprofundou. De uma forma geral, a época em que eu cresci foi extremamente excitante do ponto de vista das novas tecnologias. Eu vi o surgimento dos celulares, da internet comercial, a popularização da banda larga, os kits multimídias, a explosão dos computadores pessoais, o iPhone, as redes sociais e o 3G. (CARVALHO, 2018).

Rememorando esse tempo Bruno Leal nos relatou o cenário de popularização da internet e dos artefatos tecnológicos no Brasil contemporâneo entre os jovens daquela época e que emergia das subculturas e da indústria cultural dos anos 1990. Foi possível também confirmar o processo de transição das tecnologias analógicas para as digitais. Após discorrer sobre as questões que envolveram as conexões da internet e da cultura produzida na década de 1990, o criador do *Café História* observou o modo como as interfaces da *web* brasileira acompanharam a evolução e a transformação dos ambientes digitais. Por exemplo, a *web* brasileira acompanhou a evolução das interfaces mais dinâmicas na *web*. A princípio, a internet no Brasil também era estática e existiam alguns sites que filtravam as informações como, o buscador *cadê?* (www.cade.com.br)¹²² que procurava páginas da *web*, fotos, imagens, vídeos e notícias sendo muito utilizado entre os usuários brasileiros nos anos 1990 e começo dos anos 2000.

¹²²O *Cadê?* (atualmente, Yahoo! Search) foi a primeira empresa brasileira no ramo de buscadores, fundada em meados de setembro de 1995 por Gustavo Viberti e Fabio Oliveira. Trata-se hoje de um sítio de buscas eletrônicas pertencente ao Yahoo! Brasil (WIKIPÉDIA, 2010). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Yahoo!_Cad%C3%AA%3F. Acesso em 23/04/2019.

Figura 9 - Site buscador Cadê?



Fonte: *The Internet Archive*, 1997.

No ciberespaço, também existiam os *chats* ou salas de bate-papo como o ICQ¹²³ programa de comunicação instantânea lançado em 1996 e muito utilizado pelos internautas. No Brasil um programa de bate-papo fez muito sucesso no começo dos anos 2000, o mIRC, criado em 1996 para ser um programa de chat síncrono, apesar de ser limitado em recursos os usuários o acessavam através da BrasNet¹²⁴. Criada em 1996 a BrasNet começou com dois servidores e um grupo de amigos que frequentavam o canal de bate-papo de uma rede americana de IRC (Internet Relay Chat)¹²⁵. O IRC é um protocolo de troca de arquivos e comunicação. O mIRC era cliente do IRC, isto é, o IRC era o protocolo e o mIRC o mensageiro, um se ligava ao outro para fazer a conexão entre o usuário e a sala de bate-papo ou a comunidade e o usuário. Assim, todo canal do mIRC tinha que usar a #(hashtag) como um código para promover a conexão.

¹²³ O ICQ foi criado em 1996 por quatro jovens israelenses, Yair Goldfinger, Arik Vardi, Sefi Vigiser e Amnon Amir, que fundaram a uma empresa chamada Mirabilis, tendo como objetivo trazer uma nova forma de comunicação pela internet (WIKIPÉDIA, 2019). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/ICQ>. Acesso em 23/04/2019.

¹²⁴ Para saber mais e acessar a memória da BrasNeT ver: <http://www.brasnet.org/>

¹²⁵ O protocolo IRC surgiu em 1988, em servidores de Universidades da Finlândia, e aos poucos foi se espalhando por toda a Escandinávia e ultrapassou fronteiras para ganhar o mundo. Na guerra do Golfo de 1993 o IRC foi utilizado para divulgar notícias pelo Oriente Médio em tempo real (ZARAMELA, 2012). Disponível em: <https://canaltech.com.br/entretenimento/o-bom-e-velho-mirc-nao-morreu-112/>. Acesso em 23/4/19.

A BrasNet chamou a atenção dos usuários brasileiros e de diversos provedores que iniciaram suas operações no final da década de 1990. Nos seis primeiros meses a rede contou com 10 provedores conectados à cerca de 300 usuários simultâneos nos horários de maior movimento. Em 2001, houve um grande crescimento na rede com cerca de 400 mil conexões por dia.

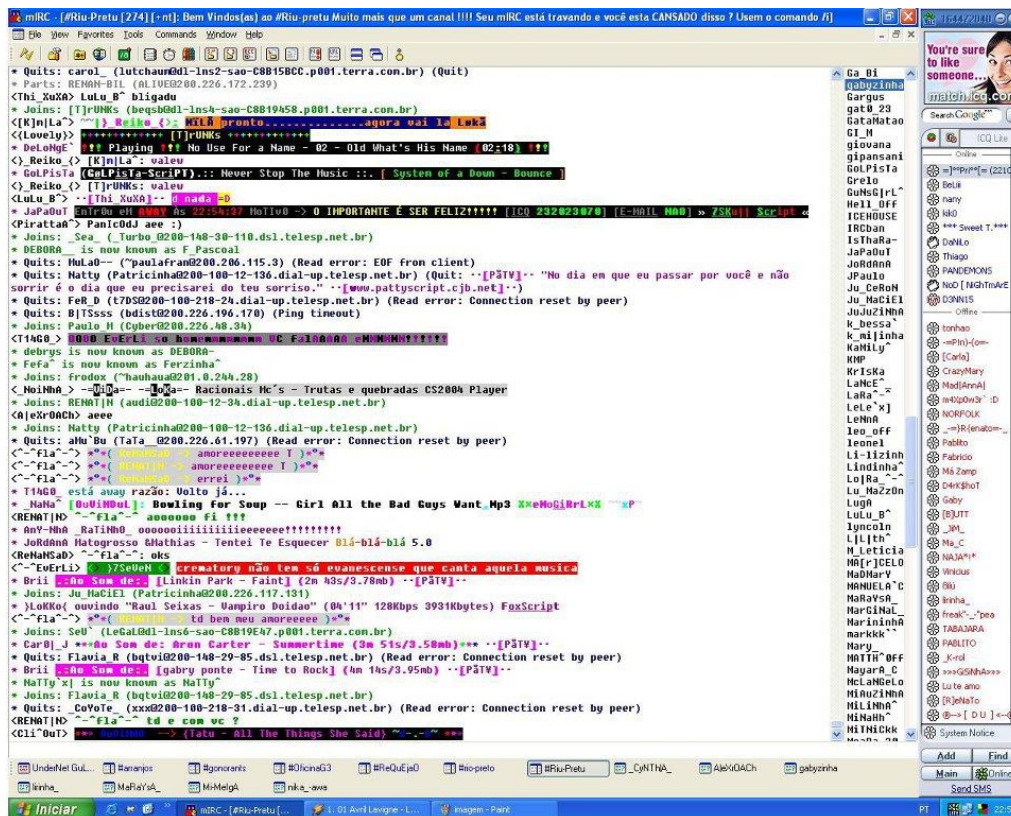
Conforme a internet brasileira se desenvolvia e com a chegada da banda larga o número de usuários aumentava significativamente. Assim, no ano de 2003, a BrasNet alcançou a marca de 48 mil usuários conectados em horário de pico com um fluxo superior a um milhão de conexões por dia. Os usuários da rede eram compostos por crianças e jovens entre 12 e 24 anos e seu uso majoritariamente recreativo. Havia também a *Undernet* que surgiu em 1992 em uma época em que muitas pequenas redes de IRC estavam sendo criadas e logo depois estavam desaparecendo. Entretanto, a *Undernet* conseguiu tornar-se uma das maiores redes de IRC no início dos anos 2000 (FILHO TAVARES, 2007).

As interfaces do mIRC funcionavam da seguinte forma: ao acessar o programa o usuário tinha que digitar o nome do servidor e em seguida colocar seu *nickname* para entrar nos canais. Quando entrava nos canais, o usuário visualizava uma tela com as conversações. Cada frase era precedida pelo *nickname* do autor da frase. Ao lado, havia uma lista com os *nicknames* dos usuários no canal. O usuário poderia entrar em vários canais e em redes simultâneas, além disso eles poderiam iniciar uma conversa particular ao clicar sobre o *nickname* de outro usuário. No Brasil, geralmente, os #canais eram formados a partir dos nomes de cidades e regiões facilitando o contato *offline* entre os usuários.

Os canais contavam com moderadores que cuidavam do que era divulgado, os moderadores poderiam banir algum usuário caso ele infringisse alguma regra do canal. A linguagem estabelecida nestes canais utilizava-se da grafia dos *emoticons*¹²⁶ e de abreviações da língua escrita para facilitar a comunicação no ambiente digital. O mIRC pode ser considerado uma das primeiras redes sociais online que se formavam a partir de grupos e regionalidades no Brasil.

¹²⁶ Os *emoticons* são representações tipográficas de expressões faciais, como:) =/ que se transforma automaticamente em figuras por editores de texto ou uma figura (imagem) que expressam as emoções através de símbolos (WIKIPÉDIA, 2018). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Emoticon>. Acesso em 22/09/2018.

Figura 10 Canal mIRC #RioPreto



Fonte: Facebook Comunidade pública mIRC #RioPreto, 2014¹²⁷.

Por volta de 2003 o mIRC foi perdendo espaço para o *Messenger* (MSN) criado pela Microsoft em 1999. O MSN era um aplicativo para comunicação síncrona e instantânea permitia aos usuários conversar de modo privado com uma lista de contatos que eram adicionados via e-mail.

De um tipo de comunicação coletiva baseada em comunidades como o mIRC, o MSN possibilitou aos usuários uma forma mais particular de conversação, reproduzindo na *web* a rede de contatos que ele já possuía em seu cotidiano. Na ferramenta de bate-papo foram incorporadas as figuras *emoticons* e jogos a fim de possibilitar novas experiências para os usuários, além disso utilizava-se do recurso *webcam* para a conversação em tempo real (CANÇADO, 2007).

O MSN fez muito sucesso no Brasil atingindo a marca de 30 milhões de usuários, passando por inúmeras atualizações com novos recursos, posteriormente sendo denominado *Windows Live Messenger*. Em 2013, foi descontinuado sendo substituído

¹²⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/mircriopreto/>. Acesso em 1/3/2019.

pelo programa de conversação em tempo real *Skype* (CANÇADO, 2007). Neste cenário, a *web* estava transformando suas interfaces proporcionando cada vez mais experiências de interação e de produção de conteúdo aos seus usuários.

No final de 2007, os *blogs* e microblogs como *Twitter* e *Blogger* tornaram-se um fenômeno no mundo todo e no Brasil não foi diferente.

Os *blogs* representaram uma escrita pessoal como tipo de diário pessoal em que os usuários contavam suas histórias e expressavam suas ideias, preocupações e sentimentos. Os *blogs* eram jornalísticos e com temas variados. Muitos *blogs* foram utilizados também como ferramenta de ativismo político mobilizando muito jovens a iniciarem-se na textualidade eletrônica construindo suas identidades. Esse tipo de escrita virtual nasceu no contexto da *web 2.0* e permitiu aos usuários uma série de recursos e funcionalidades. Esses sistemas proporcionaram uma maior facilidade na publicação e manutenção dos sites, que não mais exigiam o conhecimento da linguagem HTML e, por isso, passaram a ser rapidamente adotados e apropriados para os mais diversos usos. Além disso, a posterior agregação da ferramenta de comentários aos *blogs* também foi fundamental para a popularização do sistema (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009).

Os *blogs*, portanto, foram um produto da cultura digital que transformou as antigas formas de emissão e recepção das informações, de modo que esse tipo de mídia propiciou que os usuários da internet criassem e compartilhassem seu conteúdo reconfigurando as sociabilidades a partir de novas formas de interação e comunicação. A cibercultura, neste contexto, era apropriada pelos brasileiros e integrava o cotidiano da população durante os anos 2000. Em 2004, com as interfaces mais dinâmicas da *web* surgiu a rede social *Orkut* que revolucionou a *web* e os modos de apropriação das mídias sociais pelos brasileiros.

O *Orkut* foi criado pela *Google* e lançado em uma versão em inglês para o público norte-americano, ele foi desenvolvido a partir da ideia de *social machines* e de *software social*¹²⁸. O *Orkut* caiu nas graças dos brasileiros e indianos que começaram a criar perfis e aumentar exponencialmente o número de usuários da rede social. Os recursos da plataforma atraíram os brasileiros pelo fato de que o usuário criava um perfil público e podia adicionar amigos e com esses amigos compartilhar suas fotos,

¹²⁸ É um termo que surge com a *web 2.0* e significa aplicativos que promovem a comunicação e interação de um maior número de pessoas promovendo a mediação entre usuários e conteúdo, a fim de produzam um conhecimento colaborativo (PRIMO; BRAMBILLA, 2004).

comentários e interesses. Os perfis recebiam classificações por *emoticons* e representavam uma individualização, uma construção pessoal de si em cada página (RECUERO, 2009), o que era muito interessante para as pessoas na época.

No *Orkut* existiam as comunidades de preferências, temas, opiniões políticas e tudo que circundava o espaço público brasileiro¹²⁹. Nessas comunidades os usuários empreendiam discussões acaloradas, o que gerava também discursos de ódio, misoginia e racismo. Mas também existiam os moderadores de conteúdo que denunciavam esses perfis que eram banidos da rede social. A interatividade e a produção de conteúdo por seus usuários eram características desse tipo de rede social devido aos seus recursos e ferramentas que ampliavam as possibilidades de criação e interação entre seus usuários.

Segundo Recuero (2009) redes sociais como *Orkut* são formadas através dos laços sociais que geram sociabilidades entre os usuários. São esses tipos de relações negociadas e criativas que fortaleceram os laços sociais que eram construídos entre os perfis de usuários do *Orkut*. As comunidades criadas entre os usuários foram utilizadas como ferramentas de construção de identidades. Porém, esse tipo de rede social também abriu margem para que perfis *fakes* (falsos) fossem construídos para diferentes tipos de finalidades como propagação de discurso de ódio, timidez ou porque simplesmente queriam ser um perfil *fake*.

Em 2007, o *Orkut* inovou ao abrir parte de sua plataforma para a construção de ferramentas para o uso das redes sociais. Essa abertura através do sistema *Open Social* permitiu que novos aplicativos fossem criados, revitalizando, de certa forma, o sistema do *Google* (RECUERO, 2009, p.167).

Com o passar dos anos a rede social *Orkut* foi sendo esquecida pelos brasileiros que a substituíram pela rede social *Facebook*, que em 2009, estava em plena ascensão no país. As atividades do *Orkut* foram desativadas em 2014 pela crescente migração dos usuários para outras plataformas¹³⁰. O *Orkut* encerrou suas atividades no Brasil com

¹²⁹ Um dos primeiros estudos no campo da História a tratar das mídias sociais, especificamente das redes sociais, *Orkut*, como fonte de pesquisa histórica foi da historiadora Márcia Elisa Teté Ramos no artigo “O estudante de Ensino Médio nas comunidades virtuais “eu amo história” e “eu odeio história” e uma questão antiga: para que serve a história?”. Revista *Antíteses*, v. 5, n. 10, p. 665-689, 2012.

¹³⁰ O *Google* ao desativar o *Orkut* manteve durante 2 anos em um banco de dados com 51 milhões de comunidades que ficaram públicas para que os usuários recuperassem suas fotos e outros conteúdos. Em 2016 o *Google* apagou da web os rastros deixados pela rede social. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/09/chega-ao-fim-o-prazo-para-baixar-suas-fotos-do-orkut-e-hora-do-adeus.html>. Acesso em 22/4/2019.

uma marca de 29 milhões de usuários¹³¹ evidenciando o gosto dos brasileiros pelas mídias sociais. Segundo Juliano Spyer (2018), o grande sucesso do *Orkut* entre os brasileiros nos anos 2000 foi consequência da acessibilidade das classes populares aos bens materiais eletrônicos, coincidindo com a expansão das funcionalidades da *web*. Para se ter uma ideia do crescimento do acesso as redes sociais em 2011, o Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) fez um levantamento que demonstrava que 72% dos brasileiros já haviam incorporado em suas rotinas o hábito de navegar em sites de redes sociais e interagir com amigos, sobretudo no *Orkut*, *Facebook* e *LinkedIn* (IBOPE, 2011)¹³².

No ano de 2013, o Brasil chegava a 105 milhões de usuários da internet sendo considerado o 2º país do mundo em que as pessoas a acessavam diariamente¹³³. Neste momento, a internet e as mídias sociais haviam se massificado no país, sobretudo nas regiões Sul e Sudeste. Todas as esferas sociais já se integravam a cultura digital através das redes de comunicação virtuais. Nas empresas, órgãos públicos, escolas, universidades, hospitais, centros culturais entre outros lugares as ferramentas tecnológicas eram utilizadas, seja por sistemas informatizados de compra e venda, seja por digitalização de prontuários, nota fiscal online, *softwares*, bibliotecas digitais, entre outros. Contudo, o Brasil ainda não havia superado os altos índices de desigualdades e exclusão digital que eram marcadas pelas disparidades socioeconômicas entre as áreas urbanas e rurais, as diferentes regiões geográficas do país e, no interior de cada região, entre as diferentes classes sociais (CETIC, 2014).

Neste mesmo período, as mídias sociais se fortaleciam como meio de *marketing* para o mercado, canal de entretenimento e de fonte de informações para a população. O *Facebook*, neste contexto, havia superado a maioria das redes sociais existentes no Brasil contando com mais de 60 milhões de usuários. Durante seus primeiros anos, o *Facebook* reconfigurou os recursos que existiam em redes sociais como *Orkut* transformando-se em uma rede social com mais recursos interativos e que atraíram mais os usuários.

Da mesma forma, que as outras redes sociais, o usuário do *Facebook* cria um perfil com informações pessoais e adiciona ou é adicionado por uma rede de amigos.

¹³¹ Para saber mais acessar: <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2011/09/ibope-divulga-que-facebook-ultrapassou-orkut-no-brasil.html>. Acesso 24/4/2019.

¹³² Para saber mais : <http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/brasileiros-caem-na-rede-social/>. Acesso em 20/4/2019.

¹³³ Ver: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.html>. Acesso em 20/4/2019.

Essa rede de amigos, por sua vez, cria conteúdo que pode variar entre expressar um sentimento ou pensamento ou compartilhar uma notícia, vídeo ou imagem.

O *Facebook* dispõe de recursos interativos e que visam estimular o usuário a movimentar a rede. Na página inicial ou *time line* (linha do tempo)¹³⁴ aparece a frase em uma caixa de texto “O que você está pensando?”. Ao responder essa pergunta você atualiza seu status compartilhando uma imagem ou vídeo com seus amigos que podem comentar ou usar o botão curtir entre outros *emoticons* que o permitem opinar sobre aquele conteúdo. Na *time-line* há o *feed de notícias*, que é um inventário do que é publicado e compartilhado por seus amigos e é filtrado por algoritmos que escolhem os conteúdos exibidos na *time-line*. Esses algoritmos dependem do engajamento dos usuários ao produzir conteúdos e de seu comportamento nas redes, isto é, o algoritmo observa o tipo de movimentação do usuário na rede ou o tipo de rastros baseados em interesses por páginas, grupos ou perfis e o filtra.

Segundo Roberto Júnior (2015) toda essa dimensão interativa e com interfaces funcionais e dinâmicas atraíram milhares de pessoas para o *Facebook*. No Brasil, o *Facebook* ganhou a preferência dos brasileiros impulsionando a desativação de diversas redes sociais que simplesmente desapareceram do ciberespaço. Todavia, o *Facebook* começou a promover um tipo de monopólio ao se tornar a principal forma de acesso as informações do cotidiano.

Em 2015, uma pesquisa realizada pela agência norte-americana *Quartz* ranqueou os principais países em que os usuários consumiam notícias pelo *Facebook* e o Brasil ficou na primeira posição com 67% da população buscando informações e notícias nessa rede social¹³⁵. O que causa preocupação nesse momento em relação as redes sociais é que elas ainda não criaram mecanismos seguros para identificação de notícias falsas (*fake news*) ou de discursos de ódio criando um ambiente ainda incerto acerca da confiabilidade das informações na rede (ROBERTO JÚNIOR, 2015). Há também a questão que envolve até que ponto nossos gostos e opiniões estão sendo moldados/manipulados por algoritmos nessa relação entre humanos e não-humanos na cultura digital.

¹³⁴Através desse recurso os usuários têm acesso a uma memória digital onde encontra-se todas as informações postadas desde a primeira vez que o status foi atualizado. Há também o recurso “Lembrança” em que você rememora uma postagem feita. Portanto, o *Facebook* tem a pretensão de criar uma espécie de memória digital do usuário na rede.

¹³⁵ Fonte disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/cerca-de-70-dos-brasileiros-se-informam-pelo-facebook/>. Acesso em 22/4/2019.

Nos últimos anos surgiram outras redes sociais como *Instagram*, *Snapchat* e *Whatsapp*, que também são muito utilizadas pelos brasileiros confirmando assim o interesse da população pelas tecnologias digitais. As classes populares, neste contexto, foram as que mais tiveram interesse pelas mídias sociais e principalmente pelas redes sociais. Segundo Juliano Spyer (2018), as mídias sociais provocaram um empoderamento social das classes populares que estavam ascendendo economicamente através das tecnologias digitais, mas por outro lado também reforçaram os laços sociais de suas comunidades e costumes se reinventando por meio da interação com a cultura digital.

Essa apropriação técnica gerou uma população conectada as mídias sociais pela internet e, que mesmo num país de desigualdades latentes criaram meios alternativos, como as *lan houses* para ter acesso a tecnologia. Com isso, as mídias sociais fazem parte do universo cultural dos brasileiros há pelo menos 20 anos. Durante os anos 1990 a internet esteve somente acessível aos mais ricos e aos acadêmicos que dispunham do acesso a computadores. Já nos anos 2000, com a popularização da internet houve um crescimento exponencial do seu uso com acesso a aparelhos tecnológicos. Neste período, os brasileiros retroalimentaram a *web*, especialmente na primeira década dos anos 2000 com o aumento no número de *blogs*, sites de notícias, educação entre outros que configuraram os “domínios br”. Em 2010, eram mais de 2 milhões de domínios com sites dos mais diversos temas (CGI.br, 2010). Também não poderíamos esquecer a massiva produção de conteúdo em *blogs*, *microblogs* e *nas redes sociais* que representam grande parte da produção e compartilhamento de conteúdo multimídia nos últimos 10 anos.

A cultura digital, portanto, compõe a produção cultural contemporânea no Brasil e que para os mais ricos e aqueles que cursaram as universidades representa uma força modernizadora e progressista de transformação social, mas para as classes populares em muitos casos, as mídias sociais podem ser adotadas para preservação dos antigos laços sociais da comunidade e dos modos de sociabilidade que se dissolvem pelas novas formas de modernização na sociedade (SPYER, 2018).

Nesse ensejo, talvez a questão que nos últimos anos deva ser observada sobre os usuários da internet no Brasil seja sobre as habilidades e competências digitais necessárias para navegação nos ambientes digitais, que podem exacerbar as desigualdades sociais e talvez contribuir para uma fratura sociocultural ainda maior dos que detêm as competências digitais para os que não as têm. Isso significa, em termos

práticos, que o consumo da rede é grande, mas que sua produção é limitada. O problema, portanto, se situa na manipulação desse consumo, nem sempre realizada de modo honesto, seja pela indústria, comércio ou mesmo pela política. De todo modo, como buscamos demonstrar no caso brasileiro, a cultura digital deve ser encarada a partir das especificidades que a circundam e a partir do contexto local e histórico de sua formação evidenciando as particularidades dessa apropriação técnica (MILLER et al, 2016). Assim após a investigação do contexto histórico de emergência da cultura digital no Brasil, voltaremos a analisar a rede social *Café História* em suas várias dimensões.

3.2.2 AS INTERFACES DA REDE SOCIAL *CAFÉ HISTÓRIA*

O *Café História* esteve hospedado na plataforma ning.com sob esse domínio <http://cafehistoria.ning.com/> durante 9 anos. O site ning (palavra chinesa que significa paz) foi fundado por Marc Andreessen¹³⁶ e Gina Bianchini¹³⁷. O desenvolvimento da plataforma ning.com começou em outubro de 2004 e foi oficialmente lançada em outubro de 2005. Inicialmente o serviço era gratuito, mas devido às próprias mudanças nas interfaces da *web* em 2010 a plataforma começou a ofertar um serviço pago.

A plataforma ning.com, num contexto gratuito, oferecia aos usuários da *web* a possibilidade de criar suas próprias redes sociais, além de apresentar funcionalidades que apesar de serem complexas, eram fáceis de serem manuseadas pelos usuários com a elaboração do *design*, criação de recursos, botões para interação, modos de compartilhamento, isto é, de produção de conteúdo. Na entrevista Bruno Leal P. de Carvalho nos contou o porquê de construir a rede social *Café História* na plataforma ning.com.

¹³⁶ Formou-se em ciência da computação pela Universidade de Illinois, após sua formação começou trabalhando com aplicativos de código aberto para a supercomputação e que fossem adequados para a web. Em 1994 criou o navegador Netscape e que posteriormente transformou-se na internet explorer. Em 2005 criou a plataforma ning e atualmente é fundador da empresa Andreessen Horowitz que investe em start-ups de jogos, redes sociais, e-commerce, TI e educação (WIKIPÉDIA, 2019). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marc_Andreessen . Acesso em 22/04/2019

¹³⁷ É uma empresária e investidora estadunidense que criou a plataforma ning e em 2010 deixou a empresa para investir na área do empreendedorismo nas redes sociais (WIKIPÉDIA, 2019). Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Gina_Bianchini . Acesso em 22/04/2019

Sempre faltou um espaço de divulgação e interação em história na internet. Eu identifiquei esta lacuna durante as graduações e comecei a desenvolver uma série de projetos para suprir essa ausência. Criei comunidades no Orkut, construí blogs, mas nada disso deu muito certo, por uma série de motivos. Certo dia, uma colega de trabalho me apresentou uma rede social chamada “Clube do Tênis”. Eu adorei. Na verdade, eu adorei muito mais a plataforma onde ela era construída (Ning), do que o conteúdo em si, apesar de gostar do esporte. Quando eu entendi o que era o Ning (uma rede social gratuita que permitia que qualquer pessoa criasse sua própria rede social), eu tive certeza: era de uma rede social que eu precisava. Daí surgiu o Café, uma rede social de história (CARVALHO, 2018).

Por se tratar de uma fonte digital que é recriada através da *Wayback Machine* desde 2017 temos montado um arquivo no *The Internet Archive* com seus metadados. Esse tipo de documento que nasce na *web* e depois renasce em um arquivo digital não nos permite ter acesso a algumas informações que compreendem a análise técnica, como código fonte ou a estrutura HTML da página da *web* originalmente. Entretanto, apesar das limitações foi através do Portal *Café História*¹³⁸, que disponibilizou os antigos *designs* da rede social, pudemos compreender e identificar os elementos que a constituíram. Vejamos:

Figura 11- Primeiro Design da rede social *Café História*



Fonte: Portal *Café História*, 2008.

¹³⁸ Acessar: <https://www.cafehistoria.com.br/sobrenos/>. Acesso em 10/8/2017.

O primeiro *snapshot* do *Wayback Machine* na rede social *Café História* foi em 29 de janeiro de 2008 sendo que a rede social foi lançada online em 18 de janeiro do mesmo ano. Como o *crawler Heritrix* segue e arquiva as páginas pelas movimentações dos seus usuários, digamos que em apenas 11 dias que a rede social estava na *web* já tinha um número significativo de acessos possibilitando seu arquivamento pela *Wayback Machine*. A partir do arquivo reproduzido no Portal *Café História* pudemos ver que o *design* da página misturava tons escuros. Na capa havia uma imagem de uma xícara de café e de um livro. Em entrevista concedida a Revista História, Ciências, Saúde- Manguinhos, Bruno Leal relatou o processo de criação e a escolha do nome da rede.

O processo completo de criação, da elaboração dos primeiros conteúdos a estratégia de lançamento, levou três ou quatro semanas. Dei bastante atenção à questão do nome. Queria algo ao mesmo tempo universal, moderno e tradicional. A palavra café reúne tudo isso; lembra os cafés do século XIX, um lugar de encontro, de conversa e troca, mas também remete ao cybercafé de hoje, ponto de acesso à internet. Daí surgiu o nome, Café História. Em seguida, convidei mais ou menos cinquenta amigos para fazer uma navegação experimental pelo Café e me dar feedbacks. Isso ajudou a corrigir algumas falhas. Depois, concluída a identidade visual, lancei o Café História para o grande público. Desde então o projeto vem crescendo bastante (BENCHIMOL et al, 2015, p.1069).

Figura 12 - Página da rede social *Café História*, The Internet Archive.



Fonte: *Snapshot Wayback Machine*, 29/01/2008.

Na figura 12, que é um *snapshot* não temos todos os recursos disponíveis nem a tonalidade das cores da primeira capa da página da rede social. No entanto, pudemos através do arquivo do Portal *Café História* recuperar e compará-la com a figura 11. Algumas figuras presentes no *snapshot* não representam os mesmos conteúdos. A discrepância de *design* e conteúdo das duas páginas nos remetem à limitação das fontes digitais para uma história da *web* não apenas no Brasil, como no mundo. A ausência de fidedignidade coloca em cheque a veracidade não apenas das fontes digitais, mas também da própria História Digital. Todavia, ainda que esses indícios possam fazer concluir a invalidade da defesa de uma História da tecnologia, destacamos que sem a crítica e análise dessas fontes não será possível construir metodologias que permitam uma historiografia acerca de um tema que, como vimos no nosso primeiro capítulo, possui largo impacto na vida dos homens e, portanto, não poderá ser negligenciado pela área de saber que se dedica à História desses homens. Sendo assim, sigamos com o cotejamento de fontes que nos permitirá uma maior aproximação em relação a esse passado digital.

A rede social também buscava atrair seus visitantes com um informe de boas-vindas com os seguintes dizeres na página inicial:

Olá, Sejam Bem Vindos:

O Café História é uma rede social voltada para estudantes, professores, pesquisadores e amantes de História. Sua interface se baseia no conceito Web 2.0, onde cada internauta é potencialmente um produtor de conteúdo.

Publique textos, fique informado, acompanhe pesquisas e troque idéias com os demais membros. O espaço é todo seu! (CAFÉ HISTÓRIA; WAYBACK MACHINE, 2018).

Na página inicial verificamos vários recursos para interação como o fórum, grupos, membros, fotos e vídeos. A textualidade eletrônica apresentada nos documentos demonstrou terem sido formatados em fonte Arial 11. Todos esses recursos possibilitaram a criação de conteúdo pelos usuários. Conforme evidenciado pelo seu criador a rede social foi desenvolvida na intenção de que seus usuários fossem os principais motores para a retroalimentação da rede. Na página inicial havia ainda a seção “Café expresso de notícias” aonde os usuários eram informados sobre as notícias relacionadas a temas históricos, por exemplo:

Figura 13- Página da rede social Café História

The screenshot shows a web browser window with the URL 'com/'. The page content is organized into several sections:

- Forum:** Contains several threads such as 'O professor e o Ensino de História na Rede Pública de Ensino. Como melhorar?', 'Filmes que merecem ser assistidos', 'Para que serve a História?', and 'Qual a relação entre prática e teoria?'. Each thread includes the number of responses and the name of the user who started it.
- Texto Café História:** A central article titled 'O historiador e as TICs' with a blue graphic showing a computer screen with 'http://www'. The text discusses the challenges of the historian's profession in the digital age, mentioning the impact of TICs (Information and Communication Technologies) and the need for a new profile of the user.
- Sobre Café História:** A section on the right providing information about the site, including a link to create a profile and a link to obtain a Cracha da rede Café História.
- Grupos:** A list of groups on the right side of the page, including 'História e Literatura', 'História e Arte', 'História do Brasil Colonial', and 'História do Império'.

Fonte: Snapshot, Wayback Machine, 29/01/2008.

Nesta segunda parte da página inicial temos a seção “Texto Café História” em que foi colocado em destaque na página inicial um texto relacionado a algum tema histórico, que se intencionava colocar em debate. Na figura 13 podemos ver que o título do texto era “O historiador e as Tics”.

Provavelmente de autoria do criador do *Café História*, o texto trata dos desafios da profissão do historiador com o uso das tecnologias da informação e comunicação e da resistência ainda presente entre os historiadores de se aventurarem na *web*. Entre outros aspectos, seu autor assinalava:

O historiador e as TICs

Parece indubitável que o mundo contemporâneo está passando por grandes transformações. Mesmo aqueles que estão longe do epicentro das mudanças, sabem que algo de novo está acontecendo, algo estranho, perigoso, mas também extremamente excitante. Grande parte dessa experiência, que é coletiva e individual, velada e escancarada, está ligada à revolução científica dos últimos anos, em especial no que se refere às novas tecnologias da informação e comunicação, as chamadas TIC's.

Segundo últimos dados da Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil possuía em 2004 cerca de 22 milhões de usuários de internet. Em algumas décadas, todo o país estará conectado. Diante desta realidade, caracterizada pela força das TICs, como deve se portar o historiador? Qual o significado e as implicações das novas tecnologias no ofício do historiador?

A legitimidade e impacto das TICs

Muitos historiadores preferem manter certa distância cautelosa dos meios de comunicação e da cultura de massa, um reflexo de antigas perspectivas culturais e de certos estereótipos, como aquele que diz que historiadores devem se ater ao passado.

Mas como produtor de sentidos sobre o meio social, seria um enorme erro que os historiadores continuassem a produzir sem atentar para a importância e até mesmo o lado positivo das novas tecnologias da informação e comunicação. Há aproximadamente três anos, por exemplo, vem se falando sobre a Web 2.0. Trata-se de um novo perfil do usuário de internet. Se antes ele era apenas um consumidor de informação, agora ele passa a produzir conteúdo. O espaço na internet 2.0 é colaborativo (CAFÉ HISTÓRIA; WAYBACK MACHINE, 2018).

Após 11 anos da publicação desse texto suas reflexões são ainda pertinentes e tocam em questões problemáticas no campo da História, como a resistência por parte de alguns historiadores em discutirem as modificações no seu ofício pelas tecnologias digitais.

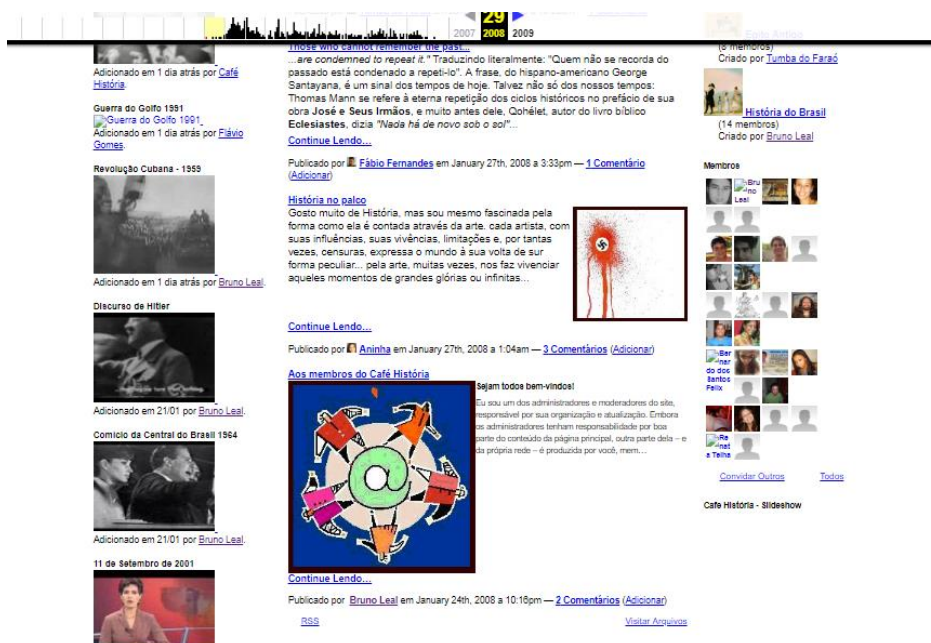
Voltando à nossa análise da página inicial da plataforma, do lado esquerdo da página temos os fóruns e em destaque apresentavam-se as principais discussões que estavam ocorrendo como “ O professor e o Ensino de História na Rede Pública de Ensino: Como melhorar” iniciado pelo usuário Sanger Nogueira “ Filmes que merecem ser assistidos” iniciado pelo usuário Adriel com 7 respostas “Para que serve a História?” iniciado por Aninha e que já tinha 6 respostas” e “Qual a relação entre teoria e prática?” iniciado por Bruno Leal com 4 respostas¹³⁹.

¹³⁹ Sanger Nogueira era um perfil de um estudante de História que residia na cidade de Valença na Bahia e foi muito ativo na rede social, o último rastreamento de seu perfil foi em 23 de março de 2013. Adriel era um estudante do ensino médio e que teve uma participação ativa nos fóruns e grupos até o ano de 2012 último registro sobre ele pela *Wayback Machine*. Já a Aninha era o perfil da Ana Paula Tavares Teixeira subeditora do *Café História* e que ficou ativo até 8 de maio de 2017 e encontramos o perfil do fundador Bruno Leal que ficou ativo até 8 de maio de 2017.

Do lado direito da tela, havia uma sequência de grupos intitulados “História e Literatura” criadas por Bill Braga “História e Arte” criada por Aninha “História do Brasil Colonial” criada por Leandro Lima “História do Império” criado por Barão “Egito Antigo” criado por Tumba do Faraó” e “História do Brasil” e “História do Cinema” criado por Bruno Leal¹⁴⁰. Como vemos, essa plataforma tanto corroborava concepções cronológicas do estudo da História, como também temáticas, alinhando-se à uma historiografia polissêmica, tal como proposto desde a Escola dos Annales.

Agora que temos uma ideia das partes que compunham essa tela frontal da plataforma, voltemos nossos olhos para a outra parte da página inicial do *Café História*:

Figura 14 - Página principal do *Café História*



Fonte: Snapshot, Wayback Machine, 29/01/2008.

Na terceira parte da página inicial teremos o tópico Vídeos, que direcionava o usuário a um arquivo com uma série de vídeos postados por outros usuários. No centro da página, tínhamos também o registro das últimas atividades dos usuários a partir de um típico *blog* pessoal, onde os usuários escreviam sobre os mais variados assuntos e

¹⁴⁰ Pelo seu perfil identificamos que Barão é um professor graduado com interesse em História do Brasil Império, em sua página não encontramos muitos registros e seu perfil foi registrado pela última vez em 12 de agosto de 2014. No perfil de Leandro Lima descobrimos que ele é estudante de História e tem 25 anos seu último registro foi em 16 de agosto de 2014. Bill Braga é um historiador que cursava mestrado e é de Belo Horizonte, a partir de seu perfil pudemos constatar que ele se movimentava bastante pelos fóruns e grupos e tinha interesse especial em História e Memória e Cinema, seu último registro foi em 19 de dezembro de 2016. Já o perfil Tumba do Faraó está com o link quebrado sem acesso as informações.

poderiam aparecer em destaque na página inicial do *Café História*. Do lado direito da página havia o encadeamento dos membros cadastrados onde suas fotos do perfil apareciam publicamente.

Nesse reduto da primeira versão da plataforma notamos a inserção de fontes de pesquisa tipicamente digitais: vídeos, blogs e perfis. A concorrência desses elementos para uma História Digital e a rápida adesão do público à mesma, não apenas demonstrava que os historiadores - profissionais e diletantes - já tinham certa familiaridade com esses elementos, mas também que aceitavam fazer uso dos ditos recursos em suas práticas profissionais. O significado desses dois pressupostos nos conduz à conclusão de que a linguagem tecnológica e sua implicação colaborativa foram apenas acentuadas com a criação da rede, que promoveu a convergência e a potencialização de seus efeitos.

O *Café História* apresentava as primeiras funcionalidades das interfaces da *web 2.0* e contava com a participação dos usuários para seu crescimento e divulgação. Como vimos, seu *design* no início era mais escuro, porém conforme os anos foram se passando e a *web 2.0* foi se tornando mais dinâmica suas interfaces também se modificaram. Em 2010 a rede social já apresentava mais uma atualização com outro *design* e com a inclusão de outros tópicos como entrevista “Café com Prosa” e o bate-papo.

Figura 15 - Página do Café História em 2010



Fonte: Portal *Café História*, 2010.

O café preto se tornou café creme, a página inicial ficou mais nítida com cores mais claras permitindo uma melhor visualização dos tópicos por seus usuários. A capa foi alterada mantendo a imagem de uma xícara de café, com uma frase objetiva sobre a função da rede social.

A inserção do tópico entrevista ampliou a divulgação da História na rede social demonstrando o interesse do criador para que a rede incluísse mais conteúdos sobre a historiografia. Paralelamente, o recurso digital fundia-se com uma estratégia comunicativa considerada tradicional, por ter sido forjada no âmbito do jornalismo de primeira geração. Lançando mão de um recurso canonizado pela Comunicação Social e também pela História - uma entrevista - o criador da rede procurava validar o estatuto de verdade projetado pela rede. Como vimos anteriormente, a hibridização dos recursos tecnológicos permitiu uma mais ampla e rápida assimilação de seus dispositivos pela comunidade de usuários.

Em 2010 a rede social não era mais exclusiva na plataforma ning.com e tinha páginas em outras mídias sociais como o *Facebook*, *Orkut* e *Twitter*. Neste período, o Café História buscava ampliar sua audiência através da participação em outras mídias sociais

No ano de 2013 tivemos a última mudança de *design* da rede social com transformações significativas em sua página inicial.

Figura 16 - Página inicial Café História, 2013



Fonte: Portal *Café História*, 2013

Após três anos da última mudança a rede social passou por uma importante atualização modificando seu *design* que a tornava mais interativa, além disso incorporava outros recursos adicionando a sua página inicial propagandas comerciais, o que até então não tinha ocorrido. Na página inicial, nota-se a primeira mudança na capa com a alteração da imagem de referência a inserção do título da rede social com uma frase abaixo “história feita em cliques” . A mudança da imagem de referência, a xícara de café, é emblemática. À medida que ela se simplifica e se virtualiza - deixa de ser uma imagem do real e passa ser um ícone do virtual - ela também ressignifica a própria plataforma .

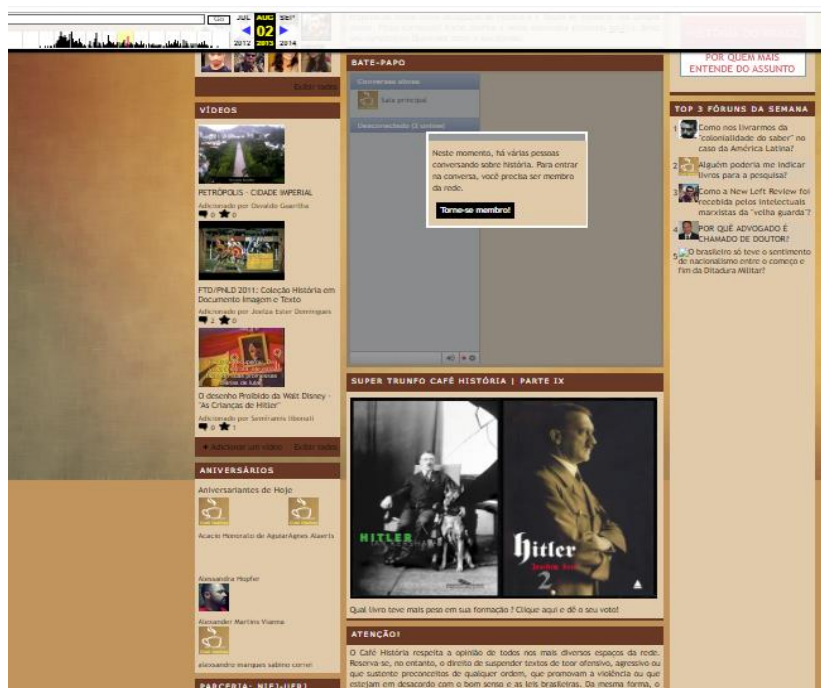
A fonte Arial se mesclava com outros tipos de fontes como a Trebuchet MS, demonstrando uma sofisticação visual. Foi inserido o “mural do historiador” com informações de eventos, cursos e notícias específicas sobre o contexto da produção histórica brasileira. A publicização da produção histórica em rede favorecia positivamente a divulgação científica da História entre os historiadores brasileiros de diversos lugares do país, que através da rede social acessavam eventos e conteúdos de seus interesses, bem como permitiu o estreitamento das relações entre os historiadores e o público, na medida em que a *web* transcendia os espaços formais acadêmicos.

Os usuários agora tinham acesso na página inicial ao conteúdo da semana, o que facilitava posteriormente sua busca por outros assuntos de semanas anteriores. Note-se que com essa dinâmica, a plataforma ganhava maior velocidade na produção de conteúdo. Sem regularidade estabelecida, a página se tornava um repositório de conteúdos e de recursos digitais.

Várias seções foram criadas como a que incluía fontes históricas de diversos períodos, resenhas de livros, de filmes e artigos. O bate-papo foi modificado ficando mais interativo e em tempo real. A rede passou a firmar parcerias com universidades e grupos de pesquisa como o NIEJ (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos) -UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e a Revista de História do Brasil da Biblioteca Nacional¹⁴¹.

¹⁴¹ A Revista História do Brasil da Biblioteca Nacional publicou sua primeira edição impressa em 2005 com conteúdo disponibilizado online, no entanto, em 2017 devido à crise financeira no Brasil a revista deixou de circular nas bancas e seu site foi descontinuado. Seus arquivos só estão disponíveis através do *The Internet Archive*. Para mais informações acessar: <https://www.cafehistoria.com.br/rhbn-site/>. Acesso em 20/4/2019.

Figura 17 - Página inicial, 2013



Fonte: Snapshot, Wayback Machine, 2/04/2013.

Em 2013 a rede social entrou para o *Youtube* com o canal Café História TV¹⁴² apresentando várias seções como: “O que é História ?” “Curtinhas” Desembalando Livros” “História Notícias” “Debates” “Minha Pesquisa. Nessas seções os historiadores brasileiros e também estrangeiros contam sobre suas pesquisas ou apresentam debates historiográficos acerca da produção histórica no país e no mundo. Atualmente o Café História TV conta com mais de 10 mil inscritos e mais de 154 mil visualizações de seus conteúdos. O audiovisual, no contexto, da convergência dos meios de comunicação se tornou um produto cultural muito consumido entre os usuários da internet no mundo, sobretudo no modo como têm ressignificado a cultura de massas pelas novas formas de emissão e recepção desses conteúdos na *web*.

¹⁴² Na entrevista Ana Paula nos conta que “O Café História TV começou também por ideia do Bruno no final de 2013. Ele sempre esteve atento à movimentação dos usuários e às novidades que surgiram na Internet – por isso o *Café História* tem perfil no YouTube, no Twitter, no Facebook, no Google+, no Instagram, no Telegram. É um projeto muito interessante – eu, particularmente, gosto muito de audiovisual –, mas que demanda mais tempo, mais investimento e uma série de expertises específicas[...]No entanto, acho que o audiovisual tem muito valor, espaço e alcance em nossa sociedade atual, portanto acho que é um espaço que a História precisa ocupar – com qualidade e responsabilidade. Esta é uma linguagem que os historiadores precisam dominar cada vez mais se quiser se comunicar com um público mais amplo, com outros segmentos da sociedade (TEIXEIRA, 2018).

A rede social com mais de 60 mil inscritos crescia em número de usuários e de conteúdo, mas também aumentava o número de usuários *trolls* que disseminavam discursos de ódio. Por se tratar de uma rede social colaborativa e aberta, que operava a partir da interação e de produção de conteúdos de seus usuários, era inevitável que os usuários mal intencionados começassem a surgir, sobretudo como reflexo dos próprios conflitos existentes na sociedade. Os *trolls* e perfis maliciosos (*spammers*) sempre estiveram presentes nos fóruns e grupos do *Café História*. Conforme a massificação da internet esse tipo de usuário foi crescendo, o que levou os moderados Bruno Leal e Ana Paula a fixarem na página inicial instruções caso alguém violasse a política de privacidade com os seguintes dizeres:

Atenção!

O Café História respeita a opinião de todos nos mais diversos espaços da rede. Reserva-se, no entanto, o direito de suspender textos de teor ofensivo, agressivo ou que sustente preconceitos de qualquer ordem, que promovam a violência ou que estejam em desacordo com o bom senso e as leis brasileiras. Da mesma forma, o Café História poderá suspender membros que publiquem este tipo de conteúdo. Se identificar algum conteúdo ofensivo ou comportamentos inadequados, por favor notifique-nos: cafehistoria@gmail.com.

FALE CONOSCO

Encontrou alguma mensagem racista, preconceituosa ou ofensiva no Café História? Entre em contato conosco. Teremos o prazer em ajuda-lo (a):

Nosso email: cafehistoria@gmail.com (CAFÉ HISTÓRIA; WAYBACK MACHINE, 2018).

Esse tipo de comportamento dos usuários estava crescendo em todas as mídias sociais, sobretudo em relação aos usuários brasileiros que criavam perfis *fakes*, sob um suposto anonimato, para insultar as outras pessoas que participavam da rede. Segundo Bruno Leal (2016) os chamados *trolls*, pessoas que agem como provocadores em ambientes virtuais, inflamadores de discussões, além de *links* maliciosos, que podem levar a sites ofensivos ou que contenham vírus estavam se tornando comuns e as redes sociais tornavam-se cada vez mais tóxicas (CARVALHO, 2016, p.182). Pudemos verificar que nos últimos anos o *Café História* havia sido infestado por usuários *trolls* e perfis *fakes* na intenção de ofender ou espalhar vírus para outros usuários e incitar discursos de ódio a partir dos negacionismo sobre o Holocausto ou sobre outros temas históricos.

De qualquer forma, o aumento do discurso extremista e de ódio no *Café História* pode estar relacionado a um fenômeno global e do nosso tempo presente que se configurou no contexto da produção da cultura digital. Para Almeida (2008) o aumento do discurso extremista na sociedade contemporânea por meio das redes sociais demonstra uma faceta obscura e perigosa da internet. Neste sentido, a História também é utilizada para criação de pseudo-histórias que legitimam discursos de ódio. Por conseguinte, com a aceleração do fluxo das informações e a sua rápida circulação nas redes sociais, surge o fenômeno da Pós-Verdade¹⁴³ e da *Fake-News*, criando um ambiente no qual a verdade cai em descrédito e conseqüentemente o papel da ciência e do seu conhecimento não são valorizados. Nesse ensejo, onde se valoriza mais as crenças pessoais do que informações que podem ser comprovadas e avaliadas criticamente, vem à tona a seguinte questão: qual é a função social dos historiadores em um mundo que a notícia do *Facebook* vale mais que estudos cientificamente comprovados?

As interfaces da rede social *Café História* evidenciaram que a intenção do seu criador foi a de montar uma estrutura que possibilitasse a plataforma ser uma rede social e um portal de conteúdo movido pelos seus usuários. Como vimos, a rede social foi inovando, na medida em que a *web* também se transformava a tecnologia era cada vez mais baseada na dinâmica dos *softwares sociais*, que são recursos e ferramentas criadas para a colaboração online entre seus usuários. As ferramentas foram então ficando mais dinâmicas e interativas, o que possibilitou ao criador obter um maior alcance de participação das pessoas. Assim, as interfaces do *Café História* apresentaram três momentos diferentes e que acompanharam a evolução da plataforma e das flexibilidades oferecidas pelas configurações que iam se construindo na rede.

Segundo Bruno Leal (2016) na rede social nada era fixo e de tempos em tempos ele modificava a estrutura da plataforma subvertendo aqueles mecanismos da plataforma *ning.com*, ora inserindo recursos ora mesclando-os, sempre visando alcançar seu principal objetivo, o de criar um espaço de interações e trocas online entre os historiadores. A rede social *Café História* passou por muitas mutações, de uma rede inicialmente com o alcance dos usuários que se apropriavam da técnica para obter uma

¹⁴³ O dicionário de Oxford definiu o termo como um adjetivo que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais os fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais (FÁBIO,2016).

Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>. Acesso em 10/8/2017.

experiência de produção de conteúdo na rede social, o *Café História* se transformou em um tipo particular de rede social que, graças ao seu criador e aos usuários que a movimentaram, construíram um tipo de identidade própria para o *Café História*. Assim, ao combinar uma rede social com um portal de divulgação a rede social *Café História* tornava-se o principal canal de comunicação entre os historiadores e de divulgação do conhecimento histórico no Brasil.

3.2.3 OS USUÁRIOS E AS DINÂMICAS NA REDE SOCIAL *CAFÉ HISTÓRIA*

As interfaces e as funcionalidades da rede social permitiram que os usuários gerassem uma massa de conteúdos relacionadas à temas históricos e à historiografia. Os fóruns e grupos movimentavam e abasteciam a rede. Também existiam os conteúdos religiosos e especulativos sobre maçonaria, simbologia e obscurantismo que atraíram muitos usuários e colecionadores de relíquias e objetos antigos que apareciam nos fóruns “História do Brasil Imperial” querendo fazer trocas ou até vendas de seus produtos.

Para mais esse tipo de ambiente digital informal permitiu que muitos estudantes criassem grupos de suas turmas escolares e universitárias com o intuito de informar sobre as disciplinas de História e sobre o que acontecia nos cursos de graduação e pós-graduação, compartilhando indicação de livros, vídeos ou indicação de filmes, era um ambiente extra-classe digital¹⁴⁴.

Outros tipos de grupos também faziam muito sucesso como os de vagas de empregos e concursos para a área de História intitulado “Concursos, vagas e oportunidades de pesquisa” que foi criado com o intuito de divulgar as opções profissionais dos historiadores na atualidade. Neste grupo os historiadores compartilhavam as diversas ofertas de emprego e de concursos no Brasil e no exterior.

A rede social *Café História* tinha um número expressivo de usuários que eram em sua maioria historiadores, graduandos em História, de professores de História e de outras áreas das ciências humanas. Porém, também havia o público em geral que se interessava por temas históricos ou porque simplesmente gostavam de redes sociais. De

¹⁴⁴ Identificamos o grupo “Alunos de História UERJ” em sua página o grupo especifica que é um grupo direcionado aos alunos do curso de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro onde discutiam sobre os mais variados temas do curso e da Universidade. O grupo tinha 53 membros e sua última atividade foi em 27 de novembro de 2013.

acordo com Bruno Leal (2015) em um questionário aplicado na rede pode obter alguns dados que comprovaram que 89% dos usuários diziam ter cursado História. Para Bruno Leal (2015) o que o mais surpreendeu na pesquisa foi que diferentemente de outras redes sociais frequentadas por jovens entre 15 a 25 anos o Café História era frequentado por pessoas com mais de 40 anos (BENCHIMOL et al, 2015, p.1070).

O acesso ao conteúdo do *Café História* era público, no entanto, para participar dos fóruns ou dos grupos a pessoa precisava efetuar um cadastro e se inscrever na rede social. De modo bem prático e dinâmico a rede disponibilizava um perfil para o usuário que colocava algumas informações pessoais como nome, idade, data de aniversário, região e atividade profissional. Vejamos:

Figura 18- Registrando seu perfil na rede

Nome completo Bruna Rodrigues

Data de nascimento setembro 18 1991

Exibir meu aniversário

Sexo Masculino Feminino Não mostrar

País Brasil

Cidade, Estado Paraná

Perguntas de perfil

As perguntas marcadas com um cadeado são particulares e só ficam visíveis para os administradores.

Sobre mim

Graduada em História pela Universidade Estadual de Londrina e Mestranda em História Social pela mesma instituição.

Atividade profissional *

Historiador Professor Estudante Pesquisador Jornalista outro

Formação *

Mestrando

País *

Brasil

Estado

Paraná

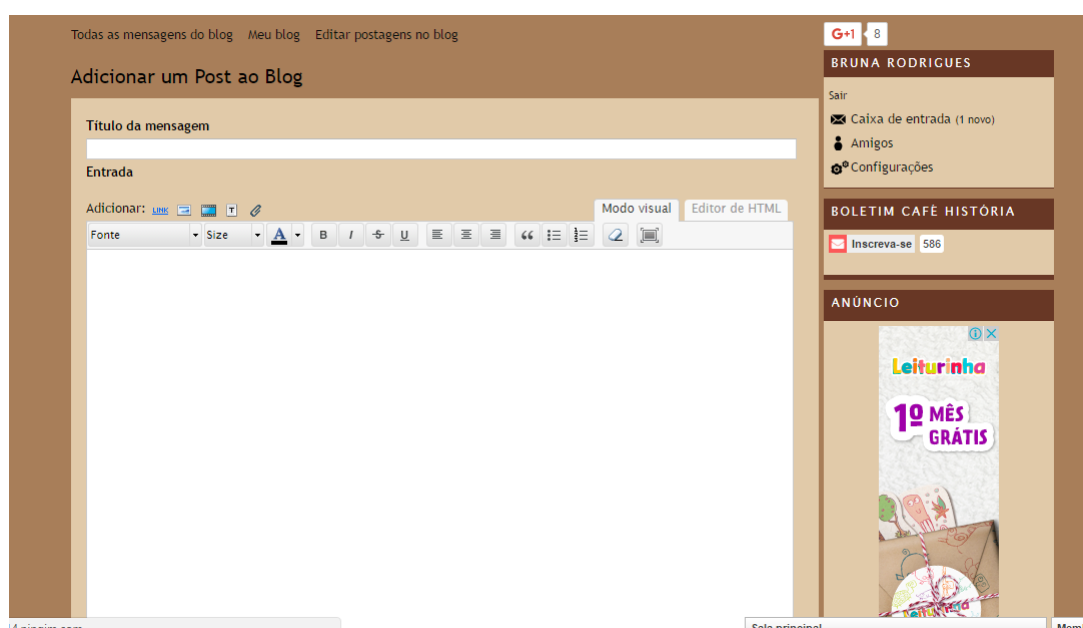
Fonte: Print Screen da autora, Zotero, 4/3/2017¹⁴⁵

Após realizar o registro de seu perfil na rede o usuário poderia deixar público algumas informações pessoais, como sua rede de amigos. Na página inicial havia um recurso semelhante ao do *blog* onde ficava registrado em seu perfil as suas atividades nos fóruns e nos grupos. O formato da rede social permitia também adicionar outros

¹⁴⁵ A autora do texto foi usuária do *Café História* e entrou para a rede em 2012 permanecendo com seu perfil até o dia do último rastreamento dia 8 de maio de 2017.

usuários e deixar uma mensagem na página inicial do perfil. Na página inicial o usuário poderia produzir qualquer tipo de conteúdo, por exemplo, um historiador poderia postar sua pesquisa e divulgá-la entre os seus pares, ou ainda compartilhar uma notícia ou simplesmente escrever um artigo resumido. As ferramentas do *blog* ainda permitiram aos usuários anexar um arquivo como um vídeo ou uma imagem combinando uma variedade de recursos multimídia e de textualidade eletrônica.

Figura 19 - Perfil usuário - blog



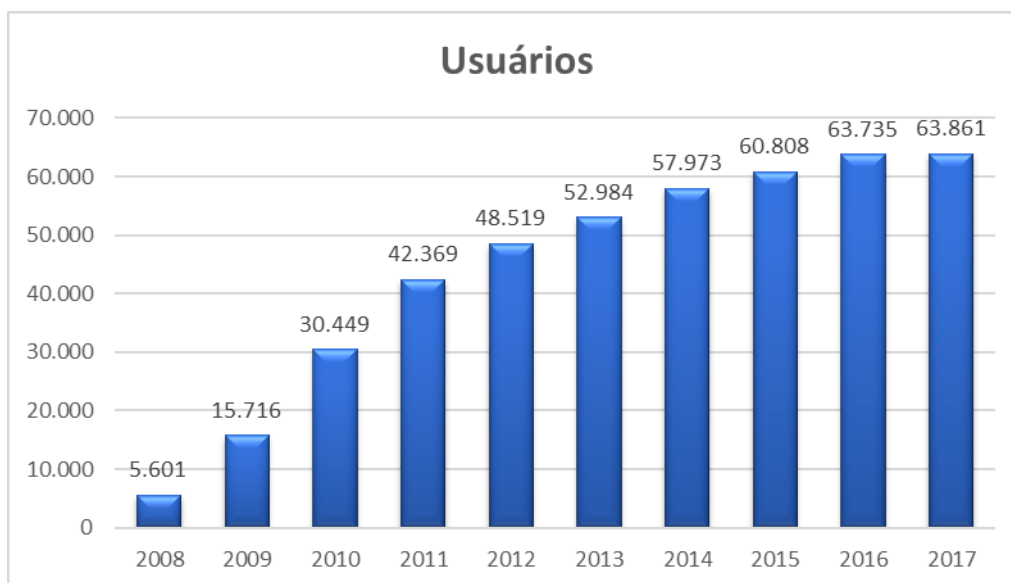
Fonte: Print Screen, Zotero, 4/3/2017.

O usuário de um ambiente digital na forma de uma rede social sempre será mobilizado a criar algo, na cultura da convergência, são os bens culturais produzidos por eles nas redes sociais que dão dinâmica para as interações e relações na internet. Portanto, as redes sociais que surgem na primeira década dos anos 2000 tem como motor a produção e compartilhamento de conteúdos. De todo modo, a rede social *Café História* ao entrar online na *web* em 2008 foi aos poucos sendo conhecida na *web* brasileira e em menos de 2 anos foi adotada por milhares de historiadores no Brasil e fora dele.

O crescimento da rede social foi gradativo, sobretudo porque inicialmente os usuários eram as pessoas que faziam parte do universo *offline* do criador. Segundo Bruno Leal (2018) ele distribui *flyers* em lugares frequentados por historiadores e estudantes como museus, galerias, bibliotecas e universidades, além de enviar e-mail

divulgando para sua lista de contatos. No entanto, ao estar online e público para qualquer usuário da *web*, a rede social começou a circular na teia de ligações e nós de informações aumentando as conexões que existem na *web* e que chegavam até a rede social. Assim, a rede foi crescendo em número de usuários que ao se conectar com outras pessoas davam destaque a rede fomentando o seu crescimento. Vejamos no gráfico de crescimento aconteceu esse processo:

Gráfico 1 - Crescimento dos usuários da rede (2008-2017)



Fonte: da autora, 2018.

A partir dos dados constatamos que de 2008 para 2009 ocorreu um aumento significativo no número de membros que de 5.601 mil saltaram para mais de 10.000 mil. De 2009 a 2010 a rede social cresceu de modo acelerado. Em 2009 o *Café História* tinha 15.716 mil membros e em 2010 ultrapassou mais 30.449 mil com um crescimento significativo de usuários. No ano de 2011 o crescimento estava seguindo a tendência dos anos anteriores, mas intercalava com momentos de estagnação, seu crescimento chegava em média a 3 mil usuários por ano. Porém, nos dois últimos anos a rede social esteve em baixa entre os usuários e no ano de sua desativação, seu crescimento não passou de 100 membros por ano. Em entrevista supracitada, perguntei ao Bruno Leal sobre sua percepção em relação ao crescimento dos usuários na rede social:

[...] Nestes anos, a internet, especialmente a banda larga, se popularizou graças ao barateamento de serviços e tecnologias no país, além de ter sido impulsionada por políticas públicas do governo federal que fizeram com que as classes C e D no Brasil passassem a ter acesso a internet. Mas estes anos também marcam a entrada com força do Facebook no Brasil e o avanço da internet no campo da telefonia móvel. E não podemos esquecer de mencionar também a expansão das universidades brasileiras, sobretudo no âmbito federal. O nosso principal público (universitário) cresceu muito. Tudo isso fez com que o Café ganhasse muitos novos acessos e muitos novos membros (CARVALHO, 2018).

Como relatado por Bruno Leal foram vários fatores que permitiram o crescimento significativo do número de usuários do *Café História*. A internet já tinha se popularizado, mas a chegada da banda larga certamente foi o que possibilitou aos usuários brasileiros o acesso aos recursos e ferramentas da *web 2.0*. A expansão das universidades brasileiras também favoreceu este cenário, as classes populares ao entrarem para o ensino superior tinham acesso a um tipo de capital social referente ao conhecimento científico e as tecnologia digitais que favoreciam sua integração as redes sociais na internet . De qualquer forma, as mídias sociais e a tecnologia eram uma realidade para os brasileiros e a cultura digital estava integrada ao cotidiano. Todavia, o *Facebook* foi ganhando força e tornando-se a principal rede social utilizada pelos brasileiros em 2011.

Os usuários do *Café História* eram bastante ativos, sobretudo em suas movimentações que eram geradas pelas interações que aconteciam nos fóruns e grupos. O tipo de interações e relações que ocorriam nesses espaços, geralmente eram movidas por perguntas ou comentários que impulsionavam as discussões entre os historiadores. O criador do *Café História* entendendo seu papel, como curador e mediador, movimentava as discussões dos fóruns através de perguntas ou comentários fomentando o espaço para o debate e trocas entre os historiadores. Muito do conteúdo dos fóruns e grupos foram perdidos com *links* quebrados e sem informações de perfis. Por isso as recriações da fonte da rede social carecem dessas informações contextuais, principalmente em relação aos fóruns. Assim, dos mais de 30 fóruns identificados apresentaremos um especial para demonstrar o modo que as interações ocorriam:

Figura 20 -Página 1 Fórum “Como era construído a imagem da mulher no Brasil Colônia

ing.com/forum/topics/como-era-construida-a-imagem

Go JAN FEB 05 MAR 2009 2010 2013

A Sua Rede Social de História - Inscreva-se! É rápido e gratuito!

Principal Minha página Twitter! Membros Eventos Fóruns Grupos Fotos Vídeos Entrevistas Blogs Outros conteúdos

Todas as Discussões Meus tópicos Adicionar uma Discussão de história

Como era construída a imagem da mulher no Brasil Colônia ?
Publicado por [maria cristina](#) em 7 agosto 2008 às 8:36 em [História do Brasil - Colônia](#)
[Exibir tópicos](#)

Gostaria de receber informação a respeito da imagem da mulher (índia, negra, européia) na época colonial
[Compartilhar](#) [Twitter](#)

▶ Responder esta

Respostas a este tópico

Responder até [Pollyanna Paiva Santos da Rocha](#) em 11 setembro 2008 at 22:47
 Maria Cristina vou te indicar um livro de Mary Del Priore a respeito do assunto. "MULHERES NO BRASIL COLONIAL", da editora Contexto. Muito bom!
▶ Responder esta

Responder até [Leandro Araújo](#) em 29 janeiro 2010 at 22:11
 Com certeza essa indicação bibliográfica é muito boa, por que a Mary é bem desprovida de pré- conceitos, é livro que tem que estar na estante de casa.
▶ Responder esta

Responder até [Tânia Ligia](#) em 13 setembro 2008 at 1:52
 Sobre esta questão seria interessante ler Tropicico dos Pecados, de Ronaldo Vainfas.
▶ Responder esta

Responder até [Luis Marcelo Santos](#) em 30 setembro 2009 at 7:58
 História da Vida Privada no Brasil de Fernando Novais nunca é inútil sugerir. Vale a pena.

Sobre
 [Bruno Leal](#) criou esta [Rede do Ning](#)
[Crie uma Rede do Ning](#)

Cinehistória
MENINOS DE DEUS
"Meninos de Deus" é um daqueles filmes cuja a péssima tradução do nome gerou o fracasso de bilheteria de um filme.

Fonte: Snapshot, Wayback Machine, 5/2/2010

Figura 21 - Página 2 Fórum “Como era construído a imagem da mulher no Brasil Colônia”

Responder até [Bruno Leal](#) em 29 janeiro 2010 at 17:22
 O livro é realmente uma ótima indicação. Se não me engano, o Ronaldo Vainfas é um dos que mais publicaram sobre o tema, não?
▶ Responder esta

Responder até [Tito Mariscal](#) em 29 janeiro 2010 at 17:51
 A libertação "total" da mulher no Brasil Colônia NUNCA EXISTIU, nem na REPÚBLICA se dá... a negra NEM IMAGEM tinha como coisa jogada ao sabor do seu dono - quando resistia era jogada ao mar ... ora , ao raiar do dia era obrigada a cuidar de filhos de terceiros e à noite na CAMA-AÇOITE do feitor e do Senhor de Engenho cedendo o corpo nú aos delírios de um sistema nojento e ferrenho.
▶ Responder esta

Responder até [Giseli de Lorena](#) 1 dia atrás
 A indicação da Pollyanna vem bem a calhar para o assunto. Já li a obra e adorei, é o tipo de livro que a gente começa a ler e não quer parar. Os textos são reveladores e tratam da mulher em diversas situações, seja sobre a sexualidade reprimida até o momento em que as mesmas começam a trabalhar e conquistar seu espaço. Muito bom mesmo... vale a pena!!! É olhando para a História que podemos perceber como a mulher conseguiu alcançar seu espaço, pois sempre foi tratada com inferioridade e "usada" apenas para a procriação, como um mero objeto, principalmente na fase colonial.
▶ Responder esta

Fonte: Snapshot, Wayback Machine, 5/2/2010

As figuras 19 e 20 são as recriações de uma página do fórum na rede social *Café História* Dispusemos dos registros da *Wayback Machine* para confirmar os últimos

rastreamentos da página, que ocorreram em maio de 2015. No nosso caso, a partir da fonte pudemos compreender as dimensões das interações entre os usuários, de modo que as conversações no fórum eram realizadas por alguns perfis que queriam trocar informações ou ideias sobre bibliografia e pesquisas, como sobre a figura da mulher no Brasil Colônia:

Como era construída a imagem da mulher no Brasil Colônia ?

Publicado por [maria cristina](#) em 7 agosto 2008 às 8:36 em [História do Brasil - Colônia](#)

[Exibir tópicos](#)

Gostaria de receber informação a respeito da imagem da mulher (índia, negra, européia) na época colonial

Responder até [Pollyanna Paiva Santos da Rocha](#) em 11 setembro 2008 at 22:47

Maria Cristina vou te indicar um livro de Mary Del Priore a respeito do assunto.

"MULHERES NO BRASIL COLONIAL", da editora Contexto. Muito bom!

Responder até [Leandro Araujo](#) em 29 janeiro 2010 at 22:11

Com certeza essa indicação bibliográfica é muito boa, por que a Mary é bem desprovida de pré- conceitos, é livro que tem que estar na estante de casa.

Responder até [Tânia Lígia](#) em 13 setembro 2008 at 1:52

Sobre esta questão seria interessante ler Tropicico dos Pecados, de Ronaldo Vainfas.

Responder até [Luis Marcelo Santos](#) em 30 setembro 2009 at 7:58

História da Vida Privada no Brasil de Fernando Novais nunca é inutil sugerir. Vale a pena.

Responder até [Bruno Leal](#) em 29 janeiro 2010 at 17:22

O livro é realmente uma ótima indicação. Se não me engano, o Ronaldo Vainfas é um dos que mais publicaram sobre o tema, não?

Responder até [Tito Mariscal](#) em 29 janeiro 2010 at 17:51

A libertação "total" da mulher no Brasil Colônia NUNCA EXISTIU, nem na REPÚBLICA se dá... a negra NEM IMAGEM tinha como coisa jogada ao sabor do seu dono - quando resistia era jogada ao mar ... ora , ao raiar do dia era obrigada a cuidar de filhos de terceiros e à noite na CAMA-AÇOITE do feitor e do Senhor de Engenho cedendo o corpo nú aos delírios de um sistema nojento e ferrenho.

Responder até [Giseli de Lorena](#) 1 dia atrás

A indicação da Pollyanna vem bem a calhar para o assunto. Já li a obra e adorei, é o tipo de livro que a gente começa a ler e não quer parar. Os textos são reveladores e tratam da mulher em diversas situações, seja sobre a sexualidade reprimida até o momento em que as mesmas começam a trabalhar e conquistar seu espaço.

Muito bom mesmo... vale a pena!!!

É olhando para a História que podemos perceber como a mulher conseguiu alcançar seu espaço, pois sempre foi tratada com inferioridade e "usada" apenas para a procriação, como um mero objeto, principalmente na fase colonial (CAFÉ HISTÓRIA, WAYBACK MACHINE, THE INTERNET ARCHIVE, 2018).

Inicialmente uma usuária criou o fórum e fixou um comentário pedindo para que seus colegas enviassem informações sobre as mulheres naquele período. Um mês depois ela recebeu uma indicação bibliográfica. Em seguida outros usuários reforçaram a indicação do livro da historiadora Mary Del Priori, inclusive Bruno Leal, que participava ativamente da maior quantidade possível de fóruns e grupos interagindo com outros usuários. Posteriormente, um usuário deixou um comentário evidenciando sua opinião particular sobre o tema provocando uma discussão sobre o machismo no período colonial e sobre a luta das mulheres pelos seus direitos na sociedade no tempo presente. De qualquer forma, no fórum na rede social, os historiadores exercitavam sua argumentação e cooperação com os pares e o público em geral. O caráter informal da rede social favorecia, portanto, a dimensão colaborativa entre os historiadores fortalecendo seus laços e identidade profissional.

Toda essa produção de conteúdos na rede social criava laços sociais entre os perfis dos usuários, ora porque pesquisavam o mesmo objeto de pesquisa, ora porque ali era um espaço para discussão de suas ideias e trocas de conhecimentos. De qualquer forma, analisando a rede social *Café História* pudemos visualizar que essas interações estabeleciam realmente laços entre os usuários firmando sentimentos recíprocos para troca de ideias e compartilhamento do conhecimento. Muitas vezes, identificamos que alguns perfis sempre voltavam, mesmo que demorasse alguns meses, para as discussões com outros amigos, que eram conhecidos dos fóruns. Portanto, na rede social gerava-se tipos de laços e interações, o que veremos a seguir:

Quadro 3 - Tipo de laços e interações no *Café História*

Tipo de laço	Tipo de interação	Exemplos
Laço associativo	Interação reativa	Quando uma pessoa decide ser amigo da outra na rede social. E pode compartilhar links ou informações. Essa interação é limitada seu vetor é unidirecional.
Laço dialógico	Interação mútua	A interação aqui é mútua e ocorre quando além de ser amigo da pessoa você estabelece uma relação dialógica construída, negociada e criativa. O seu vetor é multidirecional

Fonte: RECUERO (2009).

Na rede social *Café História* existem esses dois tipos de laços e interações apontados por Raquel Recuero (2009) e que foram gerados de modo simultâneo na rede. Por exemplo, um fórum é um tipo de interação que pode gerar um laço associativo, pois o usuário pode estabelecer uma interação com outros usuários sem ter adicionado aquelas pessoas que participaram com ele do fórum. No entanto, aquela interação reativa pode gerar uma interação mútua, a partir do momento, que a interação acontece pelo fórum através da troca de informações estabelecendo um tipo de laço dialógico aonde se constituiu um sentimento de pertencimento a um grupo. O vetor, portanto, se transformou de unidirecional para multidirecional.

No caso do *Café História*, muito usuários se conheceram nos fóruns e grupos com interesses em comuns e logo depois se tornaram amigos participando das conversas e discussões, trocando conteúdos e estabelecendo entre eles um sentimento de reconhecimento mútuo e de pertencimento ao grupo, isto é, o fato de serem historiadores, estarem cursando o mesmo curso ou gostarem de história fizeram com que eles tivessem interesses, desejos e anseios em comum e que eram movidos pelo seu capital social. Esse “lugar comum” enquanto historiadores precede também normas e o tipo de prestígio social que aquele perfil tem na rede, como o grau de sua titulação (pós graduação, mestrado, doutorado), professor titular em alguma universidade ou se suas movimentações na rede ficaram em destaque no mural da página inicial do *Café História* e ainda se o perfil foi um usuário ativo na rede social destacando-se nas discussões e criando uma rede de amigos que reconhecessem seu papel naquele espaço.

De todo modo, os perfis da rede social *Café História* em sua maioria foram apagados do ciberespaço, o que temos são pequenos fragmentos de suas atividades em registros dispersos feitos pelo *crawler Heritrix*. Dos mais de 63 mil usuários apenas 100 páginas de perfis foram detectadas por nós sem terem seus *links* quebrados, o que é muito pouco para uma rede social com um número tão expressivo de usuários. De qualquer forma apresentaremos alguns perfis, entres de professores universitários que utilizaram a rede social.

Figura 22- Perfil do historiador Jurandir Malerba

com/profile/JurandirMalerba

Go MAR MAY JUN 23 2013 2015 2016

Página de Jurandir Malerba

INFORMAÇÕES DO PERFIL

Sobre mim
Sobrevivente à Ouro Preto dos anos 80, ao Rio e à Sampa dos anos 90, ex-professor da UEM, da UFPb, da Unesp, atualmente adaptado porto-alegrense, casado, pai full-time.

Atividade profissional
Historiador, Professor, Pesquisador

Formação
Pós-doutor

Cidade
Porto Alegre

CAIXA DE RECADOS (15 COMENTÁRIOS)

Você precisa ser um membro de Cafe Historia para adicionar comentários!
Entrar em Cafe Historia

Às 18:09 em 22 julho 2014, Domitila Madureira disse...
Herr Professor,
Hoje, i.e. 22-07-2014,, por outras razões, recuperei minha senha e voltei a navegar por estas plagas. Mas tu nem queres saber de nada disso, estás em Berlim, sacco!

Às 22:28 em 7 janeiro 2013, Junior Sousa disse...
Olá Professor, seria uma honra tê-lo como amigo aqui no café História!! abraço!!

Às 21:04 em 4 junho 2011, Nathalia Topini Lucas disse...
É sempre um prazer. Abraços.

Ver todos os comentários

Bem-vindo (a) ao Café História
Faça aqui o seu cadastro! ou faça o seu login

IMPORTANTE
Leia antes de usar o Café História

LINKS PATROCINADOS

Jurandir Malerba
Masculino
Porto Alegre - RS
Brasil

Curtir

Compartilhar Tweet

Blogs de Participantes
Tópicos (1)
Grupos (5)
Fotos
Álbuns de Fotos
Vídeos

Curtições de Jurandir Malerba

AMIGOS DE JURANDIR MALERBA

Fonte: Snapshot, Wayback Machine, 22/5/2015.

O historiador Jurandir Malerba¹⁴⁶ era um usuário ativo no *Café História* interagindo bastante com outros usuários. Acreditamos que por ser um historiador com várias publicações como livros e por seus artigos serem lidos pelos estudantes de graduação dos cursos de História a sua participação nos fóruns e grupos era muito apreciada entre os usuários. Eles deixavam muitos recados em seu perfil. Seus registros na *Wayback Machine* foram de 8 de fevereiro de 2009 a 28 de maio de 2015. De todos os perfis que sobreviveram o de Jurandir Malerba foi um dos que tiveram uma quantidade maior de registros feitos pelo *crawler*, provavelmente pelas suas movimentações e pelo interesse dos estudantes e de outros historiadores de trocar informações online com ele então estavam sempre visitando seu perfil.

¹⁴⁶ É um historiador brasileiro e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e atua na área de História do Brasil e Teoria e Metodologia em História. Graduou-se em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. cursou mestrado pela Universidade Federal Fluminense. Concluiu o doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo em 1997. Ocupou Visiting Positions nas University of Oxford (Inglaterra) e Georgetown University (Washington, DC). Inaugurou a Cátedra Sérgio Buarque de Holanda de Estudos Brasileiros na Freie Universität/DAAD. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/4013699/jurandir-malerba>. Acesso em 26/04/2019.

Outro perfil preservado foi o do historiador José D' Assunção Barros¹⁴⁷ que foi um usuário também muito ativo comentando *blogs* de outros usuários, participando de fóruns e grupos e divulgando suas pesquisas na rede social. Os registros feitos pelo *crawler Heritrix* datam de 24 de setembro de 2009 a 29 de abril de 2017. Por se tratar de um historiador reconhecido no campo da Teoria da História muitos usuários o adicionavam e deixaram recados em seu perfil parabenizando pelo seu trabalho. Assim como ocorria com Jurandir Malerba, os estudantes, professores de história e historiadores se entusiasmavam por poderem interagir com o autor de obras que eles liam e utilizavam em suas monografias, dissertações e teses ou trabalhos científicos.

Figura 23 Perfil de José D' Assunção Barros



Fonte: Snapshot, Wayback Machine, 11/10/2013.

O *Café História*, portanto, permitiu que os usuários da rede, em sua maioria historiadores, tivessem acesso a historiadores de renome, no contexto, da produção historiográfica brasileira promovendo a divulgação de seus trabalhos para os pares e

¹⁴⁷Historiador Brasileiro com graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993), graduação em Música (Composição Musical) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989) mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1994) e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (1999). Atualmente é professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Na área de História, tem atuado principalmente com temáticas ligadas às seguintes áreas: Historiografia, Teoria da História, Metodologia da História, História Cultural, História da Arte, Cinema-História. Na área de Música, tem desenvolvido pesquisas na área de Musicologia Histórica e História da Música. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/7356711/jose-costa-dassuncao-barros>. Acesso em 26/4/2019.

para uma ampla audiência que o *Café História* tinha conquistado na internet. De todo modo, ao ampliar o tipo de consumidores de História, a rede social não só apenas aumentou sua audiência, mas ressignificou a cultura de massa para a História.

Os usuários do *Café História* construíram um auto identificação de si através do perfil na rede social e a partir dessa representação que eles criaram uma identidade virtual no ciberespaço. De modo que, os historiadores ao construírem uma página na *web* em um site de rede social com a temática de História formulavam naquele espaço virtual uma identidade a partir de seu capital social que se baseava em sua profissão e no seu gosto pela História. Era essa particularidade que os unia e fortalecia seus laços com os outros usuários da rede. E provavelmente era essa identidade que os ligava também ao criador do *Café História* Bruno Leal reforçando os laços de reconhecimento mútuo e de confiança que emergiram da rede social.

O *Café História* era o espaço virtual de construção do Eu-digital online dos historiadores e do público que se identificava com o conhecimento histórico, que em rede produziram sua memória digital, comunicativa e autobiográfica, que lhes assegurava a manutenção dos laços sociais construídos em rede. Consoante, para além da comunidade profissional, o *Café História* construí um espaço importante para o debate público de temas históricos na sociedade, aproximando o público não-especialista da História ampliando sua audiência e o interesse por esse conhecimento.

3.2.4 A ESFERA PÚBLICA NA REDE SOCIAL *CAFÉ HISTÓRIA*

O *Café História* também era um espaço público e promovia através de sua esfera pública debates sobre fatos contemporâneos ou do passado. Para se ter uma ideia vários acontecimentos que marcaram o ano de 2008 foram discutidos na rede social, por exemplo, a eleição do primeiro presidente negro nos Estados Unidos estimulou a criação dos fóruns “Barack Obama “e “Barack Obama Vitorioso” que ficaram ativados até 2012 e que refletiam historicamente sobre esse acontecimento.

Neste mesmo ano Fidel Castro anunciava que deixaria progressivamente seu cargo de presidente em Cuba, o que gerou inúmeros fóruns com essa temática, tais como: “Fidel Castro deve ser processado por crimes contra a humanidade?” Com inúmeras discussões acaloradas naquele ambiente. Em 2011 quando a “Primavera Árabe” repercutia no mundo, os usuários do *Café História* também discutiam o impacto dos levantes nos países árabes, bem como suas mobilizações através das redes sociais.

Destaque-se que as reformulações das Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já estavam em curso nesse período e que os temas, além de pauta na sociedade, também alimentavam a composição de materiais didáticos voltados para cursos/disciplinas de História numa cronologia inversa (do presente para o passado), tal como recomendado nas diretrizes que previam o ensino de História. No entanto, as discussões se esvaziaram na medida em que o Estado interferiu na composição da BNCC sendo aprovada uma última versão conservadora e não condizente com os debates público que ocorreram online.

Os problemas brasileiros também eram pauta nesses 9 anos, como em 2009, com o fórum “Justiça é igual para todos?”, que questionava a suposta parcialidade da justiça brasileira. Em 2011, foi criado o fórum “República 120 anos de proclamação. Nada mudou?” onde discutiam se a democracia no Brasil era realmente democrática. Um debate polêmico e que movimentou bastante os usuários do *Café História* em 2012 foi o fórum “Cotas Raciais – sim ou não?” com mais de 120 respostas e marcado por muita polêmica. No ano de 2013 em que foi feito o seu último registro o fórum ficou marcado pela intolerância e pelo racismo disfarçado de opinião crítica. Nesse sentido, era cada vez maior a participação de sistemas mecanizados de emissão de opinião. Os robôs ou *bots*, que são *softwares* programados automatizados para ter certos tipos de comportamento, visando influenciar um debate ou opinião. Os *bots* podem conversar com as pessoas e postar notícias falsas em grandes quantidades e têm invadido as redes sociais no mundo todo, sobretudo para influenciar a opinião das pessoas para fins políticos. O *Café História* começava a ser povoado por *trolls* e o debate público ficava menor na rede social pelo impacto que os *bots* já disseminavam na *web* brasileira.

De todo modo, a dissolução dos antigos ideais da modernidade e uma crise da razão aliadas à internet e seus ambientes digitais provocaram uma ruptura nas antigas formas de sociabilidade ao romperem com a materialidade do lugar. Houve um esvaziamento da esfera pública rumo a um avanço do privado sobre o público. Segundo Renata Schittino (2016), para o Sigmund Bauman são dois fatores que impulsionaram a transformação da esfera pública e seus espaços, uma vez que antes as pessoas se resguardavam no direito ao privado e do segredo, que agora foi modificado para o direito a publicidade da vida alheia. O segundo fator seria o de uma inversão no sentido do público que transformava os espaços onde eram publicados a vida privada das pessoas (SCHITTINO, 2016, p.45).

A internet, neste contexto, ampliou e potencializou a comunicação humana reconfigurando a esfera pública através da transformação dos espaços públicos, que agora se reorganizaram nos ambientes digitais como sites, *blogs*, *microblogs*, aplicativos de mensagens e redes sociais. As ferramentas multimídia fizeram com que a internet se tornasse um meio não apenas de transmissão de conteúdo, mas de produção de sentidos e significados e que estão relacionados a esfera pública e a opinião pública na cultura digital. Em contrapartida a reconfiguração da esfera pública trouxe à tona uma nova forma de comunicação dos discursos de ódio e racistas que ganharam visibilidade na *web* através de redes de comunicação neonazistas e terroristas que se formaram pelo mundo. Por isso, nos últimos anos o debate sobre a esfera pública e seus espaços na internet são tão importantes, já que o termo público significa, nos termos de Hannah Arendt, o próprio mundo, isto é, o mundo público que é o vínculo partilhado entre as pessoas em sua diversidade, a condição de viver da sociedade para o bem comum (SCHITTINO, 2016).

Neste sentido, a rede social *Café História* era um espaço público de divulgação do conhecimento, sobretudo uma esfera pública de formação da opinião de seu público sobre a própria História. Isto porque, muitos foram os fóruns sobre a importância da História para a formação humana, por exemplo, em 2008 tínhamos os fóruns “Por que o ensino de História ainda é visto como uma disciplina decorativa?” “Para que serve a História?” ou “Qual função social do professor de História” e “Qual a importância de se aprender História?” que movimentaram os usuários da rede social durante 9 anos. As discussões dos fóruns, de modo geral evidenciaram que a ciência da história deveria atuar na formação histórica dos alunos. Para a maioria desses usuários os alunos aprendem na família, pelos meios de comunicação, espaços informais e claro no ensino de História das escolas. Assim, o que observamos foi que a maioria dos usuários tinham a visão de que a história seria um elemento constituinte da vida dos seres humanos.

Questões específicas acerca da profissão do historiador, como o Projeto de Lei 368/2009 que regulamentaria a profissão do historiador e foi apresentado pelo Senador Paulo Paim em 2009 também estiveram em pauta no *Café História*. Esse projeto foi muito debatido entre os historiadores e não historiadores que acompanharam todo esse processo que gerou a PL 4699/2012 enviada à Câmara dos Deputados em 2012. Em 2011 em uma matéria publicada pelo criador Bruno Leal causou muita controvérsia, pois nos comentários muitos historiadores demonstravam que no projeto havia ambiguidades sobre a definição da profissão e sobre os historiadores “diletantes”. Os

comentários ainda apontavam ainda a oposição entre bacharelado e licenciatura no campo da História.

A publicização das pesquisas históricas na rede social também foram fatores importantes no campo da História Pública e História Digital, de modo que ao transportar as pesquisas do ambiente formal, que são as universidades e centros de pesquisa, para o ambiente digital e até então informal que era a internet em 2008, o *Café História* deu visibilidade para a divulgação científica da História e do uso da tecnologia para as práticas de pesquisa dos historiadores.

Segundo Bruno Leal P. de Carvalho (2014, p.170), a relação entre História e tecnologia no Brasil têm início nas décadas de 1960 e 1970, vinculadas à produção de pesquisa para o campo da História Quantitativa. Uma das experiências mais antigas foi realizada pelas historiadoras Altiva Pilatti Balhana e Cecília Maria Westphalen da Universidade Federal do Paraná, com o uso do computador na pesquisa em história demográfica no Paraná. Nesse sentido, ocorria nesse período no Brasil, como também em outros lugares do mundo, uma aproximação entre os historiadores e as ferramentas tecnológicas para pesquisa histórica. Assim, muitos foram os trabalhos que trataram dessas relações, como: CARDOSO, C.F; BRIGNOLI, P.H (1979) “Os métodos da História”; PEREIRA, G. (1990) “O sonho de Comenius: o uso dos microcomputadores em uma pesquisa de história social”; FIGUEIREDO, L.R (1997) “História e informática: o uso do computador” e TAVARES, C.C. S (2012) “História e informática”.

Vejamos que no mesmo período que a rede social *Café História* esteve online eventos de História começaram a ser promovidos pela Associação Nacional de História (Anpuh) procurando abordar a relação entre História e Tecnologia. Em 2011, o “Curso de Introdução à História Pública”, realizado pela Universidade de São Paulo (USP), considerado o marco inicial dessa temática no país, de modo que a utilização das tecnologias pelos historiadores começava a ser discutida em comunicações, palestras e oficinas oferecidas nos Simpósio Internacional de História Pública, que ocorreu na Universidade de São Paulo (USP) em 2012 (CARVALHO, 2014), sendo realizado a cada dois anos.

Nos encontros Estaduais no Rio de Janeiro, por exemplo, no XV Encontro Regional de História - ANPUH-Rio com o tema “Ofício do Historiador: Ensino e Pesquisa” e o simpósio temático “História do tempo presente: o conhecimento histórico

e seus atores no espaço público” em 2012, com vários trabalhos de historiadores interessados nessa temática, inclusive de Anita Lucchesi, a questão foi inaugurada.

Em 2013 tivemos o Encontro Nacional de História em 2013 com o simpósio temático “A História Pública e os Públicos da História” que abrangeram comunicações que tratavam das tecnologias e sua relação com o ofício dos historiadores. No ano 2014, aconteceu o XIX Encontro Regional de História da Anpuh (MG) na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com simpósio temático “A história online: produção e divulgação do conhecimento histórico na internet”.

O *Café História* preencheu a lacuna existente na *web* brasileira sobre conteúdos confiáveis de História, já que naquele momento muito do que se produzia na *web* não tinha credibilidade e a internet era um lugar inóspito para os historiadores. Por isso, o *Café História* e seu formato digital possibilitou que muitos pesquisadores começassem a ver a *web* como um espaço para divulgação de sua pesquisa e de aproximação com o público não acadêmico. Os historiadores começaram a compreender a *web* não mais como um ambiente puramente informal, mas como espaço de divulgação da História e de pesquisa. O *Café História*, portanto, impulsionou a formação de uma esfera pública para a História no contexto da internet brasileira fomentando um ambiente de debate e trocas e interações entre os historiadores e o público em geral na *web*.

3.2.5 A DESATIVAÇÃO DA REDE SOCIAL CAFÉ HISTÓRIA: DE REDE SOCIAL PARA PORTAL DE DIVULGAÇÃO DA HISTÓRIA

Com o passar dos anos a migração dos usuários de outras redes sociais para o *Facebook* foi se intensificando e provocando um esvaziamento de outras redes sociais na *web* brasileira. No caso do *Café História* observamos uma baixa em seu crescimento a partir de 2014. Esse fato foi perguntado para o criador Bruno Leal, que discorreu em sua visão:

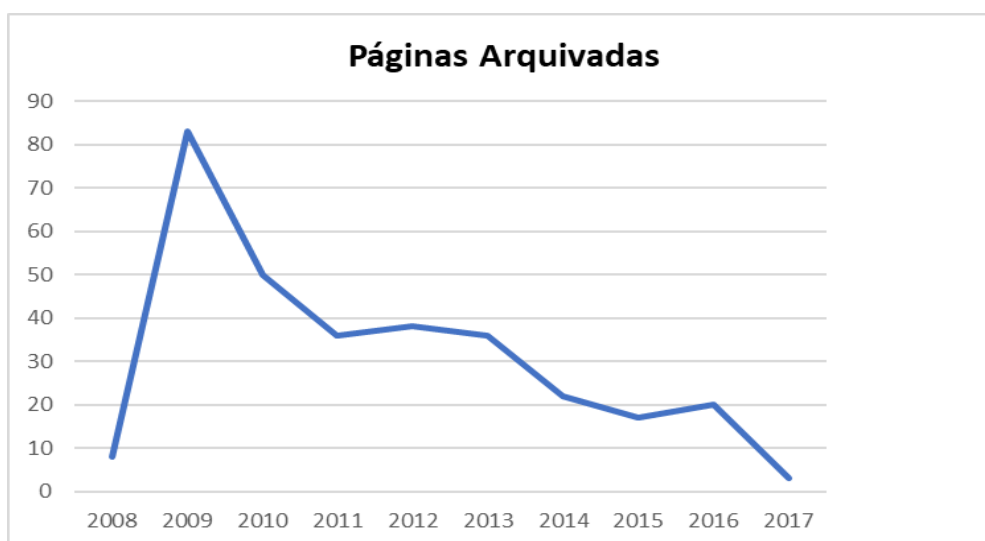
Eu acho que nós temos dois fenômenos diferentes aí, embora relacionados. Em primeiro lugar, o Facebook passou a “devorar” os demais sites. Todos os sites da internet, inclusive o próprio Google. As pessoas dedicam boa parte de seu tempo na internet no Facebook. E o Facebook quer cada vez mais isso. Então, o *Café História* foi afetado, mas da mesma forma como todos na internet foram afetados. Não à toa o *Café História* se viu obrigado a criar uma página no Facebook. Outro fenômeno é: as pessoas – pelo menos esta é a minha avaliação – estão demandando cada vez mais conteúdos elaborados por pessoas ou instituições de referência ao invés de conteúdos produzidos colaborativamente por usuários desconhecidos da *web*. Há alguns anos havia uma grande euforia em torno do conteúdo produzido colaborativo pelos usuários. (CARVALHO, 2018).

Nos últimos anos o *Facebook* então se transformava na principal fonte de acesso à informação no mundo todo, exercendo certo monopólio uma vez que milhares de pessoas entram em seus perfis a fim de obter notícias ou se entreter com a vida privada de seus amigos. As redes sociais, portanto, são fontes de informação, mas também de entretenimento, seus usuários são os motores para a sua manutenção e sobrevivência no ciberespaço.

No entanto, apesar dos usuários ocuparem a centralidade desse processo, o que têm se modificado está relacionado ao tipo de experiência ou modo de apropriação técnica dos novos recursos e ferramenta pelas pessoas. Neste contexto, o *Facebook* se apropriando das novas tecnologias que emergiram da *Big Data*, como algoritmos e inteligência artificial que processam os dados e os comportamentos dos usuários em rede tornou-se central para compreender as modificações na forma de recepção dos conteúdos na rede social pelos seus usuários.

Rede sociais como *Facebook* se tornaram muito mais agregadoras de notícias e mais propícias para o consumo da informação, do que a produção de conteúdo que acontecia nas redes sociais como *Orkut* e o *Café História*. Diferentemente do início dos anos 2000 onde as ferramentas e recursos estimulavam a produção de conteúdo e foram marcadas pelo entusiasmo em relação as ferramentas colaborativas da *web*. Vejamos a partir do rastreamento das páginas inicial do *Café História* essa transformação.

Gráfico 2 – Crescimento das Páginas arquivadas pela *Wayback Machine*



Fonte: Da autora, 2019.

Essa observação é importante porque o rastreamento depende, sobretudo dos rastros deixados por aqueles usuários na rede, uma vez que foram a partir dos dados de arquivamento da página inicial feita pela *Wayback Machine* que observamos a dimensão do processo de transformação da rede social *Café História*. Por exemplo, o *crawler* Heritrix rastreava o *Café História* a partir do que era postado online, então podemos ver uma linha ascendente com maiores picos de arquivamento entre 2009 e 2010. De 2015 a 2016 percebemos um declínio rumo a um percentual decrescente de páginas arquivadas. Mas em relação a desativação da rede o que esses dados nos mostram? Os dados demonstram que conforme outras redes sociais, como *Facebook* cresciam em número de usuários, o *Café História* estava em decrescência representando uma queda nas atividades dos usuários e na produção de conteúdo. Por outro lado, não foi somente a migração de usuários de plataforma que incidiu na desativação da rede social, mas foram a combinação de vários fatores. Como relatado por Bruno Leal:

A mudança se deu por vários motivos. Além desse “monopólio” do Facebook e do seu ambiente “tóxico” dos últimos anos, eu citaria como motivos da mudança: a estagnação tecnológica da plataforma Ning (ferramentas limitadas, falta de upgrade, impossibilidade de fazer backups); perda na qualidade do conteúdo colaborativo baseado nos usuários; dilatação da comunidade, que tornou muito difícil a moderação e mediação da rede; novas demandas do público (consumo de conteúdos em detrimento da produção) Diante deste cenário, decidimos que uma migração de plataforma era necessária. Escolhemos o Wordpress por ser intuitivo, maleável, gratuito, estável, seguro e com muitas opções de *plugins* (que são aplicações que rodam dentro da plataforma Wordpress. Qualquer pessoa pode criar um plugin). Passei três meses estudando dia e noite Wordpress. Quando me senti confiante, comecei a migração. Migramos fundamentalmente os conteúdos produzidos pela administração do *Café História*. O conteúdo produzido pelos membros não foi possível salvar, infelizmente, pois tecnicamente foi impossível (CARVALHO, 2018).

Em 9 anos online, o *Café História* produziu muito conteúdo podendo ser comparado a um repositório que combinava portal de conteúdo com uma estrutura de rede social, era um ambiente digital híbrido com muito conteúdo. Imaginemos então o quão difícil era para gerenciar essa imensidão de conteúdos e fazer sua moderação, somente no arquivamento da *Wayback Machine* foram preservados mais de 200.000 mil em páginas arquivadas, isto é, um grande volume de dados que foram distribuídos em linguagem HTML, *links*, imagens vídeos, textualidade eletrônica e perfis. Agora se este número corresponde a uma grande massa de dados, certamente ele representaria o dobro do volume em dados que foram perdidos com a desativação da rede social. Porém,

apesar de uma quantidade considerável de dados terem sido perdidos muitas das reportagens e entrevistas foram inseridas no Portal *Café História*.

As ferramentas e recursos tecnológicos da plataforma ning.com ficaram obsoletos e não propiciavam mais aos usuários a mesma experiência de anos atrás. Por isso, a mudança de plataforma se tornou necessária para garantir a qualidade dos conteúdos que eram disponibilizados no *Café História*. Enquanto isso, a produção de conteúdos na *web* perdia sua qualidade e ficaram vulneráveis a falsificações e manipulações das informações. As interações que antes eram baseadas na colaboração e na troca dialógica entre os usuários transformavam-se em diálogos especulativos e sem aprofundamento. Nos últimos anos que antecederam a desativação da rede social, o que percebemos foi um crescimento de temas ligados as teorias da conspiração, de discursos de ódio e religioso.

Sendo assim, as próprias ferramentas da plataforma ning.com não possibilitavam mais a moderação dos conteúdos da rede social. Enquanto isso, crescia a desinformação e a carência de dados confiáveis na *web*, os próprios usuários das redes sociais, como apontado por Bruno Leal (2018) começaram a buscar por conteúdo de qualidade e produzido por especialistas devido à falta de confiança das pessoas em relação aos conteúdos compartilhados nas redes sociais. Neste contexto, o próprio *Café História* tinha se modificado e em sua essência tornava-se um portal de divulgação científica de História. Como evidenciado por Bruno Leal:

Nos últimos anos, acho que isso está se revertendo: as pessoas, mais desconfiadas daquilo que encontram na rede, estão desejando conteúdos de qualidade assegurada, conteúdos produzidos por especialistas, conteúdos no quais elas possam confiar. Foi por isso, inclusive, que nós mudamos do Ning para o Wordpress e por isso também que deixamos de ser uma rede centrada na colaboração do usuário para se tornar uma rede baseada na colaboração dos pesquisadores e professores. Os nossos altos números de acesso, os grandes números de comentários, a replicações dos nossos conteúdos em centros de formação e outros sites de referência têm mostrado que a nossa percepção quanto a isso estava certa (CARVALHO, 2018).

Nesses 9 anos o *Café História* cresceu e ganhou destaque no campo da História consolidando-se como referência pela qualidade do conteúdo postado. Segundo Bruno Leal os acessos aumentaram, o engajamento e replicação dos conteúdos de História comprovavam que o que tinha se modificado era o tipo de experiência dos usuários na *web*, que agora se apropriavam de modo diferente daqueles conteúdos. No entanto, as

práticas e sociabilidades geradas na rede social *Café História* não desapareceram, mas foram reconfiguradas através do portal de divulgação *Café História*, o que garantiu a credibilidade e o reconhecimento do portal entre os historiadores, professores de história e o público não especialista.

Figura 24 Portal Café História, 2017.



Fonte: Print Screen, Zotero, Café História, 16/10/17.

O *Café História* na plataforma *Wordpress*¹⁴⁸ continuou atraindo historiadores brasileiros e o público em geral interessado em História e nos conteúdos que ela oferece. Nos últimos 2 anos o *Café História* continua ganhando notoriedade no meio acadêmico tornando-se referência como um dos principais portais científicos de divulgação no campo das ciências humanas e da História no Brasil com mais de 340 mil

¹⁴⁸ É uma plataforma livre e aberta de gestão de conteúdo baseado em PHP com banco de dados MySQL é executado em um servidor interpretador, voltado principalmente para a criação de sites e blogs online. A popularização deste sistema ocorreu pelo seu tipo de licença, que é em código aberto, facilidade de uso e a versatilidade. É possível desenvolver sites de tipo comércio eletrônico, revistas, portfólio, gerenciador de projeto, agregador de eventos e, outros conteúdos devido a sua capacidade de extensão através de plugins, temas e programação (WIKIPÉDIA, 2019). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/WordPress> . Acesso em 28/04/19.

seguidores¹⁴⁹. De todo modo, apesar da rede social não existir, ela se encontra agora preservada no passado digital da *web*.

2.3.6 A REDE SOCIAL CAFÉ HISTÓRIA: REDES DE SOCIABILIDADE E PRÁTICAS DIGITAIS ENTRE OS HISTORIADORES BRASILEIROS ONLINE

A natureza efêmera da internet afastou durante algum tempo historiadores que resistiram em compreendê-la enquanto meio de divulgação da História e fonte de pesquisa. Como vimos, existia entre a comunidade científica certa resistência a esse meio devido as características fluídas e provisórias da internet. Logo, as mídias sociais transformavam as antigas formas de emissão e recepção das informações e conhecimento reconfigurando as práticas de leitura e escrita (CHARTIER, 2002). No mundo todo e no Brasil os impactos dessas transformações eram inevitáveis e afetaram a produção do conhecimento científico incidindo em suas práticas.

Como vimos, no Brasil foram os militares e acadêmicos a terem o primeiro contato com a internet, a *web* e suas interfaces, para posteriormente ocorrer sua popularização a população. Os recursos e ferramentas da *web* se desenvolviam pela apropriação técnica da população e, nesse processo de apropriação ocorriam as modificações no meio que possibilitavam a criação de novas funcionalidades e interfaces. De todo modo, as mídias sociais conjuntamente com as redes sociais transformaram-se no *locus* da comunicação e divulgação científica na contemporaneidade e, que através de suas ferramentas possibilitaram aos usuários criarem conteúdos e o compartilharem retroalimentando esses espaços e colocando as informações e os conhecimentos em circulação na *web*.

Não obstante, esse crescimento também teve colaboração do crescimento dos cursos de licenciatura História na modalidade de Educação a Distância (EaD) difundidos em diversas partes do Brasil, seja através de políticas públicas do Estado através do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), seja pela pelo ensino privado que têm dominado a abertura e manutenção das licenciaturas em História no país.

Na atualidade, o crescimento desordenado da EaD no setor privado tem impactado o ensino da História, sobretudo pela precarização do trabalho docente. No entanto, não podemos nos esquecer dos efeitos positivos da EaD no país através das

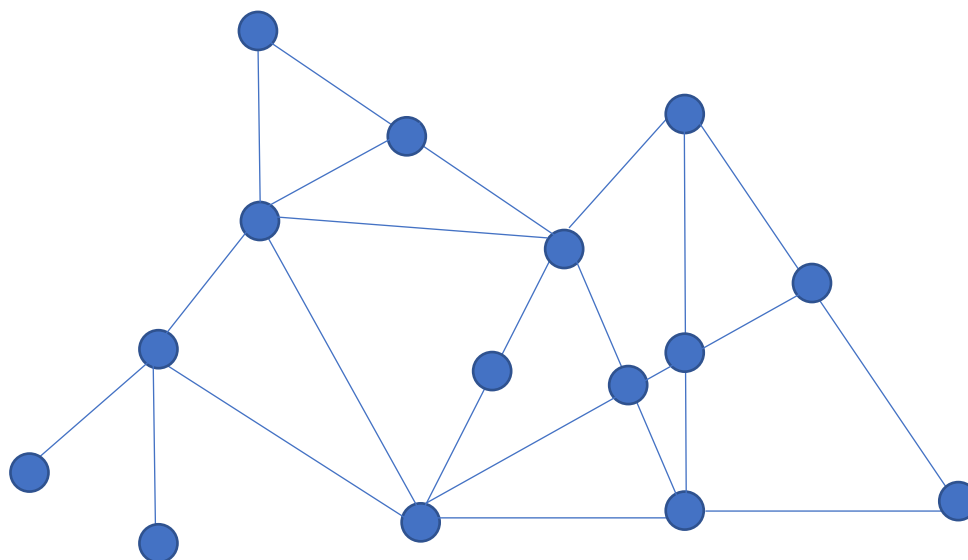
¹⁴⁹ Informações coletadas da entrevista de Bruno Leal Pastor de Carvalho ao canal do *Youtube*, História da Ditadura : <https://www.youtube.com/watch?v=9ix3u1o13ek> . Acesso em 26/5/2019.

iniciativas da UAB com abertura de cursos em licenciatura em História em lugares sem acesso ao ensino superior. De qualquer forma, a internet tornou-se um novo ambiente de trabalho e pesquisa para os professores de história e que a partir das plataformas de EaD, aplicativos educacionais, planos de aulas online e dos objetos educacionais digitais de História tem acesso a novas formas de se pensar o ensino e aprendizagem em História (LUCCHESI; CARVALHO, 2016).

A cultura digital impulsionou o processo multicultural de transformação social onde as culturas não se agrupavam mais em grupos fixos e estáveis, mas se agregavam por meios dos dispositivos e ferramentas de produção de conteúdo e de transmissão e divulgação das informações e do conhecimento que fomentaram o surgimento de novas formas de comunicação, sociabilidades e práticas sociais. O receptor era agora simultaneamente o emissor com papel ativo na comunicação e na produção dos conteúdos postados na internet. Os usuários da internet, portanto, são o *modus operandi* da cultura digital.

As ferramentas e funcionalidades a rede social eram da *web 2.0* e pelas suas características colaborativas promoveram novas práticas entre os usuários através de interações dialógicas e criativas nos fóruns e grupos onde os usuários compartilhavam seus conhecimentos entre pares e com o público não-especialista. No *Café História* as pessoas são os nós e as arestas eram constituídas pelos laços sociais gerados através da interação social e que promoviam a reciprocidade mútua entre os usuários na rede. Era essa reciprocidade e confiança que permitiu que se construíssem uma identidade ou seu Eu-digital pelos perfis na rede social garantindo uma identidade comum entre os usuários na rede. O fato de adicionar amigos, interagir com as postagens, compartilhar informações ou responder a fóruns e entrar para grupos de interesses comuns representaram um novo tipo de comportamento entre os historiadores e que foram geradores de novas práticas e representações sociais condutoras de suas ações na rede social.

Figura 25- Representação de um grafo de relações da rede social *Café História*, onde os nós (esfera azul) são as pessoas e as arestas significam os laços sociais que as unem



Fonte: da autora, 2019.

O *Café História* proporcionou aos historiadores o contato com o tempo da simultaneidade e do online, na medida em que seu criador, também usuário da *web*, transformava o formato e as interfaces do site adicionando mais recursos apresentando uma nova dimensão temporal que era acessada por seus usuários. As mudanças de interfaces permitiram que seus usuários estivessem conectados pela “cultura da virtualidade do real” onde o sistema multimídia de comunicação os conectava a partir da imersão no ambiente digital. Por sua vez, esse tempo do simultâneo e da “cultura da virtualidade” do real reconfigurava o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativas” daqueles historiadores. A tecnologia, a cibernética e a cultura digital tinham imposto um novo ritmo de experiência espaço-temporal que representava um novo horizonte para o campo da História e de suas práticas que agora eram tensionadas pelo surgimento das práticas digitais.

Na era da reprodutibilidade digital os historiadores tiveram que conviver agora com as imposições de um mundo cada vez mais marcado pela concorrência em número de publicações, seu trabalho passou a ser qualificado pela quantidade de suas produções e pelo nível da revista que publicava. A produtividade e concorrência geradas pelo novo modo de produção científico quantificava a qualidade do trabalho dos historiadores afastando-os ainda mais do público. Segundo Jurandir Malerba (2017), a História em busca de um cânone no final do século XIX e durante o século XX ao se legitimar como

uma ciência social perdeu sua ligação com a literatura, a linguagem passou a ser técnica para seus pares se afastando do grande público (LASSO, 2016 apud MALERBA, 2017).

Por outro lado, a internet com a *web* e seus ambientes digitais reconfiguraram as relações entre historiadores e o público, a academia não era mais o espaço privilegiado para produção da História. As plataformas digitais subverteram as bases da produção e circulação das narrativas sobre o passado e possibilitaram a publicização do conhecimento histórico na *web* aumentando consequentemente a audiência e o público consumidor de temáticas referente a História. Na última década o leitor de História não se configurava apenas pelos especialistas, o indivíduo educado no século XIX e século XX, mas configuravam-se pelos leitores de *blogs* e redes sociais (MALERBA, 2017).

O território da internet brasileira desde seu início foi povoado por sites que tinham como conteúdo a História, ou seja, havia um grande número de sites oficiais de arquivos públicos históricos, de departamentos de história das universidades, sites de conteúdo educativo que tratam da História ensinada nas escolas ou ainda páginas em redes sociais ou *blogs* que tratam de maneira “amadora” e até pejorativa a História. Nesse momento, portanto, houve um recrudescimento do papel da História como uma das bússolas orientadoras da vida política, social e cultural contemporânea (MAUAD; ALMEIDA; SANTIAGO, 2016, p.11).

Todavia, esse interesse pela História também alterou as antigas divisões entre os historiadores profissionais e os que detinham os fundamentos do método crítico de análise das fontes e entre os consumidores de conhecimento sobre o passado. Com a ampliação de protagonistas e meios de circulação da História essa divisão e o discurso de autoridade não se encaixava mais no universo virtual, agora qualquer pessoa poderia ser um potencial escritor ou historiador diletante. A *web* configurou-se como uma esfera pública e não necessitava de qualquer credencial ou competência para interpretação do passado (MALERBA, 2017).

Os usuários do *Café História* não precisavam de credenciais para escrever ou debater sobre História. Apesar de a maioria dos usuários serem historiadores, aquele espaço parecia informal para que fossem colocadas em uso as competências de um historiador profissional, muitos historiadores deixavam aquelas competências na academia e nas redes sociais era um momento de “subversão” daquele ambiente onde escreviam de modo despreocupado sem muitas cobranças para um “rigor científico”. Entretanto, cabe lembrar que muitos historiadores reinventaram sua escrita naquele espaço a partir do conhecimento que já detinham da academia, mas no contexto de um

blog promovendo uma reflexão com profundidade utilizando-se de referências bibliográficas e fontes, todavia em uma linguagem mais acessível e menos acadêmica.

Na rede social *Café História* qualquer um poderia escrever sobre história sem ter que apresentar um conhecimento especializado. Porém, havia historiadores que demonstravam preocupação com o “rigor científico” naquele ambiente virtual, uma vez que conforme a rede social crescia e sua audiência também a História se vulgarizava entre seus usuários e perdia a qualidade de seus conteúdos. Um dos fatores que levou sua desativação em 2017. Entretanto, como observado por seu criador Bruno Leal, a rede social era um espaço democrático e informal e a intenção não era ter esse tipo cobrança em relação ao “rigor científico”, mas para preservar a qualidade dos conteúdos Bruno Leal e Ana Paula Teixeira faziam a moderação dos conteúdos. Para nós essa relação evidenciava que além de criar a rede social para reunir historiadores a intenção era de divulgar a História para o público em geral, portanto, era inviável requerer o comportamento especializado de todos os usuários da rede social.

Muitos historiadores conhecidos do público acadêmico também utilizaram as potencialidades do *Café História* enquanto meio para divulgação de suas pesquisas e interação com outros historiadores. Como vimos, historiadores como Jurandir Malerba e José d’ Assunção Barros eram frequentadores assíduos do *Café História* e contribuíram muito para as discussões naquele ambiente. Sendo assim, para esses historiadores aquele espaço era um ambiente digital de interação e troca de informações entre seus pares, mas também de divulgação de suas pesquisas. Através da rede social eles interagiam entre si, mas também adquiriram as competências digitais daquele ambiente por meio da apropriação técnica, robustecendo suas habilidades e seu entendimento da importância da internet para a pesquisa Histórica, tanto é que uma das referências que citamos sobre os impactos da internet no campo da História é de Jurandir Malerba (2017). Assim, podemos supor que por se aventurar em um ambiente que até então era inóspito para muitos historiadores essa experiência ampliava seus horizontes de pesquisa.

Esse novo horizonte do qual falamos e que se relaciona ao universo virtual e à cultura digital e que nos parece imune ao discurso da autoridade, como mencionado por Jurandir Malerba (2017), talvez seja uma das questões que mais afetem o conhecimento histórico na atualidade. A democratização da História para amplas audiências possibilitou que quaisquer pessoas pudessem escrever sobre o passado ou colocar sua opinião sobre os mais variados assuntos históricos, o que para nós se tornou

problemático, mas vale lembrar que o que agora se coloca aos historiadores é como o conhecimento histórico está sendo testado e negociado (MALERBA, 2017).

Nos últimos anos o revisionismo que nega fatos históricos por meio de hastags como “O Holocausto nunca existiu” ou “Não foi Golpe em 1964” talvez seja um sinal de que nós historiadores tenhamos que nos aproximar desses novos consumidores de História na internet. Phillipe Àries, considerado um historiador diletante por transitar sobre vários campos da História, não era reconhecido pelos historiadores acadêmicos na França. Por ter desenvolvido sua profissão longe da academia pelo tipo de formação que teve gerava desconfiança entre o círculo de historiadores franceses. Muitos historiadores o chamavam de “comerciante de banana” como forma de dizer que Àries não era um historiador profissional e por isso não poderia falar sobre a História.

De qualquer forma, o exemplo de Àries evidencia que a questão que se coloca para os historiadores acadêmicos é o de ampliar seus horizontes e reconhecer que inevitavelmente a História se democratizou e para além do bem e do mal qualquer pessoa poder falar sobre ela. Por isso, os historiadores devem estreitar as relações com o público que hoje consome o conhecimento histórico nos mais diversos ambientes da internet. Essa aproximação se tornou fundamental em tempos de internet e de manipulação dos fatos, haja vista que essa é a função social dos historiadores ao ocuparem seu espaço na *web*, se não certamente outros o farão. De modo que, uma narrativa histórica sem comprometimento com a verificação dos fatos, reduzida a uma *hashtag* pode provocar um esvaziamento da razão histórica e da dissolução de seu sentido na sociedade, ocupando apenas mais um espaço de entretenimento na indústria cultural.

A rede social *Café História* foi durante 9 anos uma plataforma híbrida que misturava rede social e portal de conteúdo oferecendo aos historiadores e ao público em geral um espaço público para discussões e trocas e interações configurando-se como uma esfera pública para troca de conhecimentos. A rede social tornou-se um marco para divulgação científica da História online fomentando um novo tipo de sociabilidade, a digital, entre os historiadores e, que a partir do reconhecimento mútuo e dos laços sociais formados criaram uma identidade na *web*. Essa sociabilidade digital também gerou práticas sociais que possivelmente incrementaram seu ofício, uma vez que ao utilizarem a rede como um “meio informal” para produção de conteúdos históricos estabeleciam um novo modo de comunicação da História online por meio da apropriação técnica de suas ferramentas e recursos. Por sua vez, o *Café História* também

aproximou o público não-especializado da História e que através das relações com os historiadores podiam interagir e trocar informações de modo informal. A História saiu dos “muros” da academia e chegava na internet pela *web* ampliando seus públicos e tornando-se assim mais democrática.

De todo modo, o papel do criador Bruno Leal foi fundamental para manutenção da rede social através de sua “autoridade” como historiador realizando o processo de curadoria de conteúdos e assim inovando o cenário brasileiro de produção histórica ao desenvolver uma rede social feita para historiadores online na *web*. Consoante, como mediador seu percurso em relação ao Café História incidiu na conformação de um trabalho de um historiador público digital que consistiu em filtrar as atividades de geração de conteúdo dos usuários, moderar e conectar as informações e experiências desses usuários na rede. Além disso, exerceu um trabalho de facilitador das diferentes formas de comunicação da História entre os indivíduos e a comunidade através das práticas que surgiram da *web 2.0* (NOIRET, 2018).

A produção da História na cultura digital, neste contexto, requer que cada vez mais os historiadores se transformem em curadores dos conteúdos históricos digitais que circulam na *web*, sobretudo pela importância do seu papel para revisão da História e da historiografia em tempos de pós-verdade e *fake News*. Portanto, a curadoria se torna uma habilidade indispensável e fundamental para o ofício dos historiadores diante da quantidade de dados disponíveis na internet.

CONCLUSÃO

Como pudemos compreender nos últimos 20 anos a tecnologia e seus bens culturais produzidos pela cultura digital propiciaram que a História entrasse em um novo momento de sua história e, que começou demonstrando ser muito mais reflexivo em relação às práticas de pesquisa e de divulgação da História para o público. A tecnologia não significava mais máquinas para processamento de dados, tecnologias e ferramentas auxiliares à pesquisa histórica, mas agora representava um conjunto de fatores que criaram um novo ambiente de trabalho, transformando as práticas de pesquisa e os fundamentos da História enquanto ciência (LUCHESSI, 2014).

Assim, se na década de 1970 se tratava de agudizar comparações mediante gráficos, nos anos 2000 a questão era configurar a História pela imersão no universo virtual. O hipertexto reconfigurou os textos, os autores, as narrativas e as práticas de escrita da História. O passado nasce e renasce na *web* proporcionado que a História também seja fabricada no digital. Nesta mudança de paradigma os sistemas conceituais baseados em ideias de centro, margem, hierarquia e linearidade estão sendo anulados pela multilinearidade de *nós*, *links* e redes (COHEN; ROZENWEIG, 2005).

Por conseguinte, foi pela análise das ideias de alguns pensadores da cultura ocidental que propusemos um debate teórico em que a tecnologia se configurou como um problema histórico para as ciências humanas e para o campo da História. De modo que quisemos propor uma discussão teórica que ultrapassasse os determinismos tecnológicos visando evidenciar que a tecnologia não está dissociada da humanidade, na medida em que é criada por ela como seu reflexo e representante e, no limite, como meio de recriação de si própria. Por isso, a tecnologia compreende as dimensões materiais e simbólicas de produção cultural humana.

A partir desse debate teórico pudemos situar a tecnologia como um problema histórico e em sua relação com a História e em um importante debate em que a tecnologia é situada não mais como ferramenta, mas como categoria analítica que modifica o conhecimento e produz a cultura digital transformando a História e a sociedade. Todos esses questionamentos, portanto, deram corpo aos movimentos no campo da História denominados História digital e, posteriormente se desenvolveram no campo dos estudos da História Pública. Nos últimos anos como demonstramos esses campos têm promovido discussões importantes acerca das problemáticas que circundam

os impactos provocados pelas tecnologias no ofício dos historiadores, sobretudo em relação as práticas de pesquisa, de divulgação da História para o público e sobre como o passado está sendo transmitido online.

Neste caso, foi o próprio estatuto da História que se transformou tornando suas fontes, a historiografia, o passado e a memória digitais. Entretanto, as práticas tradicionais da escrita da História não foram abolidas, mas tiveram que agora conviver com os novos instrumentos produzidos pelos ambientes digitais (NOIRET, 2018; WELLER, 2012). Neste contexto, há uma diversidade de documentos circulando em ambientes digitais que se disseminaram em portais, *blogs*, redes sociais e *home pages* onde o público tem acesso a diversos tipos de discursos, opiniões e conhecimentos. Essa acessibilidade quando transfigurada para o campo da História têm possibilitado uma ampla divulgação do conhecimento histórico para uma variedade de pessoas não se limitando apenas ao público acadêmico.

No Brasil, como vimos, essa realidade pode ser observada a partir da análise de uma rede social intitulada *Café História* (2008-2017), que foi criada pelo historiador Bruno Leal, tornando-se um marco em termos de História Digital e de divulgação científica do conhecimento histórico entre os historiadores e o público. A rede social *Café História* foi lançada em um momento de popularização da internet no país e, de efervescência e entusiasmo em relação a apropriação técnica das ferramentas e funcionalidades da *web 2.0* pelos usuários da internet. O seu rápido crescimento atraiu historiadores de todas as regiões do Brasil, sobretudo pelo seu formato híbrido que combinava portal de conteúdo e rede social, até então inédito. Seu alcance não se restringiu a historiadores e foi possível demonstrar que seus usuários não foram somente especialistas na área, mas que o público interessado em História também frequentava a rede social produzindo conteúdos e compartilhando seus conhecimentos e interagindo em rede.

A rede social *Café História* possibilitou que os historiadores estabelecessem em um ambiente digital laços sociais que os uniam aos outros usuários da rede social pela reciprocidade e interesses em comum. Essa ligação entre os usuários ainda proporcionou que naquele ambiente os historiadores criassem suas identidades digitais através de suas memórias na *web* impactando seu ofício, na medida em que a experiência como usuário de uma rede social online na internet proporcionava aqueles usuários o uso e experimentações de ferramentas advindas da cultura digital. Desse modo, ao transferirem seu saber intelectual para a internet através da tecnologia os

historiadores se apropriaram daquelas ferramentas digitais adquirindo habilidades que os impulsionaram na imersão da cultura da participação e da colaboração, da inteligência coletiva e da convergência dos meios de comunicação (JENKINS, 2006).

A tecnologia e internet começaram então a serem vistas por esses historiadores de forma diferente e não mais como uma simples ferramenta auxiliar na pesquisa histórica. Podemos dizer que no período de 9 anos que a rede social *Café História* esteve online permitiu que os historiadores começassem a compreender as tecnologias digitais de modo cada vez mais complexo e reflexivo. No entanto, apesar da rede social oferecer para os historiadores a apropriação técnica por meio das ferramentas e recursos da *web 2.0*, ela apresentava um caráter informal e por isso muitas vezes seus usuários não utilizavam os mesmos critérios de análise e verificação de confiabilidade das fontes que tinham apreendido na academia para o ambiente da rede social na *web*.

Neste sentido pudemos observar, que a princípio a rede social era um ambiente informal para aqueles historiadores, as ferramentas seriam apenas auxiliares na produção dos conteúdos postados em rede. Todavia, na medida que a rede social crescia e as tecnologias ofereciam novas interfaces e possibilidades para produção de conteúdos online, os historiadores foram percebendo que toda essa funcionalidade gerava também muito conteúdo sem qualidade e notícias falsas sendo cada vez maior a preocupação deles com a adoção de competências digitais para a verificação das fontes de informações na *web*.

Conforme demonstrado pelo seu criador Bruno Leal, a própria rede social não se sustentava mais naquele tipo de formato necessitando que ele como historiador oferecesse aos antigos usuários da rede social e ao público um formato de divulgação de História com critérios de qualidades bem definidos e com fontes de informações, que baseadas na parceria com pesquisadores de História disponibilizasse um conteúdo de História com qualidade. Logo, a rede social foi desativada e surgiu o Portal de divulgação de História *Café História*. Nesse momento, a própria internet também estava se transformando dando lugar a um outro tipo de experiência e consumo das informações pelos seus usuários, que são os *modus operandi* das redes sociais. Assim sendo, a partir da imersão no universo da cultura digital impulsionada pela rede social *Café História*, os historiadores foram se conscientizando da importância das competências digitais no uso da *web*, bem como de que o digital integrava cada vez mais suas práticas de pesquisa.

O conhecimento histórico começava então a ser produzido e reproduzido no tempo da simultaneidade e da intemporalidade da internet colocando importantes questionamentos e desafios para a epistemologia da História, que agora começava a refletir sobre como a cultura digital teria impactado a construção e tratamento de dados, à crítica das fontes digitalizadas e das que nascem e renascem na *web*.

No nosso caso, a análise desse passado digital, materializada na rede social *Café História* (2008-2017), só foi possível pela agência de não humanos, isto é, de máquinas projetadas para o rastreamento da *web* pelo *The Internet Archive* e, que através das *social machines* como *Wayback Machine* e o seu *crawler Heritrix*, que preservaram o passado do Café História que seria perdido. No entanto, a preservação parcial da fonte, as inconsistências de dados e a falta de informações contextuais nos levaram a refletir sobre as problemáticas próprias da natureza desse meio e que estão relacionadas ao paradoxo da abundância e escassez das informações próprias da cultura digital (COHEN; ROSENZWEIG, 2005 apud LUCHESSI, 2014).

As tecnologias e a cultura digital provocaram uma ruptura na ordem dos discursos tornando as práticas de escrita e de leitura fragmentárias e descontínuas. Isto ficou claro em nossa pesquisa que teve que lidar com as discontinuidades e fragmentações próprias do ciberespaço na análise de uma fonte digital. A reprodutibilidade digital de uma fonte de um arquivo da *web* teve como consequência a “perda da aura” onde à separação do objeto produzido de sua tradição. Assim, tudo aquilo que ele contém de originalmente transmissível fica abalado, isto é, seu contexto de sua duração até seu testemunho histórico (BENJAMIN, 2000).

A provisoriidade das informações assim como dos dados que integram o universo do ciberespaço representaram um desafio para nós na análise, uma vez que tivemos que contar com outras fontes para efetuar o cruzamento dos dados e verificar a legitimidade das informações (FICKERS, 2012; BRÜGGER, 2012). Não obstante, novos arquivos da *web* exigirão uma reavaliação do ofício do historiador. Por isso, acreditamos que precisamos nos mover mais cedo ou mais tarde nessa frente. Há muitos desafios no caminho, mas também oportunidades de análise para a História Digital, a partir do surgimento de novas práticas de pesquisa que utilizam a *web* como fonte de pesquisa (MILLIGAN, 2014).

Os rastros da rede social *Café História* que foram arquivados pela ferramentas do *The Internet Archive* nos permitiram analisar as transformações na prática dos historiadores conectando-as reflexões sobre as modificações que estão se processando

no campo da História, mas também permitiu compreender o processo sociotécnico de atuação de agentes humanos e não humanos na produção de evidência histórica sobre o passado.

Essa relação, por sua vez, está estruturada na complexa rede sociotécnica de produção da cultura digital onde interferências humanas e não humanas criaram e recriaram o passado no presente digital, próprias da natureza desse tipo de fonte que nasce na *web*. Portanto, ao utilizar as ferramentas e recursos do *The Internet Archive*, pudemos exercitar nossa auto-reflexividade em relação ao nosso objeto de pesquisa e compreender as novas relações que emergiram da cultura digital e que evidenciaram os novos caminhos para o campo da História, onde será fundamental o entendimento da agência de não humanos na produção de evidências históricas sobre o passado.

Nesse sentido, os historiadores brasileiros foram impactados pela constituição de um novo paradigma no campo da História, o da “virada digital”. Esse paradigma reconfigurou os processos de produção do conhecimento histórico, as práticas e as sociabilidades dos historiadores em rede modificando as formas de divulgação da História na sociedade. A rede social *Café História*, neste contexto, propiciou o surgimento de sociabilidades e práticas digitais devido as novas formas de emissão e recepção do conhecimento histórico para o público, conseqüentemente a visibilidade da História através do *Café História* possibilitou que o conhecimento histórico estivesse acessível a todos na *web*, não se restringindo mais ao círculo dos historiadores profissionais, mas se disseminando nas teias da internet.

De todo modo, a acessibilidade ao conhecimento histórico e o aumento de sua audiência e consumo na rede transformaram a própria noção de autoridade do historiador, uma vez que diante de grupos diversos de consumidores na *web* que também podem produzir conteúdo, a História pode então ser manipulada e com isso abrir precedentes para plágio ou Histórias *fakes*. Neste contexto, a autoridade do historiador na internet tem se tornado frágil, principalmente pelo esvaziamento da crítica na *web* que tem criado uma tensão entre a História feita na academia e a História que circula no ciberespaço.

O leitor da internet, muitas vezes pela fragmentação dos discursos, não consegue identificar os materiais sem qualidade dos que tem qualidade, diferentemente do que acontecia na cultura escrita antes da internet. Consoante, em meio a rupturas na ordem do discurso onde objetos e textos se conectam por materialidades múltiplas é preciso dar aos usuários da internet instrumentos críticos para compreender como os textos foram

construídos e com isso basear nossa autoridade na evidência histórica (CHARTIER, 2006). Dessa forma, é preciso que historiadores construam pontes com esses usuários da *web* se aproximando dos consumidores da História na internet.

Como vimos, essa ponte foi construída pelo historiador Bruno Leal com os usuários e consumidores do *Café História*, na medida em que percebendo que a rede social não tinha mais a mesma qualidade em relação aos conteúdos decidiu efetuar a transição de plataforma e formato para oferecer os usuários instrumentos críticos e material de qualidade para seu consumo através do Portal de divulgação de História.

A rede social *Café História* foi criada, neste contexto, onde surgia um outro ecossistema de comunicação baseado na cibercultura, que a partir da apropriação técnica produzia novos bens culturais inerentes a cultura digital, que reconfiguram a sociabilidade moderna.

O *Café História* propiciava esse novo ambiente de produção cultural e simbólica para os historiadores, que antes receosos como os ambientes digitais, começaram a utilizar esses espaços a partir de uma rede social específica para eles, permitindo que nesses espaços eles recriassem suas memórias online. O *Café História* surgiu nesse cenário de experimentação e apropriação técnica pela população que cada vez mais utilizava a internet em seu cotidiano. A rede social para historiadores ocupou um espaço importante na *web* brasileira destacando-se como meio para sociabilidade dos historiadores e de geração de práticas digitais, mas também se configurou como esfera pública de divulgação da História e de estreitamento das relações entre o público e os historiadores. Hoje o Portal *Café História* representa uma importante forma de comunicação e de curadoria de conteúdos digitais históricos sendo um dos percursos no modelo de comunicação científica para o público não-especialista na internet brasileira.

Além disso, as tecnologias digitais, a internet e a cultura digital têm aproximado o público dos processos de produção do conhecimento histórico na cultura contemporânea e que a partir dos estudos da História Pública conectados aos da História Digital juntamente com os estudos da comunicação poderão contribuir para o entendimento da função social da História em nosso tempo presente. Por fim, a História chegou as massas, tornou-se pública e acessível a diversos públicos ultrapassando as fronteiras da academia e se disseminando na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. **CULTURA POPULAR, UM CONCEITO E VÁRIAS HISTÓRIAS**. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel, **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.
- ADACHI, Tomi. **Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br): uma evolução do sistema de informação nacional moldado socialmente**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 2011.
- ALBAGLI, Sarita. **Ciência Aberta em questão**. In: ALBAGLI, Sarita et al(orgs) **Ciência aberta, questões abertas**. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015.
- ALMEIDA, Fábio Chang. **O historiador e as fontes digitais: uma visão da internet como fonte primária para pesquisas históricas**. **Revista AEDOS**, n.8, v.3, 2011.
- _____. **A Serpente na Rede: extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina**. Porto Alegre, 2008. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- ANDERSON, Ian. **History and Computing**, 2008. Disponível em : https://www.history.ac.uk/makinghistory/resources/articles/history_and_computing.html. Acesso em 10/4/2018.
- ANDERSON, Pierre. **As origens da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- AMARAL, Inês. **Redes Sociais na Internet: sociedades emergentes**. LABCOM.IFP. Comunicação, Filosofia e Humanidades da Unidade de Investigação da Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal, 2016.
- AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. **Blogs.com: Estudos sobre Blogs e Comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- ARAÚJO, Willian Fernandes. **Os Algoritmos da Comunicação: Uma Abordagem de Processos Computacionais como Objeto de Estudo da Comunicação**. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017.
- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa Histórica: teoria e método**. Bauru, Sp: Edusc, 2006.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução: Paulo Soethe. Campinas. Editora Unicamp, 2011.

AYERS, Edward. **The pasts and Futures of Digital History**. University of Virginia, 1999. Disponível: < <http://www.vcdh.virginia.edu/PastsFutures.html> > Acesso em: 18 de agosto de 2017.

BARBERO, Jesús Martín. Culturas y Comunicación Globalizada. **Revista Científica de Información y Comunicación**, v. 6, pp-175-192, 2009.

BARBOSA, Cristiane; SOUZA, Jorge Pedro. Comunicação da Ciência e redes sociais: um olhar sobre o uso do Facebook na divulgação científica. **CECS Centro de Estudos Comunicação e Sociedade**, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2018.

BARCELOS, Marcelo. Tribunal 3.0- Nós, Nas Redes Sociais, Como Juízes. In: BRAMBILLA, Ana ; SANTOS, Cristiano(orgs). **Para entender as mídias sociais**, v.3, Salvador, BA, Edições VNI, 2015.

BARROS, José D' Assunção. A História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **Revista Textos de História** (UnB), Brasília, v. 11, n.1/2, p. 145-171, 2003.

BARROS, José. D' Assunção. Escola histórica, paradigma, matriz disciplinar - três conceitos para a teoria da história. In: **Oficina do Historiador**, Porto Alegre: EDIPUCRS, v.3, n.2, 2011.

_____. As Crises Recentes na Historiografia. **Revista Diálogos**. Maringá, v.14, n.1, 2010.

_____. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

_____. **Teoria da História. Volume III. Os paradigmas revolucionários**. 3 ed: Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2013.

_____. **Teoria da História. Volume V. A Escola dos Annales e a Nova História**. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2012.

_____. A Historiografia Pós-Moderna. **Revista Ler História**, v. 61, p. 10-29, 2011.

BELL, Daniel. **O Advento da Sociedade Pós-Industrial**. São Paulo. Cultrix, 1974.

BELL, Gordon; GEMMELL, Jim. **O Futuro da Memória: como essa transformação mudará tudo o que conhecemos**. Tradução Ricardo Bastos Vieira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

BENCHIMOL, Jaime et al. Divulgação científica, redes sociais e historiadores engendrando novas histórias: entrevista com Bruno Leal. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.22, n.3, jul.-set. 2015, p.1067-1079, 2015.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. São Paulo: Editora Contraponto, 1995.

BENTO, Eduardo de Araújo. **ARQUEOLOGIA DO SABER E A ESTRUTURA DA CIÊNCIA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE MICHEL FOUCAULT E THOMAS KUHN.** In: **Anais Eletrônicos do 15º Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia** Florianópolis Santa Catarina, 2016.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade.** Tradução: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria Ioriatti. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.

BERTERO, José Flávio. Sobre a Sociedade Pós-Industrial. In: **Anais do 5º Colóquio Internacional Marx e Engels.** Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT3/gt3m2c4.pdf> . Acesso em 20/5/ 2018.

BETTENCOURT, Angela Monteiro. **A representação da Informação na Biblioteca Nacional: do documento tradicional ao digital.** Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2011.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História.** São Paulo, Editora Perspectiva, 1969.

BRESCIANO, Juan Andrés. **La historiografía en el amanecer de la cultura digital.** Uruguay, Ediciones Cruz del Sur, 2010.

BRESSAN, Ricardo Teixeira. Dilemas da rede: Web 2.0, conceitos, tecnologias e modificações. **Revista Anagrama**, v.1, ed.2, 2008.

BRÜGGER, Niels; SCHROEDER, Ralp. **The Web as History: Using Web Archives to understand the Past and Present.** UCL PRESS, University College London, 2017.

BRÜGGER, Niels. **Web History and the Web as a Historical Source**, in: *Zeithistorische Forschungen/Studies in Contemporary History*, Online-Ausgab, 2012. Disponível em: <https://zeithistorische-forschungen.de/2-2012/id=4426> . Acesso em 20/9/2018.

BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOYLE, Anya. **Archiving the internet: What does it mean in practice ?** Master Thesis presented to the Department of History of Faculty of Humanities da Leiden University, Leiden, Países Baixos, 2016. Disponível em: <https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/40119/Anya%20Boyle%20Thesis.pdf?sequence=1> .Acesso em 20/9/2018.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2.ed. Rio de Janeiro:Zahar, 2004.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CANÇADO, Patrícia. Brasil se torna a pátria do MSN Messenger. **Jornal Estadão, Economia e Negócios**, 2007. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-se-torna-a-patria-do-msn-messenger,37539> Acesso em 10/1/2019.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Perez. **Os Métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; LUCCHESI, Anita. História Digital: reflexões, experiências e perspectivas. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. **História Pública no Brasil - Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor De. Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online. **Revista História Hoje**, n.5, 2014.

_____. História pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. **Transversos: Revista de História**. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, set., 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, v.1, 1999.

_____. Creatividad, innovación y cultura digital. Un mapa de sus interacciones. **Revista Telos Dossie**, nº77, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Trad.: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1975.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. **Revista Estudos Avançados**, n.69, 2010.

_____. A História Hoje: dúvidas, desafios e propostas. **Revista Estudos Históricos**, n.13, 1994.

_____. **Os desafios da Escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **A História ou a Leitura do Tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHAUVEU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para a História do Presente**. Bauru, Sp: EDUSC, 1999.

COHEN, Daniel J; ROSENZWEIG, Roy. **Digital history: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the Web**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005. Disponível em: < <http://chnm.gmu.edu/digitalhistory> > Acesso em 23/5/ 2017.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL – CGI.br. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação no Brasil 2009**. Disponível em: <https://www.cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-da-informacao-e-da-comunicacao-no-brasil-2009/>. Acesso em 8/9/2018.

_____. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação no Brasil 2010**. Disponível em: <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-domicilios-e-empresas-2010.pdf> . Acesso em 10/9/2018.

_____. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação no Brasil 2014**. Disponível: <https://www.cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros/>. Acesso em 10/9/2018.

CORONEL, Daniel Arruda; SILVA, José Maria Alves. O conceito de Tecnologia, Álvaro Vieira Pinto. **Revista Economia e Tecnologia**. v.20, 2010.

DALMASO, Silvana. A construção da memória nos sites de redes sociais: percepções sobre experiências no Facebook. In: **Alcar 2015 10º Encontro Nacional de História da Mídia**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2015.

DARNTON, Robert. **Entrevista ao programa Roda Viva**, 2012. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=Eo3wTUimklU>>>. Acesso em 12 de dezembro de 2016.

_____. **A questão dos livros: presente, passado e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAVID-BEM, Anat; AMRAM, Adam. The Internet Archive and the socio-technical construction of historical facts. **Journal Internet Histories Digital Technology, Culture and Society**, V.2, 2018.

DEBORD, Guy. **Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro. Contraponto, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo. 5º ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DOSSE, François. **A História em Migalhas. Dos annales à nova história**. Campinas: Editora da Unicamp, 1987.

_____. História do Tempo Presente e Historiografia. **Revista Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5 – 22, jan/jun. 2012.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**. São Paulo: EDUSP, 2006.

DURAN, Maria Renata da Cruz; ALBERTI, Verena. Apresentação, Dossiê. História 2.0: ensino a distância, redes sociais e recursos educacionais abertos. **Revista História Hoje**, n.5, 2014.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

- EIROA, Margarida. El pasado en el presente: el conocimiento historiográfico en las fuentes digitales. **Revista Ayer**, v.110, n.2, p.83-109, 2018.
- ELLISON, N. B; BOYD, d. Sociality through Social Network Sites. In: Dutton, W. H. (Ed.), **The Oxford Handbook of Internet Studies**. Oxford: Oxford University Press, pp. 151-172, 2013.
- EVANGELISTA, Rafael. O Movimento Software Livre do Brasil. **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 20, n. 41, p. 173-200, jan./jun. 2014.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Portugal, Editora Presença, 1946.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios: **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, n.3, 2000.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FILHO TAVARES, Sérgio Luiz. Rio De Janeiro. **O INTERNET-RELAY-CHAT COMO FERRAMENTA DE FORMAÇÃO DE COMUNIDADES DE CONHECIMENTO NA INTERNET**. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social Com Habilitação em Propaganda e Publicidade, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- FLORES, Mariana Flores da Cunha Thompson. Os bancos de dados, os arquivos digitais e o papel do historiador. **Revista Acervo**, v.28, 2015.
- FREITAS, Carla Regina; KNAUSS, Paulo. Usos eletrônicos do passado: Digitalização e política de Arquivo. *Revista Patrimônio e Memória*, n.2, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 9. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1981.
- FURET, François. **A oficina da História**. Lisboa, Portugal, Editora Gradiva, 1986.
- GABRIEL, Ivana Mussi. Herbert Marcuse: reflexões sobre a sociedade tecnológica. **Revista UNILAGO**, São José do Rio Preto, v. 02, n.02, p. 36-42, 2003.
- GATTI, Bernadete. Estudos Quantitativos em Educação. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 11-30, jan./abr. 2004.
- GATTI, Luciano Ferreira. Theodor W. Adorno e a Indústria Cultural. **Revista Mente e Cérebro**. São Paulo, 2008.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GIBSON, Willian. **Neuromancer**. Tradução: Fábio Fernandes- 5ed. São Paulo: Editora Aleph, 2016.
- GOMES, João Carlos Lino. Notas sobre o conceito de episteme em Michel Foucault. **Revista Síntese Nova Fase**, v.18, n.53, 1991.
- GREEN, Heather. **A Library as Big as the World**. BusinessWeek, 2002.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Editora Loyola, 1979.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. NARRATIVAS, PATRIMÔNIO DIGITAL E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NO FACEBOOK. **Revista Observatório**, v. 3, 2017.

HEILBRONER, Robert. Hacer história las máquinas?. In: KRANZBERG, Melvin; DAVENPORT, William. **Tecnología y Cultura**. Barcelona: Editora Gustavo Gilli, 1975.

HIRATA, Alessandro. O Facebook e o direito à privacidade. **Revista de Informação Legislativa**, v.51, p.17-27, 2014.

HOBBSBANW, Eric J. **A Era dos Extremos – O breve século XX**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1994.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas**. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Editora Aleph, 2006.

JÚNIOR ROBERTO, Paulo. Cerca de 70% dos brasileiros ativos no Facebook se informaram pela rede social. **Observatório da Imprensa**, 2015. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/cerca-de-70-dos-brasileiros-se-informam-pelo-facebook/>. Acesso em 10/2/2019.

KANG, Jaeho. O espetáculo da modernidade. A crítica da cultura de Walter Benjamin. Tradução: Joaquim Toledo. **Revista Novos Estudos-CEBRAP**, v.84. São Paulo, 2009.

KINGSLEY, Stephanie. Archiving The Internet: How Historians Can Help #Save The Web. **The News Magazine of The American Historical Association Perspective on History**, 2016. Disponível em: <https://www.historians.org/publications-and-directories/perspectives-on-history/summer-2016/archiving-the-internet-how-historians-can-help-savetheweb> . Acesso em 10/2/2018.

KIM, Joon Ho. Cibernética, ciborgues e ciberespaço: notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural. **Revista Horizontes Antropológicos**, v.10. Porto Alegre, 2004.

KRANZBERG, Melvin; DAVENPORT, William. **Tecnología y Cultura**. Barcelona: Editora Gustavo Gilli, 1975.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Tradução: Daniel Bueno. – Porto Alegre: Penso, 2014.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

KURZ, Robert. **Robótica e Trabalho**, 2010. Disponível em: <<http://www.obeco-online.org/rkurz376.htm>>. Acesso em 8/6/2017.

LAS HERAS, Antonio Rodríguez. Conocimiento y comunicación. **Revista Argumentos de Razón Técnica**, n.10, 2007.

_____. Imagen Histórica y edición electrónica. **Revista Estudos da Lingua(gem)**, v.7, n1, 2009.

_____. El Libro Digital. **Revista Digithum: Las humanidades digitais en la era digital**, v.2, 2000.

_____. Los libros en un espacio sin lugares. RBIC Biblioteca del Instituto Cervantes. **Conferencia para IV JORNADA PROFESIONAL DE LA RED DE BIBLIOTECAS DEL INSTITUTO CERVANTES: Bibliotecas para el lector digital: relación, espacio y tecnología**, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kTucOCEDGEE>>. Acesso em 18 de janeiro de 2017.

LAPENDA, Carla. Cadê a privacidade que estava aqui? In: BRAMBILLA, Ana ; SANTOS, Cristiano(orgs). **Para entender as mídias sociais**, v.3, Salvador, BA, Edições VNI, 2015.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1978.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**. Trad.: Thiago Santiago. Rio de Janeiro: Editora Francisco, 1979.

LUCCHESI, Anita. **Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)**. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Programa de Pós-graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LEMOS André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 4. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 1999.

LIMA, Walter. Mídias Sociais Conectadas e Social Machines. In: BRAMBILLA, Ana (orgs). **Para Entender as Mídias Sociais**, v.4, 2011.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe: estudos da dialética marxista**. Tradução: Telma Costa. Portugal, Editora Porto, 1989.

MACEDO, Vanessa Rodrigues de. **A influência de uma Organização Social na política externa brasileira O caso da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP)**. Mestrado em Relações Internacionais Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, 2007.

MACHADO, ROBERTO. **FOUCAULT, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 2006.

MALATIAN, Teresa M. Um percurso historiográfico do conhecimento histórico. In: Teresa Malatian. (Org.). **Anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2ed. São Paulo: UNESP/UNIVESP, p. 176-183, 2018.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**, n.74, 2017.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. Democracia on-line e o problema da exclusão digital. **Revista intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n.30, 2014.

MARX, Karl. **O Capital (Crítica da Economia Política)**. Editora Boitempo, 2013.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.). **História Pública no Brasil: Sentidos e Itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cutrix, 1964.

MENESES, Sônia. Escrita História e Escrita Midiática: a produção de sentidos históricos e o acontecimento emblemático contemporâneo. **Revista História em Reflexão**. Vol. 4 n. 8 – UFGD – Dourados, 2010.

MILLER, Daniel et al. **How The Word Changed Social Media**. UCL Press, University College London, 2016.

MILLIGAN, Ian. Lost in the Infinite Archive: The Promise and Pitfalls of Web Archives. **International Journal of Humanities and Arts Computing**, v.10, 2016.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Itaú Cultural/UNESP, 2003.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. **Revista Liinc**, v.11, n.1, 2015.

_____. Trabajar con el pasado en internet: la historia pública digital y las narrativas de las redes sociales. **Revista Ayer**, v.110, n.2, p.111-140, 2018.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, n° 10, pp. 07-28, 1993.

PALHARES, Taísa Helena Pascale. **Aura: a crise da arte em Walter Benjamin**. São Paulo. Editora Borracuda, 2006.

PECORARO, Rossano. *Filosofia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

PEREIRA, Marcelo de Carvalho. **O setor de internet no Brasil: uma análise da competição no mercado de acesso**. / Marcelo de Carvalho Pereira; orientador: David Dequech Filho – Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2014.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. São Paulo: Contraponto, v. 1, 2008.

PRADES, Vilor Mario. Escritura fuentes e demonstración en la História Digital: Problemas e Retos Actuales. **Revista Humanidades**, n.34, 2016.

PONS, Analet. “Guardar Como”. La História e Las fuentes digitales. **Revista História Crítica**, n.43, 2011.

QUINN, Kim; PAPACHARISSI, Zizi. The place where our social networks reside: Social media and sociality. In M.B. Oliver & A. A. Raney, **Media and Social Life**, New York: Routledge, (pp. 159-207, 2014).

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. *Mídia x Rede Social*. Blog Social Media, 2010. Disponível em: http://www.raquelrecuero.com/arquivos/midia_x_rede_social.html . Acesso em 10/5/2018.

REPA, Luís Sérgio. **Max Horkheimer: Teoria Crítica e Materialismo Interdisciplinar**. Revista Mente e Cérebro, São Paulo, 2008.

ROGERS, Richard. **Doing Web history with the Internet Archive: screencast documentaries**. Internet Histories, v.1, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/24701475.2017.1307542> . Acesso em 10/5/2017.

ROSENZWEIG, Roy. **Scarcity or Abundance? Preserving the Past in the Digital Era**. 2003. Disponível em: <https://chnm.gmu.edu/digitalhistory/links/pdf/introduction/0.6b.pdf>>. Acesso em 10/5/2017.

ROSSINI, Carolina. Aprendizagem digital, recursos educacionais abertos e cidadania. In: **Cidadania e Redes Sociais**. Organizador: Sergio Amadeu Silveira. 1º ed.- São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá – Educação e Tecnologias, 2010.

RODRIGUES, Ana Maria Moog. Por uma filosofia da tecnologia. In: GRINSPUN, Mírian P. S. Z. (Org.). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1999.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. Sausurre e a definição da língua como objeto de estudos. **ReVEL**. Edição especial n. 2, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A análise e o Arquivo**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2001.

RÜDGER, Francisco. As redes e a armação: Da cultura do narcisismo ao fetichismo tecnológico. In: Lopes, Maria Immacolata Vassollo de; KUNSCH, Margarida Maria Krohling (orgs.). **Comunicação, cultura e mídias sociais**. Eca USP, 2015.

SANTAELLA, LÚCIA. A cultura digital na berlinda. In: Lopes, Maria Immacolata Vassollo de; KUNSCH, Margarida Maria Krohling (orgs.). **Comunicação, cultura e mídias sociais**. Eca USP, 2015.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. **História Pública no Brasil - Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SAIOTE, Joana. **Comunicação da Ciência nas Redes Sociais: O caso dos Laboratórios Associados de Portugal**. Porto, Portugal, 2013. Dissertação (Mestrado em Cultura Patrimônio e Ciência) apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2013.

SCHITTINO, Renata. O conceito de Público e o compartilhamento da História. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. **História Pública no Brasil - Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SEGATA, Jean. Latour, Bruno. Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. **Revista Ilha**, v.14,2012.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: o loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. As políticas da sociedade informacional, propriedade imaterial e cultura digital. **Revista Comunicação & Sociedade**, v. 33, p. 57-79, 2012.

SILVEIRA, Pedro Telles da. Historiografia e internet na encruzilhada do mundo digital: Clio Wired, de Roy Rosenzweig. **Cadernos de História (UFOP. Mariana)**, v. 8, p. 228-235, 2013.

_____. Da história instantânea ao arquivo infinito: arquivo, memória e mídias eletrônicas a partir do Center for History and New Media (Georg Mason University, EUA). **Revista Faces da História**. Assis-Sp, v. 3, 2016.

SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil Emergente: como a internet afeta a mobilidade social**. Tradução de Júlia Martins Barbosa. Editora Educ, São Paulo, 2018.

STRÖHER, Carlos Eduardo. **Intempestivo e infame o ensino de História na perspectiva foucaultiana**. Rio Grande do Sul, 2014. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2014.

TAVARES, Maria de Fátima Duarte. Preservação Digital: entre a memória e a história. **Revista IBICT**, v.41, n.1, 2012.

TETÁRT, Philippe. **A pequena história dos Historiadores**. Bauru/São Paulo: EDUSC, 2000.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: **Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

TOURAINÉ, Alain. **A sociedade Post-Industrial**. Tradução: Ruth Delgado. Lisboa: Moraes Editora, 1970.

VATTIMO, Gianni. **O Fim da Modernidade**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

VIEIRA, Letícia. **CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E REDES DE COLABORAÇÃO ACADÊMICA: DIÁLOGOS, CONSTITUIÇÃO E PERSPECTIVAS**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

WELLER, Toni. **History in the Digital Age**. Nova York: Routledge, 2013.

WIENER, Norbert. **Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos**. Trad.: José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1948.

FONTES

Café História. ning.com.br (2008-2017). Wayback Machine. The Internet Archive. Disponível em : https://web.archive.org/web/*/http://cafehistoria.ning.com/

Café História. Página Inicial 29/2/2008. <http://web.archive.org/web/20080129191836/http://cafehistoria.ning.com/>. Acesso em 10/5/2017.

Café História. Fórum “Como era construída a imagem da mulher”. 20/5/2010. <https://web.archive.org/web/20100205200031/http://cafehistoria.ning.com/forum/topics/como-era-construida-a-imagem>. Acesso em 10/8/18.

Café História . Perfil José d’ Assunção Barros. 10/11/2015. <https://web.archive.org/web/20151011052426/http://cafehistoria.ning.com/profile/JoseDAssuncaoBarros>. Acesso em 11/10/18

Café História. Perfil de Jurandir Malerba. 5/2/2015 <http://web.archive.org/web/20150523112413/http://cafehistoria.ning.com/profile/JurandirMalerba>. Acesso em 11/10/18

Café História. Blog Regulamentação da Profissão Historiador. 22/1/2011. <http://web.archive.org/web/20111220162130/http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/arquivo-cafe-historia-comissao-aprova-regulamentacao-da-profissao>. Acesso em 20/10/17.

Café História. Membros. 10/3/2009.

<http://web.archive.org/web/20091003062232/http://cafehistoria.ning.com/profiles/members/>. Acesso em 2/5/2017.

Café História. Grupos Alunos UERJ 16/12/2014.

<https://web.archive.org/web/20140816124247/http://cafehistoria.ning.com/group/uerjalunoshistoria>

Café História. Fórum.

22/5/2011.<http://web.archive.org/web/20111225035505/http://cafehistoria.ning.com/forum?page=2>. Acesso em 20/7/2017.

Café História. Fórum Monarquia do Brasil. 03/08/2010.

<http://web.archive.org/web/20120308195810/http://cafehistoria.ning.com/forum/categories/historia-do-brasil-monarquia/listForCategory>. Acesso em 20/9/2017.

Café História. Fórum Brasil República. 23/1/2011.

<http://web.archive.org/web/20111230101353/http://cafehistoria.ning.com/forum/categories/historia-do-brasil-republica/listForCategory>. Acesso em 20/9/2017.

Café História. Fórum História Contemporânea. 29/6/2012.

<http://web.archive.org/web/20120129060538/http://cafehistoria.ning.com/forum/categories/historia-contemporanea/listForCategory>. Acesso em 10/1/2018.

Café História. Fórum História Dos Estados Unidos. 8/11/2012.

<http://web.archive.org/web/20120308113824/http://cafehistoria.ning.com/forum/categories/historia-dos-estados-unidos/listForCategory> Acesso em 10/1/2018.

Café História. Fórum História da América Latina. 8/1/2012.

<http://web.archive.org/web/20120308181755/http://cafehistoria.ning.com/forum/categories/historia-da-america-latina/listForCategory> . Acesso em 18/9/2018.

Café História. Fórum História da Mídia.

3/8/2012.<http://web.archive.org/web/20120308182242/http://cafehistoria.ning.com/forum/categories/historia-da-midia/listForCategory>. Acesso em 20/8/2018.

Café História . Fórum Tópico 7560.

11/7/2011.<http://web.archive.org/web/20111117111526/http://cafehistoria.ning.com/forum/topics/1980410:Topic:7560> Acesso em 21/8/2018.

Café História. Fórum Tecnologia e Educação.

11/11/2011.<http://web.archive.org/web/20111117125520/http://cafehistoria.ning.com/forum/categories/tecnologia-e-educacao/listForCategory>

Café História. Fórum História Social. 11/7/2011.

<http://web.archive.org/web/20111117130247/http://cafehistoria.ning.com/forum/categories/historia-social/listForCategory> Acesso em 21/8/2018.

Café História. Fórum História Cultural. 12/06/2012.

<http://web.archive.org/web/20120129060337/http://cafehistoria.ning.com/forum/categories/historia-cultural/listForCategory> Acesso em 21/8/2018.

Café História. Fórum Teoria da História. 11/2/2012.

<http://web.archive.org/web/20120211020918/http://cafehistoria.ning.com/forum/categories/teoria-da-historia/listForCategory> Acesso em 21/8/2018.

Café História. Grupos. 11/8/2008.

<https://web.archive.org/web/20080211185908/http://cafehistoria.ning.com/groups>. Acesso em 11/8/2018.

Café História. Fórum Simbologia.

17/10/2011. <http://web.archive.org/web/20111117105527/http://cafehistoria.ning.com/forum/categories/simbologia-1/listForCategory> Acesso em 17/8/2018.

Café História. Fórum Como Tratar Temas Históricos.

11/9/2011. <http://web.archive.org/web/20111119162206/http://cafehistoria.ning.com/forum/topics/como-tratar-temas-historicos1> Acesso em 5/9/2018.

Café História. Porque existem tantos esquerdistas em nossas escolas. 22/3/2011.

<http://web.archive.org/web/20111122032649/http://cafehistoria.ning.com/forum/topics/porque-existem-tantos> . Acesso em 20/8/2018.

Café História. Olimpíada de História do Brasil. 11/12/2011.

<http://web.archive.org/web/20111122060932/http://cafehistoria.ning.com/forum/topics/olimpiada-de-historia-do> Acesso em 20/8/2018.

Café História. Qual q Função Social do Historiador?. 03/3/2012

<http://web.archive.org/web/20120503031924/http://cafehistoria.ning.com/forum/topics/qual-a-funcao-social-do> Acesso em 20/8/2018.

Café História. História das Religiões. 20/10/2011.

<http://web.archive.org/web/20111230103607/http://cafehistoria.ning.com/forum/categories/historia-das-religoes/listForCategory> 11/9/2018.

Café História. Fórum Khadaffi. 1/7/2011.

<http://web.archive.org/web/20111117222119/http://cafehistoria.ning.com/forum/topics/khadaffi-1> Acesso em 11/10/2018.

Café História. Fórum Cotas Raciais sim ou não. 25/1/2013.

<https://web.archive.org/web/20130325171819/http://cafehistoria.ning.com/forum/topics/cotas-raciais-sim-ou-n-o> . Acesso em 15/6/2018.

Café História. Entrevista Conversa Cappuccino. 10/11/2011.

<http://web.archive.org/web/20111101124445/http://cafehistoria.ning.com/profile/ConversaCappuccino> . Acesso em 20/11/2017

Café História. Vídeo. 10/7/2011.

<http://web.archive.org/web/20111107080802/http://cafehistoria.ning.com/video>. Acesso em 20/11/2017

Café História. Blogs. 12/9/2011.

<http://web.archive.org/web/20111129022632/http://cafehistoria.ning.com/profiles/blog/list> Acesso em 20/11/2017

Café História. Fotos. 11/12/2008.

<https://web.archive.org/web/20080211124729/http://cafehistoria.ning.com/photo>
Acesso em 20/11/2017.

Entrevista com Bruno Leal Pastor de Carvalho. Realizada por Bruna Carolina Marino Rodrigues em 28/5/2018.

Entrevista com Ana Paula Tavares Teixeira. Realizada por Bruna Carolina Marino Rodrigues em 28/5/2018.

The Internet Archive (1996-2018). Disponível em: <https://archive.org/>

Wayback Machine (2001-2018). Disponível em: <https://web.archive.org/>

Entrevista com Brewster Kahle. **The Internet Archive: An Interview with Brewster Kahle**. Brewster Kahl; Ana Parejo Vadillo. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/307803400_The_Internet_Archive_An_Interview_with_Brewster_Kahle . Acesso em 10/9/2018.